

**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA**

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**VALORES E PADRÕES EDUCATIVOS:  
MAPAS DE TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL**

**Ana de Nazaré Prioste**

**DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**  
(Psicologia da Família e Intervenção Familiar)

**2014**



**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA**

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**VALORES E PADRÕES EDUCATIVOS:  
MAPAS DE TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL**

**Ana de Nazaré Prioste**

**Tese orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso e pelo Professor Doutor Miguel Gonçalves, especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em Psicologia da Família e Intervenção Familiar**

**2014**



Cada persona brilla con luz propia  
entre todas las demás.  
No hay dos fuegos iguales.  
Hay fuegos grandes y fuegos chicos  
y fuegos de todos los colores.  
Hay gente de fuego sereno, que ni se entera del viento,  
y hay gente de fuego loco, que llena el aire de chispas.  
Algunos fuegos, fuegos bobos,  
no alumbran ni queman;  
pero arden la vida con tantas ganas  
que no se puede mirarlos sin parpadear,  
y quien se acerca, se enciende.

*Eduardo Galeano*

Às famílias com filhos adolescentes,  
por serem *escravas das (in)certezas, com invulgares belezas*.  
Pelo fascínio que despertam em mim. Sempre.



## Agradecimentos

*“Para não  
me perder  
escrevi  
Escrevi  
porque não  
te perdi  
A escrever  
escrevo-me  
e escrevo-te  
Escrevo menos  
para mim  
do que para ti.”  
(Adília Lopes)*

Aqui, quero agradecer os legados que, sinergicamente, construíram várias possibilidades na vida desta dissertação e que, por isso, fazem parte da história da sua história e da minha. Sinto-me muito privilegiada por agradecer (tanto) a tantas pessoas.

À minha Orientadora, Professora Doutora Isabel Narciso, por tudo o que me ensinou ao longo destes anos, por ser um exemplo e uma fonte infindável e eloquente de metáforas e de pensamento complexo, pelos sustos criativos e gargalhadas demoradas, pelas manhãs de pensamentos frescos no Magnólia, por “influenciar a eternidade, desconhecendo sempre onde a sua influência termina”.

Ao meu Orientador, Professor Doutor Miguel Gonçalves, por ter aceite orientar este trabalho, por todas as aprendizagens que me ofereceu, pela sabedoria, disponibilidade, cuidado, tempo e rigor investidos neste trabalho, pelos “contornos entre explicações e especulações”.

Ao Professor Doutor Cícero Pereira, por ter sido o meu *anjo estatístico*, pela paciência interminável, pela disponibilidade e cuidado, por tudo o que me ensinou, por descomplicar o complexo, complexificando o simples.

À Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro, pela transmissão da paixão pela Sistémica (naquela aula – que nunca esqueço – de Campos de Aplicação da Psicologia, no 3º ano) pelas aprendizagens que me proporcionou, pelo cuidado, pelas discussões de casos.

À Professora Doutora Rosa Novo, pela disponibilidade e ajuda psicométrica.

À Professora Doutora Rute Pires, pelo cuidado, preocupação e doçura.

Às Professoras do Programa de Doutoramento Inter-Universitário, pelas aulas intensas que aguçaram o saber e a curiosidade. Aos colegas de Doutoramento – Luana Cunha Ferreira, Ana Lúcia, Ana Vedes, Alda Portugal, Luciana Sotero, Dora Pereira, Ana Fonseca, Luís Franklin, Diamantino Santos, Francisco Simões, Isabel Silva –, pela partilha, boa disposição e almoços no Jardim da Manga.

Al Professor Juan Luis Linares Linares, por me tener abierto una ventana para un año de aprendizagens valiosas en la Escuela de Terapia Familiar y en Barcelona, por la disponibilidad en recibirme, por la pasión y genialidade que tiene en su trabajo con las familias psicóticas y por lo enseñar, tranquila, sencilla y brillantemente. A los Profesores de la Escuela de Terapia Familiar de Barcelona, Ricardo Ramos, Iolanda D’Ascenzo, Carmen Campo, por todas las aprendizajes acerca de las familias, parejas y personas que me proporcionaron.



Às colegas e amigas – Ana Lília, Luana Cunha Ferreira, Ana Vedes, Rita Francisco, Patrícia Pascoal, Diana Cruz, Marta Pedro, Andreia Baptista, Rita Fontinha – com quem partilhei este caminho labiríntico de Doutoramento na Faculdade, pela generosidade, carinho, suporte e ajuda.

Às Mestrandas e a todos os que me ajudaram na “bola de neve”: Andreias Baptista (Sénior e Júnior), Ana Sofia Jacinto, Catarina Neves, Cátia Vanessa, Joana Duarte, Sandra Santa Bárbara, Joana Amorim, José Maria Martins. Às Escolas e à Associação de Famílias Numerosas pela ajuda preciosa na recolha de amostra.

Às minhas pessoas das cadeiras azuis, pelos desafios.

Aos amigos que dão tempo à flecha e sabor à vida:

*Rita Francisco*, madrinha da sensatez, bondade e simplicidade, mestre dos sorrisos e da amizade genuína, por me ouvir horas em romances, pelos poemas, pelos abraços, pelo tempo, pelos jantares, pelos elefantes imaginados, pelos *role-play* e pela partilha das utopias e realidades que fazem seguir em frente.

*Ana Lília*, fonte inesgotável de carinho e cuidado, por me lembrar das coisas preciosas e me mostrar o que não vejo, por me ensinar o valor da substituição da esperança pela coragem, e pelos “gosto de ti” que aquecem o coração quando faz frio lá fora.

*Tiago Lila*, amigo “do que der e vier” para sempre, pelos abraços contentores, por ser companheiro em pensamentos difíceis e em decisões marcantes, pelo biquinho, por ser tão especial.

*Diana Ribeiro e Manuel de Carvalho*, pela amizade forte, pela sensatez, pelo apoio tão doce e contentor ao Cluster B e às suas decisões, pelos jantares de riso, pelo dialecto único.

*Andreia Baptista*, impulsionadora de pensamentos e inquietações que divergem convergentemente, por me ter trazido a casa naquele dia e ter percorrido os caminhos (da luz) tantas vezes comigo, pela Jibóia em forma de sonho e de vida.

*Claúdia Carreira*, ponte firme, lutadora e destemida, pela generosidade, pelo brilho, pelas sementes de afecto que vemos crescer juntas, por ser responsável por aqueles que cativa, por me dar um espaço privilegiado na vida do seu Príncipezinho.

*Ana Parente, Filipa Aniceto, Renata Machado e Cintya Ferreira*, pela amizade bonita, por me lembrarem da força (e de respirar fundo), pela paciência e tantos dias inesquecíveis, por estarem. Simplesmente.

*Filipe Valentim*, pela beleza e surpresa, pelos trampolins esvoaçantes, pelas reflexões, pelas *dobras* e pelas “coisas em forma de assim-assim”.

*Nuno Gonçalves da Costa*, que me chamava de Ninha, me aprincesou e que sabia as teorias todas sobre as coisas, as relações das coisas e as coisas-em-relação (excepto as teorias do tempo, da esperança e da fé), por ter sido tão importante no meu enraizamento em Lisboa, pela delicadeza, cuidado e mimo, pelas estrelas da varanda e pelo legado me que deixou. Ficam muitas saudades.

*Lenita Jacinto e Susana Cruz*, com quem partilhei anos intensos de descoberta, pela cumplicidade, amizade e alegria esfuziante, pelas descidas e subidas de elevador, por me aquecerem o coração.

*Diana Cruz*, por me ter aberto a porta da sua casa, pelos filmes inumeráveis que construímos, por ter sido amiga e companheira em tantos momentos importantes, pela frescura da varanda com vista para o Tejo.

*Marco Silva*, amigo de muitos anos, por ter um coração precioso e gostar das coisas simples da vida, por partilhar comigo a Drinhice, pelo apoio cuidadoso nesta fase final.

*Patrícia Valentim e Renato Guerra*, amigos desde que me lembro de ser gente, por me conhecerem ao longo da vida, pela amizade sólida e confortante.

Aos amigos que nasceram em Barcelona: *Lia Karen*, mi hermana de Barcelona, por tener compartido tempos y espacios valiosos, por me hacer soñar, por sempre veer lo bello de las cosas, por los fados mexicanos, por los huevos poetas, por las sonrisas. *Abraham Islas*, por las huevas compartidas, paseos en la playa, discusiones en las pós-sessions y por me enseñar que “uno es más aténtico cuanto más se acerca a sus sueños”.

*José Miguel*, o meu Mike, por me ter recebido naquele 17 de Setembro na Maria Claret com os braços abertos, por me ter cuidado com bruschettas, sorrisos, cafés no Stefan e na Avínguda Gaudí e caminhadas.

*Ramón Carrillo*, pelos arco-íris imaginados no Raval, pelas bolas de sabão na Grácia, pelas fábulas de fados em Lisboa, por ser um companheiro curioso deste percurso.

Às amigas sistémicas: *Liliana Tábuas*, cuidadora, altruísta e tranquilizadora, por me acolher tantas vezes entre os braços, por correr até mim sempre que é preciso, por me fazer rir desmesuradamente, por ter estado aqui no último ponto final.

*Marta Mories e Patrícia Brás*, amigas queridas, bondosas e cheias de vida, pela amizade, apoio e doçura, pela força, pela cumplicidade e pelas aventuras na costa vicentina.

*Luana Ferreira*, companheira dos partos sistémicos, por me acompanhar há tantos anos, por tantos momentos descontraídos e mil aprendizagens de mundo e de pessoas, pela ajuda linguística nesta fase final e por tantos reenquadramentos positivos.

Às Professoras da minha adolescência: Professora *Luísa Barreto*, a minha Professora de Filosofia, pelas perguntas que aguçou em mim, pelas partilhas e pelo laço de amizade

especial. À *Deolinda Castelhana*, pela amizade e pelos livros da adolescência. Às minhas Professoras de Língua Portuguesa por quem tenho uma estima e admiração imensa, pelo que me marcaram: Professora *Lucília Borges*, pela ternura; Professora *Luísa Couto*, pela poesia dita em forma amor; Professora *Clara Peralta*, minha amiga, pela partilha e pelo apoio.

Ao *Antero* e à *Teresa* pelas palavras sábias e cuidadas, pelo apoio quando a casa desabou.

À Dr<sup>a</sup> *Célia Figueira* por me ajudar a arrumar a casa, a construir outras narrativas e possibilidades, entrelaçando o presente, o passado e o futuro.

À *Francesca Marzilli* e ao *Mário Batista*, meus vizinhos do coração, pela amizade, boa disposição e doçura, pelos chás e bolinhos afectivos, pela contenção.

À família *Clemente Martins*, em especial, à *Leonor*, ao *Zé Maria*, à *Patrícia*, ao *André* e à *Joana*, pela abnegação, generosidade, amor e bondade com que me acolheram no seu ninho, por serem pessoas incrivelmente valiosas, por aqueles anos de momentos tão bonitos.

Aos grupos a que fui, orgulhosamente, pertencendo: *Grupo de catequese da Isabel Rosa*, que me acompanhou deste os três anos, porque somos “todos da mesma fornada”. *Agrupamento 710 Benedita*, aos chefes da minha infância e adolescência (*Armando*, *Guida*, *John*, *Alex*, *Jorge*), pelas peças cómicas e dramáticas, pela importância que tiveram no meu crescimento; aos meus Bandos e às minhas Patrulhas e Equipas. *Eixo do Mal* (*Luana Cunha Ferreira*, *Ludmila Nunes* e *David van der Kellen*), pelo feminismo militante, pela amizade, por me terem ensinado tanto. *Saint Mary* (*Tiago*, *Di*, *Manel*, *NES*), pela explosão de emoções, pelas histórias clínicas (e não clínicas), pela generosidade na partilha. *Instâncias – Id, Ego e Superego* (*Ana* e *Rita*) –, pelo equilíbrio.

*Victor Emanuel e as amiguinhas* (Marta, Rita e Filipe), pelas gargalhadas descontraídas e pela leveza. *Às meninas da autocaravana* (Li, Pati e Martinha), pelas aventuras.

À minha família:

À Isabel Rufino, José Serralheiro, Filipe e António, por estarem perto e serem parte da história da minha família.

À minha família alargada paterna (tios, tias e primas), tão extensa e tão diversificada, pelos rituais que partilhamos e que marcam a vida. À tia Graciete e ao Romeu, estrelas do céu.

Ao avô André, que foi o meu *Ratinho* durante muitos anos, pelas histórias que inventou para me contar, pelos poemas inesperados que diz na rua, a olhar para o azul do céu (que lhe dá cor aos olhos), e durante os jantares, a olhar para o infinito do tecto.

À avó, cujo nome herdei (juntamente com a teimosia), que tem arte nas mãos, por ser uma mulher com uma persistência e energias inabaláveis e contagiantes, por me ter ensinado a ler naquele verão, no pátio da casa.

Aos meus pais, lutadores corajosos e ferozes na vida, modelos fortes do devir que se construíram (e, circularmente, a mim também) a partir de sonhos, sacrifícios, e palavra, pelas possibilidades que criam em mim e para mim, por me aceitarem nas minhas diferenças (principalmente, quando “sou dissipativa” ou “patinha feia”) que não compreendem, por me apoiarem, por me darem caminhos para além dos que eu vejo e sei.

Ao meu pai abstracto, que se delicia com a beleza de uma flor e fala da magia da vida. À minha mãe concreta, que me faz pensar no pragmatismo das coisas.

Ao meu irmão, por ser um homem-menino terno e doce, com um coração que se expande em amor e lealdade num fluxo sem fim, um companheiro da vida, um anjo protector que

me ensina as peças de xadrez (às vezes, em tom de Ricardo Reis, às vezes em tom de Álvaro de Campos), o ver “para além” e as estratégias da gestão das coisas.

O trabalho de investigação conducente a esta dissertação foi co-financiado por fundos nacionais do Ministério da Ciência e Ensino Superior e pelo Fundo Social Europeu, no Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN, 2007 -2013) – Programa Operacional Potencial Humano (POPH), através da Bolsa de Doutoramento com a referência SFRH / BD / 62182 / 2009, concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



## DECLARAÇÃO

De acordo com o artigo 41º do Regulamento de Estudos Pós-Graduados da Universidade de Lisboa, aprovado pela Deliberação da Reitoria nº 1506/2006, esta dissertação engloba artigos científicos submetidos para publicação em livro e revistas internacionais, em colaboração com outros autores. A autora declara que foi responsável pela recolha de dados, análise e interpretação dos resultados, assim como pela redação, submissão e revisão dos manuscritos dos artigos enviados para publicação.

Ana de Nazaré Prioste

Julho de 2014



## Índice

Resumo .....	xv
Abstract .....	xxi
Introdução .....	1
Contorno Teórico .....	3
Contorno Metodológico .....	21
Capítulo I: Estudo Prévio .....	43
Questionário de Valores Pessoais Readaptado: Processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação .....	45
Diálogos entre capítulos I .....	77
Capítulo II: Flutuações familiares intergeracionais: Semelhanças e diferenças de estilos educativos parentais e de valores' .....	79
Intergenerationality of parenting styles: A continuum continuously discontinuous?... 81	
Values' family flow: (Dis)similarities between grandparents, parents and adolescents .....	121
Diálogos entre capítulos II .....	159
Capítulo III: Passado e presente: Impacto das representações familiares e parentais nos valores.....	161
Adults' values: The role played by parenting and relationships quality in family-of-origin .....	163
Family relations and parenting practices: A pathway to adolescents' collectivist and individualist values? .....	179
Discussão integrada e considerações finais .....	211
Diálogos integrativos .....	215
Diálogos constrangidos .....	223

Diálogos pragmáticos .....	225
Diálogos futuros.....	229
Para uma conclusão divergente .....	231
Apêndices .....	247
Apêndice A: Working paper	
Apêndice B: Protocolos de investigação	
Apêndice C: Pedido de Colaboração aos Conselhos Executivos de Escolas	
Apêndice D: Pedido de Colaboração a Encarregados de Educação e Declaração de	
Consentimento Informado	

## Resumo

A transmissão intergeracional de valores e de padrões educativos parentais estabelece-se como a temática central deste projecto. Tendo como base a perspectiva ecossistémica, e recorrendo a metodologias quantitativas, pretende-se compreender o processo de transmissão intergeracional, investigando a contribuição potencial de factores contextuais – extra-familiares, familiares e parentais – e individuais, para as (dis)semelhanças dos valores e as (des)continuidades de padrões educativos.

No primeiro estudo de carácter exploratório e preambular, procedeu-se ao desenvolvimento, adaptação e validação de um instrumento de avaliação de valores, enquanto princípios guia da vida, com uma amostra de 630 indivíduos (15-73 anos). Através da análise factorial exploratória, as oito dimensões de valores identificadas – Relacional, Tradicionalismo, Preocupação Social, Espiritualidade, Realização Pessoal, Poder Social, Equilíbrio Pessoal e Aventura – foram organizadas em duas classes: valores individualistas e valores colectivistas. O instrumento revelou qualidades psicométricas adequadas, tendo sido utilizado, posteriormente, em três estudos quantitativos.

No primeiro bloco de estudos quantitativos, constituído por dois estudos, recorreu-se a uma amostra de tríades de famílias nucleares intactas – pai, mãe e filho adolescente –, para identificar padrões familiares de transmissão de estilos educativos parentais (Estudo 2) e de valores (Estudo 3). No Estudo 2, com uma amostra de 102 tríades familiares (n= 306), analisou-se, especificamente: o nível de continuidade dos estilos educativos parentais (EEP), i.e., a (dis)semelhança entre os EEP da geração dos avós (Geração 1, G1) e a geração dos pais (Geração 2, G2); e a concordância intergeracional dos EEP, i.e., a percepção da mãe e do pai em relação aos seus próprios EEP versus a percepção dos filhos (Geração 3, G3) em relação aos EEP de ambos os pais. Tendo em conta os três EEP

identificados – autoritário, autoritativo e permissivo –, os resultados do estudo apontaram para que: o nível de continuidade dos EEP na linha paterna seja significativamente superior comparativamente com o da linha materna; e o sexo dos pais não tenha impacto na concordância intergeracional dos EEP. O facto de o pai tender a replicar mais os modelos parentais dos seus pais foi atribuído à forte identificação do pai aos seus próprios pais, com ou sem elaboração/crítica; e/ou à indisponibilidade ou incapacidade de reformulação dos modelos parentais experienciados. O baixo nível de continuidade observado na linha materna foi explicado através da tentativa de alteração dos esquemas transgeracionais parentais aprendidos e experienciados; da maior capacidade de elaboração das mães; da influência de outros padrões relacionais experimentados em relações familiares e extra-familiares; e do desenvolvimento de uma perspectiva mais crítica em relação à educação dos filhos, atendendo aos desafios actuais da parentalidade.

O estudo 3, com uma amostra de 101 tríades familiares (n=303), focou-se na análise da tendência de valores ao longo de três gerações – G1, G2 e G3 – e na semelhança de valores entre as três gerações. Os resultados relativos à tendência de valores ao longo de três gerações salientaram a importância dos valores colectivistas para a G2 e o progressivo aumento da importância dos valores individualistas da G1 para a G3, e foram interpretados tendo em conta as tarefas inerentes às etapas desenvolvimentais em que três gerações se encontram, as mudanças macrossistémicas globais e as específicas do contexto português (e.g., 25 de Abril). Em relação à análise da semelhança de valores entre as três gerações, a dominância masculina, na linha paterna, na transmissão de valores individualistas e o facto de os valores individualistas do pai da G2 serem mediadores da relação entre percepção da adesão do avô paterno aos valores individualistas e a adesão dos filhos a esses valores levantaram a hipótese de que, dada a importância que os valores individualistas têm para os adolescentes, a sua transmissão ao longo das gerações na família pode constituir-se

como uma forma de manutenção da coesão e cooperação familiares. Para além disso, de acordo com a literatura, os homens tendem a valorizar mais os valores individualistas, o que poderá também contribuir para a dominância masculina na transmissão destes valores. Este estudo, ao apontar para que a influência dos pais nos filhos seja superior à influência das mães, não corrobora os resultados de diversos estudos referidos na literatura. Neste sentido, foi colocada a hipótese de que as mães, como guardiãs da família, sejam mais flexíveis que os pais na transmissão de valores, permitindo aos filhos uma maior autonomia na aceitação ou rejeição dos valores que lhes transmitem, como forma de manter a coesão e a harmonia da família e de apoiar, simultaneamente, o processo de construção identitária dos filhos. Assim, o facto de as mães serem mais compreensivas e menos prescritivas, poderá reflectir-se numa baixa associação entre os valores das mães e dos filhos. Em relação à (não) transmissão familiar dos valores colectivos aos filhos adolescente, tendo em conta a etapa desenvolvimental dos filhos, as mudanças e os desafios e associados e a influência marcada que o grupo de pares e outros sistemas significativos assumem, o impacto da família na transmissão de valores colectivistas à G3 pode ser reduzido, dada a multiplicidade de agentes socializadores extra-familiares que poderão concorrer para a transmissão deste tipo de valores. A multiplicidade de agentes transmissores de valores colectivistas poderá, assim, diluir ou reduzir o impacto da família na passagem destes valores.

No segundo bloco de estudos quantitativos, no qual estão incluídos dois estudos (Estudo 4 e 5), através de amostras independentes de pais e de filhos, procurou perceber-se o papel da percepção da qualidade das práticas parentais e da qualidade das relações familiares na aquisição de valores. O facto de estes estudos estarem centrados na avaliação do impacto que os factores parentais e familiares experienciados na família de origem da G2 e na família nuclear da G3 têm, respectivamente, nos valores da G2 e da G3, permitiu clarificar

o papel destas variáveis na aquisição de valores e na sua transmissão ao longo das gerações.

O estudo 4 foi desenvolvido para investigar, através de uma amostra de pais ( $n = 110$ ), a relação entre os valores pessoais dos pais e a percepção retrospectiva da qualidade das práticas parentais e das relações familiares experienciadas na família de origem. Os resultados dos modelos de equações estruturais indicam que a percepção retrospectiva da qualidade das práticas parentais e das relações familiares experienciadas na família de origem são preditoras dos valores colectivistas dos pais, mas não dos valores individualistas. Os resultados reforçam a influência da família de origem ao longo do ciclo de vida e a importância do suporte emocional e da não rejeição parental na aquisição de valores. Para além disso, os resultados sugerem que os valores que preservam e protegem a conexão familiar tendem a ser mais socializados pelas famílias.

Por último, no estudo 5, com uma amostra de 515 adolescentes (15-19 anos) e com recurso a modelos de equações estruturais, verificou-se que: a percepção da qualidade das práticas educativas parentais prediz os valores colectivos e individualistas dos filhos adolescentes; e que a percepção da qualidade das relações familiares é mediadora da relação entre a percepção da qualidade das práticas educativas parentais e os valores colectivistas, mas não dos valores individualistas. Este estudo enfatizou o papel distinto que as práticas parentais e as relações familiares têm na aquisição de valores na adolescência, sugerindo que: 1) as práticas parentais são influentes na aquisição quer de valores colectivistas, quer de valores individualistas, no sentido de permitir a adaptação aos desafios sociais actuais; 2) a família é uma fonte de valores colectivistas, já que as relações familiares actuam como um “funil” que protege a identidade familiar e a coesão, mantendo o *status quo*.

A integração dos resultados dos estudos apresentados realçou a relação entre o processo de transmissão e as diferentes funções dos factores contextuais – extra-familiares, familiares, parentais e individuais. As implicações para a investigação nas áreas da parentalidade, dos valores e da família e para a prática clínica, bem como as limitações do estudo, foram alvo de reflexão.

*Palavras-chave:* família; transmissão intergeracional; valores; padrões educativos parentais; adolescentes.





## Abstract

Family intergenerational transmission of values and parenting styles is the central theme in this dissertation. We aimed to contribute to the knowledge of the intergenerational transmission processes by identifying contextual – extra-familial, familial and parental – and individual factors that influence values (dis)similarities and (dis)continuities of parenting styles across family generations. First, we adapted *Personal Values Questionnaire* ( $n = 670$ ), an instrument for assessing the importance of values as guiding principles in life, that revealed good psychometric qualities. This instrument was used in the subsequent three quantitative studies. In Study 2, we used a sample of 102 family triads – mother, father and adolescent children ( $n = 306$ ) – to analyze the levels of parenting style (PS) continuity and the intergenerational concordance. Study 3 examined the cross-generational trends in collectivist and individualist values and family patterns of value similarities across three generations (grandparents, parents, and children), with a sample of 101 family triads ( $n = 303$ ). Studies 2 and 3 suggested a higher PS continuity and values similarities on paternal lineage. Studies 4 and 5 were carried to understand the role of perceived quality of parental practices and the quality of family relationships in the acquisition of values. In Study 4, we evaluated, with structural equations modeling, whether the perceptions of parenting and relationship qualities within parents' families-of-origin during adolescence predicted their current collectivist and individualist values ( $n = 110$ ). Finally, in a sample of 515 adolescents, we investigated whether perceptions of the quality of parental practices would predict adolescents' collectivist and individualist values (Study 5). Studies 4 and 5 highlighted family as a source of collectivist values. Implications for clinical intervention are discussed, as well as limitations and future directions for research.

*Keywords:* family; intergenerational transmission; values; parental educative patterns; adolescents.

---

## Introdução



### **Contorno Teórico**

A transmissão de valores e do comportamento parental ao longo das gerações familiares emerge como temática central deste projecto. Pretendemos compreender os fluxos intergeracionais de interinfluências, investigando a contribuição potencial de factores contextuais (Bronfenbrenner, 1977) – parentais, familiares e extra-familiares – e individuais nas (dis)semelhanças dos valores e nas (des)continuidades de padrões, com o intuito de contribuir para o enriquecimento do conhecimento científico.

Alicerçamo-nos na Teoria Geral dos Sistemas (von Bertalanffy, 1968) e na perspectiva da Complexidade Sistémica (Morin, 1994), enquanto referenciais meta-teóricos, no Modelo Ecológico de Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1977) e num conjunto de linhas teóricas centradas na compreensão do impacto das experiências familiares, nomeadamente, a Sistémica Familiar (e.g., Boszormenyi-Nagy & Spark, 2008; Bowen, 1978; Miermont, 1994; Palazzoli, Boscolo, Cecchin, & Prata, 1980), Teoria da Vinculação (Bowlby, 2001; Byng-Hall, 1990) e Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1977), como mapas teóricos.

### **Referencial, Mapas e Transmissão Intergeracional Familiar: intersecção e reunião dos contornos**

Etimologicamente, a palavra transmitir (do latim *trans-mittere*) sugere um trajecto, i.e., o envio ou a passagem (através de). Perante a diversidade conceptual de *transmissão intergeracional familiar* presente na literatura, significamos este *processo* como uma história de padrões emocionais, psicológicos e sociais repetidos ou reproduzidos propositada e/ou inadvertidamente, ao longo das gerações da família (Kemp, 2007; Phalet & Schönplflug, 2001; Pinquart & Silbereisen, 2004; Roest, Dubas, & Gerris, 2009), “sendo cada padrão uma espécie de dança, uma configuração dinâmica de partes em inter-relação que, no seu conjunto, formam um todo indivisível, com

significados específicos” (Narciso, 2002, p. 51). Na história intergeracional de padrões, identificamos as propriedades de: (a) *circularidade*, considerando que as diferentes gerações se inter-influenciam e têm um papel de co-construção do fluxo transaccional/da história; e (b) *finalidade*, ao partir dos pressupostos de que um factor pode desencadear diferentes finais de história (*multifinalidade*) e factores distintos podem levar ao mesmo final de história (*equifinalidade*) (von Bertalanffy, 1968).

### **À procura de contornos.**

Enquanto processo relacional, bidireccional e contínuo (Phalet & Schönplflug, 2001; Pinquart & Silbereisen, 2004; Roest, Dubas, & Gerris, 2009), é impossível dissecar as transmissões que ocorrem na família – enquanto espaço transaccional único – das transmissões sociais, geográficas e étnicas (Rutter, 1998). Assim, para compreender este fluxo, é essencial considerar a matriz relacional na qual o indivíduo/a família se move ou moveu e as influências sistémicas diversas – que agem sobre ele/a e sobre as quais actua. No Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1986), o desenvolvimento individual/familiar é perspectivado como uma *teia* complexa de relações interdependentes e circulares entre sistemas que se englobam progressivamente, de um nível macro a um nível micro, ao longo do tempo, constituindo um todo. Para compartimentar esta *teia* em sistemas unos, mantendo, continuamente, a capacidade de os compreender em relação, Bronfenbrenner (1986) propõe uma lente de análise que integra cinco níveis sistémicos – *microsistema*, *mesossistema*, *exossistema*, *macrossistema* e o *cronossistema*.

Tomando o Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1986) como mapa da transmissão que ocorre na família ao longo das gerações, consideramos que a análise dos diferentes níveis de *contornos* sistémicos (Bateson, 1996)

da transmissão intergeracional familiar poderá trazer mais rigor conceptual a este mapeamento.

### *Contornos Macrossistémicos.*

Neste sentido, os *contornos macrossistémicos* da transmissão intergeracional familiar correspondem ao ambiente social mais alargado em que as famílias estão inseridas e incluem a religião, a ideologia, os sistemas político, social, económico e cultural e as mudanças demográficas (Bronfenbrenner, 1986). Sob este foco macroscópico, importa reflectir sobre o impacto das alterações sociais das últimas décadas nas relações intergeracionais (Biggs, 2007), nomeadamente, as revoluções sociopolíticas (e.g., 25 de Abril), as alterações da demografia (e.g., aumento da esperança média de vida e diminuição dos nascimentos<sup>1</sup>), das trajectórias familiares (e.g., aumento das taxas de divórcio e de coabitação, diminuição das taxas de casamento), das estruturas laborais com a entrada em força das mulheres para o mundo do trabalho (Constanzo & Hoy, 2007; INE, 2013; Kemp, 2007), a ruptura com a tradição, o enfraquecimento das relações inter-humanas e a *neofilia*<sup>2</sup> (Lorenz, 1992). O impacto da globalização nas

---

<sup>1</sup> O facto de haver cada vez mais gerações vivas ao mesmo tempo, mas com menos indivíduos em cada uma, pode ter consequências distintas: por um lado, poderá significar uma maior conexão intergeracional e uma oportunidade para a exploração dos modelos das gerações anteriores, facilitando a transmissão intergeracional de crenças e valores. Por outro lado, a coexistência de três ou mais gerações poderá expandir a distância intergeracional e a divergência entre as hierarquias de valores, podendo instigar uma maior conflituosidade (Biggs, 2007; Daatland, 2007).

<sup>2</sup> A neofilia – processo de busca e fascínio constantes por relações ou objectos novos, consecutiva perda de interesse e rejeição destes e procura de outros – a ruptura com a tradição, a superpopulação, a massificação, a devastação do espaço vital, o enfraquecimento das relações inter-humanas e a competição contra si, por levarem o Homem à desumanização e à destruição de si, pela não preservação dos seus ciclos de regulação homeostáticos, são considerados, por Lorenz (1992), *pecados* da civilização.

famílias, com o aumento da emigração e da conexão entre indivíduos geograficamente separados, também é sentido na estrutura das relações intergeracionais (Biggs, 2007).

O alarme social do Ocidente tem ecoado reiteradamente com a desresponsabilização pelo bem-comum e a insensibilidade aos outros, claramente reflectidos nos resultados da investigação internacional e nacional (e.g., Carvalho, 2013), com o progressivo crescimento do individualismo. Por exemplo, o estudo de Carvalho (2013), que sugere que, na última década, em Portugal, os indicadores relativos ao individualismo cresceram, em média, 10%, aponta para uma correlação positiva entre o individualismo e os níveis elevados de escolaridade, o que pode reflectir uma realidade social, relacional e humanamente pobre e competitiva. Para Lipovetski (2010), o hedonismo que molda o Ocidente pode ser expresso através de duas tendências contraditórias: (1) pela estimulação dos “prazeres imediatos, quer eles sejam consumistas (...) ou distractivos, [sobrevalorizando] a bulimia dos objectos, [o consumo] de programas mediáticos, a explosão do crédito e o endividamento doméstico (...), a publicidade (...) [e desqualificando] o valor do trabalho” (p. 65); e (2) pela ênfase na gestão “do tempo, do corpo, o profissionalismo em todas as coisas, a obsessão pela excelência” (p. 66). Esta “febre da autonomia (...) liquidou a cultura autoritária (...) tradicional, (...) [gerando] novos imperativos de autoconstrução individual, (...) que criam um estado de hiper-mobilização, de *stress*, de reciclagem permanente (...) e uma dinâmica de ansiedade, provocada pelas próprias normas do bem-estar e do melhor- parecer que a constituem (...): usufruto do presente, o templo do eu, do corpo e do conforto, juventude, saúde, elegância, forma, lazer” (Lipovetski, 2010, p.60/65).

#### *Contornos Microssistémicos.*

Os *contornos microssistémicos*, delimitantes dos contextos proximais, com os quais o indivíduo interage directamente, poderiam integrar a família nuclear e as famílias



de origem. Por se tratar do primeiro meio social no qual o indivíduo participa, é neste nível que as influências bidireccionais são mais fortes (Bronfenbrenner, 1986; Walsh, 1985). Ocupadora da posição central de mediação na hierarquia dos sistemas humanos, em todas as etapas do ciclo de vida, é a família que tem primazia a assegurar a continuidade do ser humano como fonte de vida; a construir a ponte indivíduo-sociedade (Ribeiro, 1994) através da transmissão de valores e crenças (Biasoli-Alves, 1997) (espaço cognitivo), da partilha emocional (espaço emocional) e da participação em rituais colectivos (espaço pragmático) (Linares, 1996).

Pelo facto de a herança familiar se estender genética, afectiva e culturalmente (Cowan & Cowan, 2005), e de as famílias tenderem a exercer uma influência forte para a conformidade/continuidade comportamental e a adopção dos mesmos esquemas transgeracionais familiares<sup>3</sup> (Byng-Hall, 2008), a interacção familiar propende a cristalizar em determinados padrões específicos (Hall, 1981; Wagner & Falcke, 2001). Tendo em consideração que estes padrões se perpetuam, frequentemente, ao longo do tempo (Cowan & Cowan, 2005), e, pensando na sua inter-relação, podemos chegar “*a um padrão de padrões: a um metapadrão*” (Narciso, 2002, p. 51). A investigação centrada nos mecanismos explicativos destes *metapadrões* familiares permitir-nos-á identificar os processos de perpetuação e de quebra dos ciclos intergeracionais e desenvolver linhas orientadoras para intervenções que visem o término de ciclos relacionais desadaptativos (Cowan & Cowan, 2005).

### *Contornos Mesossistémicos.*

---

<sup>3</sup> Através de um *working model* concernente às funções familiares, as famílias criam expectativas partilhadas sobre como os papéis familiares devem ser desempenhados em diferentes contextos, baseadas nas experiências vivenciadas nas famílias de origem (Byng-Hall, 2008).

Os *contornos mesossistémicos*, referentes a interacções entre os contextos do microsistema, poderiam representar a relação entre as transmissões das duas famílias de origem (linhas paterna e materna). A família nuclear resulta da combinação e do encaixe entre os dois sistemas míticos das duas estruturas familiares (Krom, 2000) que, por sua vez, são o encaixe de quatro famílias ao nível da geração dos avós, e assim por diante. Espera-se, idealmente, que a família nuclear confronte e negocie a formação do seu próprio sistema, no sentido de este ser, simultaneamente, coerente (Ângelo, 1995), diferenciado e autónomo do das famílias de origem (Alarcão, 2006). As linhas mesossistémicas definem-se assim, pelo desafio de articular quatro representações dos modelos – a maternal e a paternal de ambas as linhas –, aprendidos na infância, por cada pai (Alarcão, 2006) – na definição e construção de um novo modelo que possa ser transmitido à geração seguinte. De realçar também a importância do papel dos avós quer na relação de apoio aos pais, como um alívio temporário das suas responsabilidades, quer na relação de apoio aos netos, por proporcionarem diferentes possibilidades educativas e socializadoras, ampliando as da família nuclear (Alarcão, 2006). Porém, a possibilidade de que este apoio levante questões de poder e choque entre modelos educativos releva a importância da gestão dos contornos mesossistémicos, através da definição de fronteiras claras entre os dois sub-sistemas (Alarcão, 2006).

#### *Contornos Exossistémicos.*

Os *contornos exossistémicos* que incluem também as interacções entre os contextos do microsistema, embora não envolvam a participação directa de toda a família, poderiam equivaler às relações família-escola e família-grupo de pares. Dado que os sistemas familiar e escolar desempenham papéis basilares na socialização, a compatibilidade ou ajustamento entre ambos tem sido apontada como um facilitador no sucesso educativo e na co-construção de cidadãos socialmente integrados, i.e., que

integrem os valores sociais (Bernal, Rivas, Urpí, & Repáraz, 2011; Daly, 2007; Knafo, 2003). Por um lado, a possibilidade de compatibilidade ou ajustamento entre a família e a escola pode gerar um efeito retro-alimentador, no sentido em que cada efeito individual é reforçado, simultaneamente, pelo outro e pelo efeito dos dois (*circularidade*) (e.g., as mensagens transmitidas na família são reforçadas pelas que são transmitidas na escola e pela relação compatível de ambas), aumentando a congruência entre os conteúdos transmitidos e apoiando as transmissões familiares (Knafo, 2003). Por outro lado, a incompatibilidade das mensagens pode levar a um dilema (ou *caos* no processo de integração), ao questionamento da validade das mensagens e das suas fontes, podendo colocar em causa a transmissão familiar. Todavia, aplicando o conceito de estrutura dissipativa proposto por Prigogine e Stengers (1990), a capacidade auto-organizadora de todos os sistemas naturais (físicos, biológicos e humanos) perante a incompatibilidade das mensagens, poderá produzir uma solução criativa e integradora e, consecutivamente, uma nova ordem, levando a uma mudança de segunda ordem no processo de integração.

No que concerne à influência do grupo de pares e à experienciação de igualdade e reciprocidade relacional no processo de transmissão, a literatura tem focado processos sinérgicos relevantes, nomeadamente, a homofilia, i.e., a tendência para desenvolver relações com outros semelhantes a si, e a influência mútua em torno da mudança comportamental (French, Eisenberg, Purwano, & Sallquist, 2012). Os processos de homofilia e de influência mútua têm sido associados a vários tipos de comportamento e de objectivos (e.g., comportamentos pró-sociais e anti-sociais e realização académica) (Prinstein & Dodge, 2008). Apesar do papel positivo dos pares no desenvolvimento dos adolescentes ser frequentemente subestimado e justificado pela associação entre a imitação, a pressão grupal e os comportamentos negativos, a literatura tem mostrado que a interacção entre o grupo de pares pode favorecer a aprendizagem através de processos

recíprocos de *scaffolding* e co-construção (Rogoff, 1998), influenciando, maioritariamente, os valores pró-sociais (Brown, 2004).

### *Contornos Cronossistémicos.*

Considerar as variações do processo de transmissão familiar intergeracional, de acordo com a fase do ciclo de vida em que a família se encontra, já que as exigências das transições são de naturezas distintas e a adaptação familiar ocorre, dinamicamente, através de evoluções e retrocessos (Narciso, 2002), leva-nos ao desenho dos *contornos cronossistémicos*. Transversais a todos os outros contornos, estes remetem-nos para a dimensão temporal. O tempo, ao permitir codificar acontecimentos através de diferenças, levando à percepção das mudanças (Bateson, 1987) nas histórias dos indivíduos e dos seus contextos, assume uma importância fulcral nos processos perceptivos, i.e., nos processos através dos quais construímos o mundo (White & Epston, 1990). Esta transversalidade permite-nos perceber que, por um lado, ao longo das gerações, as mudanças socioculturais têm um impacto nas famílias, podendo alterar as formas de transmissão e o seu conteúdo (e.g., Kagitçibasi, 1996) – contornos *cronomacrossistémicos*. Por outro lado, alguns acontecimentos sociais, pela sua saliência, são alvo de discussão e interesse individual, grupal ou familiar, levando ao questionamento do que é transmitido e, possivelmente, alterando a hierarquia dos conteúdos transmitidos (Pinquart & Silbereisen, 2004). Estes últimos contornos – os *cronomicrossistémicos* – relevam a importância do ciclo de vida familiar e do desenvolvimento individual na transmissão intergeracional.

Assim, tomando a perspectiva do ciclo de vida da família como enquadramento longitudinal da família em cinco etapas (Alarcão, 2006; Relvas, 2006) – formação do casal, família com filhos pequenos, família com filhos na escola, família com filhos adolescentes e família com filhos adultos –, circunscrevemo-nos à etapa *família com*

*filhos adolescentes*, dada a sua pertinência para esta dissertação. Esta etapa tem sido descrita como o auge das funções da família enquanto sistema, dada a necessidade de um novo equilíbrio individual, familiar (e respectivos sub-sistemas) e social, de modo a alargar espaços individuais na família e potenciar o bem-estar, reforçando a coesão familiar (Grotevant & Cooper, 1985; Relvas, 2006). No sistema familiar, há a necessidade de emergência de um novo padrão funcional na organização familiar: através de avanços e retrocessos, joga-se o aumento da flexibilidade dos limites interior-exterior e a redefinição de limites, com um reforço na diferenciação intra-sistémica (autonomia) e abertura do sistema ao exterior (Relvas, 2006). Uma das tarefas familiares consiste na gestão do equilíbrio entre autonomia e integração familiar do adolescente, através da negociação das regras e limites e da construção de um espaço íntimo.

Em termos individuais, a adolescência é uma etapa delimitada pelo fim da infância e início da idade adulta, marcada por mudanças morais, relacionais, sociocognitivas e físicas. Estes são considerados os ingredientes cruciais para o início da descoberta e da construção de uma identidade inicial, através da tomada de decisão e compromisso com escolhas dependentes do que o adolescente é, das suas relações, das suas decisões e das consequências que acarretam (Marcia, 2001, 2002). Os valores, enquanto alicerces identitários, assumem, nesta etapa, um papel relevante na definição da posição individual e relacional dos adolescentes, funcionando como princípios orientadores e auto-reguladores da acção, em função dos grupos e dos sistemas em que estão inseridos (Grusec, Goodnow & Kuczynski, 2000).

A divergência na hierarquia de valores entre os vários grupos nos quais o adolescente está inserido (e.g., família e grupo de pares) e as dificuldades em lidar com este desacordo poderão potenciar a diferenciação de valores, i.e., quando o mesmo valor assume uma posição distinta na hierarquia pessoal de valores, consoante o contexto em

que o indivíduo se move (Daniel et al., 2012). O processo de desenvolvimento de valores implica assim a compreensão da aplicação dos códigos a si e aos outros, permitindo o enraizamento de um sentido de si coerente e estável através do desafio da vivência concomitante em contextos que jogam diferentes sistemas de valores e ideologias (Larson, Jensen, Kang, Griffith, & Rompala, 2012). Este percurso de construção de alicerces leva a questões complexas como: como agir em situações em que os valores parentais ditam um caminho díspar do dos códigos dos pares, da escola?; como se lida com os outros quando há desrespeito pelos valores pessoais? (Larson et al., 2012).

### **Mapas para ver o território**

Enquanto mapas de compreensão do impacto das experiências na família nos comportamentos relacionais e na transmissão intergeracional familiar, consideramos diferentes linhas teóricas (Marin et al., 2013; Topham, Larson, & Holman, 2005; Wampler, Shi, Nelson, & Kimball, 2003), nomeadamente as teorias sistémicas da família [e.g., Teoria dos Sistemas Familiares (Bowen, 1978), mitos familiares (Palazzoli et al., 1980), delegações familiares (Boszormenyi-Nagy & Spark, 2008; Miermont, 1994)], a teoria da vinculação (Bowlby, 2001; Byng-Hall, 1990) e a teoria da aprendizagem social (Bandura, 1977). Apesar das suas especificidades epistemológicas conduzirem a uma divergência em relação à plasticidade humana (Linares, 1996) e aos mecanismos explicativos das influências intergeracionais, estes mapas convergem ao assumirem que o processo de transmissão é orientado por mecanismos centrais da relação pais-filhos (Cowan & Cowan, 2005) e que determinados padrões são assimilados a partir das experiências vividas com a família (Belsky, Conger, & Capaldi, 2009; Marin et al., 2013).

As teorias sistémicas da família defendem que, a partir dos padrões vivenciados na família de origem, são construídos modelos (Ângelo, 1995), conscientes ou não, sobre o que deve ser seguido e/ou evitado em relações posteriores (Falcke, Wagner, & Mossman, 2005; Narciso & Ribeiro, 2009). Estes padrões tornam-se, frequentemente, em mitos<sup>4</sup> (Falcke & Wagner, 2005; Miermont, 1994) ou segredos familiares (Imber-Black, 1994) que são transmitidos ao longo das gerações. Os padrões podem também contribuir para o processo de delegação familiar sobre do que é esperado de cada membro da família (Boszormenyi-Nagy & Spark, 2008; Miermont, 1994).

Ainda dentro da linha teórica familiar sistémica, evidenciamos o contributo da Teoria dos Sistemas Familiares de Bowen (1978), enquanto referencial teórico e conceptual clássico, para a compreensão da transmissão familiar nos seguintes pontos: (a) a importância dos padrões interactivos experimentados na família de origem na diferenciação do *Self* e nos relacionamentos interpessoais; (b) o impacto da alteração dos contextos desenvolvimentais (Honeycutt, 2006) no processo de transmissão multigeracional (o que vai ao encontro das propriedades *equifinalidade* e *multifinalidade* [von Bertalanffy, 1968]); e (c) o pelo cuidado conceptual e desenvolvimento de um campo de linguagem, muitas vezes baseado na biologia (e.g., o conceito de

---

<sup>4</sup> O mito indica os papéis e ambições dos membros da família nas suas transacções recíprocas e expressa, por isso, as convicções partilhadas concernentes aos membros da família e às suas relações (Palazzoli et al., 1980). O mito parece descrever a realidade familiar, mas, de facto, ensina como ela deve ser lida e percebida (Corigliano, 1999), pelo que não é examinado e, muito menos, desafiado (Palazzoli et al., 1980). O nascimento, a permanência e a reafirmação de mitos familiares, para além de visarem o reforço “homeostático do sistema contra toda a solicitação passível de o fragilizar” (Palazzoli et al., 1980), contribuem para processos de identificação de cada indivíduo, fazendo-o entrar na esfera familiar intergeracional como garantia da continuidade da cultura familiar (Corigliano, 1999).

*diferenciação*<sup>5</sup>) (Hall, 1981; Pina Prata, 1981). Contudo, o facto de a Teoria dos Sistemas Familiares (Bowen, 1978) não ponderar a interinfluência mútua entre as diferentes gerações – teoria descendente unidireccional –, torna-a linear (e simplista), generalista<sup>6</sup> e patologizante<sup>7</sup> na abordagem dos processos.

A Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1977) sugere uma explicação do processo de transmissão intergeracional baseada na aprendizagem dos padrões comportamentais familiares através do processo de observação de interacções relacionais e dos reforços e punições associados que as crianças tenderão a repetir quando formarem as suas famílias.

A Teoria da Vinculação, centrada na importância da relação cuidador-criança, evidencia o impacto, a longo prazo, das experiências precoces familiares na construção de modelos sobre si mesmo e sobre os outros (Bowlby, 2001; Byng-Hall, 1990). A internalização das experiências precoces forma padrões, modos de funcionamento, para as relações extra-familiares ou *esquemas transgeracionais* (modelos comportamentais,

---

<sup>5</sup> Na Teoria dos Sistemas Familiares, o conceito de *diferenciação do self* é central: a um nível *intra-pessoal*, envolve a capacidade de distinção entre os sistemas *emocional* e *intelectual* e a escolha entre ser guiado por emoções ou pensamentos; e a um nível *inter-pessoal* integra a capacidade de distinção e equilíbrio entre os sistemas emocional e intelectual e a gestão entre níveis adequados de autonomia e de intimidade relacional (Bowen, 1978; Peleg-Popko, 2004, 2005; Skowron & Friedlander, 1998; Hall, 1981; Pina Prata, 1981).

<sup>6</sup> Por exemplo, Bowen (1978) confere um carácter universal ao pressuposto de que as pessoas que têm o mesmo nível de diferenciação tendam a atrair-se e a ter relacionamentos íntimos. Todavia, esta semelhança, proposta por Bowen (1989), não encontra suporte empírico (Miller, Anderson, & Keala, 2004; Skowron, 2000).

<sup>7</sup> Negligência a *resiliência* familiar e pessoal – mecanismo de redução da probabilidade dos resultados negativos durante as transições desenvolvimentais (Conger & Conger, 2002) e de capacidade espontânea do sistema para minimizar a disrupção causada por uma situação stressante (Alarcão, 2006).



aprendidos na infância, e transmitidos como *working models* à geração seguinte), guiando as expectativas, percepções e comportamentos (Bowlby, 2001; Cowan & Cowan, 2005), que podem ser replicados ou funcionar como correctivos, tentando evitar as experiências dolorosas passadas (Byng-Hall, 1990, 2008).

### **Ligando os contornos.**

Através da reunião e interacção de diferentes níveis de contornos sistémicos e da integração dos mapas de compreensão do impacto das experiências familiares nos comportamentos relacionais e valores, procuramos compreender os processos que podem guiar a sua transmissão intergeracional na família, como produto da inter-relação dos sistemas e não como resultado do comportamento isolado de um sistema ou dos seus elementos (von Bertalanffy, 1968). De realçar que a pluralidade de contextos desenvolvimentais levanta vários desafios, nomeadamente, o acordo em relação ao que deve ser transmitido à geração seguinte, a(s) forma(s) como se deve transmitir (Prencipe & Helwig, 2002) e que sistemas devem intervir, incitando a uma maior rigidez e homogeneização; ou o acordo em desacordar nos conteúdos, nos processos e nos intervenientes, estimulando a diversidade, flexibilidade (e a possibilidade dos sistemas desenvolverem funções “vicariantes”). Perspectivando as diferenças e semelhanças intergeracionais como um *continuum* bipolar (Phalet & Schönplflug, 2001) – da ausência de diferenças (transmissão total) à inexistência de semelhanças (transformação total) –, a possibilidade de existência de algum dos pólos seria social e familiarmente problemática: a transmissão total não permitiria a criatividade, a mudança e capacidade adaptativa, i.e., a expressão da natureza (Prigogine & Stengers, 1990), a diferenciação (Linares, 1996); a transformação total não permitiria a cooperação, o suporte e a harmonia entre as gerações (Schwartz & Bardi, 2001).

O *tempo desenrolativo* (Narciso, 2002), a biografia individual ou a história vivida é construído/a por um conjunto de narrativas socialmente validadas, em função da *nutrição emocional* da família de origem, desde os primeiros anos de vida, e enriquecido indefinidamente nos contextos relacionalmente significativos (Linares, 1996), ao longo do *tempo desenvolvido* (Narciso, 2002). Uma família de origem emocionalmente nutritiva facilita (ou é um bom ponto de partida para) a construção de narrativas articuladas e flexíveis e socialmente confirmadas e, conseqüentemente, dos primeiros guiões da identidade (Linares, 1996).

### **Sobre a transmissão intergeracional familiar da parentalidade**

Apesar da definição do ponto de partida de uma família poder admitir múltiplas interpretações, podemos assinalá-lo como a constituição do casal parental (Linares, 1996). A conjugalidade e a parentalidade constituem dois atributos ecossistémicos (assincronamente, independentes e interdependentes) do casal parental, que estão relacionados com a história individual de cada membro do casal e com a sua família de origem (Linares, 1996). Conseqüentemente, assumimos que o nó de ligação entre as várias gerações familiares é a *relação* pais-filhos (Cowan & Cowan, 2005), pelo que enfatizaremos a transversalidade da dimensão da parentalidade no processo de transmissão intergeracional familiar. A relação, como defendem Bateson (1987) e Pina Prata (1991), “vem primeiro” ou “chega antes” (Narciso, 2002, p. 50), pelo que as pessoas vêm da relação e são definidas por ela (e, circularmente, definem-na), e a transmissão vem das *pessoas-em-relação* e, neste caso, de *pais e filhos em relação*.

A importância do estudo dos processos de continuidade da parentalidade ao longo das gerações tornou-se clara, para as comunidades clínica e científica, após as evidências

empíricas de que: (1) as práticas parentais<sup>8</sup> e os estilos educativos parentais<sup>9</sup> são variáveis preditoras poderosas do desenvolvimento e ajustamento dos filhos (Campbell & Gilmore, 2007; Pereira, 2009); (2) os pais influenciam significativamente a forma como os filhos serão pais (Campbell & Gilmore, 2007), pelo que o comportamento parental é transmitido de geração em geração (Belsky, Hancox, Sligo, Poulton, 2012; Belsky et al., 2005; van IJzendoorn, 1992). Os processos de continuidade do comportamento parental têm sido estudados enquanto um mecanismo de mediação do risco entre gerações familiares (Patterson, 1998), maioritariamente com díades femininas, com amostras clínicas e com um foco na etiologia dos maus-tratos e na parentalidade negativa (e.g., Capaldi, Pears, Patterson, & Owen, 2003; Conger, Belsky, & Capaldi, 2009; Kovan, Chung, & Sroufe, 2009; Smith & Farrington, 2004). Neste sentido, alguns autores (e.g., Rutter, 1998) sugerem que o estudo das descontinuidades é, potencialmente, mais importante porque foca o processo através do qual o risco pode ser interrompido.

A partir de diversos desenhos metodológicos (qualitativos, quantitativos, medidas de observação, retrospectivo e prospectivo), vários estudos têm corroborado a existência de continuidade intergeracional do comportamento parental, recorrendo a uma abordagem dimensional, i.e., considerando as práticas parentais (e.g., Capaldi & Clark,

---

<sup>8</sup> As *práticas educativas parentais* referem-se a comportamentos específicos, orientados por objectivos particulares, através dos quais os pais desempenham as suas obrigações parentais (Darling & Steinberg, 1993), comunicando ao filho o seu desejo de que ela mantenha ou modifique o seu comportamento (Alvarenga & Piccinini, 2001).

<sup>9</sup> Os *estilos educativos parentais* transmitem à criança a atitude dos pais em relação a ela e não em relação ao seu comportamento (Pereira, 2009), podendo ser inferidos através das práticas parentais, dirigidas ou não a determinados objectivos.

1998; Simons, Whitbeck, Conger, & Wu, 1991), ou a uma abordagem tipológica<sup>10</sup>, focando os estilos educativos parentais (e.g., Campbell & Gilmore, 2007; Kerr et al., 2008). Embora os resultados obtidos por diversos estudos (e.g., Bailey, Hill, Oesterle, & Hawkins, 2009; Campbell & Gilmore, 2007; Conger et al., 2009; Neppl, Conger, Scaramella, & Ontai, 2009; Weber, Selig, Bernardi, & Salvador, 2006) revelem correlações baixas/moderadas entre o comportamento parental de várias gerações, independentemente do método utilizado, sugerindo, coerentemente, uma conexão entre a parentalidade das diferentes gerações de uma família (Conger et al., 2009). Sob pena de cairmos em redundâncias, remetemos para o Capítulo II o desenvolvimento desta temática, nomeadamente, a abordagem dos mecanismos implicados nos processos de continuidade e descontinuidade da parentalidade.

### **Sobre a transmissão intergeracional familiar de valores**

As semelhanças e diferenças de valores ao longo das gerações são, frequentemente, descritas em termos de um processo bi-etápico de internalização – modelo de aquisição de valores (Grusec & Goodnow, 1994) – que inclui a percepção das mensagens parentais e a aceitação ou rejeição da mensagem percebida. Este modelo, ao salientar a importância das práticas educativas dos pais para a aquisição de valores na família, associa a semelhança de valores entre pais e filhos à eficácia da parentalidade.

Para além da influência dos comportamentos educativos intencionais dos pais e das atitudes parentais em relação aos filhos, a transmissão de valores deve ser perspectivada através dos processos de socialização e inculturação, através dos quais a

---

<sup>10</sup> Esta abordagem ao assumir que os comportamentos parentais se relacionam entre si (Pereira, Canavro, Cardoso, & Mendonça, 2009) e que os efeitos de uma dimensão do comportamento parental são dependentes dos níveis de outras dimensões do comportamento parental é coerente com uma perspectiva sistémica.

internalização dos valores ocorre por identificação com os grupos em que se insere (Hynie, Lalonde, & Lee, 2006), por instrução intencional, exposição e observação. Ambos os processos, por estarem frequentemente relacionados entre si e por nos remeterem para os contornos macrossistêmicos, mesossistêmicos e microssistêmicos da transmissão, sustentam-se reciprocamente, facilitando a transmissão intergeracional de valores (Schönpflug, 2001).

A literatura na área tem diferenciado três tipos ou canais de transmissão de valores: *vertical*, entre pais e filhos, i.e., entre gerações na família ou na sociedade; *horizontal*, referente à influência exercida pelos pares; e *oblíquo*, definida pelas influências de outras instituições socializadoras e da geração anterior à dos filhos, que não os pais (e.g., avós, pares dos avós e dos pais) (Berry, Poortinga, Segall, & Dasen, 2002; Cavalli-Sforza & Feldman, 1981; Phalet & Schönpflug, 2001; Schönpflug & Bilz, 2009). Assim, quando se verificam diferenças significativas entre as culturas familiar e a social majoritária, a semelhança dos valores entre a família depende, fundamentalmente, da transmissão vertical que ocorre na família (Phalet & Schönpflug, 2001). Como já referimos, por um lado, a homogeneidade dos conteúdos transmitidos por diferentes agentes socializadores nas transmissões verticais, horizontais e oblíquas, potencia a transmissão intergeracional (Schönpflug, 2009). Por outro lado, reduz o impacto específico de cada agente socializador; por exemplo, o impacto da transmissão familiar de um determinado tipo de valores (vertical, entre pais e filhos) é menos perceptível quando este tipo de valores está a ser transmitido através de outros canais (e.g., horizontal e oblíquo), por outros agentes sociais (Trommsdorff, 2009). Quanto aos níveis de influência, Phalet e Schönpflug (2001) propõem que as variáveis influentes na transmissão se organizem num nível macro, integrando o processo de aculturação entre diferentes culturas, o estatuto educacional e profissional dos pais, as oportunidades

educacionais dos filhos e o género, e num nível micro, incluindo, os valores dos pais, que, por sua vez, influenciam os valores dos filhos directa e indirectamente, através dos objectivos parentais, enquanto meios de transmissão e práticas de socialização (Phalet & Schönplflug, 2001).

A literatura da área não apresenta consenso em relação à semelhança de valores entre pais e filhos, mostrando resultados diferentes consoante os instrumentos e as estratégias de medida utilizadas – e.g., correlações ( $r$ ) e correlações de perfil ( $q$ )<sup>11</sup> – (Roest, Dubas, Gerris, & Engles, 2009) e a classe e tipo de valores (Rohan & Zanna, 1996). Por exemplo, no estudo de Roest e colaboradores (2009), com uma amostra de díades de pais e filhos irlandeses, foram encontradas correlações ( $r$ ) baixas entre diferentes tipos de valores: Auto-Determinação, Hedonismo e Tradicionalismo; contudo, no mesmo estudo, quando são utilizadas correlações de perfil ( $q$ ), a correlação de perfil mais elevada foi no Hedonismo, seguida do Tradicionalismo. No estudo transversal de Boehnke (2001), com uma amostra de díades pai-filho e mãe-filho alemãs, verificaram-se correlações moderadas/baixas nos vários tipos de valores entre pais/mães e filhos – Tradicionalismo ( $r=.29-.30$ ); Benevolência ( $r=.03-.02$ ); Hedonismo ( $r=.32-.34$ ); Estimulação ( $r=.23-.24$ ); Poder ( $r=.22-.37$ ). Outros estudos apontam para que os pais não transmitam alguns tipos de valores aos filhos, nomeadamente, Hedonismo (Roest, Dubas, & Gerris, 2009), Poder Social e Realização (Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011).

A teoria da saliência (Pinquart & Silbereisen, 2004) e a teoria evolucionista (Schönplflug, 2001) têm sido contributos importantes para a compreensão do impacto da classe e do tipo de valores na sua transmissão na família. De acordo com a teoria evolucionista (Schönplflug, 2001), os valores que preservam a coesão e a cooperação

---

<sup>11</sup> O cálculo das correlações de perfil ( $q$ ) é baseado em conjuntos de itens de dois membros da família (Roest, Dubas, Gerris, & Engles, 2009).

grupal ou familiar tendem a ser mais socializados. A teoria da saliência, proposta por Pinquart e Silbereisen (2004), sugere que os valores mais salientes para os elementos da família ou do grupo são os mais transmitidos.

A heterogeneidade das evidências empíricas indica que a transmissão familiar de valores poderá ser influenciada ou mediada por variáveis individuais, parentais e familiares, nomeadamente: a qualidade da relação entre pais e filhos (Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000); sexo dos filhos e dos pais (Barni et al., 2011; Bengtson et al., 2002); estilos educativos parentais (Grusec, 2002; Pinquart & Silbereisen, 2004), comunicação (Grusec & Goodnow, 1994) e consistência parental nas mensagens sobre valores ao longo do tempo (Knafo & Schwartz, 2003) e semelhança de valores entre pai e mãe (Barni et al., 2011; Knafo & Schwartz, 2003); coesão e adaptabilidade familiar (Roest, Dubas, & Gerris, 2009), linha familiar (Phalet & Schönpflug, 2001); e estereótipos culturais (Roest, Dubas, Gerris, & Engles, 2009).

Os desafios que têm surgido ao estudo da transmissão de valores, posterior e especificamente desenvolvidos nos Capítulos II e III deste trabalho, enfatizam a relevância desta área de estudo. Por exemplo, assumindo uma lente macro, o estudo sobre a continuidade e a mudança em culturas imersas em crises socioeconómicas ou com colapsos anteriores do sistema político, como é o caso de Portugal, pode constituir-se como um caminho para o estudo de processos de transmissão cultural (Schönpflug, 2009). Recorrendo a uma lente micro, a identificação de factores familiares e parentais facilitadores e inibidores na transmissão vertical de valores poderá servir de base a intervenções familiares.

### **Contorno Metodológico**

Tendo em conta que, por um lado, só é possível conhecer ou aceder a pequenos arcos de interacção do todo, porque a complexidade jamais se apreende por inteiro

(Relvas, 2009), e por outro, é impossível compreender o todo sem conhecer as partes e vice-versa (Morin, 1994), neste trabalho, procuramos compreender o melhor *possível* as *possibilidades da realidade* (Prigogine & Stengers, 1990) – do processo de transmissão familiar do comportamento parental e de valores –, através da articulação de olhares em *zoom in* para cada sistema e em *zoom out* para o todo sistémico entrelaçado. Alicerçamos, assim, a presente investigação no paradigma de investigação pós-positivista, assumindo que a compreensão do fenómeno em estudo é limitada, pelo que corresponde a uma aproximação (Daly, 2007; Guba & Lincoln, 1994), devendo ser lida e interpretada como tal.

A revisão de literatura conduziu-nos à identificação de alguns desafios à investigação nesta área, nomeadamente: a adequação dos instrumentos de avaliação de valores ao contexto português e aos imperativos sociais actuais; e a definição de temáticas (a procura dos *contornos*) a explorar e de metodologias a utilizar. Assim, numa fase preambular ao estudo, optou-se por uma abordagem qualitativa, tendo-se escolhido, como método de recolha de dados, os *focus group*. O método *focus group*, compatível com a abordagem ecossistémica, potencia a capacidade dos participantes para aprofundar temas, permitindo atingir uma compreensão mais detalhada das percepções, crenças, atitudes, sentimentos e experiências dos participantes, através dos múltiplos pontos de vista dos participantes e da interacção entre eles, e aceder ao contexto em que essas significações se desenvolveram (Kitzinger, 1995; Morgan, 1996; Vaughn, Schumm, & Sinagub, 1996). Este estudo qualitativo preambular foi realizado<sup>12</sup>, especificamente, para

---

<sup>12</sup> Na presente dissertação, este estudo não será desenvolvido dado o seu carácter meramente preambular e de guia inicial organizador. Realçamos, contudo, que os dados deste estudo serviram também de base a três dissertações de Mestrado Integrado: Adolescentes de famílias de coabitação monoparental e de família nucleares intactas: Valores e processo de transmissão intergeracional (Baptista, 2010); Co-construção



testar a pertinência/relevância da temática da investigação e identificar constructos importantes a serem considerados num instrumento de medida (Flick, 2005; Kitzinger, 1995; Morgan, 1996; Vaughn et al., 1996). A partir dos resultados obtidos neste estudo integrado no bloco I, foi readaptado um instrumento de avaliação de valores.

No segundo bloco de estudos quantitativos, recorrendo a uma amostra emparelhada de famílias e através de diferentes técnicas de análise de dados, tentámos identificar padrões familiares de transmissão de valores e de comportamentos parentais, através de mapas individuais (valores) e relacionais (parentalidade). No terceiro bloco de estudos quantitativos, através de amostras independentes, procurámos perceber o papel de factores parentais e familiares na aquisição de valores.

Assim, os desafios ao estudo desta temática e os resultados que emergiram no estudo qualitativo preambular conduziram-nos para um desenho metodológico quantitativo<sup>13</sup>. Através da abordagem quantitativa, procurámos aceder a padrões a partir do teste de hipóteses ou de questões de investigação.

## **Desenho da investigação**

### **Questões Inicial**

---

intergeracional de valores: à procura de um modelo sistémico (Jacinto, 2010); e Valores e estilos educativos parentais em família nucleares intactas (Duarte, 2010).

<sup>13</sup> Está actualmente em curso um estudo com um desenho qualitativo conceptualizado a partir do confronto entre os resultados obtidos nos blocos II e III e a literatura. As entrevistas foram utilizadas como método de recolha de dados para aceder às percepções dos pais (G2) em relação: às (des)continuidades dos padrões educativos nas linhas materna e paterna; aos factores inibidores e facilitadores na transmissão vertical de valores; aos principais contextos de transmissão de valores; e aos valores que pretendem transmitir aos filhos. Mesmo não constituindo uma parte integrante desta tese, dado o seu carácter de continuidade com os estudos quantitativos aqui incluídos, e a relevância de alguns dos resultados encontrados em análises preliminares, optámos por apresentar, no Apêndice A, um recorte dessa mesma análise.

*Que factores promovem a transmissão intergeracional do comportamento parental e de valores, em famílias com filhos adolescentes? Que factores parentais e familiares podem facilitar a aquisição de valores?*

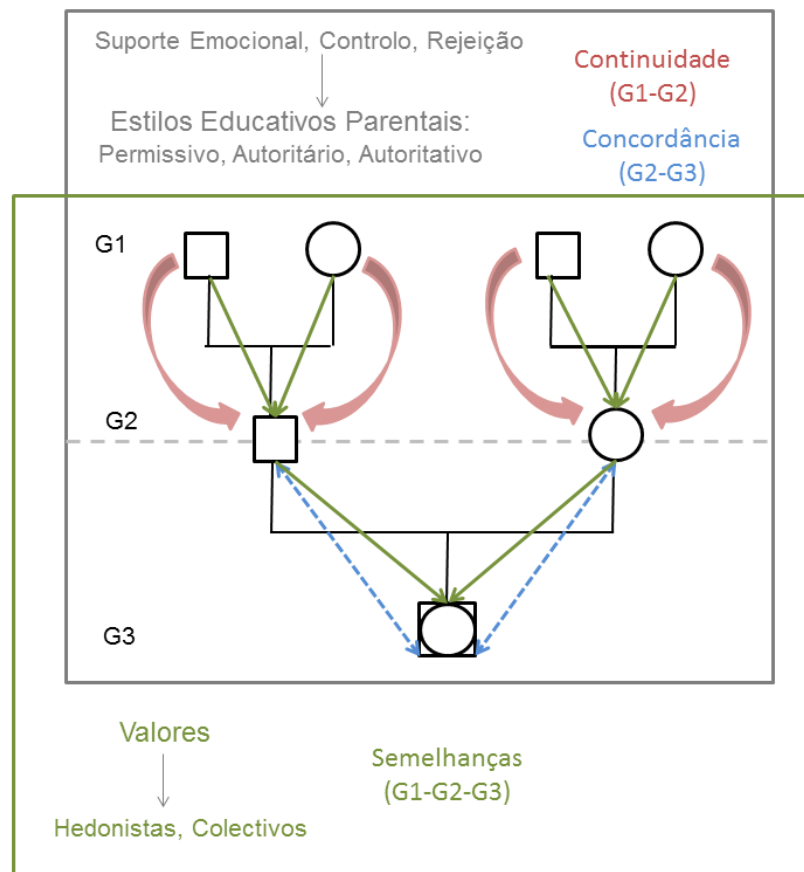
### **Objectivos e Mapas Conceptuais**

As questões iniciais remetem-nos para os objectivos gerais desta investigação: estudar as dinâmicas familiares geracionais, como forma de potenciar intervenções eficazes que visem o ajustamento familiar e individual e a transmissão de modelos familiares positivos, contribuindo para o enriquecimento do conhecimento científico sobre o processo de transmissão familiar ao longo das gerações.

Os estudos quantitativos foram divididos em três blocos. O estudo focado no processo de desenvolvimento e de validação de um instrumento de valores, adaptado ao contexto social actual, integra o bloco I. O bloco II – que integra dois estudos centrados nas (dis)semelhanças do comportamento parental e de valores, ao longo das gerações, através do cruzamento ou confronto de mapas – teve como objectivos:

- (1) estudar os padrões de transmissão do comportamento parental – da continuidade total à ausência de continuidade – entre a Geração 1 (avós) e a Geração 2 (pais);
- (2) investigar as concordâncias entre os mapas de parentalidade da Geração 2, confrontando representação dos pais sobre si próprios com a representação dos filhos (Geração 3) em relação aos pais;
- (3) investigar a semelhança de valores, ao longo de três gerações familiares.

O primeiro mapa conceptual (Figura 1) está subjacente ao bloco II.



*Figura 1.* Mapa conceptual dos Estudos Quantitativos subjacente ao Bloco II.

O bloco III – que engloba dois estudos focados no processo de transmissão de valores – teve como objectivo:

- (4) investigar o papel de variáveis parentais (e.g., qualidade das práticas parentais) e familiares (e.g., qualidade das relações familiares) na aquisição de valores, em adolescentes (G3) e em adultos (G2).

O segundo Mapa Conceptual (Figura 2) apresenta a organização dos conceitos subjacente a estes estudos.

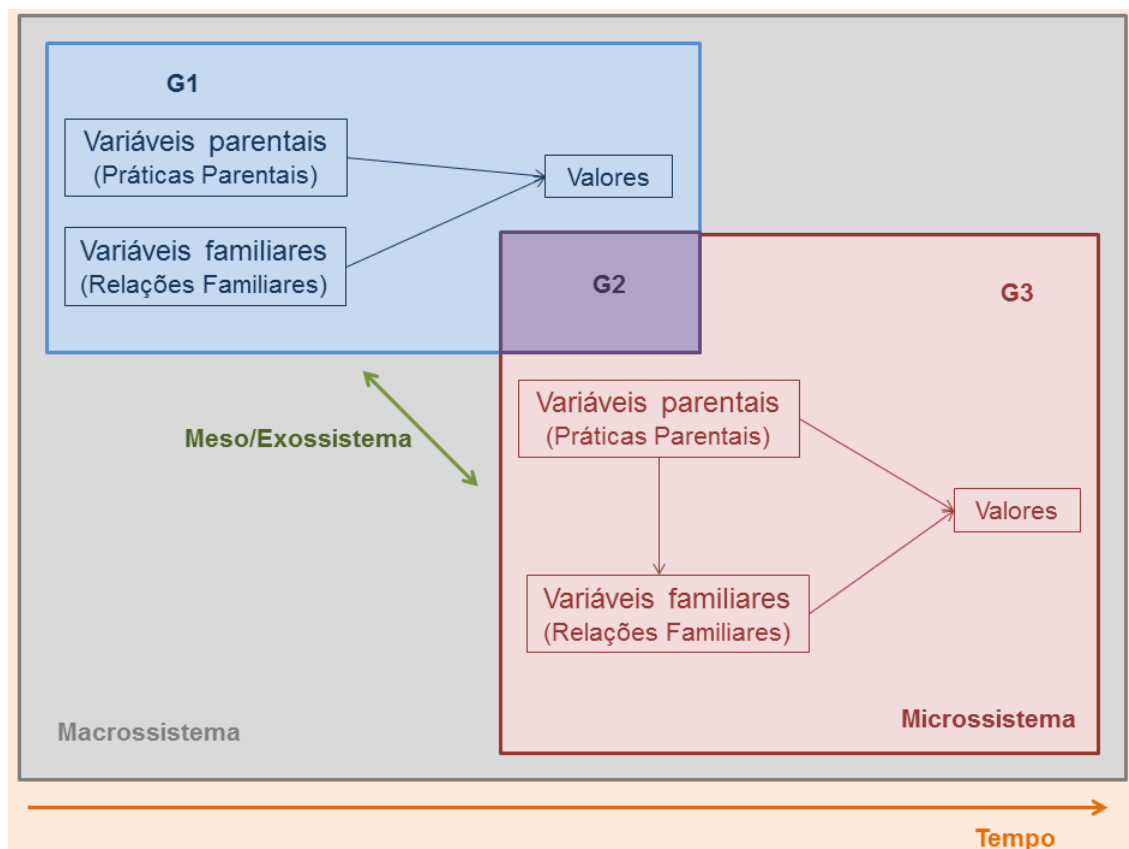


Figura 2. Mapa conceitual dos Estudos Quantitativos subjacentes ao Bloco III.

### Estrutura da dissertação

Esta dissertação, para além da presente Introdução, inclui cinco secções: três capítulos que integram os estudos desenvolvidos<sup>14</sup>, Discussão Integrada e Secção Final.

No primeiro capítulo – *Estudo Prévio* –, apresenta-se o estudo de adaptação e contributos para a validação de um instrumento utilizado nos estudos dos Capítulos II e III – *Questionário de Valores Pessoais Readaptado*.

O segundo capítulo – *Flutuações familiares intergeracionais: semelhanças e diferenças de estilos educativos parentais e de valores* – engloba dois estudos empíricos de carácter quantitativo (Bloco II) focados na semelhança ou continuidade dos padrões

<sup>14</sup> Os estudos que integram os capítulos I, II e III foram submetidos para publicação em revistas científicas nacionais e internacionais, pelo que serão apresentados sob a forma de artigo científico.

familiares, ao longo das gerações. As amostras de ambos os estudos são tríades emparelhadas (mãe, pai e filho adolescente) e a Geração 1 (dos avós, G1) é avaliada em termos retrospectivos, através da percepção da Geração 2 (Pais). Assim, o Estudo 2 está centrado na continuidade de estilos educativos parentais entre a G1 e a G2 e na concordância de estilos educativos parentais, através do confronto entre os mapas de parentalidade da Geração 2, representação dos pais sobre si próprios, e a representação que os filhos (Geração 3) têm relação à parentalidade dos pais. O estudo 3 foca-se na análise dos valores ao longo das gerações (G1-G2-G3) e na influência da percepção da G2 em relação aos valores na G1, bem como na semelhança entre os valores da G2-G3.

O terceiro capítulo, *O papel das representações familiares e parentais nos valores a dois tempos: passado e presente*, inclui dois estudos quantitativos (Bloco III) centrados no papel da qualidade percebida das práticas parentais e da qualidade percebida das relações familiares na aquisição de valores. No Estudo 4, realizado com uma amostra de pais com filhos adolescentes, investigamos o papel da qualidade percebida das relações familiares e da qualidade percebida das práticas parentais e nos valores colectivos e hedonistas dos pais. Por fim, no Estudo 5, com um recorte de uma amostra de adolescentes, investigamos o papel mediador da qualidade percebida das relações familiares entre a qualidade percebida das práticas parentais e os valores colectivos e hedonistas dos adolescentes.

Na *Discussão Integrada*, desenvolvemos um (possível) *diálogo* integrado e holístico dos principais resultados dos estudos, tendo como base os contornos teóricos e metodológicos que assumimos. Recorremo-nos também dos resultados preliminares da análise qualitativa de dados para a aprofundar (e dar voz à) a interpretação dos resultados nos estudo quantitativos. Pretendemos, ainda, construir uma reflexão crítica e dialógica

sobre este processo de investigação, apontando as suas limitações, as suas possíveis implicações para a intervenção clínica ou preventiva familiar e para estudos futuros.

Finalmente, na Secção Final – *Para uma conclusão divergente* –, em tom de *terminus* da dissertação, estruturamos uma reflexão sobre as reflexões que partilhamos.

## Referências

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios familiares* (3ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 449-460.
- Ângelo, C. (1995). A escolha do parceiro. In M. Andolfi, C. Ângelo & C. Saccu (Eds.), *A crise do casal* (pp. 47-57). São Paulo: Summus.
- Bailey, J. A., Hill, K. G., Oesterle, S., & Hawkins, J. D. (2009). Parenting practices and problem behaviors across three generations: monitoring, harsh discipline, and drug use in the intergenerational transmission of externalizing behavior. *Developmental Psychology*, 45, 1214-1226. doi:10.1037/a0016129
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. New York: General Learning Press.
- Baptista, A. (2010). *Adolescentes de famílias de coabitação monoparental e de família nucleares intactas: Valores e processo de transmissão intergeracional*. Tese de Mestrado Integrado apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (manuscrito não publicado).
- Barni, D., Ranieri, S., Scabini, E., & Rosnati, R. (2011). Value transmission in the family: Do adolescents accept the values their parents want to transmit? *Journal of Moral Education*, 40, 105-121. doi:10.1080/03057240.2011.553797
- Bateson, G. (1996). *Metadiálogos* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Bateson, G. (1987). *Natureza e Espírito*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Bateson, G. (1987). *Natureza e espírito: Uma unidade necessária*. Lisboa: D. Quixote.
- Belsky, J., Conger, R., & Capaldi, D.M. (2009). The Intergenerational Transmission of Parenting: Introduction to the Special Section. *Developmental Psychology*, 45, 1201-1204. doi:10.1037/a0016245

- Belsky, J., Hancox, R. J., Sligo, J., & Poulton, R. (2012). Does being an older parent attenuate the intergenerational transmission of parenting? *Developmental Psychology*, 48, 1570-1574. doi:10.1037/a0027599
- Belsky, J., Jaffee, S., Sligo, J., Woodward, L., & Silva, P. (2005). Intergenerational transmission of warm-sensitive stimulating parenting: a prospective study of mothers and fathers of 3-years-old. *Child Development*, 76, 384-396. doi:10.1111/j.1467-8624.2005.00852.x
- Bernal, A., Rivas, S., Urpí, C., & Repáraz, R. (2011). Social values and authority in education: Collaboration between school and families. *International Journal about Parents in Education*, 5(2), 134-143.
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (2002). *Cross-cultural psychology: Research and applications* (Vol. 2). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511974274
- von Bertalanffy, L. (1968). *Teoria geral dos sistemas*. S. Paulo: Vozes.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1997). Famílias brasileiras do século XX: Os valores e as práticas de educação da criança. *Temas em Psicologia*, 3, 33-49.
- Biggs, S. (2007). Thinking about generations: conceptual positions and policy implications. *Journal of Social Issues*, 63, 695-711. doi: 10.1111/j.1540-4560.2007.00531.x
- Boehnke, K. (2001). Parent-offspring value transmission in a societal context: Suggestions for a utopian research design—with empirical underpinnings. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 241-255. doi: 10.1177/0022022101032002010
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. M. (2008). *Lealtades invisibles: Reciprocidad en terapia familiar intergeracional*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: J. Aronson.



- Bowlby, J. (2001). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531. doi:10.1037/0003-066X.32.7.513
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742. doi:10.1037/0012-1649.22.6.723
- Brown, B. B. (2004). Adolescents' relationships with peers. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (2<sup>nd</sup> ed., pp. 363-394). Hoboken, NJ: Wiley.
- Byng-Hall, J. (1990). Attachment theory and family therapy: A clinical view. *Infant Mental Health Journal*, 11(3), 228-336.
- Byng-Hall, J. (2008). The crucial roles of attachment in family therapy. *Journal of Family Therapy*, 30, 129-146. doi:10.1111/j.1467-6427.2008.00422.x
- Campbell, J., & Gilmore, L. (2007). Intergenerational continuities and discontinuities in parenting styles. *Australian Journal of Psychology*, 59, 140-150. doi:10.1080/00049530701449471
- Capaldi, D., & Clark, S. (1998). Prospective family predictors of aggression toward female partners for at-risk young men. *Developmental Psychology*, 34, 1175-1199. doi:10.1037/0012-1649.34.6.1175
- Capaldi, D., Pears, K., Patterson, G., & Owen, D. (2003). Continuity of parenting practices across generations in an at-risk sample: a prospective comparison of direct and mediated associations. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31(2), 127-142.

- Carvalho, L. X. (2013). *Literacia social: Os valores como fundamento de competência*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Católica Portuguesa, Porto (manuscrito não publicado).
- Cavalli-Sforza, L. L., & Feldman, M. W. (1981). *Cultural transmission and evolution: A quantitative approach*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Conger, R. D., & Conger, K. L. (2002). Resilience in Midwestern families: Selected findings from the first decade of a prospective, longitudinal study. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 361–373
- Conger, R. D., Belsky, J., & Capaldi, D. (2009). The intergenerational transmission of parenting: Closing comments for the special section. *Developmental Psychology*, 45, 1276-1283. doi:10.1037/a0016911
- Constanzo, P. R., & Hoy, M. B. (2007). Intergenerational relations: themes, prospects, and possibilities. *Journal of Social Issues*, 63, 885-902. doi:10.1111/j.15404560.2007.00542.x
- Corigliano, A. M. (1999). A dimensão transgeracional entre o mito e o segredo. In B. Prieur (Ed.). *As heranças familiares* (pp. 75-86). Lisboa: Climepsi.
- Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2005). Two central roles for couple relationships: Breaking negative intergenerational patterns and enhancing children's adaptation. *Sexual and Relationship Therapy*, 20, 275-288. doi:10.1080/14681990500140859
- Daatland, S. O. (2007). Marital history and intergenerational solidarity and impact of divorce and unmarried cohabitation. *Journal of Social Issues*, 63, 869-825. doi:10.1111/j.1540-4560.2007.00538.x
- Daly, K. (2007). *Qualitative methods for family studies and human development*. Thousand Oaks: Sage Publications.

- Daniel, E., Schiefer, D, Möllering, A., Benisch-Weisman, M., Boehnke, K., & Knafo, A. (2012). Value differentiation in adolescence: the role of age and cultural complexity. *Child Development*, 1, 322-336. doi:10.1111/j.1467-8624.2011.01694.x
- Darling, N. & Steinberg, I. (1993). Parenting style as a context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496. doi:10.1037//0033-2909.113.3.487
- Duarte, J. (2010). *Valores e estilos educativos parentais em família nucleares intactas*. Tese de Mestrado Integrado apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (manuscrito não publicado).
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. (2005). Passando a história a limpo: O impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 67-80). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.
- French, D., Eisenberg, N., Purwano, J., & Sallquist, U. (2012). The social context of religion in Indonesian Muslim adolescents. In G. Trommsdorff & X. Chen (Eds.), *Values, religion, and culture in adolescent development* (pp. 146-163). New York: Cambridge University Press.
- Grotevant, H. D., & Cooper, C. R. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, 56, 415-428. doi:10.1111/1467-8624.ep7251638

- Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Development Psychology*, 30, 4-19. doi:10.1037//0012-1649.30.1.4
- Grusec, J., Goodnow, J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analyses of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71(1), 205-211.
- Guba, E., & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Hall, C. M. (1981). *The Bowen family theory and its uses*. New York: Jason Aronson.
- Hesse-Biber, S. N., & Leavy, P. (2011). *The practice of qualitative research* (2<sup>nd</sup> ed.). Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Honeycutt, H. (2006). Studying evolution in action: Foundations for a transgenerational comparative psychology. *International Journal of Comparative Psychology*, 19(2), 170-184.
- Hynie, M., Lalonde, R. N., & Lee, N. S. (2006). Parent-child value transmission among Chinese immigrants to North America: The case of traditional mate preferences. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 12, 230-244. doi:10.1037/1099-9809.12.2.230
- van Ijzendoorn, M. H. (1992). Intergenerational transmission of parenting: a review of studies on nonclinical populations. *Development Review*, 12, 76-99. doi:10.1016/0273-2297(92)90004-L
- Imber-Black, E. (1994). Segredos na família e na terapia familiar: Uma visão geral. In E. Imber-Black (Ed.), *Os segredos na família e na terapia familiar* (pp. 15-39). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2013). Famílias nos Censos 2011: Diversidade e Mudança. *Destaque INE*. Retirado de [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt)
- Jacinto, A. (2010). *Co-construção intergeracional de valores: à procura de um modelo sistémico*. Tese de Mestrado Integrado apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (manuscrito não publicado).
- Kagitçibasi, C. (1996). The autonomous-relational self: A new synthesis. *European Psychologist*, 1, 180–186. doi:10.1027/1016-9040.1.3.180
- Kemp, C. L. (2007). Grandparent-grandchild ties: reflections on continuity and change across three generations. *Journal of Family Issues*, 28, 855-880. doi:10.1177/0192513X07299599
- Kerr, D., Capaldi, D., Pears, K., & Owen, L. (2009). A prospective three generational study of fathers' constructive parenting: influences from family of origin, adolescent adjustment, and offspring temperament. *Developmental Psychology*, 45, 1257-1274. doi:10.1037/a0015863
- Kitzinger, J. (1995). Qualitative research: Introducing focus groups. *British Medical Journal*, 311(7000), 299-302.
- Knafo, A. (2003). Contexts, relationship quality, and family value socialization: The case of parent-school ideological fit in Israel. *Personal Relationships*, 10, 373-390. doi:10.1111/1475-6811.00055
- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2003). Parenting and adolescents' accuracy in perceiving parental values. *Child Development*, 74, 595-611. doi:10.1111/14678624.7402018

- Kovan, N., Chung, A., & Sroufe, A. (2009). The intergenerational continuity of observed early parenting: a prospective, longitudinal study. *Developmental Psychology*, 45, 1205-1213. doi:10.1037/a0016542
- Krom, M. (2000). *Família e mitos, prevenção e terapia: Resgatando histórias*. São Paulo: Summus.
- Larson, R. W., Jensen, L., Kang, H., Griffith, A., & Rompala, V. (2012). Peer group as a crucible of positive value development in a global world. In G. Trommsdorff & X. Chen (Eds.), *Values, Religion, and Culture in Adolescent Development* (pp. 164-187). New York: Cambridge University Press.
- Linares, J. L. (1996). *Identidad y narrativa – La terapia familiar en la práctica clínica*. Barcelona: Paidós Terapia Familiar.
- Lipovetsky, G. (2010). *O crepúsculo do dever* (4ª ed.). Lisboa: D. Quixote.
- Lorenz, K. (1992). *Os Oito Pecados Mortais da Civilização*. Lisboa: Litoral Edições.
- Marcia, J. E. (2001). A Commentary on Seth Schwartz's review of identity theory and research. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 1(1), 59-65.
- Marcia, J. E. (2002). Identity and psychosocial development in adulthood. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 2(1), 7-28.
- Marin, A. H., Martins, G. D., Freitas, A. P., Silva, I. M., Lopes, R. C., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: Evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29, 123-132. doi:10.1590/S0102-37722013000200001
- Miermont, J. (1994). *Dicionário de terapias familiares: Teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Miller, R. B., Anderson, S., & Keala, D. K. (2004). Is Bowen theory valid? A review of basic research. *Journal of Marriage and Family Therapy*, 30(4), 453-466.

- Morgan, D. (1996). Focus groups. *Annual Review of Sociology*, 22(1), 129-152.
- Morin, E. (1994). *Ciência com consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Narciso, I. (2002). Janela com vista para a intimidade. *Psychologica*, 31, 49-62.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Neppl, T. K., Scaramella, L. V., Conger, R. D., & Ontai, L. L. (2009). Intergenerational continuity in parenting behavior: Mediating pathways and child effects. *Developmental Psychology*, 45, 1241-1256. doi:10.1037/a0014850
- Palazzoli, M. S., Boscolo, L., Cecchin, G., & Prata, G. (1980). *Paradoxe et contreparadoxe: Un nouveau mode thérapeutique face aux familles a transaction schizophrénique* (3<sup>e</sup> édition). Paris: Les Éditions ESF.
- Patterson, G. R. (1998). Continuities – A search for causal mechanisms: Comment on the special section. *Developmental Psychology*, 34, 1163 – 1168. doi:10.1037//0012-1649.34.6.1263
- Peleg-Popko, O. (2004). Differentiation and test anxiety in adolescents. *Journal of Adolescence*, 27, 645-662. doi:10.1016/j.adolescence.2004.06.002
- Pereira, A. I. F. (2009). *Crescer em relação: Estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento. Estudo longitudinal com crianças em idade escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, A. I., Canavarro, C., Cardoso, M. F., Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 454-464. doi:10.1007/s10826-008-9249-3

- Phalet, K., & Schönplflug, U. (2001). Intergenerational transmission in Turkish immigrant families: Parental collectivism, achievement values and gender differences. *Journal of Comparative Family Studies*, 32(4), 489-504.
- Pina Prata, F. X. (1981). Murray Bowen – uma entrevista a Murrey Bowen (1976). In F. X. Pina Prata (Ed.), *Patologia organizacional, Patologia familiar e sistémica inter-relacional* (pp. 51-77). Lisboa: Associação Portuguesa de Terapia Familiar e Comunitária.
- Pina Prata, F. X. (1991). As encruzilhadas do pedido de terapia familiar. Documento não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação da Universidade de Lisboa.
- Pinquart, M., & Silbereisen, R. K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of value content and authoritative parenting. *Adolescence*, 39(153), 83-100.
- Prencipe, A., & Helwig, C. C. (2002). The development of reasoning about the teaching of values in school and family contexts. *Child Development*, 73(3), 841-856.
- Prigogine, I., & Stengers, I. (1990). *Entre o tempo e a eternidade*. Lisboa: Gradiva.
- Prinstein, M. J., & Dodge, K. A. (2008). Current issues in peer influence research. In M. J. Prinstein & K. A. Dodge (Eds.), *Understanding peer influence in children and adolescents* (pp. 3-13). New York: Guilford Press.
- Relvas, A. P. (2006). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P. (2009). Prefácio. In I. Narciso & M. T. Ribeiro, *Olhares sobre a conjugalidade* (pp. 13-16). Lisboa: Coisas de Ler.



- Ribeiro, M. T. (1994). Família e Psicologia. In *Traços da Família Portuguesa* (pp.55-76). Lisboa: Direcção-Geral da Família, Ministério do Emprego e da Segurança Social.
- Roest, A. M., Dubas, J., & Gerris, J. R. (2009). Value transmissions between fathers, mothers, and adolescent and emerging adult children: The role of the family climate. *Journal of Family Psychology*, 23, 146-155. doi:10.1037/a0015075
- Roest, A. M., Dubas, J., Gerris, J. R., & Engels, R. C. (2009). Value similarities among fathers, mothers, and adolescents and the role of a cultural stereotype: Different measurement strategies reconsidered. *Journal of Research on Adolescence*, 19, 812-833. doi:10.1111/j.1532-7795.2009.00621.x
- Rogoff, B. (1998). Cognition as a collaborative process. In D. Kuhn & R.S. Siegler (Eds.), *Cognition, perception and language* [Vol. 2, *Handbook of Child Psychology* (5<sup>th</sup> ed.), W. Damon (Ed.)] pp. 679-744. New York: Wiley.
- Rohan, M. J., & Zanna, M. P. (1996). Value transmission in families. In C. Seligman, J. M. Olson, & M. P. Zanna (Eds.), *The psychology of values: The Ontario symposium* (Vol. 8, pp. 253–276). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rutter, M. (1998). Some research considerations on intergenerational continuities and discontinuities: Comment on the special section. *Developmental Psychology*, 34, 1269-1273. doi:10.1037//0012-1649.34.6.1269
- Schönpflug, U. (2001). Intergenerational transmission of values: The role of transmission belts. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 174-185. doi:10.1177/0022022101032002005
- Schönpflug, U., & Bilz, L. (2009). The transmission process: Mechanisms and contexts. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental,*

- social, and methodological aspects* (pp. 212-240). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511804670
- Schwartz, S. H., & Bardi, A. (2001). Values hierarchies across cultures: Taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 268-268. doi:10.1177/0022022101032003002
- Simons, R. L., Whitbeck, L. B., Conger, R. D., & Wu, C. (1991). Intergenerational transmission of harsh parenting. *Developmental Psychology*, 27(1), 159-171. doi:10.1037/0012-1649.27.1.159
- Skowron, E. A. (2000). The role of differentiation of self in marital adjustment. *Journal of Counseling Psychology*, 47, 229-237. doi:10.1037/0022-0167.47.2.229
- Skowron, E.A., & Friedlander, M.L. (1998). The Differentiation of Self Inventory: Development and initial validation. *Journal of Counseling Psychology*, 45, 235-246. doi:10.1037/0022-0167.45.3.235
- Smith, C.A., & Farrington, D.P. (2004). Continuities in antisocial behavior and parenting across three generations. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43, 230-247. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00216.x
- Teddlie, C., & Tashakkori, A. (2009). *Foundations of mixed methods research: Integrating quantitative and qualitative approaches in the social and behavioral sciences*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Topham, G. L, Larson, J. H., & Holman, T. B. (2005). Family-of-origin predictors of hostile conflict in early marriage. *Contemporary Family Therapy*, 27, 101-121. doi:10.1007/s10591-004-1973-2
- Trommsdorff, G. (2009). Intergenerational relations and cultural transmissions. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and*

*methodological aspects* (pp.126-160). New York: Cambridge University Press.  
doi:10.1017/CBO9780511804670

- Vaughn, S., Schumm, J. S., & Sinagub, J. (1996). *Focus group interviews in education and psychology*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Wagner, A., & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade: Uma revisão teórica sobre o tema. *Psicologia Clínica*, 13, 11-24.
- Walsh, F. (1985). Social change, disequilibrium, and adaptation in developing countries: a Moroccan example. In J. Schwartzman (Ed.). *Families and other systems: The macrosystemic context of family therapy* (pp. 244-259). New York: The Guilford Press.
- Wampler, K. S., Shi, L., Nelson, B. S., & Kimball, T. G. (2003). The adult attachment interview and observed couple interaction: Implications for an intergenerational perspective on couple therapy. *Family Process*, 42(4), 497-515.
- Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional dos estilos parentais. *Paidéia*, 16, 407-414. doi:10.1590/S0103-863X2006000300011
- White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. New York: Norton & Company.
-



# Capítulo I

---

## Estudo Prévio<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M. (2012). Questionário de Valores Pessoais Readaptado: processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 34, 175-199.



## **Questionário de Valores Pessoais Readaptado: Processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação**

### **Resumo**

Este trabalho apresenta o processo de desenvolvimento e os estudos iniciais de validação do Questionário de Valores Pessoais Readaptado (QVPR), um instrumento de avaliação da importância dos valores, enquanto princípios guia da vida, desenvolvido através do Questionário de Valores Pessoais (Schwartz, 1992; tradução e adaptação: Menezes & Campos, 1991). Participaram no estudo 630 indivíduos (15-73 anos), respondendo ao QVPR e a um questionário de dados sociodemográficos. Da análise factorial exploratória, realizada com 67 itens, resultou uma estrutura de oito factores – *Relacional, Tradicionalismo, Aventura, Poder Social, Equilíbrio Pessoal, Realização Pessoal, Preocupação Social, Espiritualidade* –, com níveis bastante adequados de consistência interna, e 63 itens. A análise das diferenças entre sexos, nas dimensões dos valores, evidencia que, para as mulheres, os valores inerentes às dimensões *Relacional, Espiritualidade e Equilíbrio Pessoal* são mais centrais enquanto princípios guia da sua vida, o que corrobora, parcialmente, resultados de outros estudos. No estudo transversal, as diferenças intergrupos observadas, nas dimensões *Tradicionalismo, Aventura, Espiritualidade e Realização Pessoal*, sugerem a concordância da importância da maioria das dimensões, ao longo do ciclo de vida, e a divergência nas significações, de acordo com as diferentes tarefas desenvolvimentais inerentes a cada grupo etário. O QVPR pode constituir-se como um instrumento de avaliação das motivações para o comportamento individual e para o sentido da vida, permitindo caracterizar e diferenciar pessoas e grupos.

*Palavras-chave:* valores; estudo inicial de validação; Questionário de Valores Pessoais Readaptado.

**Personal Values Questionnaire Readapted:  
development process and initial contributions to the validation**

**Abstract**

This paper presents the development process and validation initial studies of the Personal Values Questionnaire Readaptated (QVPR), an instrument for assessing the importance of values as guiding principles in life, developed through Personal Values Questionnaire (Schwartz, 1992; translational and adaptation: Menezes & Campos, 1991). The study involved 630 subjects (15-73 years), answered the QVPR and a questionnaire about socio-demographic information. Exploratory factor analysis, conducted with 67 items, resulted in a structure of eight factors – *Relational, Traditionalism, Adventure, Social Power, Personal Balance, Personal Achievement, Social Concern, Spirituality* – with very adequate levels of internal consistency, and 63 items. The analysis of sex differences in the values dimensions demonstrates that, for women, the values inherent in the dimensions *Relation, Spirituality* and *Personal Balance* are more central while guiding principles of their lives, which supports, in part, results from other studies. In cross-sectional study, the differences observed between groups suggests agreement of most dimensions, throughout the life cycle, and the deviation significance of the dimensions, according to the different developmental tasks inherent in each age group. The QVPR can establish itself as an instrument of evaluation of the motivations for individual behavior and the meaning of life, allowing to characterize and differentiate people and groups.

*Keywords:* values; validation initial study; Personal Values Questionnaire Readapted.



## Introdução

Os *valores*, enquanto um conjunto de princípios através dos quais se fundamenta as decisões e o sentido da vida, constituíram objecto de reflexão, conceptualização e estudo, por autores de várias áreas (e.g., Alberoni, 2000; Lipovetski, 2002; Rokeach, 1976, 1979; Schwartz & Bilsky, 1990). De acordo com Schwartz e Bilsky (1990), os valores podem ser conceptualizados como “(a) conceitos ou crenças (b) acerca de comportamentos ou estados desejados (c) que transcendem situações específicas, (d) guiam, seleccionam ou avaliam o comportamento e os acontecimentos e (e) estão ordenados de acordo com a sua importância relativa” (p. 878). O estudo dos valores apresenta alguns desafios, nomeadamente, (a) a impossibilidade de serem observados, a confusão frequente com outros fenómenos sociais e psicológicos e o facto de o seu conteúdo variar historicamente e culturalmente, (b) a falta de clareza das teorias actuais na explicação de como os valores modelam o comportamento e (c) as dificuldades na mensuração dos valores (Hitlin & Piliavin, 2004). Têm sido desenvolvidos vários estudos que desafiam satisfatoriamente estes obstáculos (Hitlin & Piliavin, 2004) e foram desenvolvidos alguns instrumentos universais para medir a importância dos valores enquanto princípios orientadores da vida (e.g., Rokeach Value Survey, RVS, Rokeach, 1973; Questionário de Valores Pessoais, QVP, Schwartz, 1992; tradução e adaptação: Menezes & Campos, 1991). Este estudo centra-se no processo de desenvolvimento de um instrumento de valores, sensível ao *zeitgeist* e aos imperativos e *identidade* da sociedade portuguesa actual, com base na readaptação da versão portuguesa do QVP.

Os instrumentos universais existentes que mensuram os valores, por serem nomotéticos, não permitem o foco em valores culturais específicos, idiossincráticos, que podem ter uma saliência ou importância distinta em determinadas culturas. Para além das pessoas viverem num mundo orientado por valores *macrossistémicos*, elas próprias criam

valores, no seu *microsistema*, de acordo com a sua perspectiva pessoal, contribuindo com os seus valores próprios para o mundo (Brofenbrenner, 1986; Hermans & Oles, 1993). Neste sentido, os valores, para além de criarem e preservarem um sentido de identidade pessoal, dando coerência e continuidade aos padrões comportamentais (Caprana, Schwartz, Capanna, Vecchione, Barbaranelli, 2006), contribuem para o desenvolvimento das relações que os indivíduos estabelecem ao longo da vida, sendo também desenvolvidos através destas (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002). Apesar de serem relativamente estáveis temporal e situacionalmente (Bilsky & Schwartz, 1994), podem sofrer alterações, consoante as mudanças nos sistemas em interação com o indivíduo e as valorações que evocam. Assim, a importância que o indivíduo atribui a cada valor é reflexo e reflector da significação das suas experiências, da sua personalidade, do contexto e da cultura em que se insere (Hermans & Oles, 1993; Prince-Gibson & Schwartz, 1998).

De acordo com a literatura consultada, parece-nos possível delinear três linhas de investigação sobre valores: (1) referente a modelos e a teorias dos valores humanos básicos universais e ao teste da sua validade; (2) alusiva à correlação entre os valores e outras variáveis individuais e familiares; e (3) centrada na transmissão e no conflito intergeracional de valores, frequentemente com foco na família. Pela sua pertinência para o presente estudo, a primeira linha identificada será a mais explorada neste trabalho.

### **Modelos e teorias dos valores humanos básicos universais**

A pesquisa científica na área dos valores foi impulsionada pelos trabalhos de Allport e Vernon (1931), com o desenvolvimento de um instrumento para medir as hierarquias individuais em relação a seis tipos de valores (económicos, políticos,

estéticos, sociais, religiosos e teóricos) inferidos dos tipos de valores finais<sup>16</sup>, postulados por Spranger (1924, cit. por Hermans & Oles, 1993). Um estudo mais recente de Hermans e Oles (1993) investigou o significado dos valores de Spranger (1924), em termos das valorações<sup>17</sup>, com o intuito de perceber a conjugação prática dos valores ideais nas vidas individuais. Apesar de os valores humanos serem, frequentemente, concebidos enquanto estruturas estáveis e coerentes que guiam a acção e formam uma base cultural comunitária, os resultados do estudo de Hermans e Oles (1993) sugerem a) uma perspectiva mais complexa dos valores humanos, na qual as pessoas são agentes activas, capazes de interpretar, partilhar e alterar a sua própria realidade, pelo que, para além de internalizarem valores, atribuem-lhes um significado próprio, sendo que, para cada tipo de valor, surgem diferentes valorações e diferentes modalidades afectivas. Os valores de Spranger (1924) diferem quanto à sua potencialidade para evocar valorações pessoais: os valores sociais e religiosos - relativos à filosofia de vida, à identidade própria e aos papéis pessoais nas relações interpessoais - são poderosos na evocação de significados pessoais; e a importância dos valores económicos e políticos cinge-se a um nível social, não sendo centrais para o quotidiano pessoal (Hermans & Oles, 1993).

Surgiram outros contributos importantes na área para a medição empírica de valores, como o instrumento universal RVS (Rokeach, 1973). Rokeach (1976) enquadrou

---

<sup>16</sup> De acordo com Rokeach (1976) e Menezes e Campos (1991), *valores finais* podem ser conceptualizados como crenças ou concepções relativas a objectivos ou estados finais desejáveis (e.g., felicidade).

<sup>17</sup> De acordo com Hermans (1987), as valorações são construções subjectivas sobre o mundo, desenvolvidas através de um processo activo de construção de significação e ao seu produto – significado – , no qual se joga uma conjugação dinâmica do Eu (*I*), centro de organização e interpretação experiencial e o Mim (*Me*), resultado do processo interpretativo. A Teoria da Valoração (Hermans, 1991) considera que todas valorações têm inerente uma componente afectiva (positiva, negativa ou ambivalente), determinada pela procura de auto-realização (motivos S) e/ou contacto interpessoal (motivos O).

os valores numa teoria de organização, mudança e conflito nos sistemas de valores-atitudes-comportamentos, realçando a importância do conceito no processo. O autor propõe que, tendo componentes motivacionais, afectivas, cognitivas e comportamentais, os valores são dinâmicos e determinantes das atitudes e dos comportamentos, logo, permitem-nos uma visão explicativa mais abrangente, analítica e económica na descrição das semelhanças e diferenças entre pessoas, grupos e culturas (Rokeach, 1976). No RVS, a tarefa do participante consiste na ordenação dos valores de duas listas – instrumentais<sup>18</sup> e finais –, conforme a sua importância enquanto guia na sua vida (Bilsky, 2009). O estudo de Figueiredo (1985), um dos pioneiros nesta temática em Portugal, utilizou a RVS com uma amostra de estudantes universitários portugueses e respectivos pais. Os resultados mostram a) uma concordância hierárquica de quatro valores entre pais e filhos (*Dignidade, Flexibilidade, Prazer e Reconhecimento social*) e b) que os filhos atribuem maior importância a valores pessoais e relacionais, por estarem mais orientados para a auto-afirmação e autonomia, enquanto tarefas de vida, estando os pais mais orientados para a moralidade, pelo que valorizam mais princípios sociais (Figueiredo, 1985). Figueiredo (1985) sugere que a tendência de evolução dos valores obedece a um critério marcadamente individualista, no sentido da auto-realização, em detrimento de um critério social.

A influência de Schwartz e Bilsky na área foi marcada pela construção e validação empírica de um modelo universal dos valores humanos (TVBH), testado em mais de setenta países (Bilsky, 2009). Para os autores, os valores, em termos do seu conteúdo e função, representam respostas cognitivas, individuais e sociais a três exigências e tarefas

---

<sup>18</sup> *Valores instrumentais* podem ser definidos como crenças ou conceitos sobre formas comportamentais instrumentais desejáveis para atingir objectivos ou estados finais pretendidos (e.g., ser honesto, ser responsável) (Menezes e Campos, 1991; Rokeach, 1976).

universais: (1) as necessidades das pessoas, enquanto organismos biológicos; (2) as exigências da interacção social coordenada e (3) os requisitos para o bem-estar e a sobrevivência colectiva (Bilsky, 2009). Dada a possibilidade de identificação de um número elevado e diferenciado de valores, houve um agrupamento destes em dez categorias, reconhecidas em diferentes culturas e diferenciadas pelos tipos de interesse e conteúdo motivacional que têm subjacentes: *Poder*, *Realização*, *Hedonismo*, *Estimulação*, *Auto-determinação*, *Universalismo*, *Benevolência*, *Tradição*, *Conformidade* e *Segurança* (Menezes & Campos, 1991; Schwartz & Bilsky, 1990). Na TVHB, os dez domínios motivacionais encontram-se representados numa estrutura circular devido à sua organização num *continuum* motivacional dinâmico circular (para uma explicação mais aprofundada *vide* Schwartz & Bilsky, 1990) e, entre os domínios, existem relações de compatibilidade e de incompatibilidade, atendendo à semelhança ou diferença entre os objectivos motivacionais (Bilsky, 2009). Os valores estão também organizados em duas dimensões bipolares: (1) *Auto-transcendência* (Universalismo, Benevolência) vs. *Auto-promoção* (Poder, Realização), que reflectem o conflito entre o bem-estar e a aceitação dos outros como iguais e a procura do sucesso individual ou do domínio sobre os outros; (2) *Abertura à mudança* (Auto-determinação, Estimulação) vs. *Conservadorismo* (Segurança, Conformidade, Tradição), referentes ao conflito entre o desejo de autonomia intelectual, a liberdade e a mudança vs. obediência, a preservação das práticas tradicionais e a protecção da estabilidade. O Hedonismo está, simultaneamente, relacionado com a *Abertura à mudança* e a *Auto-promoção* (Schwartz & Rubel, 2005).

A insuficiência da RSV na sub-representação de valores (Bilsky, 2009), na não integração de valores de culturas não ocidentais e na impossibilidade de cotação de cada item numa escala e de identificação de valores negativos - opostos aos princípios orientadores da sua vida - (Menezes & Campos, 1991), levou Schwartz (1992) a construir

o Questionário de Valores Pessoais (QVP) com base no RVS. O QVP contém 56 itens, distribuídos por uma lista de valores finais e uma de valores instrumentais, e tem sido utilizado em várias investigações internacionais desde 1990, nas quais se têm confirmado os pressupostos teóricos de Schwartz. Uma das desvantagens do QVP é referente ao nível de abstracção requerido ao participante para a análise dos itens, pelo que não deve ser aplicado em amostras muito heterogéneas (Bilsky, 2009). De relevar, as semelhanças entre os tipos básicos ideais de Spranger (1925) e os tipos de valores de Schwartz (1992): os valores políticos têm características comuns com o domínio motivacional *Poder*; os valores sociais correspondem, em conteúdo, aos domínios motivacionais *Benevolência* e *Universalismo* de Schwartz; os valores económicos evidenciam elementos comuns com *Realização* e com *Poder*; os valores teóricos assemelham-se ao domínio *Auto-determinação*, os religiosos ao domínio motivacional *Tradição* e os valores estéticos ao *Universalismo* (Bilsky, 2009).

O QVP foi integrado no *European Social Survey* (Davidov, Schmidt, & Schwartz, 2008) e os resultados revelam, maioritariamente, uma concordância intercultural da estrutura dos valores. No primeiro estudo realizado em Portugal com o QVP, por Menezes e colaboradores (1989), com uma amostra de 163 estudantes universitários portugueses, a estrutura psicológica dos valores humanos proposta por Schwartz não é corroborada. Através de uma Análise Factorial, neste estudo, só foram encontradas seis dimensões – Maturidade, Social, Relacional, Hedonismo, Sucesso, Conformista e Manutenção da Tradição. Mais tarde, com uma amostra mais alargada e com recurso a análises multidimensionais, os resultados do estudo transversal de Menezes e Campos (1991) revelaram uma estrutura semelhante à postulada por Schwartz (1990), tendo emergido os dez domínios motivacionais, apesar de alguns se apresentarem aglutinados. Menezes e Campos (1991) propõem a existência de um processo de desenvolvimento dos

valores humanos, profundamente influenciado pelas tarefas do ciclo de vida com as quais os indivíduos se confrontam nos diferentes momentos de existência.

### **Correlação entre os valores e variáveis individuais**

Têm sido desenvolvidos vários estudos que relacionam os valores e a sua estrutura psicológica com outras variáveis, nomeadamente, diferenças entre sexos (Schwartz & Rubel, 2005), idade (Hitlin & Piliavin, 2004), escolhas políticas (Caprana, et al., 2006), preocupações (Schwartz, Sagiv, & Boehnke, 2000), confiança interpessoal, activismo político, atitudes perante a imigração (Schwartz, 2007) e níveis de confiança em instituições e religiosidade (Devos, Spini, & Schwartz, 2002). Alguns estudos têm evidenciado também a associação entre valores e variáveis da personalidade (Bilsky & Schwartz, 1994; Caprana et al, 2006). Bilsky e Schwartz (1994) sugerem a existência de (a) uma relação co-variante entre valores e traços de personalidade, quando os seus efeitos recíprocos aumentam a importância dos valores e acentuam uma tendência dos traços da personalidade (e.g., ciclo de *feedback* positivo: valores de auto-realização promovem padrões comportamentais congruentes – traços de personalidade assertivos – que, por sua vez, reforçam os valores de realização que promovem padrões comportamentais congruentes – assertividade); e de (b) uma relação compensatória entre valores e traços, quando o efeito recíproco trabalha em direcções opostas, i.e., os traços de personalidade funcionam como resposta às necessidades em défice e os valores associados aos traços são aqueles que têm subjacentes objectivos compensatórios do défice. Os resultados do estudo de Bilsky e Schwartz (1994) apontam para a existência de relações co-variantes entre a orientação social e o domínio motivacional *Auto-transcendência* e entre a agressividade e franqueza e o domínio motivacional *Auto-promoção* e de relações compensatórias entre as características impulsivas, inibitórias, de

tensão, somatização e de preocupação com a saúde e domínio motivacional *Conservadorismo*.

No que concerne ao estudo das diferenças de sexos na valorização dos domínios motivacionais, os estudos que utilizaram exclusivamente amostras portuguesas mostram que as mulheres atribuem maior relevo às dimensões Maturidade, Social e Relacional (Menezes et al., 1989). Um estudo transcultural de Schwartz e Rubel (2005), no qual está também incluída uma amostra portuguesa, mostra que os homens valorizam mais os domínios motivacionais *Poder*, *Estimulação*, *Hedonismo*, *Realização* e *Auto-direccionamento* e as mulheres dão mais importância aos tipos *Benevolência*, *Universalismo* e *Segurança*, enquanto princípios orientadores da sua vida. Os autores interpretaram estas diferenças com base (a) numa perspectiva evolucionista, que considera a influência de diferentes contornos de adaptação, i.e., homens e mulheres terão sido submetidos a pressões evolutivas distintas, que levam ao desenvolvimento de mecanismos cognitivos e afectivos divergentes e, neste sentido, os valores, enquanto guias das atitudes e comportamentos, podem corresponder a estes mecanismos; (b) na Teoria dos Papéis Sociais, considerando que as experiências proporcionadas por papéis laborais, familiares e sociais, influenciam, directamente, o comportamento, a identidade e os valores básicos (Schwartz & Rubel, 2005).

### **Transmissão e conflito intergeracional de valores**

Tendo por base a abordagem sistémica, o desenvolvimento humano influencia e é influenciado por uma multiplicidade de agentes socializadores – família, grupos de pares, *media* e instituições – dinamicamente conectados, que se englobam, de um nível micro a um macro, constituindo um todo (Bronfenbrenner, 1986) e que influem na co-construção e interiorização de valores e competências sociais, havendo, concomitantemente,



transmissão e transformação intergeracional de valores (Bengtson et al. 2002). Têm sido estudados vários factores enquanto influentes na transmissão de valores entre pais e filhos – e.g., género (Bengtson et al., 2002), práticas parentais, comportamento dos pais enquanto modelo (Hoff, Laursen, & Tardif, 2002). Outros estudos mostram que a influência materna no desenvolvimento dos valores é mais forte do que a paterna para ambos os filhos, independentemente do sexo (Balanchó, 2004), o que poderá estar relacionado com graus distintos de envolvimento parental com os filhos (Parke, 2002). Vários autores têm identificado, enquanto variáveis mediadoras da eficácia da transmissão de valores parentais aos filhos, a *qualidade da relação* entre pais e filhos (Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000), a *comunicação*, mais especificamente, a explicação dos comportamentos dos pais (Spera, 2005) e o *estilo autoritativo* (Grusec et al., 2000; Pinquart & Silbereisen, 2004). Os resultados do estudo de Pinquart e Silbereisen (2004) sugerem que a transmissão de valores entre pais e filhos é evidente em relação a valores hedonistas, valores colectivos e papel sexual.

## **Método**

### **Participantes**

A amostra deste estudo corresponde a um recorte da amostra de um estudo mais alargado sobre Transmissão Intergeracional Familiar de Valores e Padrões Relacionais. A amostra é constituída por um total de 630 indivíduos (N=630). Como critério de exclusão foi estabelecido um limite mínimo no que respeita à idade (15 anos), pelo grau de abstracção requerido na interpretação de itens. A amostra é constituída por 33.7% indivíduos do sexo masculino e 66.3% do sexo feminino. A idade média dos participantes é de 30.38, com um desvio-padrão de 4.80, sendo o mínimo de idade 15 anos e o máximo 73 anos. Cerca de 84.3 % dos participantes da amostra vivem em

famílias nucleares intactas, 9.6% pertencem a famílias monoparentais e 6% a famílias reconstituídas. Quanto ao nível de escolaridade, 27.6% dos participantes têm, pelo menos, dez anos de ensino. A grande maioria dos participantes (73.1%) reside na Grande Lisboa e 18.6% na zona Centro.

## **Instrumentos**

**Questionário de Valores Pessoais Readaptado** (QVPR, versão original Schwartz, 1987; Adaptação e tradução para a população portuguesa: Menezes & Campos, 1989; Readaptação: Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2012). Os participantes completaram os 67 itens, correspondentes a valores finais, do QVPR. O QVPR é um questionário de auto-relato, baseado no QVP (Schwartz, 1990; tradução e adaptação: Menezes & Campos, 1991); a tarefa do participante consiste em avaliar quão importante é, para si, cada valor enquanto princípio orientador da sua vida, utilizando, para o efeito, uma escala de (0) “*Nada importante*” a (6) “*De importância fundamental*”. Em cada item, é apresentado um valor e uma definição, para diminuir a carga de subjectividade semântica na interpretação do item.

**Questionário sócio-demográfico.** Questões que permitem obter dados sócio-demográfico (sexo, idade) psicossociais (pessoas com quem habita, existência e número de filhos e de irmãos e estado civil e escolaridade dos pais) e pessoais (escolaridade, religiosidade, existência de acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico anterior ou actual e de doenças físicas).

## **Procedimento de desenvolvimento do instrumento**

Antes da readaptação do instrumento, foram realizadas oito entrevistas de *Focus Group* - a quatro grupos de adolescentes dos 15 aos 19 anos e a quatro grupos de pais com filhos adolescentes –, a partir das quais foi feito um estudo qualitativo preliminar em

termos dos valores emergentes, no sentido de avaliar a adequação e suficiência dos itens existentes no QVP (Schwartz, 1990; tradução e adaptação: Menezes & Campos, 1991). Dado que emergiram valores que não constavam nas listas de valores finais e instrumentais do QVP, acrescentaram-se os itens: *Família; Trabalho; Evolução; Ócio; Vida; Beleza Física; Positividade; Verdade; Generosidade; Educação; Esperança*. As explicações que procedem os itens foram baseadas nas existentes do QVP, tendo-se optado pelo uso de uma linguagem mais impessoal e substantiva, em vez de adjetiva (e.g., Positividade - perspectiva positiva face a si, aos outros e aos acontecimentos).

A lista de valores instrumentais do QVP (Schwartz, 1987; Tradução e adaptação: Menezes & Campos, 1991) foi reconceptualizada, no QVPR, numa lista única de valores finais. De acordo com as limitações conceptuais apontadas por Menezes e colaboradores (1989) e com as propriedades dos sistemas *circularidade*, *equifinalidade*, *totalidade* e *multifinalidade* (von Bertalanffy, 1934, cit. por Jones, 1999), se diferentes modos de comportamento (e.g., ser ambicioso, ser influente) poderão originar os mesmos estados finais desejáveis (e.g., poder social) – propriedade da *equifinalidade* -, comportamentos semelhantes (e.g., ser aberto) poderão determinar estados finais desejáveis díspares (e.g., liberdade, igualdade, reconhecimento social) - propriedade da *multifinalidade*. Pelo facto de a distinção entre valores finais e instrumentais não dever ser artificial e linear, é inviável uma conceptualização fechada e dicotómica. Por um lado, se há fluidez e inter-influência mútua na construção da hierarquia de valores individuais, uma identificação estática de valores de meio e de fim é enviesada (propriedade da *circularidade*). Por outro lado, a idiosincrasia individual leva à construção de diferentes hierarquias de valores - sensíveis à fase do ciclo de vida e a outras variáveis contextuais -, nas quais, possivelmente, os valores adquirem significações diversas e amplas, não encaixando em

*meios e fins* ou em modos comportamentais para atingir determinados estados desejáveis (propriedade da *totalidade*).

O QVPR foi administrado a um grupo-piloto de 25 pessoas, com o qual se discutiu a adequação vocabular e a compreensão dos itens e, da qual resultou a alteração da explicação de alguns itens. O QVPR foi também analisado por dois especialistas na área da Psicologia Social e da Psicologia da Família. Deu-se, então, início à recolha da amostra, através de um processo de amostragem não probabilístico, designado de amostragem de conveniência, por bola-de-neve. Foram feitas aplicações individuais e colectivas do QVPR, em vários estabelecimentos de ensino secundário e superior. Os participantes colaboraram voluntariamente, mediante a explicação dos objectivos do estudo, tendo sido garantida a confidencialidade e o anonimato dos dados.

## **Resultados**

O tratamento estatístico dos dados foi executado com recurso ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 17.0 for Windows*. A estrutura relacional dos 67 itens do QVPR foi avaliada pela Análise Factorial Exploratória (AFE), sobre uma matriz de correlações, com extracção dos factores pelo método de Componentes Principais, seguida de uma rotação ortogonal (*Varimax*), por esta permitir uma boa abordagem geral, maximizando a dispersão dos factores e simplificando a sua interpretação (Field, 2009). A opção tomada pelo uso da AFE em vez do Escalonamento Multidimensional, técnica utilizada para análise de dados nos estudos de Schwartz sobre valores, pode ser fundamentada por várias razões. De acordo com Maroco (2007), o Escalonamento Multidimensional é comparável a outras técnicas exploratórias multivariadas, como a AFE e a Análise de Clusters. A AFE permite definir um conjunto de factores/dimensões comuns de valores que representam, estrategicamente, a informação contida num

conjunto maior, e que explicam o mais possível a variação da avaliação dos participantes sobre os valores. Por outro lado, o Escalonamento Multidimensional define, através de um mapa espacial, um conjunto de dimensões, a partir da percepção de semelhança e dissemelhança dos participantes sobre os valores. Estando este estudo mais centrado na exploração da estrutura do QVPR, através da dedução dos factores latentes do conjunto de 67 valores, optou-se pela técnica da AFE.

### **Análise factorial exploratória**

A medida de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) mostra a adequação da amostra para a análise,  $KMO = .91$ , (valor excelente de acordo com Field, 2009) e todos os valores KMO para os itens individuais são superiores a  $.775$ , estando acima do valor de aceitação de  $.5$  (Field, 2009). O teste de esfericidade de *Bartlett* [ $\chi^2 (2211) = 14078.56, p < .001$ ] indica que as correlações entre os itens são suficientemente elevadas para a análise em *Componentes Principais*.

A análise inicial foi feita para obter *eigenvalues* para cada componente dos dados; 15 componentes apresentavam *eigenvalues* acima do critério de Kaiser de 1 e a sua combinação explica 57.20% da variância. Contudo, a ambiguidade do *scree-plot*, com dois pontos de inflexão, indicava que deveríamos reter entre quatro ou oito factores. Optámos por seguir a última opção, repetindo a análise factorial em *componentes principais*, com rotação *Varimax*, mas com a indicação de extracção de oito factores. O Quadro 1 apresenta a saturação de cada factor (valores superiores a  $.30$ ) com base nos coeficientes de correlação após rotação.

## Quadro 1.

*Resumo dos resultados da análise factorial exploratória (coeficientes de correlação) dos itens do QVPR (N=630), com saturação superior a .30, matriz de correlações entre factores e valores de alfa de Cronbach. Nota. A **negrito** estão os valores de saturação dos itens que, na versão final, pertencem a cada factor.*

ITEM	Factores							
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
1. Igualdade					<b>.39</b>		.34	
2. Harmonia Interior					<b>.61</b>			
3. Poder Social				<b>.47</b>				
4. Prazer			<b>.52</b>		.33			
5. Liberdade					<b>.55</b>			
6. Espiritualidade								<b>.63</b>
7. Sentido de Pertença								
8. Ordem Social				<b>.34</b>				
9. Família	<b>.34</b>							
10. Vida Excitante			<b>.68</b>					
11. Sentido de Vida					<b>.55</b>			
12. Polidez		<b>.50</b>						
13. Trabalho		<b>.44</b>						
14. Evolução		<b>.47</b>						
15. Ócio								
16. Fortuna				<b>.56</b>				
17. Segurança Nacional		<b>.55</b>		.30				
18. Respeito Próprio					<b>.51</b>			
19. Vida								
20. Reciprocidade de Favores		<b>.45</b>						
21. Criatividade			<b>.54</b>					
22. Mundo em Paz							<b>.40</b>	
23. Tradição		<b>.41</b>						
24. Amor	<b>.52</b>							
25. Auto-Disciplina		<b>.60</b>						
26. Privacidade		.34			<b>.43</b>			
27. Segurança Familiar	<b>.43</b>	.35						

28. Beleza Física			<b>.63</b>	
29. Positividade			<b>.31</b>	
30. Verdade	<b>.52</b>			
31. Reconhecimento Social			<b>.62</b>	
32. União com a Natureza				<b>.73</b>
33. Generosidade	<b>.46</b>			.33 .38
34. Vida Variada		<b>.68</b>		
35. Sabedoria			<b>.45</b>	
36. Autoridade		.32	<b>.48</b>	
37. Amizade	<b>.62</b>			
38. Mundo de Beleza		.32		<b>.56</b>
39. Justiça Social				<b>.52</b>
40. Independência Pessoal			<b>.46</b>	.36
41. Moderação	<b>.56</b>			
42. Higiene	<b>.56</b>			
43. Auto-Condescendência	<b>.50</b>			
44. Sucesso		.34	.37	<b>.38</b>
45. Inteligência			.32	<b>.56</b>
46. Lealdade	<b>.65</b>			
47. Ambição		.34	.35	<b>.39</b>
48. Abertura		.31	<b>-.35</b>	
49. Humildade	<b>.53</b>			
50. Audácia			<b>.63</b>	
51. Educação	<b>.40</b>			
52. Protecção do Ambiente				<b>.76</b>
53. Influência Social				<b>.76</b>
54. Respeito pelos Mais Velhos	<b>.46</b>	.33		
55. Escolha de Objectivos de Vida				<b>.48</b>
56. Responsabilidade	<b>.54</b>			.41
57. Curiosidade		<b>.48</b>		.33
58. Disponibilidade para os Outros	<b>.53</b>			.34
59. Religiosidade				<b>.74</b>
60. Saúde			<b>.30</b>	
61. Competência				<b>.56</b>
62. Aceitação da Vida		<b>.48</b>		
63. Honestidade	<b>.55</b>	-.36		
64. Preservação da Imagem			<b>.58</b>	

65. Esperança									<b>.51</b>
66. Obediência									<b>.56</b>
67. Perdão									.47
<i>Eigenvalues</i>	5.12	5.06	3.90	3.60	3.44	3.13	3.10	2.81	
% de variância explicada	7.60	7.55	5.82	5.37	5.14	4.67	4.61	4.20	
Matriz de Correlações									
Factor I	1								
Factor II	-.510	1							
Factor III	.008	.582	1						
Factor IV	-.013	-.465	.056	1					
Factor V	-.307	.118	-.056	-.097	1				
Factor VI	-.034	-.231	-.211	.390	.779	1			
Factor VII	.518	-.035	.427	-.002	-.201	-.639	1		
Factor VIII	-.366	.359	.379	-.494	.307	-.153	-.364	1	
Alfa	.855	.812	.770	.752	.752	.786	.728	.631	

O conjunto dos oito factores explica 45% da variância. Os itens 15 e 19 foram eliminados por apresentarem saturação inferior a .30 e o item 7 foi retirado por saturar igualmente nos Factores IV e V.

### Fidelidade

Excepto o Factor VIII - cujo alfa de Cronbach é de .63 -, o estudo da consistência interna revelou valores adequados, de .73 (Factor VII) a .86 (Factor I), como apresenta o Quadro 1. O estudo da consistência interna fez alterar a constituição do Factor IV, pela exclusão do item invertido 48, por diminuir o valor do alfa.

### Versão final do instrumento QVPR

A versão final apresenta um total de 63 itens, distribuídos pelos oito factores. Os factores que emergiram da AFE não correspondem aos domínios motivacionais considerados por Schwartz e Bilsky (1990), todavia, são revestidos de coerência teórica e conceptual. A conceptualização dos factores baseou-se na definição dos dez domínios motivacionais da Teoria dos Valores Humanos Básicos (Schwartz & Bilsky, 1990).



Ao Factor I, que engloba doze itens - que expressam a valorização, o respeito e a preocupação com o bem-estar dos outros -, foi atribuída a designação de *Relacional*. O Factor II, nomeado de *Tradicionalismo*, é composto por doze itens que remetem para o controlo de impulsos e a adesão aos costumes e ideologias, no sentido da conformidade com os padrões sócio-culturais vigentes. O Factor III, *Aventura*, integra seis itens que expressam a procura de novos desafios, excitação e prazer. O Factor IV, constituído por oito itens referentes à necessidade de domínio sobre os outros ou sobre recursos, foi conceptualizado por *Poder Social*. O Factor V, *Equilíbrio Pessoal*, integra nove itens – concernentes à harmonia pessoal e à necessidade de independência de O Factor VI, *Realização Pessoal*, representa a obtenção do êxito pessoal e do reconhecimento social, através de seis itens (Schwartz, 1992). O Factor VII, conceptualizado por *Preocupação Social*, contem cinco itens, e expressa preocupações ecológicas e pró-sociais (Schwartz, 1992). Por último, o Factor VIII, *Espiritualidade*, reúne quatro itens ligados à transcendência (Schwartz, 1992).

As oito dimensões foram organizadas em dois domínios, tendo em conta o foco dos valores englobados nas dimensões, num *continuum* relacional: foco no *Eu sem os Outros*, foco no *Eu e os Outros* e foco no *Eu com os Outros*. Assim, o domínio *Hedonista* engloba as dimensões *Aventura*, *Poder Social*, *Realização Pessoal* e *Equilíbrio Pessoal*, que remetem para valores maioritariamente singulares, focados no *Eu sem os Outros* e no *Eu e os Outros*. O domínio *Colectivo* reúne as dimensões *Relacional*, *Tradicionalismo*, *Preocupação Social* e *Espiritualidade*, que integram valores maioritariamente focados no *Eu com os Outros* e no *Eu e os Outros*. O estudo da consistência interna dos dois domínios revelou valores bastante adequados, o alfa do domínio *Colectivo* é de .882 e o do domínio *Hedonista* é de .896.

### Estatística descritiva do QVPR e diferenças entre sexos e entre grupos etários

A significância das diferenças entre as médias das oito dimensões dos valores entre participantes do sexo feminino vs. do sexo masculino foi avaliada com o teste *t*-Student para amostras independentes. As médias e desvios-padrão das pontuações dos oito factores para ambos os sexos encontram-se no Quadro 2, bem como os resultados do teste *t* de diferenças de médias entre participantes do sexo feminino e masculino.

Quadro 2.

*Estatística descritiva do QVPR, de acordo com o sexo, e diferenças entre sexos.*

Sexo	Feminino				Masculino			Teste <i>T</i>
Factor	Range	Min.	Máx.	Média (DP)	Min.	Máx.	Média (DP)	<i>t</i> (DF), <i>p</i>
Relacional	1-6	3.83	6.00	5.23 (.46)	3.00	6.00	5.10 (.50)	3.54 (619), <i>p</i> < .001
Tradicionalismo	1-6	2.67	5.92	4.51 (.55)	2.50	5.92	4.54 (.56)	-.710 (608), n.s.
Aventura	1-6	1.83	6.00	4.35 (.65)	2.5	6.00	4.37 (.65)	-.430 (611), n.s.
Poder Social	1-6	2.00	5.50	3.80 (.58)	1.38	5.25	3.87 (.65)	-1.45 (612), n.s.
Equilíbrio Pessoal	1-6	3.33	6.00	5.24 (.44)	2.56	6.00	5.06 (.50)	4.60 (619), <i>p</i> < .001
Realização Pessoal	1-6	2.83	6.00	4.81 (.55)	3.17	6.00	4.81 (.60)	.008 (623), n.s.
Preocupação Social	1-6	2.60	6.00	4.77 (.61)	2.60	6.00	4.69 (.71)	1.32 (624), n.s.
Espiritualidade	1-6	2.00	6.00	4.30 (.77)	1.75	6.00	4.02 (.83)	4.30 (622), <i>p</i> < .001

Para as participantes do sexo feminino, os valores inerentes às dimensões *Relacional*, do *Equilíbrio Pessoal* e da *Espiritualidade* são mais centrais enquanto princípios orientadores da sua vida, em relação aos participantes do sexo masculino.

Para o estudo das diferenças entre grupos etários, a amostra global foi dividida em quatro grupos, segundo um critério etário: o Grupo *Adolescentes* integra participantes com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos; o Grupo *Jovens Adultos* engloba participantes entre os 20 e os 30 anos; o Grupo *Adultos* reúne participantes com idades entre os 31 e os 49 anos; e o Grupo *Adultos Séniores* agrupa os participantes com idades iguais ou superiores a 50 anos. As médias e desvios-padrão das pontuações dos oito factores para os quatro grupos etários encontram-se no Quadro 3.

Foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis para comparar as médias das oito dimensões nos quatro etários Grupos formados, já que os dados violam os pressupostos para utilizar o teste ANOVA *one-way*. Como as médias das dimensões *Tradicionalismo* ( $H(3) = 30.05, p < .05$ ), *Aventura* ( $H(3) = 68.82, p < .05$ ), *Realização Pessoal* ( $H(3) = 28.70, p < .05$ ) e *Espiritualidade* ( $H(3) = 9.67, p < .05$ ) são significativamente influenciadas pelo grupo etário, foi utilizado o Teste de Mann-Whitney para analisar estas relações. Foi aplicada a correcção de Bonferroni, tal como sugere Field (2009), pelo que todos os resultados são reportados a um nível de significância de .0083. Os resultados mostram que a dimensão *Tradicionalismo* é significativamente superior no Grupo *Adolescentes* em relação aos Grupos *Jovens Adultos* ( $U = 14689.50, r = -.26$ ) e *Adultos* ( $U = 10415.00, r = -.17$ ); a dimensão *Aventura* é significativamente superior no Grupo *Adolescentes* em relação aos Grupos *Adultos* ( $U = 9623.00, r = -.23$ ) e *Adultos Séniores* ( $U = 2293.00, r = -.45$ ); a dimensão *Aventura* é significativamente superior no Grupo *Jovens Adultos* em relação aos Grupos *Adultos* ( $U = 11310.00, r = -.22$ ) e *Adultos Séniores* ( $U = 2756.50, r = -.42$ ); a dimensão *Realização Pessoal* é significativamente superior no Grupo *Adolescentes* em relação aos Grupos *Adultos* ( $U = 10623.00, r = -.19$ ) e *Adultos Séniores* ( $U = 4145.50, r = -.26$ ); a dimensão *Realização*

*Pessoal* é significativamente superior no Grupo *Jovens Adultos* em relação aos Grupos *Adultos* ( $U = 12973.50$ ,  $r = -.15$ ) e *Adultos Seniores* ( $U = 4950.00$ ,  $r = -.24$ ); a dimensão *Espiritualidade* é significativamente superior no Grupo *Adultos Seniores* em relação aos Grupos *Adolescentes* ( $U = 4765.50$ ,  $r = -.18$ ), *Jovens Adultos* ( $U = 56454.50$ ,  $r = -.16$ ) e *Adultos* ( $U = 3502.00$ ,  $r = -.19$ ).

O teste de Jonckheere revela uma tendência significativa nos dados: quanto maior a idade do Grupo etário, menores as médias das dimensões *Tradicionalismo* ( $J = 59729.50$ ;  $z = -2.63$ ;  $r = -.11$ ), *Aventura* ( $J = 49918.00$ ;  $z = -6.94$ ;  $r = -.21$ ) e *Realização Pessoal* ( $J = 57228.00$ ;  $z = -5.01$ ;  $r = -.20$ ).

## Quadro 3.

*Estatística descritiva do QVPR nos quatro grupos etários.*

	Adolescentes			Jovens Adultos			Adultos			Adultos Sêniore		
Factor	Min.	Máx.	Média (DP)	Min.	Máx.	Média (DP)	Min.	Máx.	Média (DP)	Min.	Máx.	Média (DP)
Relacional	3.00	6.00	5.16 (.55)	3.92	6.00	5.21 (.44)	4.08	6.00	5.17 (.42)	4.17	6.00	5.15 (.44)
Tradicionalismo	2.50	5.92	4.69 (.55)	2.92	5.75	4.40 (.57)	2.67	5.67	4.50 (.51)	3.42	5.58	4.56 (.47)
Aventura	2.69	6.00	4.51 (.62)	2.50	6.00	4.48 (.61)	1.83	5.67	4.19 (.62)	2.50	5.00	3.83 (.60)
Poder Social	2.00	5.25	3.87 (.60)	.38	5.50	3.77 (.64)	1.50	5.00	3.82 (.54)	2.00	5.25	3.80 (.61)
Equilíbrio Pessoal	2.56	6.00	5.16 (.56)	4.00	6.00	5.22 (.42)	3.56	6.00	5.16 (.41)	3.89	5.78	5.11 (.39)
Realização Pessoal	3.17	6.00	4.91 (.64)	2.83	6.00	4.88 (.55)	3.67	5.67	4.70 (.47)	3.17	5.83	4.57 (.51)
Preocupação Social	2.60	6.00	4.80 (.47)	2.60	6.00	4.68 (.65)	3.00	6.00	4.74 (.63)	3.40	6.00	4.83 (.52)
Espiritualidade	1.75	6.00	4.17 (.80)	2.25	6.00	4.20 (.80)	2.00	6.00	4.18 (.79)	1.75	6.00	4.41 (.85)
N	177			216			124			62		

## Discussão

O objectivo deste estudo centrou-se no desenvolvimento do QVPR e na apresentação dos estudos de validação. A análise factorial exploratória, com utilização do método Componentes Principais, com 67 itens, resultou numa versão final constituída por oito factores, organizados em dois domínios. O QVPR, com 63 itens, revelou ser uma medida consistente das várias dimensões de valores, que pretende avaliar. Os níveis de consistência interna apresentados pela maioria dos factores, avaliados pelo *alfa* de *Cronbach*, revelaram-se bastante adequados. O valor de *alfa* mais baixo apresentado pelo factor VIII (*Espiritualidade*), poderá ser explicado número reduzido de itens que o compõem e pelas diferenças marcadas entre os conceitos que agrupa – *Espiritualidade*, *Religiosidade*, *Esperança* e *Perdão*. Aos itens *Espiritualidade* e *Religiosidade* estão subjacentes um conjunto de crenças transcendentais que apelam para a vivência de um *estado desejável*, de uma dimensão interior, sobrenatural, não materializável, com raízes profundas na tradição religiosa portuguesa. Os itens *Perdão* e *Esperança*, apesar de estarem, também, circunscritos a uma esfera transcendente e de tradição religiosa, por serem princípios amplamente veiculados no Cristianismo, parecem salientar mais a manifestação uma estratégia adaptativa de resiliência, focada no desenvolvimento de uma força interior, no optimismo e na positividade da imprevisibilidade do futuro, constituindo recursos para lidar construtivamente com situações adversas.

Foram exploradas as diferenças entre sexos e entre grupos etários na valorização das dimensões dos valores. As diferenças de sexo, observadas nas dimensões *Relacional*, *Espiritualidade* e *Equilíbrio Pessoal*, mostram que para as mulheres, os valores inerentes a estas dimensões são mais centrais enquanto princípios guia da sua vida, o que corrobora, parcialmente, os resultados de estudos anteriores já referidos

(Schwartz & Rubel, 2005; Menezes et al., 1989; Menezes & Campos, 1991). Por um lado, as mulheres desenvolveram mais mecanismos adaptativos relacionais, baseados em valores relacionais, espirituais e de equilíbrio pessoal por serem mais estimuladas para a relação com os outros desde o nascimento (Matlin, 1993), por terem um papel privilegiado na maternidade e no envolvimento com os filhos e, pelo facto, da ligação com o outro ser, também, um princípio da religião/espiritualidade (Oliveira, 2000). Por outro lado, a entrada em força das mulheres no mundo do trabalho e a vivência de experiências propiciadas pela acumulação dos papéis laborais, familiares e sociais, reflecte-se nos valores das mulheres (Schwartz & Rubel, 2005), com a ausência de diferenças de sexo na valorização das dimensões de *Realização Pessoal* e *Poder*. Estas diferenças também poderão ser perspectivadas em termos dos motivos básicos subjacentes à experiência humana, identificados por Hermans (1991): as mulheres poderão orientar a sua vida e construção de narrativas pessoais por motivos O<sup>2</sup> (motivos centrados na união e no amor com outros, por oposição a motivos centrados na auto-valorização), procurando o contacto com os outros, o que se repercutirá na importância da relação com o outro.

De realçar que as diferenças reveladas pelos grupos etários são reduzidas, o que sugere a concordância da importância da maioria das dimensões, ao longo do ciclo de vida. Todavia, as disparidades podem ser interpretadas por diferenças nas significações das várias dimensões e nos motivos dominantes na procura de bem-estar, de acordo com as diferentes tarefas desenvolvimentais inerentes a cada grupo etário (Menezes & Campos, 1991). O facto da dimensão *Tradicionalismo* ser mais valorizada no grupo de *Adolescentes*, em comparação com os de *Jovens Adultos* e *Adultos* pode ter subjacente um processo de influência social, familiar e parental para a conformidade comportamental e a adopção de modelos, valores e crenças (Hall, 1981) tradicionais, no

sentido da manutenção da cultura social e familiar. Contudo, se assim for, a existência de um tempo livre de definição e estruturação, socialmente concedido, para a experiencição de vários papéis e valores - *moratória psicossocial* (Alarcão, 2006) – poderá, eventualmente, ser menos evidente. Por outro lado, poderá haver uma relação de compensação (Bilsky & Schwartz, 1994) entre a dimensão *Tradicionalismo* e a resolução da crise identitária; neste sentido, a valorização dos princípios tradicionais são uma resposta compensatória à necessidade de individuação, de um sentido de identidade e unicidade genuíno e diferenciado dos outros – que integre as transformações pessoais, as exigências sociais e as expectativas em relação ao futuro - e do reconhecimento desse todo interno único pelos outros (Sprinthall & Collins, 2003). Podemos, também, perspectivar a importância do tradicionalismo na vivência ambígua do equilíbrio da individuação com a vinculação, que poderá remeter para a conformidade familiar e social (Menezes & Campos, 1991).

As diferenças verificadas nas dimensões *Aventura e Realização Pessoal* entre os grupos *Adolescente* e *Jovem Adulto* e os restantes corroboram os resultados de outros estudos (e.g., Schwartz & Bardi, 2001), apontando para a prioridade da gratificação e liberdade pessoal. Estes resultados poderão evidenciar que, nos grupos *Adolescentes* e *Jovem Adultos*, os motivos S (de auto-realização, com foco no próprio)<sup>17</sup> sobrepõem-se aos motivos O (Hermans, 1991), pelo que as dimensões *Aventura e Realização Pessoal* evocam mais valorações positivas e são mais centrais enquanto princípios estruturadores e interpretativos da experiência do Eu. As mudanças físicas, sociais e cognitivas permitem aos adolescentes o desenvolvimento de um caminho centrífugo em relação à família (Relvas, 1996), no qual há uma subordinação da procura de autonomia e de um todo identitário consistente (enquanto tarefas desenvolvimentais) à realização pessoal. Para os adolescentes, a orientação da vida por valores como o prazer, a audácia



e a curiosidade tem subjacente o teste dos seus próprios limites - apoiado no egocentrismo metafísico e na fábula pessoal, i.e., crença na inimputabilidade das consequências dos seus comportamentos (Lourenço, 2002; Sprinthall & Collins, 2003). A cultura hedonista, focada no bem-estar e na realização pessoal, amplamente difundida pelos *media* (Lipovetsky, 2010), também promove e reforça os valores centrados na gratificação individual no aqui e no agora. Os comportamentos dos adolescentes orientados para a auto-realização assumem, também, uma importância central nesta fase, que a diferencia das outras, pelo peso que as tomadas de decisão escolares, referentes ao ensino secundário e superior, têm no delinear do seu projecto futuro e pela importância que é atribuída ao sucesso escolar e à competência, nos sistemas familiar e social. O estudo de Johnson (2002) mostrou que os valores dos adolescentes se tornam mais realistas à medida que os anos vão passando e que as suas aspirações se tornam mais limitadas com a entrada no mundo adulto.

Para o grupo *Jovens Adultos*, as diferenças nas dimensões apuradas expressam a vivência de uma etapa do desenvolvimento altamente desafiada, pela pluralidade de trajectórias possíveis – continuação dos estudos, entrada no mundo de trabalho, saída de casa, casamento, parentalidade, etc. (Gonçalves & Barros, 2008; Relvas, 2000). Num período de autonomização, independência familiar e económica, preparação e desenvolvimento de uma carreira profissional e de assumpção de novos papéis relacionais, sociais e laborais, a realização profissional repercutir-se-á em valores que promovam a realização de desejos pessoais. O sucesso deste desafio implicará, também, uma gestão inteligente entre os papéis laborais e de recreação, no sentido de potenciar o bem-estar através de uma multiplicidade de experiências.

Por último, as diferenças inter-grupos na dimensão *Espiritualidade* estão em consonância com outros estudos que referem que a religião e a espiritualidade tendem a aumentar com a idade (Oliveira, 2000).

O QVPR pode constituir-se como um instrumento de avaliação das motivações para o comportamento e para o sentido da vida, permitindo caracterizar e diferenciar pessoas e grupos. Em conjunto com outros instrumentos, poder-se-ão identificar constelações de valores associados ao bem-estar individual e familiar. Sendo um contributo inicial para o processo de validação do QVPR, o presente estudo apresenta limitações que restringem a sua validade: a selecção da amostra não foi aleatória e, pelo facto de não ser representativa, os resultados têm um carácter marcadamente exploratório. Outras limitações prendem-se com o facto de não terem sido estudadas a validade convergente, divergente, a validade cruzada e a estabilidade temporal do instrumento (teste-reteste). Seria interessante conduzir um estudo longitudinal, que discriminasse os efeitos da idade e da geração (Hitlin & Piliavin, 2004; Menezes & Campos, 1991) e que explorasse as valorações associadas a cada dimensão dos valores, reproduzindo o estudo de Hermans e Oles (1993). Os estudos futuros com o QVPR deverão ser desenvolvidos de forma a superar estas limitações e a mostrar correlações entre os valores e índices de ajustamento individual e familiar.

### Referências

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios familiares* (3ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Alberoni, F. (2000). *Valores - o bem, o mal, a natureza, a cultura, a vida*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Balancho, L. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 377-386.
- Bengtson, V., Biblarz, T., & Roberts, R. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. Cambridge: University Press.
- Bilsky, W. (2009). A estrutura de valores: Sua estabilidade para além de instrumentos, teorias, idades e culturas. *RAM – Revista de Administração Mackenzie*, 3, 12-33.
- Bilsky, W. & Schwartz, S. H. (1994). Values and personality. *European Journal of Personality*, 8, 163-181.
- Brofenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Caprana, G. V., Schwartz, S., Capanna, C., Vecchione, M., & Barbaranelli, C. (2006). Personality and politics: Values, traits, and political choice. *Political Psychology*, 27, 1-29.
- Devos, T., Spini, D., & Schwartz, S. (2002). Conflicts among human values and trust in institutions. *British Journal of Social Psychology*, 41, 481-494.
- Davidov, E., Schmidt, P., Schwartz, S. H. (2008). Bringing values back in the adequacy of the European social survey to measure values in 20 countries. *Public Opinion Quarterly*, 72, 420-445.
- Figueiredo, E. (1985). Mudança, valores e conflito de gerações em Portugal. *Análise Social*, Vol. XXI, 1005-1020.
- Gonçalves, M. I. & Barros, L. (2008). Inventário de preocupações e valorizações para

- jovens: Contributo para a avaliação das atribuições de preocupação e importância das áreas da vida de jovens na fase de transição para a adultícia. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 26, 141-166.
- Grusec, J., Goodnow, J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analyses of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71, 205-211.
- Hall, C. M. (1981). The Bowen Family Theory and its uses. New York: Jason Aronson.
- Hermans, H. J. M. (1987). Self as organized system of valuations: Toward a dialogue with person. *Journal of Counseling Psychology*, 34, 10-19.
- Hermans, H. J. M. (1991). The person as co-investigator in self-research: Valuation theory. *European Journal of Personality*, 5, 217-234.
- Hermans, H. J. M. & Oles, P. K. (1993). The personal meaning of values in a rapid changing society. *The Journal of Social Psychology*, 134, 569-579.
- Hitlin, S. & Piliavin, J. A. (2004). Values: Reviving a dormant concept. *Annual Review Sociological*, 30, 359-393.
- Hoff, E., Laursen, B., & Tardif, T. (2002). Socioeconomic status and parenting. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (Vol. 2, pp. 231-252). Lawrence Erlbaum Associates.
- Johnson, M. K. (2002). Social origins, adolescent experiences, and work value trajectories during the transition to adulthood. *Social Forces*, 80, 1307-1341.
- Jones, (1999). *Terapia dos sistemas familiares: Desenvolvimento nas terapias sistémicas da Escola de Milão* (2ª Ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Lipovetsky, G. (2010). *O crepúsculo do dever – a ética indolor dos novos tempos democráticos* (4ª Ed.) Alfragide: Publicações Dom Quixote.

- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com utilização do SPSS (3ª Ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Menezes, I., Costa, M. E., Campos, B. P. (1989). Valores em estudantes universitários. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 53-68.
- Menezes, J. & Campos, B. P. (1991). Estrutura dos valores: Estudo transversal. *Psychologica*, 6, 129-147.
- Oliveira, J. (2000). *Psicologia da religião*. Coimbra: Almedina
- Parke, R. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 27-73). Lawrence Erlbaum Associates.
- Pinquart, M., & Silbereisen, K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of value content and authoritative parenting. *Adolescence*, 39, 83-100.
- Prince-Gibson, E., & Schwartz, S. (1998). Value priorities and gender. *Social Psychology Quarterly*, 61, 49-67.
- Relvas, A. P. (2000). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica* (2ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Rokeach, M. (1976). Beliefs, attitudes and values: A theory of organization and change systems. San Francisco: Jossey-Bass.
- Schwartz, S. H. & Bardi, A. (2001). Values hierarchies across cultures: Taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 268-268.
- Schwartz, S., & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 878-891.

- Schwartz, S. H., Sagiv, L., Boehnke, K. (2000). Worries and values. *Journal of Personality*, 68, 309-346.
- Schwartz, S. H. & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: cross-cultural and multimethod studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 1010-1028.
- Spera, C. (2005). A review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review*, 17, 125-146.
- Sprinthall, N. A. & Collins, W. A. (2003). *Psicologia do Adolescente* (3ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## Diálogos entre capítulos I

*“Não vendam, disse-lhes, a herança*

*Que os nossos pais nos deixaram.*

*Nela está escondido um tesouro.*

*Não sei onde, mas com um pouco de trabalho*

*Descobri-lo-ão”.*

Jean de La Fontaine, *Fábulas*: «O lavrador e os seus filhos»

A herança cultural que acarretamos, a “mitologia” que criámos e mantemos – e que, por isso, nos identifica –, o *zeitgeist* e os imperativos actuais da sociedade portuguesa fundamentaram, inicialmente, a nossa necessidade de “readaptar” um instrumento de valores. Este instrumento ao “falar”, ao longo da dissertação e em vários estudos, de algumas das nossas idiossincrasias, permitiu-nos manter um olhar atento e adaptado às especificidades do nosso contexto. Num dos estudos do próximo Capítulo ouvimos já esta “voz instrumental”.

Através do cruzamento ou confronto de mapas (sobre os outros e/ou sobre si próprios) de elementos de duas gerações da mesma família, dialogamos agora sobre as (des)continuidades do comportamento parental e as (dis)semelhanças de valores, ao longo das gerações. Centrar-nos-emos nas representações, partindo do pressuposto de que as percepções que construímos sobre a realidade são mais influentes que a realidade *per se* porque o “mapa não é o território” (Watzlawick, 1991).





## Capítulo II

---

### Flutuações familiares intergeracionais: Semelhanças e diferenças de estilos educativos parentais e de valores<sup>19,20</sup>

---

<sup>19</sup> Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., Pereira, C. & Linares, J. L.. Intergenerationality of parenting styles: A continuum continuously discontinuous? Submitted.

Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., Pereira, C. Values' family flow: (Dis)similarities between grandparents, parents and adolescents. Resubmitted.

<sup>20</sup> Apêndice B: Protocolo de investigação.



## **Intergenerationality of parenting styles: a continuum continuously discontinuous?**

### **SYNOPSIS**

**Objectives.** This study analyzed the levels of parenting style continuity, i.e., the level of similarities and dissimilarities across a generation of grandparents and a generation of parents. We also analyzed the intergenerational concordance, i.e., the self-perceptions of the mothers'/fathers' parenting styles *versus* the children's perceptions of the mothers'/fathers' parenting styles. **Design.** This study employed a cross-sectional design with 102 family triads (N=306). Mothers, fathers and adolescent children completed questionnaires that evaluated parental practices. The parental practices of the grandparents were measured through the parents' perceptions of their own parents, the parents evaluated their own practices, and the children were asked about their parents' parental practices. **Results.** We identified three groups of parenting styles – Authoritarian, Authoritative and Permissive. We found that the level of parenting style continuity was significantly greater along the paternal lineage, compared to the maternal one. We found no impact of the parents' sex on the concordance of parenting styles. **Conclusions.** The continuity of parenting styles along paternal lineage and absence of parenting styles continuity along maternal lineages are discussed. We outlined implications for the intergenerational concordance of parenting styles.

*Keywords:* parenting; continuity; concordance; family; generations.

## INTRODUCTION

The intergenerational transmission of parenting styles within a family is a process of purposeful and inadvertent repetition/reproduction of parenting behavior patterns over generations and has been a subject of interest and investigation of both scientific and clinical communities over recent decades (Belsky, 1984; van IJzendoorn, 1992). The literature suggests that, in addition to having a central role in the development and wellbeing of their offspring (Canavarro, 1999; Mandara & Murray, 2002), parents significantly influence the parenting styles of their children (Campbell & Gilmore, 2007) through transgenerational parental schemes (Byng-Hall, 2008). Many investigations show that the educational reality of the experiences of an individual within the family-of-origin shapes individual's parenting behavior later in life in the nuclear family (Belsky, Hancox, Sligo, Poulton, 2012); therefore, the parenting styles of parents can be predicted, to some extent, by the parenting styles of their parents (Campbell & Gilmore, 2007; Belsky, Conger, & Capaldi, 2009; Kerr, Capaldi, Pears, & Owen, 2009; Neppl, Conger, Scaramelle, & Ontai, 2009). Challenges that have been posed to the scientific study of intergenerational transmission include examinations of the following factors: (a) the contributions of maternal and paternal families-of-origin to the nuclear family; (b) the role played by sociocultural changes in the modification of the meanings of parenting patterns; and (c) the identification of the mediating and moderating mechanisms of the transmission of family values and practices over several generations (Belsky et al., 2012; Kovan, Chung, & Sroufe, 2009; Rutter, 1998). Thus, we intend not only to analyze the levels of parenting style continuity, i.e., similarities and dissimilarities in the parenting styles of parents and their own parents through levels of continuity, but also to analyze the intergenerational concordance, the self-perceptions

of the mothers'/fathers' parenting styles *versus* the children's perceptions of the mothers'/fathers' parenting styles.

To a better reading of this study, we used the following abbreviations: G1 to refer to Generation 1, the grandparents; G2 to refer to Generation 2, the parents; and G3 to refer to Generation 3, the adolescent children.

The study of the intergenerational continuity and concordance of parenting styles within a normative group of Portuguese families is justified by the paucity of studies that (1) focus on the processes of intergenerational transmission, which include distinct levels of intergenerational continuity (e.g., total continuity, and continuity confined to the grandmother or grandfather), (2) focus on the integration of masculine participants (Campbell & Gilmore, 2007; Patterson, 1998; Rutter, 1998) and (3) focus on community samples. Although some studies in the last decade have highlighted the intergenerational transmission of constructive parenting (e.g., Belsky, Jaffee, Sligo, Woodward, & Silva, 2005; Campbell & Gilmore, 2007; Chen & Kaplan, 2001), the majority of the investigations in this field have focused on the etiologies of abuse and negative parenting (Capaldi, Pears, Patterson, & Owen, 2003; Conger, Belsky, & Capaldi, 2009; Kovan et al., 2009; Smith & Farrington, 2004) in at-risk or clinical families.

### **Familial intergenerational transmission of parenting**

Different theoretical perspectives have made significant and complementary contributions to a better understanding of the process by which family intergenerational transmission of parenting occurs, namely the biological perspective, social learning theory (Bandura, 1977), attachment theory (Byng-Hall, 1990, 2008; Bowlby, 1988) and family system theories (Boszormenyi-Nagy & Spark, 2008; Falcke & Wagner, 2005;

Imber-Black, 1998; Miermont, 1994; Palazzoli, Boscolo, Cecchin, & Prata, 1980). Although the specificities of these theories lead to a divergence in the explanatory mechanisms of intergenerational influences, they converge in the assumption that certain behaviors are assimilated from one's experiences within the family (Belsky et al., 2009; Marin, Freitas, Silva, Lopes, & Piccinini, 2013).

The studies on parenting in the context of intergenerational transmission have used different methodological designs (e.g., qualitative, quantitative, observation measures, retrospective and prospective), using a dimensional approach, i.e., considering parenting practices (e.g., Capaldi & Clark, 1998; Simons, Whitbeck, Conger, & Wu, 1991), or a typological approach, focusing on the parenting styles (e.g., Campbell & Gilmore, 2007; Kerr et al., 2009). Several other authors have underlined the pertinence of the typological approach to parenting behavior or parenting styles because it considers a multiplicity of associations between parenting behaviors (Baumrind, 1978; Campbell & Gilmore, 2007; Kerr et al., 2009; Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009). The work of Baumrind (1978) and many subsequent studies (e.g., Darling & Steinberg, 1993; Mandara & Murray, 2002) identified three parenting styles: authoritarian, authoritative and permissive. The authoritative parenting style combines high levels of the display of affection, inductive discipline, maturity demands, self-regulation and a set of firm and well-defined rules (Campbell & Gilmore, 2007). Several works (e.g., Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg, & Ritter, 1997; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts, & Dornbusch, 1994) have suggested the advantages of this parenting style for the social, emotional and academic development of children of both genders across distinct developmental stages. The authoritarian parenting style is characterized by high levels of parental control and reduced levels of support, involvement and

communication. Authoritarian parents tend to mold, control and evaluate children's behavior according to a predefined pattern of conduct, which restricts the child's autonomy (Baumrind, 1978; Glasgow et al., 1997). The permissive parenting style corresponds to a combination of low levels of demand and high levels of responsiveness and leads parents to accept the child's impulses, will and actions due to a near total absence of rules (Pereira et al., 2009).

Since empirical investigations proved that parenting behaviors and, particularly, parenting styles are strong predictors of a child's development and adjustment, the study of the processes of continuity and discontinuity of parenting styles over generations has become vital (Campbell & Gilmore, 2007). Many factors have been identified as influential in these processes in the literature: genetics (Rutter, 1998); sociocultural context, family educational level, and gender (Campbell & Gilmore, 2007; van IJzendoorn, 1992; Kerr et al., 2009; Kitamura, Shikai, Uji, Hiramura, Tanaka, & Shono, 2009; Simons et al., 1991); partner choice (Patterson, 1998); marital conflict (Oliveira et al., 2002); social and religious values (Knafo, 2003; Pinquart & Silbereisen, 2004); and demographics such as marital status (Bouchard, 2012).

### **Maps of intergenerational and intragenerational similarities and differences**

Intergenerational continuity has been studied with either retrospective (Campbell & Gilmore, 2007; Oliveira et al., 2002; Marin et al., 2013) or prospective methodologies (Capaldi et al., 2003; Kerr et al., 2009). The prospective study conducted by Kerr and colleagues (2009) on a sample of 102 families revealed that the parenting behavior patterns of G1 influence G2's parenting of G3 (in the first and second infancy of G3). The results of the retrospective work of Campbell and Gilmore (2007) revealed a continuity between authoritarian and permissive parenting styles in G1 and G2 and

emphasized that G2 parents see themselves as less authoritarian and more permissive than their own parents; this finding may imply that the transmission of parenting behaviors is mediated by changes in sociocultural milieu from a predominantly authoritarian to a more authoritative style.

Recent studies (e.g., Conger et al., 2009; Kerr et al., 2009) have indicated that G1's parenting accounts for only a modest to moderate percentage of the variance of G2's parenting, which indicates that, in risk contexts, the repetition of parenting patterns can be avoided (Belsky et al., 2009). The literature also highlights the contributions of several factors to intergenerational discontinuity, namely, higher levels of education among G2 and sociocultural changes (Rutter, 1998; Weber, Selig, Bernardi, & Salvador, 2006). Belsky (1984) suggested that the intergenerational discontinuity of parenting styles can be accounted for by the weak identification of G2 with the reduced parenting involvement of G1, which can stimulate compensatory mechanisms and promote the opposite behavior. Weber and colleagues (2006) suggested that discontinuity may be linked to the idea of the disruption of family patterns and to the increasing availability of scientific information about the education of children. In a more recent investigation, Campbell and Gilmore (2007) interpreted the discontinuity between G1 and G2 (in the authoritative parenting style) in terms of generational differences in the meanings of authoritative practices.

Gender differences influence the intergenerational continuity of parenting styles. Many authors have proposed the primacy of the maternal role (e.g., Putallaz, Costanzo, Grimes, & Sherman, 1998; Simons et al., 1991), and many studies have provided evidence that both the mothers and fathers in G2 have a tendency to acquire only the parental roles displayed by the mother in G1; however, contradictory results exist. For example, Snarey's work (1993) revealed that the relationship between grandmothers



and fathers during the father's infancy has no predictive value regarding the parenting behavior of the father toward his children. Furthermore, the work of Campbell and Gilmore (2007) showed that continuity in authoritarian and permissive parenting styles is stronger between grandfathers and fathers than between grandmothers and mothers. Smith and Farrington (2004) employed a dimensional approach to parenting and found that the only continuity is between grandfathers and fathers and that this continuity is related to control; when fathers are less controlled by their own fathers, they tend to be less controlling of their own children. The longitudinal study of Snarey (1993) also showed that fathers tend to replicate specific aspects of their own fathers' parental role.

Parents' perceptions of their own parenting styles seem to be highly influenced by personal values and marital happiness. For example, educational practices of affection and support and acceptance tend to be displayed to a greater extent by parents who report high marital satisfaction and pro-social values, and the practices of overprotection seem to be related to social power values and lower marital adjustment, as shown by Aluja, Barrio and García (2007). The work of Olsen, Martin and Halverson (1999) also suggests that the continuity of parenting styles between grandmothers and mothers can be modified by the qualities of the marital relationships of the latter.

The opportunity to examine the continuities and discontinuities of parenting styles and generational variation through the lens of the intrinsic meanings of parenting practices and styles (Campbell & Gilmore, 2007) has highlighted the relevance of researching the concordance between the perceptions of the parents and the children of the parents' parenting styles. Nevertheless, few studies have addressed this issue; specifically, few studies have addressed the factors that influence this concordance of perceptions. The currently available findings suggest that mothers are felt, by children, to be more authoritative and less authoritarian than fathers (Conrade & Ho, 2001) and that mothers'

evaluate themselves similarly to that perception (Smetana, 1995). Moreover, Aluja, Barrio and García (2006) suggested that the gender of the child does not influence his/her perception of his/her parents' parenting style.

### **Current study**

Considering the abovementioned challenges and gaps in the scientific literature on this topic, we intended to accomplish the following: (a) analyze parenting styles, i.e., the G2's perceptions about G1's parenting styles, the G2's perceptions about their own parenting styles, and the G3's perceptions about G2's parenting styles; (b) identify the intergenerational continuity patterns of parenting and the levels of continuity in both the maternal and paternal lines; and, finally, (c) analyze the concordance between the perceptions of G2 and G3 about the G2's parenting styles while considering the sex of the parents.

## **METHOD**

### **Participants**

The sample consists of 102 intact Portuguese family triads (G2: father and mother and G3: adolescent children) for a total of 306 participants ( $N = 306$ ). Among the sample of G3 in the study, 54 were daughters, and 48 were sons; their ages ranged from 15 to 19 years ( $M = 16.7$ ;  $SD = 1.48$ ). Most of the G3 had a medium level of educational level, i.e., 10-12 years of education (57.8%), never had significant psychological or psychiatric complaints (81.4%) or serious physical health problems (88.2%), and had religious faith (53%). Among the sample of G2, 50% were mothers, and 50% were fathers; their ages ranged from 32 to 61 years ( $M = 46.32$ ;  $SD = 4.21$ ). Of the G2, 32.8% had completed higher education, and 27.9% had completed 10-12 years

of education. Most of the G2 had no significant psychological or psychiatric complaints (85.3%) or serious health problems (80.9%), and most were non-practicing religious believers (53%). The nuclear families lived in the following Portuguese geographic regions: 40.7% in Lisboa and the surrounding areas, 36.3% in the North, 18.6% in the Center, and 4.5% in other regions of the country.

### **Procedures**

The participants were selected from a larger sample of 904 participants. The participants in the larger sample were composed by parents whose children were adolescents ranging from 15 to 19 years old and adolescents between the ages of 15 and 19 years. The adult and adolescent participants in the larger sample belonged to intact, single-parent or divorced families and were participating in a broader study about intergenerational family similarities and dissimilarities in patterns of values and relationships. For inclusion in the present study, families were required to be intact. These participants were recruited over a 2-year period with a non-probabilistic sampling strategy via a snowball process (81.4%) or through the collaboration of the Portuguese Association of Large Families (APFN) (18.6%). The questionnaire packets were delivered in person to participants or were mailed in cases of large families. The parents were asked to respond to questions with their eldest adolescent child in mind if they had more than one adolescent child. All families were informed about the main objectives of the research via a written document, and all participants had previously provided written informed consent. The voluntary nature of their collaboration was explained, and they were assured of confidentiality and anonymity.

### **Measures**

**Assessment of paternal and maternal parenting styles.** G2 completed the EMBU-P (EMBU-Parents; Castro, Pablo, Gómez, Arrindel, & Toro, 1997; adapted for

the Portuguese population by M. C. Canavarro, A. I. Pereira, & J. M. Canavarro, 2007) by providing responses about their own parenting styles, and they completed the EMBU-M (EMBU-Memories; Perris, Tacobson, Lidstrom von Knorring, & Perris, 1980; adapted for the Portuguese population by M. C. Canavarro, 1996), which assessed their perceptions about the parenting styles of their own parents during their adolescence. G3 completed the EMBU-M, which assessed their perceptions about the parenting styles of their parents.

The EMBU-P includes 42 items that the participants rate separately for their fathers and mothers on a four-point Likert scale (1 = "No, never"; 4 = "Yes, always") and assesses the following three dimensions of parenting style: Emotional Support, Rejection and Control. The study of Canavarro and colleagues (2003) revealed that the Cronbach's alphas for the three dimensions ranged between .71 and .81. In the present study, we found satisfactory internal consistency values of .88 for the mothers' Emotional Support, .87 for the fathers' Emotional Support, .80 for the mothers' Rejection, .80 for the fathers' Rejection, .70 for the mothers' Control and .66 for the fathers' Control.

The EMBU-M includes 23 items that the participants rate separately for their mothers and fathers on a four-point Likert scale (1 = "No, never"; 4 = "Yes, most of the time"); these items assess the following three dimensions of parenting styles: Emotional Support, Rejection and Overprotection. Canavarro (1996) reported weak internal consistency values for the total scores of .52 for the fathers and .66 for the mothers. In the present study, we found satisfactory internal consistency values for Emotional Support and Rejection. For Emotional Support, we found an  $\alpha = .78$  for the children's perceptions about their mothers, an  $\alpha = .82$  for children's perceptions about their fathers, an  $\alpha = .85$  for the maternal grandmothers, an  $\alpha = .83$  for the paternal

grandmothers, an  $\alpha = .87$  for the maternal grandfathers and an  $\alpha = .85$  for the paternal grandfathers. For Rejection, we found an  $\alpha = .78$  for the children's perceptions about their mothers, an  $\alpha = .76$  for the children's perception about their fathers, and  $\alpha = .86$  for the children's perceptions about their maternal grandmothers, an  $\alpha = .84$  for the children's perceptions about their paternal grandmothers, an  $\alpha = .80$  for the children's perceptions about their maternal grandfathers and an  $\alpha = .76$  for the children's perceptions about their paternal grandfathers. Examination of the internal consistency of the Overprotection dimension revealed unacceptable  $\alpha$  values that varied between .31 and .68. However, because we found that those values increased if we removed item 17 ("*my parents didn't worry with my leisure outings*"), we decided to remove this item. Consequently, we obtained  $\alpha$ s of .60, .76, .68, .68, .77 and .76 for the children's perceptions about their mothers, fathers, maternal grandmothers, paternal grandmothers, maternal grandfathers and paternal grandfathers, respectively.

### **Statistical Analyses**

We considered parenting styles (PS) as a variable and thus conducted eight cluster analyses using the k-means non-hierarchical method (Hartigan & Wong, 1979) to verify cluster memberships according to the PS proposed by Baumrind (1978): authoritarian, authoritative, and permissive. To identify possible variations in parenting styles, we conducted separate cluster analyses for the following: the G3's perceptions about their mothers' PS; the G3's perceptions about their fathers' PS; the G2' PS (mothers and fathers); and the maternal and paternal G1's PS toward the G2 (see Ryan, Martin, & Brooks-Gunn, 2006).

To interpret the typology profiles, we performed a set of multivariate variance analyses (MANOVAs) using the three groups that were defined by cluster analyses as inter-subject factors and the measures of Emotional Support, Rejection and

Overprotection (from the EMBU-M) and Emotional Support, Rejection and Control (from the EMBU-P) as dependent variables. Next, we performed univariate analyses (ANOVAs with Duncan's tests) with the aim of better interpreting the meaning of each identified cluster.

We defined the following theoretical criteria for the identification of each PS profile predicted by Baumrind (1978): (a) the Authoritative group tendentially presented with high Emotional Support values, relatively high Control or Overprotection values, and low Rejection values; (b) the Permissive group tendentially presented with low Control or Overprotection values, relatively high Emotional Support values, and relatively low Rejection values; and (c) the Authoritarian group tendentially presented with high Rejection values, high Control or Overprotection values and relatively low Emotional Support values.

Next, we considered Intergenerational Continuity as a variable with four ordinal categories that represented the following four PS intergenerational continuity patterns: (1) Total Continuity (i.e., maternal grandmother's PS = maternal grandfather's PS = mother's PS, and paternal grandmother's PS = paternal grandfather's PS = father's PS); (2) Partial Continuity in which continuity is confined to the grandmother (i.e., grandmother's PS  $\neq$  grandfather's PS, maternal grandmother's PS = mother's PS, and paternal grandmother's PS = fathers' PS); (3) Partial Continuity in which continuity is confined to the grandfather (i.e., grandfather's PS  $\neq$  grandmother's PS, maternal grandfather's PS = mother's PS, and paternal grandfather's PS = fathers' PS); and (4) Absence of Continuity (grandmother's PS  $\neq$  grandfather's PS  $\neq$  mother's PS  $\neq$  father's PS). We coded the data, both for paternal and maternal lineage, according to the four categories mentioned above.

Third, we defined a new variable, the Level of PS Continuity, that recoded the four categories of continuity into a scale that ranged from 1 to 3 (1 = Absence of Continuity, 2 = Partial Continuity confined to grandmother or to grandfather, and 3 = Total Continuity) for both family lineages and allowed us to analyze the mean rank differences between the family lineages with the Wilcoxon test for paired data.

Finally, we considered PS Intergenerational Concordance between G2 and G3 (i.e., the self-perceptions of the mothers'/fathers' PS *versus* the children's perceptions of the mothers'/fathers' PS) as another variable. Using chi-square tests, we analyzed the differences in PS Intergenerational Concordance according to the sex of the parents.

## RESULTS

### G2' self-perceptions about their own Parenting Styles

Table 4 shows the cluster profiles that emerged regarding the parents' self-perceptions of their PS. We compared these groups with a MANOVA, which revealed a reliable multivariate effect of the clusters on the PS dimensions according to the mother's self-perception ( $F_{3,98} = 58.50, p < .001, \eta_p^2 = .99$ ) and the father's self-perception ( $F_{3,98} = 69.93, p < .001, \eta_p^2 = .68$ ). Moreover, the results of the subsequent univariate effect analyses (i.e., ANOVAs) revealed that all of the differences between PS groups that emerged from the mother's self-perception were significant ( $F_{\text{Emotional Support}(2,99)} = 57.40, p < .001, \eta_p^2 = .54$ ;  $F_{\text{Control}(2,99)} = 73.46, p < .001, \eta_p^2 = .60$ ;  $F_{\text{Rejection}(2,99)} = 27.02, p < .001, \eta_p^2 = .35$ ). The results of the ANOVAs also revealed that all of the differences between the PS groups that emerged from the father's self-perception were significant ( $F_{\text{Emotional Support}(2,99)} = 97.17, p < .001, \eta_p^2 = .66$ ;  $F_{\text{Control}(2,99)} = 50.40, p < .001, \eta_p^2 = .505$ ;  $F_{\text{Rejection}(2,99)} = 11.54, p < .001, \eta_p^2 = .19$ ).

The groups of mothers that emerged according to their self-perceptions are summarized as follows: Group 1, Authoritarian – this cluster consisted of 35.3% of the mothers, and these mothers were more rejecting and controlling than the mothers of the other groups and less supportive than the mothers of the authoritative group; Group 2, Permissive - this cluster consisted of 16.7% of the mothers, and these mothers were less controlling and supportive than the mothers of the other groups and more rejecting than the mothers of the authoritative group; and Group 3, Authoritative - this cluster consisted of 48% of the mothers, and these mothers were more supportive and less rejecting than the mothers of the other groups and more controlling than the mothers of the permissive group.

The groups of fathers that emerged according to their self-perceptions are summarized as follows: Group 1, Authoritative – this cluster consisted of 33.3% of the fathers, and these fathers were more supportive and less rejecting than the fathers of the other groups and more controlling than the fathers of the permissive group; Group 2, Permissive - this cluster consisted of 44.1% of the fathers, and these fathers were less controlling and supportive than the fathers of the other groups and less rejecting than the fathers of the authoritarian group; and Group 3, Authoritarian - this cluster consisted of 22.6% of the fathers, and the fathers of this group were more rejecting and controlling than the fathers of the other groups and less supportive than the fathers of the authoritative group.



Table 4.

*Frequencies, percentages, means and std desviation of the three PS, defined by clusters analyses, for fathers and mother, on emotional support, control and rejection, evaluated by EMBU-P*

Groups defined by clusters analyses			
Mother			
	1	2	3
N	36	17	49
%	35.30	16.67	48.04
Group nomeation	Authoritarian	Permissive	Authoritative
Scales of:	M (SD)	M (SD)	M (SD)
Emocional Support	3.30 <sub>c</sub> (.33)	2.57 <sub>b</sub> (.41)	3.51 <sub>a</sub> (.25)
Control	2.88 <sub>a</sub> (.26)	2.16 <sub>c</sub> (.25)	2.29 <sub>b</sub> (.24)
Rejection	1.83 <sub>a</sub> (.28)	1.59 <sub>b</sub> (.22)	1.46 <sub>c</sub> (.20)
Father			
N	34	45	23
%	33.33	44.12	22.55
Group nomeation	Authoritarian	Permissive	Authoritative
Scales of:	M (SD)	M (SD)	M (SD)
Emocional Support	3.56 <sub>a</sub> (.23)	2.72 <sub>c</sub> (.30)	3.18 <sub>b</sub> (.26)
Control	2.37 <sub>b</sub> (.28)	2.19 <sub>c</sub> (.25)	2.85 <sub>a</sub> (.22)
Rejection	1.44 <sub>b</sub> (.26)	1.65 <sub>a</sub> (.26)	1.76 <sub>a</sub> (.26)

### **Maternal G1' Parenting Styles as perceived by the mothers**

Table 5 shows the cluster profiles that emerged from the mothers' perceptions about their maternal G1' PS. The multivariate effects of the clusters on the mother's perception of the maternal grandmother's PS ( $F_{3,98} = 67.17, p < .001, \eta_p^2 = .67$ ) and on the mother's perception of the maternal grandfather's PS ( $F_{3,98} = 69.91, p < .001, \eta_p^2 = .68$ ) were significant. Univariate analyses indicated that all of the differences between the PS groups that emerged from the mother's perception about the maternal grandmother were significant ( $F_{\text{Emotional Support}(2,98)} = 76.60, p < .001, \eta_p^2 = .61$ ;  $F_{\text{Overprotection}(2,98)} = 15.36, p < .001, \eta_p^2 = .237$ ;  $F_{\text{Rejection}(2,98)} = 69.16, p < .001, \eta_p^2 = .58$ ). Moreover, the univariate analyses revealed that all of the differences between the PS groups that emerged from the mother's perception about the maternal grandfather were significant ( $F_{\text{Emotional Support}(2,98)} = 100.18, p < .001, \eta_p^2 = .67$ ;  $F_{\text{Overprotection}(2,98)} = 26.18, p < .001, \eta_p^2 = .35$ ;  $F_{\text{Rejection}(2,98)} = 28.89, p < .001, \eta_p^2 = .37$ ).

The groups of maternal grandmothers that emerged according to the mothers' perceptions are summarized as follows: Group 1, Authoritative – this cluster consisted of 53% of the grandmothers, and these grandmothers were more supportive than the grandmothers of the other groups, more overprotective than the grandmothers of the permissive group and less rejecting than the grandmothers of the authoritarian group; Group 2, Permissive - this cluster consisted of 32.3% of the grandmothers, and these grandmothers were less overprotective than the grandmothers of the other groups, less supportive than the grandmothers of the authoritative group and less rejecting than the grandmothers of the authoritarian group; and Group 3, Authoritarian - this cluster consisted of 14.7% of the grandmothers, and these grandmothers were less supportive and more rejecting than the grandmothers of the other groups and more overprotective than the grandmothers of the permissive group.

The groups of maternal grandfathers that emerged according to the mothers' perceptions are summarized as follows: Group 1, Permissive – this cluster consisted of 47% of the grandfathers, and these grandfathers were less overprotective than the grandfathers of the other groups and less rejecting and more supportive than the grandfathers of the authoritarian group; Group 2, Authoritarian - this cluster consisted of 16.7% of the grandfathers, and these grandfathers were less supportive and more rejecting than the grandfathers of the other groups and more overprotective than the grandfathers of the permissive group; and Group 3, Authoritative - this cluster consisted of 36.3% of the grandfathers, and these grandfathers were more supportive than the grandfathers of the other groups, more overprotective than the grandfathers of the permissive group, and less rejecting than the grandfathers of the authoritarian group.

Table 5.

*Frequencies, percentages, means and std desviation of the three PS, defined by clusters analyses, for paternal and maternal grandparents, on emotional support, control and rejection, evaluated by EMBU-M*

Groups defined by clusters analyses			
Maternal Grandmother			
	1	2	3
N	54	33	15
%	52.94	32.35	14.71
Group nomeation	Authoritarian	Permissive	Authoritative
Scales of:	M (SD)	M (SD)	M (SD)
Emocional Support	3.09 <sup>a</sup> (.33)	2.38 <sup>b</sup> (.36)	1.85 <sup>c</sup> (.56)
Control	2.39 <sup>a</sup> (.44)	1.89 <sup>b</sup> (.43)	2.43 <sup>a</sup> (.60)

Rejection	1.39 <sup>b</sup> (.28)	1.35 <sup>b</sup> (.26)	2.47 <sup>a</sup> (.58)
Maternal Grandfather			
	1	2	3
N	48	17	37
%	47.06	16.66	36.27
Group nomeation	Authoritarian	Permissive	Authoritative
Scales of:	M (SD)	M (SD)	M (SD)
Emocional Support	2.41 <sup>b</sup> (.37)	1.70 <sup>c</sup> (.46)	3.18 <sup>a</sup> (.33)
Control	1.68 <sup>b</sup> (.34)	2.37 <sup>a</sup> (.61)	2.32 <sup>a</sup> (.51)
Rejection	1.22 <sup>b</sup> (.19)	1.86 <sup>a</sup> (.57)	1.34 <sup>b</sup> (.39)
Paternal Grandfmother			
	1	2	3
N	36	17	49
%	35.29	16.66	48.04
Group nomeation	Authoritarian	Permissive	Authoritative
Scales of:			
Emocional Support	2.28 <sup>c</sup> (.37)	2.55 <sup>b</sup> (.39)	3.11 <sup>a</sup> (.26)
Control	1.75 <sup>c</sup> (.35)	2.75 <sup>a</sup> (.42)	2.00 <sup>b</sup> (.44)
Rejection	1.42 <sup>b</sup> (.40)	1.97 <sup>a</sup> (.46)	1.24 <sup>c</sup> (.19)
Paternal Grandmother			
	1	2	3
N	32	26	44
%	31.37	25.49	43.14
Group nomeation	Authoritarian	Permissive	Authoritative
Scales of:			

Emocional Support	1.89 <sup>b</sup> (.37)	2.78 <sup>a</sup> (.45)	2.88 <sup>a</sup> (.37)
Control	1.58 <sup>b</sup> (.38)	2.40 <sup>a</sup> (.26)	1.67 <sup>b</sup> (.30)
Rejection	1.41 <sup>a</sup> (.39)	1.55 <sup>a</sup> (.39)	1.15 <sup>b</sup> (.14)

---

### **Paternal G1' Parenting Styles as perceived by the fathers**

Table 5 also shows the cluster profiles that emerged from the fathers' perceptions of the paternal G1' PS. The multivariate effects of the clusters on the father's perception of the paternal grandmother's PS ( $F_{3,98} = 49.07, p < .001, \eta_p^2 = .60$ ) and on the father's perception of the paternal grandfather's PS ( $F_{3,98} = 50.57, p < .001, \eta_p^2 = .61$ ) were significant. The univariate analyses revealed that all of the differences between the PS groups that emerged from the father's perceptions about the paternal grandmothers were significant ( $F_{\text{Emotional Support}(2,98)} = 73.80, p < .001, \eta_p^2 = .60$ ;  $F_{\text{Overprotection}(2,98)} = 35.92, p < .001, \eta_p^2 = .42$ ;  $F_{\text{Rejection}(2,98)} = 31.21, p < .001, \eta_p^2 = .39$ ). Similarly, all of the differences between the PS groups that emerged from the father's perception about the paternal grandfather were significant ( $F_{\text{Emotional Support}(2,98)} = 65.54, p < .001, \eta_p^2 = .57$ ;  $F_{\text{Overprotection}(2,98)} = 55.57, p < .001, \eta_p^2 = .53$ ;  $F_{\text{Rejection}(2,98)} = 14.90, p < .001, \eta_p^2 = .23$ ).

The groups of paternal grandmothers that emerged from the fathers' perceptions are summarized as follows: Group 1, Permissive – this cluster consisted of 35.3% of the grandmothers, and these grandmothers were less overprotective and supportive than the grandmothers of the other groups and less rejecting than the grandmothers of the authoritarian group; Group 2, Authoritarian - this cluster consisted of 16.7% of the grandmothers, and these grandmothers were more overprotecting and more rejecting than the grandmothers of the other groups and less supportive than the grandmothers of

the authoritative group; and Group 3, Authoritative - this cluster consisted of 48% of the grandmothers, and these grandmothers were more supportive and less rejecting than the grandmothers of the other groups and more overprotective than the grandmothers of the permissive group.

The groups of paternal grandfathers that emerged based on the fathers' perceptions are summarized as follows: Group 1, Permissive – this cluster consisted of 31.4% of the grandfathers, and these grandfathers were less supportive than the grandfathers of the groups, less overprotective than the grandfathers of the authoritarian group and more rejecting than the grandfathers of the authoritative group; Group 2, Authoritarian - this cluster consisted of 25.5% of the grandfathers, and these grandfathers were more overprotective than the grandfathers of the other groups, more rejecting than the grandfathers of the authoritative group, and more supportive than the grandfathers of the permissive group; and Group 3, Authoritative - this cluster consisted of 43.1% of the grandfathers, and these grandfathers were less rejecting than the grandfathers of the other groups, more supportive than the grandfathers of the permissive group, and less overprotective than the grandfathers of the authoritarian group.

## **G2' Parenting Styles perceived by G3**

Table 6 illustrates the cluster profiles that emerged from the G3's perceptions about their G2' PS. The multivariate effects of the clusters on the G3's perceptions of their mothers' PS ( $F_{3,98} = 71.26, p < .001, \eta_p^2 = .69$ ) and the G3's perceptions of their fathers' PS ( $F_{3,98} = 50.91, p < .001, \eta_p^2 = .61$ ) were significant. Univariate analyses revealed that all of the differences between the PS groups that emerged from the children's perceptions about their mothers were significant ( $F_{\text{Emotional Support}(2,99)} =$

63.79,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .56$ ;  $F_{\text{Overprotection}}(2,99) = 95.30$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .66$ ;  $F_{\text{Rejection}}(2,99) = 20.57$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .29$ ). Moreover, all differences between PS groups that emerged from the children's perceptions about their fathers were significant ( $F_{\text{Emotional Support}}(2,99) = 74.58$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .60$ ;  $F_{\text{Overprotection}}(2,99) = 52.19$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .52$ ;  $F_{\text{Rejection}}(2,99) = 21.34$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .30$ ).

The mother groups that emerged according to the children's self-perceptions are summarized as follows: Group 1, Authoritarian – this cluster consisted of 29.4% of the mothers, and these mothers more rejecting and less supportive than the mothers of the other groups and more overprotective than the mothers of the permissive group; Group 2, Permissive - this cluster consisted of 42.2% of the mothers, and these mothers were less overprotective and less rejecting than the mothers of the other groups and less supportive than the mothers of the authoritative group; and Group 3, Authoritative - this cluster consisted of 28.4% of the mothers, and these mothers were more supportive than the mothers of the other groups, less rejecting than the mothers of the authoritarian group, and more overprotective than the mothers of the permissive group.

The father groups that emerged according to the children's self-perceptions are summarized as follows: Group 1, Permissive – this cluster consisted of 28.4% of the fathers, and these fathers were less overprotective than the fathers of the other groups, less supportive than the fathers of the authoritative group, and less rejecting than the fathers of the authoritarian group; Group 2, Authoritative - this cluster consisted of 45.1% of the fathers, and these fathers were more supportive than the fathers of the other groups, less rejecting than the fathers of the authoritarian group, and more overprotective than the fathers of permissive group; and Group 3, Authoritarian - this cluster consisted of 26.5% of the fathers, and these fathers were more rejecting and

overprotective than the fathers of the other groups and less supportive than the fathers of the authoritative group.

Table 6.

*Frequencies, percentages, means and std desviation of the three PS, defined by clusters analyses, for mother and father, on emotional support, control and rejection, evaluated by EMBU-M by the children*

Groups defined by clusters analyses			
Mother (children' perception)			
	1	2	3
N	30	43	29
%	29.41	42.16	28.43
Group nomeation	Authoritarian	Permissive	Authoritative
Scales of:			
Emocional Support	2.53 <sup>c</sup> (.42)	3.12 <sup>b</sup> (.30)	3.47 <sup>a</sup> (.25)
Control	2.48 <sup>a</sup> (.35)	1.71 <sup>b</sup> (.27)	2.60 <sup>a</sup> (.29)
Rejection	1.62 <sup>a</sup> (.40)	1.22 <sup>c</sup> (.15)	1.42 <sup>b</sup> (.21)
Father (children' perception)			
	1	2	3
N	29	46	27
%	28.43	45.10	26.47
Group nomeation	Authoritarian	Permissive	Authoritative
Scales of:			



Emocional Support	2.45 <sup>b</sup> (.40)	3.37 <sup>a</sup> (.25)	2.61 <sup>b</sup> (.43)
Control	1.61 <sup>c</sup> (.29)	1.93 <sup>b</sup> (.40)	2.57 <sup>a</sup> (.35)
Rejection	1.24 <sup>b</sup> (.19)	1.16 <sup>b</sup> (.19)	1.61 <sup>a</sup> (.46)

---

### Levels of PS Continuity in maternal and paternal lineage

Figure 3 shows the mean ranks of the Levels of PS Continuity in the maternal and paternal lineages. According to Wilcoxon test for paired data, the Level of PS Continuity was significantly higher in the paternal lineage ( $M = 2.07$ ) than in the maternal lineage ( $M = 1.76$ ),  $z = 2.56$ ,  $p < .05$ .

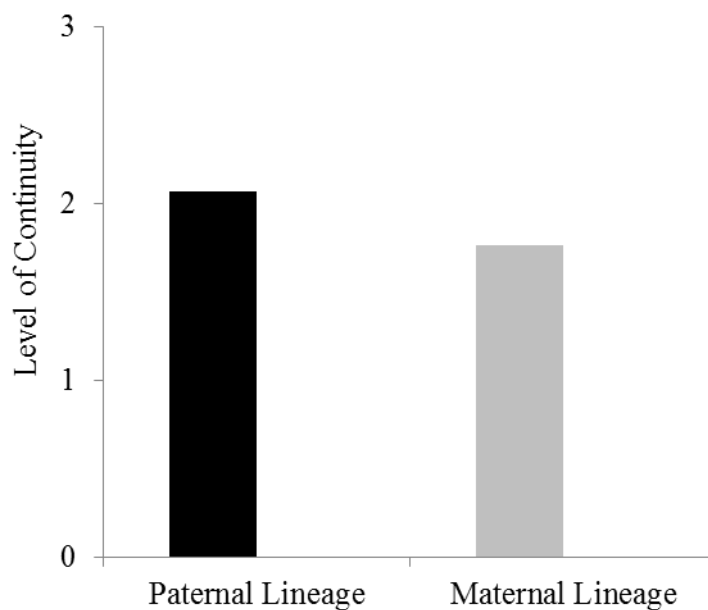
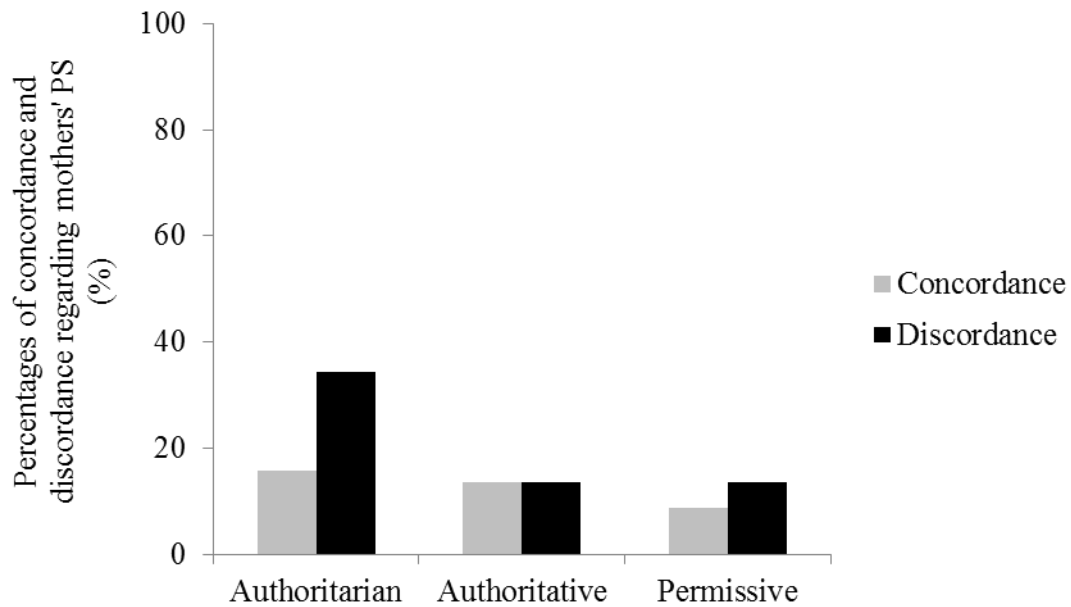


Figure 3. Mean ranks of Level of PS continuity in maternal and paternal lineages.

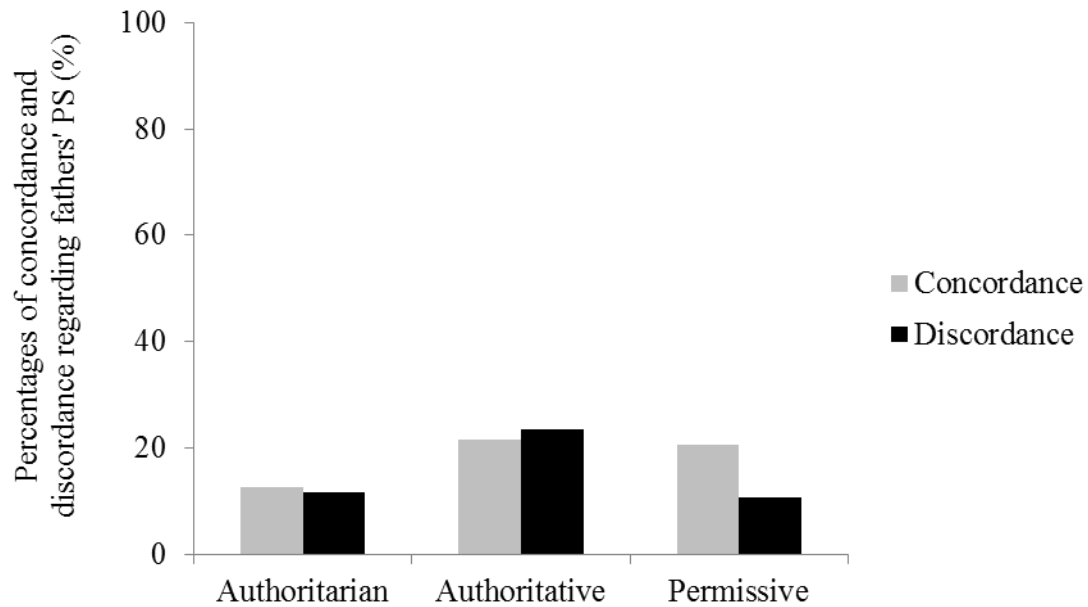
### Concordance of the G2's parenting styles

Figures 4 and 5 present the percentages of intergenerational concordance and discordance regarding the parents' parenting styles between the children and the parents

(mothers and fathers). No reliable association between intergenerational concordance and the sex of the parents ( $\chi^2(1) = 1.12$ , n.s.) was found.



*Figure 4.* Percentages of intergenerational concordance and discordance between the perceptions of mothers and children about the mothers' PS.



*Figure 5.* Percentages of intergenerational concordance and discordance between the perceptions of fathers and children about the fathers' PS.

## DISCUSSION

In the present study, we analyzed intergenerational continuity patterns of PS in two generations (G1 and G2) via the Level of PS continuity and the concordance between the perceptions of G2 and G3 of the G2's parenting styles, thus contributing to a deeper understanding of the process of intergenerational continuity of PS. We intended to focus on the processes of transmission within distinct levels of intergenerational continuity and explore several gaps that have previously been noted in the literature (e.g., the absence of studies that integrate masculine participants and the absence of studies with community samples (Campbell & Gilmore, 2007; Patterson, 1998; Rutter, 1998)).

Regarding G2's self-perceptions of parenting styles, the results revealed that a greater percentage of mothers self-evaluated their PS as Authoritative and that a greater percentage of fathers self-evaluated their PS as Permissive. These results are partially

supported by the study of Castro and colleagues (1997), which revealed that mothers, relative to fathers, self-evaluate their parenting practices as more supportive and more controlling. However, our results are not supported by other studies (e.g., Campbell & Gilmore, 2007; Smetana, 1995) that have reported that even when fathers classify themselves as more authoritative than authoritarian or permissive (compared to the mothers), they self-evaluate as more authoritarian and less authoritative. Our results may be attributable to relatively recent social changes, particularly the increased presence of women in the labor market (Putallaz et al., 1998; Simons et al., 1991), that have led to restructuring of parental roles and the distribution of family and parental responsibilities and tasks; for example, fathers spend more time with their children and assume a less peripheral role. This more active role of fathers may contribute to perceptions of fathers as more affectionate and supportive and less austere. However, despite these changes, our socio-cultural matrix continues to give mothers the central role of caregiver for the children (Putallaz et al., 1998), which may explain the central roles of mothers in the transmission of both emotional support and discipline, rules, behaviors and relational patterns (Canavarro, 1999).

Regarding G2's perceptions of G1's Parenting Styles, most of the G2 mothers considered their mothers as authoritative and their fathers as permissive. These results seem partially in contrast to a more traditional conception of gender roles that attributes stricter and more severe parenting styles to male caregivers and attributes more responsive and supportive PS to female caregivers. Our results revealed that fathers tended to characterize their own mothers' and fathers' PS as authoritative. These differences between the G2 mothers' and G2 fathers' perceptions of the PS of G1 are partially in accordance with previous literature that has suggested that sons are more likely than daughters to experience greater levels of authority (Conrade & Ho, 2001).

Regarding G3's perceptions of G2's Parenting Styles, Campbell and Gilmore (2007) suggested that there may be differences in the meanings attributed to education practices by parents and children. Regarding the G3's perceptions about their mothers' PS, we found that the children tended to perceive their mothers as permissive. For example, the mothers may consider the democratic negotiation of rules and the discussion of values and behaviors to be associated with an Authoritative PS, whereas the children may consider such practices as evidence of condescension and permissiveness, which are associated with a Permissive PS (Campbell & Gilmore, 2007).

Regarding the G3's perceptions about their fathers' PS, we found that the children tended to perceive their fathers as Authoritative. The fact that children perceived their fathers' educational practices as more demanding and controlling compared to the fathers' own perceptions may indicate that the children attributed a more traditional and authoritative role (Castro et al., 1997) or a role with more explicit authority to their fathers. Steinberg and colleagues (1994) found that adolescents who perceive their parents as Authoritative exhibit high levels of adjustment over time.

Regarding parenting styles' intergenerational continuity, our results revealed that the paternal lineage, relative to the maternal lineage, tended to exhibit greater intergenerational continuity (total and confined). The fact that the fathers tended to replicate the models of both of their parental figures may be attributable to the fathers' strong identification with G1, which may have promoted similar parental behavior (Belsky, 1984). In contrast, Snarey (1993) noted that fathers may be less willing to reformulate the parenting practices they have experienced. Thus, fathers opt to avoid diverging from the parenting styles they have experienced and instead reproduce those styles.

Regarding the maternal lineage, the low level of continuity observed can be viewed from different perspectives. According to Byng-Hall (1990, 2008), the low level of continuity may be representative of G2's corrective attempt to avoid transmitting transgenerational parenting schemes learned in childhood and adolescence to ensure that the experiences of G3 are not similar to those of G2. The literature also suggests that the cognitive structures that are formed in childhood and are responsible for the representations of interpersonal relationships may be changed by different events, life experiences (Chen & Kaplan, 2001) and individual elaboration abilities. As women tend to be more relationally oriented than men (Schwartz & Rubel, 2005), this result also leads us to hypothesize that the mothers' parental behaviors may have been more strongly influenced by the patterns experienced in their relationships with other family members, such as grandparents (Capaldi et al., 2003), or non-family members, such as teachers. The parental behavior of mothers may also be influenced by the parental behavior of their marital partners (Capaldi et al., 2003; Marin et al., 2013) depending on the values and educational principles the mothers want to convey to their children. For example, if the father tends to be more permissive, the mother may adopt more authoritarian parenting behaviors to compensate for the father's parenting behavior, or if the father tends to be authoritative, the mother may also exhibit authoritative behavior to reinforce the father's behavior.

In contrast, given the influences that social, cultural and political systems (i.e., macrosystems) have on the idiosyncrasies of families and children, it is possible that, compared to fathers, mothers develop a more critical perspective (Marin et al., 2013) of the parental behavior of their parents because they believe that the parental behavior of their parents is inappropriate for dealing with the current challenges of parenting an adolescent. Thus, mothers may tend to differentiate themselves from their parents by

exhibiting different behavioral patterns that are based on different educational values that seem most appropriate and effective for educating adolescent children due to the individual characteristics of those children (e.g., their personalities) and the current zeitgeist (Weber et al, 2006).

Regarding the intergenerational concordance of PS, we found no relation between the gender of the parents and the concordance between the perceptions of the G2 and the G3 of the G2's parenting styles. This finding is supported by the results of a study by Aluja and colleagues (2006). However, our results revealed that the concordance between the children and the fathers regarding the fathers' PS was greater than the concordance between the children and the mothers regarding the mothers' PS. We hypothesize that fathers have more peripheral parenting attitudes and thus exhibit more stable practices and educational objectives that are clearer and more stable over time. By contrast, the mothers are more involved in childcare and thus may need to adopt different practices with different objectives depending on the current situation, which may promote divergence in interpretations of their parenting practices. The relationship between the stability of the educational objectives of the parents and the parental role assumed by each parent explains the verified patterns of concordance between the perceptions of parents and children.

Regarding intergenerational PS discordance, the authoritativeness of the mother can be perceived as follows: (a) permissivity, which may be attributable to the children's interpretation of democratic principles as a maternal form of complacency and tolerance (Campbell & Gillmore, 2007), and (b) authority, which may be attributable to confusion between having authority and being authoritarian. Furthermore, children may overestimate the mothers' attempts to exhibit control, interpret those attempts as a form of rejection and perceive the mother as authoritarian. The pattern in which fathers with

perceptions of themselves as authoritarians have children who perceive them as Authoritative may be attributable to the children's internalization of gender roles that create expectations of stronger investments in discipline and rules on the part of the father (Castro et al., 1997).

### **Implication for research and practice**

This study has implications for the literature on intergenerational transmission and parenting because of its emphasis on this process across different levels of parenting continuity. The existence of different levels of continuity confirms that the influences of G1's PS on the development of G2's parental behavioral patterns are diverse (Belsky et al., 2012; Belsky et al., 2005; van IJzendoorn, 1992) and highlights the fact that the intergenerational transmission of parenting is a multifactorial process. Thus, the intergenerational transmission of parenting should be explained from an ecological perspective that considers macro-, meso- and chronosystemic factors (Bronfenbrenner, 1979). Thus, the influences of children's behaviors and idiosyncratic characteristics on parenting should also be taken into account to better understand the process of the intergenerational transmission of parenting.

This study may also contribute interventions for families and individuals because it highlights that individuals intentionally or inadvertently build parenting models based on their experienced family-of-origin patterns and, from these models, determine which elements should be reproduced or avoided in their future parental relations (Falcke, Wagner, & Mossman, 2005). These patterns can be transmitted through generations, and the perpetuation of rigid conceptions of the expectations placed on each family member can place family dynamics and adaptation at risk.

In clinical and forensic practice, discordance in perceptions of PS may contribute to the understanding of family alienating practices. This work focused on concordance



and allowed us to access a familiar geography of parenting through the maps of the children's and parents' perceptions of the parenting of their parents. Furthermore, this geography alerts us to the importance of interpreting family as a kaleidoscope (Minuchin, 1986) in which each individual's map is not the territory (Watzlawick, 1975). Thorough understandings of the different maps of each family member and the meanings attached to those maps may increase the effectiveness of clinical family practice.

### **Limitations and future studies**

Although the present study may contribute to existing knowledge about intergenerational family transmission and parenting, it has several limitations that must be addressed. Due to the exploratory nature of this study, the sampling was not random and is not representative; thus, the results cannot be generalized to the Portuguese population. Some questionnaire packets were mailed and were not completed in the presence of the researchers; thus we cannot ensure that these family members did not discuss and share their answers. We used retrospective perceptions to assess parenting practices, and several authors (e.g., Canavarro, 1999) have highlighted the low reliability and accuracy of this method that results from individuals' tendencies to interpret and reconstruct past events depending on their personalities and their implicit theories about themselves and others. Thus, the memories of adults about their own parents are a product of current knowledge about parents that is shaped by current feelings toward the parents to create a coherent framework about the past parent-child relationship (Canavarro, 1999). The theory of cognitive dissonance (Festinger, 1957) also stresses the role played by the adaptation of memories to present situations; thus, when the past is discordant with current perceptions, individuals' tend to bias their perceptions according to the more proximal situation. Canavarro (1999) also stated that

the influence of the present emotional state of the participant on past memories is a limitation of this method.

Our results should be explored in more detail in future work that employs more complex methodological designs and data analysis procedures. Specifically, longitudinal studies with mixed methodologies and diversified measures should be conducted. It will also be important to compare our results with the findings of other works that have employed longitudinal designs that allow for the evaluations of G1 and G2 to be performed at comparable points in the life cycles of both generations (Smith & Farrington, 2004). Future studies should also focus on the relationship between continuity and intergenerational concordance to shed light on the stabilities of patterns of similarities and dissimilarities.

Given the scarcity of studies that have focused on male parenting from the intergenerational perspective, future studies should address this gap to allow for better understanding of the mechanisms of PS continuity and discontinuity among fathers. If the paternal line tends to have higher levels of continuity and continuity includes more efficient transmission of risk across generations (Patterson, 1998), then do the fathers' PS carry more risk to (intergenerational) parenthood? In contrast, if the discontinuity in the mothers' PS indicates instability, then do the mothers' PS carry more risk to (intergenerational) parenthood?

## References

- Aluja, A., Barrio, V., & García, L. F. (2006). Do parents and adolescents differ in their perception of rearing styles? Analysis of the EMBU versions for parents and adolescents. *Scandinavian Journal of Psychology*, 47, 103-108. doi:10.1111/j.1467-9450.2006.00497.x
- Aluja, A., Barrio, V., & García, L. F. (2007). Personality, social values, and marital satisfaction as predictors of parents' rearing styles. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 3, 725-737.
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9, 239-276.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96. doi:10.2307/1129836
- Belsky, J., Conger, R., Capaldi, D.M. (2009). The Intergenerational Transmission of Parenting: Introduction to the Special Section. *Developmental Psychology*, 45, 1201-1204. doi:10.1037/a0016245
- Belsky, J., Hancox, R. J., Sligo, J., & Poulton, R. (2012). Does being an older parent attenuate the intergenerational transmission of parenting? *Developmental Psychology*, 48, 1570-1574. doi:10.1037/a0027599
- Belsky, J., Jaffee, S., Sligo, J., Woodward, L., & Silva, P. (2005). Intergenerational transmission of warm-sensitive stimulating parenting: A prospective study of mothers and fathers of 3-years-old. *Child Development*, 76, 384-396. doi:10.1111/j.1467-8624.2005.00852.x
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. M. (2008). *Lealtades invisibles: Reciprocidad en terapia familiar intergeracional*. Buenos Aires: Amorrortu.

- Bouchard, G. (2012). Intergenerational transmission and transition to fatherhood: A mediated-moderation model of paternal engagement. *Journal of Family Psychology*, 26, 747-755. doi:10.1037/a0029391
- Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: Parent-Child Attachment and Healthy Human Development*. London: Routledge.
- Brofenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Byng-Hall, J. (1990). Attachment theory and family therapy: A clinical view. *Infant Mental Health Journal*, 11, 228-336.
- Byng-Hall, J. (2008). The crucial roles of attachment in family therapy. *Journal of Family Therapy*, 30, 129–146. doi:10.1111/j.1467-6427.2008.00422.x
- Campbell, J., & Gilmore, L. (2007). Intergenerational continuities and discontinuities in parenting styles. *Australian Journal of Psychology*, 59, 140-150.
- Canavarro, M. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos [Parental practices evaluation through EMBU: psychometric studies]. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Canavarro, M. (1999). *Relações Afetivas e Saúde Mental* [Affective Relations and mental health]. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M., & Pereira, A. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P [Parenting styles evaluation in parents' perspective: The Portuguese version of EMBU-P]. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.
- Capaldi, D., & Clark, S. (1998). Prospective family predictors of aggression toward female partners for at-risk young men. *Developmental Psychology*, 34, 1175-1199. doi:10.1037/0012-1649.34.6.1175

- Capaldi, D., Pears, K., Patterson, G., & Owen, D. (2003). Continuity of parenting practices across generations in an at-risk sample: A prospective comparison of direct and mediated associations. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31, 127-142.
- Castro, J., Pablo, J., Gómez, J., Arrindell, W., & Toro, J. (1997). Assessing rearing behaviour from the perspective of the parents: A new form of EMBU. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 32, 230-235. doi: 10.1007/BF00788243
- Chen, Z., & Kaplan, H. (2001). Intergenerational transmission of constructive parenting. *Journal of Marriage and Family*, 63, 17-31. doi:10.1111/j.1741-3737.2001.00017.x
- Conger, R., Belsky, J., & Capaldi, D. (2009). The intergenerational transmission of parenting: Closing comments for the special section. *Developmental Psychology*, 45, 1276-1283. doi:10.1037/a0016911
- Conrade, G., & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers: Differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53, 29-35.
- Darling, N. & Steinberg, I. (1993). Parenting style as a context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496. doi: 10.1037//0033-2909.113.3.487
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. (2005). Passando a história a limpo: O impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In A. Wagner (Ed.),

*Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 67-80).

Porto Alegre: EDIPUCRS.

Festinger, L. (1957). *A Theory of Cognitive Dissonance*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Glasgow, K., Dornbusch, S., Troyer, L., Steinberg, L. & Ritter, P. (1997). Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68, 507-529. doi:10.2307/1131675

Hartigan, J. A.; Wong, M. A. (1979). Algorithm AS 136: A K-Means Clustering Algorithm. *Journal of the Royal Statistical Society, Series C*, 28, 100–108.

van Ijzendoorn, M. H. (1992). Intergenerational transmission of parenting: A review of studies on nonclinical populations. *Development Review*, 12, 76-99. doi:10.1016/0273-2297(92)90004-L

Imber-Black, E. (1998). *The secret life of families*. New York, NY: Bantam.

Kerr, D., Capaldi, D., Pears, K., & Owen, L. (2009). A prospective three generational study of fathers' constructive parenting: influences from family of origin, adolescent adjustment, and offspring temperament. *Developmental Psychology*, 45, 1257-1274. doi:10.1037/a0015863

Kitamura, T., Shikai, N., Uji, M., Hiramura, H., Tanaka, N., & Shono, M. (2009). Intergenerational transmission of parenting style and personality: Direct influence or mediation? *Journal of Child and Family Studies*, 18, 541-556. doi: 10.1007/s10826-009-9256-z

Knafo, A. (2003). Contexts, relationship quality, and family value socialization: The case of parent-school ideological fit in Israel. *Personal Relationships*, 10, 373-390. doi:10.1111/1475-6811.00055

- Kovan, N., Chung, A., & Sroufe, A. (2009). The intergenerational continuity of observed early parenting: A prospective, longitudinal study. *Developmental Psychology*, 45, 1205-1213. doi:10.1037/a0016542
- Lamborn, S., Mounts, N., Steinberg, L., & Dornbusch, S. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065. doi:10.2307/1131151
- Mandara, J., & Murray, C. B. (2002). Development of an empirical typology of African American family functioning. *Journal of Family Psychology*, 16, 318-337. doi:10.1037//0893-3200.16.3.318
- Marin, A. H., Martins, G. D., Freitas, A. P., Silva, I. M., Lopes, R. C., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: Evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29, 123-132. doi:10.1590/S0102-37722013000200001
- Miermont, J. (1994). *Dicionário de terapias familiares: Teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1986). *Calidoscopio familiar*. Barcelona: Edição Paidós.
- Neppl, T. K., Conger, R. D., Scaramella, L. V., & Ontai, L. L. (2009). Intergenerational continuity and parenting behavior: Mediating pathways and child effects. *Developmental Psychology*, 45, 1241-1256. doi:10.1037/a0014850
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 15, 1-11.

- Olsen, S. F., Martin, P., & Halverson, C. F. (1999). Personality, marital relationships, and parenting in two generations of mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 23, 457-476.
- Palazzoli, M. S., Boscolo, L., Cecchin, G., & Prata, G. (1980). *Paradoxe et contreparadoxe: Un nouveau mode thérapeutique face aux familles à transaction schizophrénique* (3<sup>e</sup> édition). Paris: Les Éditions ESF.
- Patterson, G. R. (1998). Continuities – A search for causal mechanisms: Comment on the special section. *Developmental Psychology*, 34, 1163 – 1168. doi:10.1037//0012-1649.34.6.1263
- Pereira, A. I., Canavarro, C., Cardoso, M. F., Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among Portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 454-464. doi:10.1007/s10826-008-9249-3
- Perris, C., Jacobsson, L., Lindström, H., Von Knorring, L. & Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61, 265–274.
- Pinquart, M. & Silbereisen, R. K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of value content and authoritative parenting. *Adolescence*, 153, 83-100.
- Putallaz, M., Costanzo, P. R., Grimes, C. L., Sherman, D. M. (1998). Intergenerational continuities and their influences on children's social development. *Social Development*, 7, 389-427. doi:10.1111/1467-9507.00074
- Rutter, M. (1998). Some research considerations on intergenerational continuities and discontinuities: comment on the special section. *Developmental Psychology*, 34, 1269-1273. doi:10.1037//0012-1649.34.6.1269



- Schwartz, S. H., & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: Cross-cultural and multi-method studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 1010–1028. doi:10.1037/0022-3514.89.6.1010
- Simons, R. L., Whitbeck, L. B., Conger, R. D., & Wu, C. (1991). Intergenerational transmission of harsh parenting. *Developmental Psychology*, 27, 159 – 171. doi:10.1037//0012-1649.27.1.159
- Smetana, J. G. (1995). Parenting styles and conceptions of parental authority during adolescence. *Child Development*, 66, 299 – 316. doi:10.2307/1131579
- Smith, C. A., & Farrington, D. P. (2004). Continuities in antisocial behavior and parenting across three generations. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45, 230-247. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00216.x
- Snarey, J. (1993). *How fathers care for the next generation: a four decade study*. Cambridge, MA: Harvard University Press. doi:10.4159/harvard.9780674365995
- Steinberg, L., Lamborn, S., Darling, N., Mounts, N., & Dornbusch, S. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65, 754-770. doi:10.2307/1131416
- Watzlawick, P., Weakland, J., & Fisch, R. (1975). *Changements – Paradoxes et Psychotérapie*. Paris: Seuil.
- Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: Transmissão intergeracional dos estilos parentais. *Paidéia*, 16, 407-414.



**Values' family flow: (Dis)similarities between grandparents, parents and adolescents**

**SYNOPSIS**

Objective. The present study analyzed cross-generational trends in values and family patterns of value similarities across three generations (grandparents, parents, and children). Design. In this study, 101 family triads with adolescent children (N=303) completed questionnaires assessing personal values. Grandparents' values (Generation 1) were measured through parents' perceptions of their own parents. Results. In general, parents prioritize collectivist values, and there is an increased focus on individualist values across generations. Parents' individualist values mediate the relationship between paternal grandparents' and grandchildren's individualist values. There is no family transmission of collectivist values to adolescent children. Conclusion. We outline the implications of the increasing adherence to individualism and hypothesize that the transmission of individualist values across family with adolescent children is a pathway to maintenance of family cohesion and cooperation. The role of fathers and the paternal lineage on adolescents' acquisition of values are discussed.

*Keywords:* values; similarities; grandparents; parents; adolescents

## INTRODUCTION

Values as guiding principles, functioning as criteria to evaluate people and events and to select and justify actions and decisions (Rokeach, 1973; Schwartz, 1992), are a central content of cultural transmission (Cavalli-Sforza, 1993; Knafo & Schwartz, 2009; Schönplflug, 2009). Analyzing the continuity or change of culture (e.g., coping with the socioeconomic crisis or the collapse of a political system) through cross-generational trends of values can be a window to the study of cultural transmission processes (Schönplflug, 2009). According to an ecocultural model of intergenerational relations, cultural transmission processes, directions, and outcomes are affected by (and affect) the agents – and their relationships – who are involved, the contents that are transmitted, and the cultural context in which transmission takes place (Brofenbrenner, 1979; Trommsdorff, 2009). Literature differentiates three types or channels of transmission through which different contents can be transmitted: vertical, between parents and children; oblique, through socialization institutions and other agents; and horizontal, among peers (Berry, Poortinga, Segall, & Dasen, 2002; Cavalli-Sforza & Feldman, 1981; Schönplflug & Bilz, 2009).

A large body of studies focused on vertical transmission pointed the role of the parent-child relationship as a basic transmission belt, i.e., a mode of acquiring the cultural script or cultural values (Schönplflug, 2001) in this relational, bidirectional, and continuous process (Pinquart & Silbereisen, 2004; Phalet & Schönplflug, 2001; Roest, Dubas, & Gerris, 2009; Schönplflug & Bilz, 2009; Trommsdorff, 2009). So, family transmission of values (and not similarities between parents and children) can be a sign of successful socialization (Trommsdorff, 2009) because it is one of the basic family functions allowing synchronization among behavioral self-regulation, social expectations, identification with the social group, and loyalty to members

(Schwartz & Bardi, 2001). The clinical literature highlights the relevance of family mythology in the construction of personal values insofar as these are parts of identity that stabilize behavioral patterns (Caprara, Schwartz, Capanna, Vecchione, Barbaranelli, 2006; Trommsdorff, 2012) and provide coherence and continuity to personal narratives (Linares, 1996). Furthermore, values relate to family and individual wellbeing (Ghazarian, Supple, & Plunkett, 2008) and a diversity of risk behaviors (Bond & Chi, 1997; Goodwin, Realo, Kwiatkowska, Kozlova, Nguyen, & Nizharadze, 2002).

In the present study, which aims to contribute to knowledge on the intergenerational transmission of values, we focus on the three core components inherent in the process: the transmitter, the adopter and the transmission content (Schönpflug & Bilz, 2009). We analyze cross-generational trends in values as well as influence of parents' perception (Generation 2, G2) of their parents' values (Generation 1, G1) on the value similarity between G2 and adolescent children (Generation 3, G3). We focus on vertical transmission of collectivist and individualist values.

Several reasons justified this study. Literature suggests that similarity between parents' and children's values vary as a function of the content of values (e.g., Pinquart & Silbereisen, 2004; Knafo & Schwartz, 2009; Trommsdorff, 2012) and their relevance for agents, culture and families (Trommsdorff, 2009). Schwartz' theory of basic individual values proposes the order of the values around the circular motivation continuum (Schwartz, 1992). In a recent study, Schwartz and colleagues (2012) suggested a high order motivational principle organizing individuals' values: the focus on personal *versus* social outcomes. Given the importance of values' content on transmission and the labels used by Schönpflug and Bilz (2009), in the present study, we organized Schwartz Values Survey's (SVS) values through the labels: collectivist

values to refer to group-oriented or values focused on social outcomes; and individualist values to mean self-oriented values or values focused on personal outcomes.

The increase in average life expectancy may lead to a longer coexistence of three family generations, increasing opportunities for close relationships and influencing the transmission of processes and values (Silverstein, Giarrusso, & Bengtson, 2003; Trommsdorff & Nauck, 2006; Uhlenberg, 2005). Some studies have revealed the significant role of grandparents on grandchildren's lives (Bengtson, 2001) as confidants (Silverstein & Marengo, 2001) and as experienced storytellers who integrate history and family traditions with the cultural context (Pratt & Fiese, 2004). In spite of this, the role of extended family, particularly of grandparents, has been ignored. Most studies on value transmission focus on the members of a nuclear family, analyzing value transmission across two generations (e.g., Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011; Boehnke, 2001; Garnier & Stein, 1998; Pinguart & Silbereisen, 2004; Phalet & Schönpflug, 2001; Roest, Dubas, & Gerris, 2009; Knafo & Schwartz, 2003, 2009). Although, some studies have included three generations (e.g., Schönpflug & Bilz, 2009), many of them focused on analysis with female samples (grandmother, G1, and mother, G2) crossed with G3 (e.g., Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005; Trommsdorff, 2009; Kalish & Johnson, 1972), and there is an underrepresentation of studies of male samples of the G1 (maternal and paternal grandfathers). To our knowledge, no previous studies have examined the role played by G2's perception of G1's values on G2-G3's value similarity. In line with some authors (e.g., Grusec & Goodnow, 1994; Knafo & Schwartz, 2009), we speculate that G2's values are a mediator between G2's perception of G1's values and G3's values. We examined G2's perception of G1's values on the assumption that ratings given by G2 as recipients were a better indicator of transmitted values. Thus, this study connects grandparents',

parents' and adolescents' values, and considers both the importance of perception accuracy of parental values on the values transmission process (Grusec & Goodnow, 1994; Knafo & Schwartz, 2003, 2009) and the parent-child relationship as a transmission belt (Trommsdorff, 2009).

Globally, the impact of social changes (e.g., changes in work structures and the increasing entry of women/mothers to the workplace) on value similarities or differences across generations and on intergenerational relationships have been largely emphasized (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002; Constanzo & Hoy, 2007; Trommsdorff, 2009). Furthermore, in the last decades, Portugal had to cope with the collapse of a dictatorship (through the Carnation Revolution at 1974) and is currently coping with a severe financial crisis, both with strong social and family impact. Multiple agents have a pivotal role in co-construction, internalization, changes in valuation, and the intergenerational transmission of values. Whereby, oblique and/or horizontal transmissions may or not coincide with the vertical transmission, enhancing or undermining it (Trommsdorff, 2009). The balance between generational changes in valuation and transmission underlines the significance of cultural anchorage and collective memory (Halbwachs, 1968) for adaptive social functioning (Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005), explaining the relevance of some values as life guiding principles (Roest, Dubas, & Gerris, 2009) and the homogeneity of contents transmitted by different agents (Schönpflug, 2009).

### **Intergenerational transmission of values – processes and variables**

Within the family, different generations may have different levels of adherence to social values while the family transmission of values is occurring. This situation explains the perpetuation of differences among families, generations, and social groups

(Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005). Differences and similarities of values between generations can be conceptualized as a bipolar continuum (Phalet & Schönplflug, 2001), from an absence of differences (total transmission); to an absence of similarities (total transformation). In fact, each of these poles could be dysfunctional, in terms of society and the family: total transmission would not allow creativity and change to face challenges –*unenlightened* (Schönplflug, 2009) societies and families; and total transformation would not allow the preservation of cooperative and supportive relationships between generations (Schwartz & Bardi, 2001) – *enlightened* (Schönplflug, 2009) societies and families.

Different theoretical conceptualizations developed explanations regarding intergenerational similarities and differences on values. According the model of culture-specific developmental paths (Rothbaum, Pott, Azuma, Miyake, & Weisz, 2000), similarities in values among the older and younger generations are stronger in societies which collectivist values are more valued than in individualistic societies. Intergenerational differences in value orientations and higher selectivity in the transmission of values should be related to the preference for individualist values (Rothbaum et al., 2000). From a developmental perspective, intergenerational differences in values can be related to developmental dynamics, i.e., different stages and respective tasks in the life cycle and to a different historical impact on socialization (Trommsdorff, 2009).

According to some authors (e.g., Cavalli-Sforza, Feldman, Chen, Dornbusch, 1982; Schönplflug & Bilz, 2009) the result of intergenerational transmission of values is similarity between parents' and offspring' values. The similarity and dissimilarity levels of values have been described in terms of internalization. The value acquisition model, proposed by Grusec and Goodnow (1994) within an information-processing



framework, suggests that the transmission of values across generations involves a process of internalization with two steps: (1) the child's perception of the parental message with accuracy or inaccuracy; and (2) the acceptance or rejection of the perceived message. Different conditions affect these two steps. Accuracy depends on the child's attention to the parents' message and the clarity or redundancy of the message (Grusec & Goodnow, 1994; Knafo & Schwartz, 2003, 2009). Acceptance or rejection depends on the child's motivation toward the message and the perception of the message as appropriate and as a facilitator of self-generated feelings (Grusec & Goodnow, 1994). The filter model (Schönpflug & Bilz, 2009) proposes that the intensity of transmission between parents and child depends on filters, namely the parents' motivation to transmit specific values and the child's acceptance of parental influence. Both models emphasize the acquisition of values as a co-construction process, highlighting parents' choices and motivation about which values they intend to transmit and children's choices to accept or reject those values. Furthermore, both models also underline the selectivity of the transmission process regarding the contents of transmission.

The literature lacks consensus on the question of which values are more valued by parents. Or what values should be transmitted to children to reinforce similarities between parents and children. According to the evolutionary perspective (Schönpflug, 2001; Schönpflug & Bilz, 2009), parents are more likely to transmit collectivist than individualist values because the former serve the in-group, reinforcing cohesion and cooperation. This perspective has been confirmed in the literature, which has found stronger intergenerational similarities for collectivist values than for individualist between parents and adolescents (e.g., Friedlmeier & Trommsdorff, 2011; Roest, Dubas, Gerris, & Engels, 2009; Schönpflug, 2001). However, the salience perspective

proposes that values that are more salient for family members are more likely to be transmitted, regardless of the value content (Pinquart & Silbereisen, 2004).

The literature pointed several relational and sociodevelopmental influential factors on value similarity between parents and their offspring, namely, quality of the parent–child relationship (Schönpflug & Bilz, 2009; Trommsdorff, 2009), SES (Rosen, 1964), family size (Rosen, 1964), parenting styles (Schönpflug & Bilz, 2009), parents' age (Rosen, 1964) and education (Schönpflug & Bilz, 2009), marital quality of the parents (Schönpflug & Bilz, 2009), sibling position (Harris, 1998; Schönpflug & Bilz, 2009), gender of child and parent (Phalet & Schönpflug, 2001), interparental value agreement (Knafo & Schwartz, 2003, 2009).

The literature is not consistent on the role of parents' sex in the similarity between parent-child values. Although some studies (e.g., Flor & Knapp, 2001) suggest the effectiveness of direct parental modeling of desired behavior in both same-sex and cross-sex parent-child dyads, a several number of studies have provided support for stronger intergenerational similarity of values within same-sex relationships than within cross-sex relationships (Axinn & Thornton, 1993; Copen & Silverstein, 2008). In this sense, and according to gender role models of socialization theory, it has been suggested that the similarity of gender can favor relationship alliance, increasing value transmission (Copen & Silverstein, 2008). So, fathers transmit their values primarily to their sons, and mothers transmit theirs primarily to their daughters (Vollebergh, Iedema, & Raaijmakers, 2001). Several studies (e.g., Boehnke, 2001; Knafo & Schwartz, 2003) have found a stronger association between mother-child values than between father-child values, which can be explained by an evolutionist perspective through different levels of parental investment with their children (Geary, 1998; Parke, 2002) and the emotional closeness of the intergenerational dyads (Euler, Hoier, & Rodhde, 2009).

However, some studies have concluded that fathers have a greater impact on their children, regardless of the sex, in areas in which they are more involved than mothers or in which they serve as primary role models (Hosley & Montemayor, 1997). For example, Roest, Dubas, and Gerris (2009) found that fathers are more influential in values associated with children's work. Friedlmeier and Friedlmeier's (2012) study with a sample of Romanian families found that fathers play a more dominant role in the process of children's value formation and suggested that it could be a consequence of a traditionalist society.

Given that transmission belts are structured as intergenerational investment patterns (Euler et al, 2009) family lineage of grandparents and grandparents' sex can be influential in value transmission (Copen & Silverstein, 2008; Euler & Weitzel, 1996). Regardless the family lineage, grandmothers are more involved with grandchildren in leisure, social, and religious activities (Silverstein & Marenco, 2001). Some studies (e.g., Euler & Weitzel, 1996; Uhlenberg & Hammill, 1998) suggested that maternal grandparents, particularly maternal grandmothers, are likely to be in touch with grandchildren more frequently and engage in more care-taking activities for their grandchildren than paternal grandparents do. According an evolutionary perspective (Euler et al, 2009; Euler & Weitzel, 1996), the combination between assistance in sex-specific reproductive strategy and paternity uncertainty justifies the grandparental different investment. However, a study by Copen and Silverstein (2008) on religious values transmission found no differences according to the family lineage of grandparents.

### **Current study**

In the present study, we (1) analyze cross-generational trends in values across three generations; and (2) explore the similarities of collectivist and individualist values

in families with adolescent children. In order to do so, we consider (a) the values of maternal and paternal grandparents (G1) and the values of parents (G2) as predictors of children's values (G3); and (b) the values of maternal and paternal grandparents (G1) as predictors of mothers' and fathers' values (G2), respectively; and (3) test the mediation of G2's values between G1's and G3's values.

Regarding the cross-generational trend of values and in line with studies with Portuguese samples (e.g., Ramos, 2006), we expected all generations to prioritize collectivist values, i.e., transcending personal interests in favor of the social wellbeing. Furthermore, following previous studies (e.g., Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2012; Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005), we expect adolescents, compared to older generations, to prioritize individualist values.

Despite the scarcity of studies that include G1, it is assumed that the nuclear family of G2 is a socializing agent that is more influential than the extended family (Trommsdorff & Nauck, 2006). Thus, we expected more similarities between parents and their offspring's values than between grandparents and grandchildren's, regardless the value content. On the other hand, we expected collectivist values to be vertically transmitted between family generations (Schönpflug, 2001; Schönpflug & Bilz, 2009). Individualist values might represent a threat to the in-group by reinforcing individual needs over family cohesion and cooperation, so these values tend not to be vertically transmitted (Schönpflug, 2001; Schönpflug & Bilz, 2009). Since the influence of G1's values on G3's values can also be indirect and mediated by G2 (e.g., Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005) and grandparents may socialize the socializers (van Ijzendoorn, 1992), we hypothesized that G2's perception of G1's values is a mediator between G1's and G3's values (e.g., Grusec & Goodnow, 1994; Knafo & Schwartz,

2009). Hence, the G2's perception of G1's values should predict G2's values, and G2's values should predict G3's values.

Following the suggestion of recent studies, we expected that intergenerational investment patterns to be reflected on values' similarities within the family (Euler et al, 2009), and expected more similarities between mother-child than father-child. Considering the discriminative grandparent investment, i.e., the combination of assistance in sex-specific reproductive strategy and paternity uncertainty, it is likely that maternal grandparents' values and grandchildren's values are more similar than paternal grandparents' values and grandchildren's values (e.g., Euler & Weitzel, 1996; Uhlenberg & Hammill, 1998).

## METHODS

### Participants

This sample comprised 101 Portuguese intact family triads (father, mother, and adolescent children) for a total of 303 participants. In the children sample, 53.5% were daughters and 46.5% were sons, with ages between 15 and 19-years-old ( $M = 16.7$ ;  $DP = 1.48$ ). Most had an educational level between 10 and 12 years (58.4%); had no significant psychological or psychiatric complains (81.2%) or serious physical health problems (88.1%); and followed religious practices (43.1%). In the parents sample, 50% were mothers and 50% were fathers, with ages between 32 and 61-years-old ( $M = 46.40$ ;  $DP = 4.87$ ). Regarding educational level, 33.2% had higher education, and 28.2% had between 10 and 12 years of education. Most had never had significant psychological or psychiatric complaints (86.1%) or serious health problems (81.5%) and were believers without religious practices (53%). The families lived in several

Portuguese geographic regions: 40.7% in Lisbon and surrounding areas, 36.3% in the North, 18.6% in the Center, and 4.5% in other regions of the country.

## **Procedures**

Participants who belonged to intact families were selected from a larger sample composed of 904 participants who were participating in a larger study about intergenerational family dissimilarities and similarities of values and relationship patterns. The participants in the larger sample were composed by adolescents (age range: 15-19 years old) and parents whose children were adolescents ranging from 15 to 19 years old. The adult and adolescent participants in the larger sample belonged to intact, single-parent or divorced families and were participating in a broader study about intergenerational family similarities and dissimilarities in patterns of values and relationships. For inclusion in the present study, families were required to be intact.

Participants were recruited over a two-year period through a non-probabilistic sampling strategy using a snowball process (81.4%) or through collaboration with the Portuguese Association of Large Families (APFN) (18.6%). The questionnaire packets were delivered in person to participants or were mailed in the case of large families. All families were informed with a written document about the main objectives of the research. The voluntary nature of their collaboration was also explained, and they were assured confidentiality and anonymity. Participants received no incentives for collaboration. An informed consent document was signed by all participants.

## **Measures**

**Values Assessment.** We measured the collectivist and individualist values using a measurement suited for this purpose. We adapted the Schwartz Value Survey (SVS, Schwartz, 1992), which was translated and adapted for Portugal by Menezes and Campos (1991) and latter by Prioste and colleagues (2012). The SVS includes a list of

63 values, as guiding principles of participants' lives, rated on a scale ranging from (0) "Not important" to (6) "Fundamental importance". Each item is briefly defined in parentheses (e.g., Social Order [Stability of society]). The items of the SVS allow us to assess individualist and collectivist values (Prioste et al., 2012). Collectivist values refer to group-oriented or values focused on social outcomes and include values as Relational, Traditionalism, Social Concern and Spirituality; and individualist values to mean self-oriented values or values focused on personal outcomes and include values of Social Power, Personal Achievement, Personal Balance and Adventure.

In a previous study (Prioste et al., 2012) with a sample of 630 Portuguese participants, the Cronbach's alpha for the collectivist and individualist values showed good internal consistency: collectivist  $\alpha = .88$  and individualist  $\alpha = .90$ . In a recent study (Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2014) with a sample of Portuguese adolescents participants, the Cronbach's alpha for the collectivist and individualist values showed good internal consistency: collectivist  $\alpha = .90$  and individualist  $\alpha = .86$ . In the present study, the Cronbach's alpha for collectivist and individualist values, considering each family element (maternal grandmothers and grandfathers, paternal grandmothers and grandfathers, fathers, mothers, and adolescent children) also revealed good internal consistency: for the collectivist values, the Cronbach's alphas were between .95 (for paternal grandfather) and .89 (for children); for the individualist values, the Cronbach's alphas were between .93 (for maternal grandmother) and .83 (for father).

Parents (G2) completed the SVS twice: responding about their own values and considering their perceptions of their parents' values (G1), through the question: "How would your father and mother want you to respond to each item?" Adolescents (G3) completed the SVS by responding about their own values.

## Statistical Analysis

To analyze the cross-generational trend of individualist and collectivist values across three generations, we conducted repeated-measures factorial ANOVAs. These analyses were complemented with multiple comparisons using Bonferroni adjustment at  $p < .05$ , to reduce the probability of type I error.

To study the relationship between the intergenerational family similarities of individualist and collectivist values, multiple linear regressions were conducted. For each value, three multiple linear regressions were conducted to analyze (a) which maternal and paternal grandparents' (G1) and mother's and father's value dimensions (G2) predicted the same value dimensions among children (G3) (first step); (b) which maternal grandparents' value dimensions (G1) predicted the same value dimensions among mothers (G2) (second step); and (c) which paternal grandparents' value dimensions (G1) predicted the same value dimensions among fathers (G2) (third step).

## RESULTS

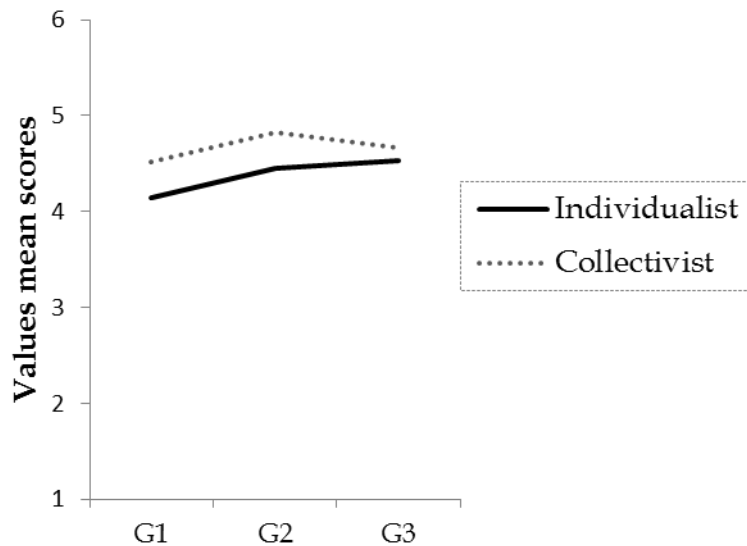
### Cross-generational trends of values

Figure 6 shows the mean scores of collectivist and individualist values across three generations. A 3 (Generation: G1 versus G2 versus G3) X 2 (Values: collectivist versus individualist) repeated-measures factorial ANOVA indicated a significant main effect of the generation on the rating of the values,  $F(2, 99) = 45.05$ ,  $p < .001$ ,  $\eta_p^2 = .48$ . Multiple comparisons showed that, in general, the mean score of G1 was lower ( $M = 4.33$ ;  $SD = .04$ ) than the scores of G2 ( $M = 4.64$ ;  $SD = .03$ ) and G3 ( $M = 4.60$ ;  $SD = .04$ ) and there were no significant differences between the G3's mean score and G2's mean score.



We also found a significant main effect of the type of the values,  $F(1, 100) = 105.85, p < .001, \eta_p^2 = .51$ . Multiple comparisons showed that the mean score of the individualist values was lower ( $M = 4.37; SD = .03$ ) than collectivist values mean score ( $M = 4.68; SD = .04$ ).

Importantly, there was a significant interaction between the generations and the type of values,  $F(2, 99) = 14.06, p < .001, \eta_p^2 = .22$ , indicating that the content of values had different effects on people's ratings depending on generations. To better understand this interaction, we performed multiple comparisons with Bonferroni adjustment, comparing each generation in the individualist and collectivist values. The results showed that G1's collectivist values mean score ( $M = 4.52; SD = .05$ ) was lower than G3's ( $M = 4.67; SD = .05$ ) and G2's ( $M = 4.83; SD = .04$ ) mean scores and G2's collectivist values mean score ( $M = 4.83; SD = .04$ ) was the highest. G1's individualist values ( $M = 4.53; SD = .04$ ) was the lowest and there were no significant differences between the G3's mean score ( $M = 4.53; SD = .04$ ) and G2's ( $M = 4.45; SD = .03$ ) mean score.



*Figure 6.* Means scores of the collectivist and individualist values across generations (G1, G2 and G3).

### **Regression models of family values**

Figure 7 shows the regression models for the collectivist values (Figure 7a) and for the individualist values (Figure 7b). Regarding the collectivist values, maternal grandfathers' collectivist values were a significant predictor of mothers' collectivist values, and paternal grandfathers' collectivist values were a significant predictor of fathers' collectivist values. These significant relations suggest that the more parents perceived that grandfathers held collectivist values, the more they adhered to these values. None of G1's and G2's collectivist values predicted G3's collectivist values.

With regard to regression models for the individualist values, maternal grandparents' individualist values were a significant predictor of mothers' individualist values, indicating that the more mothers perceived that their parents held individualist values, the more they adhered to these values. There was a significant relation between paternal grandfathers' and fathers' individualist values, indicating that the more fathers' perceived that their fathers held individualist values, the more they adhered to these

values. We found a significant relation between fathers' and children's individualist values, suggesting that the more fathers' adhered to individualist values, the more children also held these values.

The results of individualist values suggested the possibility that parents' values mediate the relationship between grandparents' values and grandchildren's values. Therefore, we tested the mediation of fathers' individualist values on the effects of paternal grandfathers' individualist values on children's individualist values. We found a total mediational effect that was reliable according to the Sobel test (Sobel = 2.11,  $p < .05$ ).

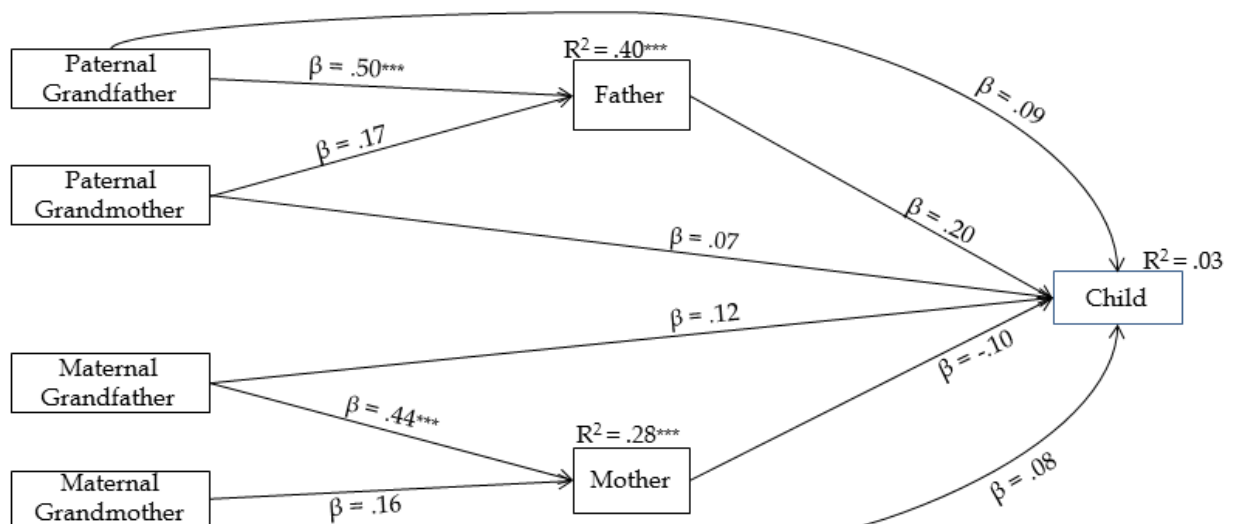


Figure 7a

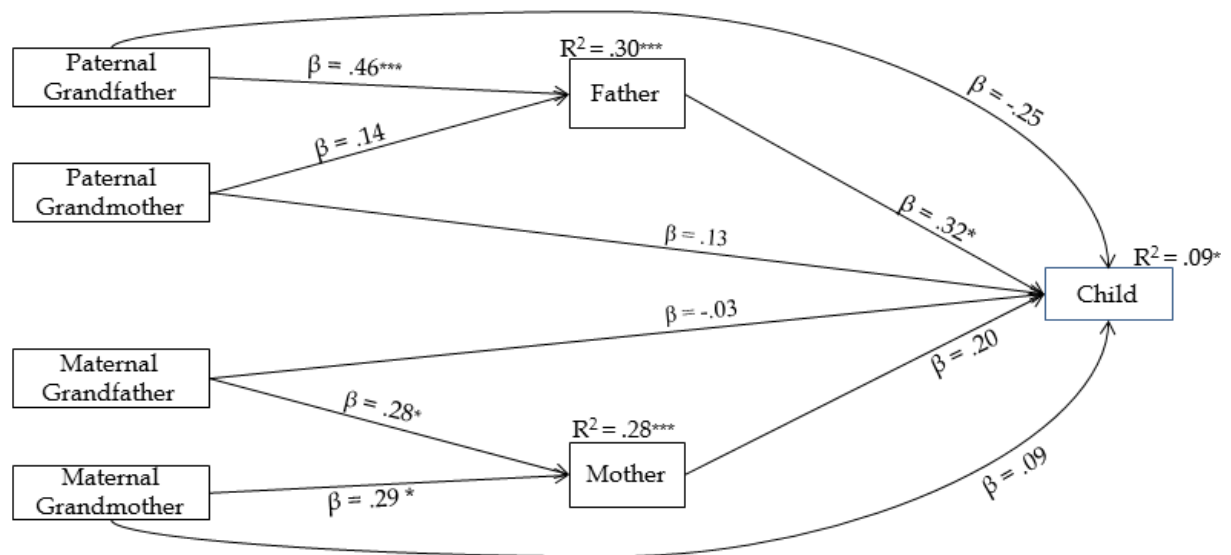


Figure 7b

Figure 7. Intergenerational transmission model of collectivist (7a) and individualist values (7b), in families with adolescent children.

Note. \*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$

## DISCUSSION

In the present study, we analyze family patterns of value similarities across three generations (G1, G2, and G3) by examining the role played by G2's perception of G1's values on G2-G3's value similarity as well as cross-generational trends of values. Thus, this study contributes to an understanding of the cultural transmission processes, particularly of the transmission of values with reference to which values seem to be transmitted by which intra-familial sources and channels. Our research priorities were to study value similarities within families with adolescent children (Barni et al, 2011; Roest, Dubas, Gerris, & Engles, 2009) and to explore some gaps in the literature, particularly for the Portuguese context (e.g., the underrepresentation of studies of three generations and the absence of studies about maternal and paternal grandfathers).

### Cross-generational trend

The general trend suggested by our results may indicate that, within the Portuguese culture, collectivist values could be more relevant as guiding principles. This result supports our hypothesis and previous studies (e.g., Ramos, 2006) and can be understood within the filter model (Schönpflug & Bilz, 2009) and the value sources perspective proposed by Pereira, Camino and Costa (2005). According to the value sources perspective, instead of simply representing basic individual needs and motivations, values express basic socially shared principles about how society should be organized and are anchored in social identities (Estramiana, Pereira, Monter, & Zlobina, 2013). For both perspectives, the importance of the collectivist values may reflect the fundamental principles that appear to guide Portuguese society – cultural values, according to Hofstede (1980) and Inglehart (1977) – in terms of values focused on interdependence. As cultural values, values focused on social outcomes affect the development of parent-child relationships over the life span and over the generations and the related processes of the cultural transmission (Trommsdorff, 2009). Thus, homogeneity of contents transmitted by different agents on oblique, horizontal and vertical transmissions (Schönpflug, 2009) enhanced the intergenerational transmission of collectivist values.

According a developmental perspective (e.g., Trommsdorff, 2009), intergenerational trends in the individualist and collectivist values suggested by our results can be explained through different developmental stages and inherent tasks in the life cycle and to a different historical impact on socialization. The trends indicated by our results regarding individualist values support previous studies (e.g., Prioste et al., 2012; Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005) that suggest that new generations are likely to prioritize these values. This difference may be associated with the current culture widely disseminated by the media, which favors welfare and achievement,

promoting and enhancing values focused on individual and here-and-now gratification (Prioste et al., 2012). For adolescents, developmental tasks, as tests of their own limits, supported by metaphysical egocentrism and the belief in personal fables (i.e. belief in the nonimputability of the consequences of one's behavior), could accentuate the adoption of values such as pleasure, daring, and curiosity (Prioste et al., 2012). The growing trend of valuing the individualist values from G1 to G3 may be related to the fact this assessment involves the perception of G2 about G1; thus, it may be a perception that the previous generation was less focused on these values.

Our results pointed to the centrality of the collectivist values in G2 and G3 in comparison to G1. This result may be due to the several systemic levels of human development (Bronfenbrenner, 1979). At the macrosystemic/chronosystemic level, it is important to note the relevance, in the Portuguese context, of the political and social development after the Carnation Revolution, a period in the history of Portugal resulting from a military coup in 1974 that overthrew the almost five decades of a dictatorial regime. With the end of the oppression experienced by G1 during the dictatorial regime, G2 and G3 have been living in a socially and politically democratic context in which they are allowed social, relational, and individual freedom. Additionally, the past and present Portuguese context highlights the relevance of social values as a common familial discussion topic and guiding principles of life for G2 and G3.

Moreover, in addition to the specificity of the Portuguese context, there has been increasing connectivity to the wider world through technology. Thus, unlike G1, we can say that G2 and G3 are experts in technology, allowing them more frequent contact and expressions of appreciation, concern, and care for the welfare of others through electronic, digital, and face-to-face communication. We must also highlight the relevance of peer groups of G3 (microsystem), particularly their influence on relational

values such as, friendship, loyalty, and generosity, as adolescents' guiding principles of life and behavior. Furthermore, new generations seem to be more receptive to social trends, such as environmental and peace movements (Pinquart & Silbereisen, 2004).

Regarding the chronosystemic/microsystemic level, we must underline the individual and familial developmental tasks inherent in the life cycle stage of each generation. Accordingly, due to G1's increasing age and loss of autonomy, G2 may perceive G1 as more oriented to the past (Friedlmeier & Friedlmeier, 2012) and to the preservation of social values, thus reinforcing security and stability (Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005). G2, commonly considered the sandwich generation (Trommsdorff & Nauck; 2006; Zal, 1993), may be more focused on nurturing the individuation-socialization development of their children and caring for their own parents, hence becoming more oriented to collectivist values that are more congruent with their family concerns and needs. As the generation that most values collectivist values, it is possible that the overload of caring requests explains the relational guidance of G2. Furthermore, this result may suggest that G2 may connect the previous and the following generation, favoring the maintenance of family identity (Cigoli & Scabini, 2006), collective memory, and social well-being (Halbwachs, 1968).

### **Family intergenerational similarities of values**

The results show that the collectivist and individualist values of G1 are associated with G2 values, which may be due to the assessment, i.e., G1's values involves the perception of G2 about G1, and consequently, the identification of G2 with the parents. In addition, some authors (e.g., Ranieri & Barni, 2010) suggest that there are more value similarities between parents and grown children when the latter assume adult and parental roles.

The association between G2 and G3 values was only found in the individualist values, which does not support our hypothesis or other studies (e.g., Friedlmeier & Trommsdorff, 2011; Roest, Dubas, Gerris, & Engels, 2009; Schönplflug, 2001). These results also do not support the evolutionary perspective (Schönplflug, 2001; Schönplflug & Bilz, 2009), according to which parents would be more likely to transmit collectivist than individualist values. In line with Trommsdorff (2009), we suggest that family impact on values transmission is reduced on broadly shared values that are transmitted by multiple socialization agents.

The analysis of the underlying cross-generational value trends pointed to the relevance of collectivist values across generations. However, rank-order similarity, as measured in regressions, indicates that in some families there is agreement about low importance to the group-oriented values. Accordingly, in line with evolutionary (Schönplflug, 2001) and salience perspectives (Pinquart & Silbereisen, 2004), we hypothesize a paradox: the transmission of individualist values across families with adolescent children is a pathway to the maintenance of family cohesion and cooperation, through the mechanism of sharing the salience of the values focused on personal outcomes.

Thus, considering the two opposing perspectives (Bengtson et al, 2002) – social and family decline versus solidarity – our data provide support for both. On one hand, our results point an increasing appreciation of individualism (social and family decline) but on the other hand, the appreciation of individualism links the family generations and points to the capacity of the family to influence next generations (social and family solidarity). Hence, we could propose the transmission of individualist values across generation as a pathway to link the family and part of family mythology (Linares, 1996).



Note that there is a masculine dominance of the transmission of individualist values: only male family elements (maternal and paternal grandfathers and fathers) transmit these values. According to research on values, individualist values are more relevant in male samples (e.g., Schwartz & Rubel, 2005). Therefore, we hypothesize that fathers can serve as primary role models (Hosley & Montemayor, 1997) of values associated with agency, accomplishment, and social power, and they have a greater impact on their children's education in this area. Furthermore, we hypothesize that the individualist values are more relevant to fathers. Our results show that individualist values are also more important to G3. Thus, on the basis of these assumptions, our data support the salience perspective, which states that values that are more salient for family members are more likely to be transmitted (Pinquart & Silbereisen, 2004).

In the present study, we found an indirect association between G1's and G3's individualist values. Paternal grandfathers socialize fathers (socializer) (van Ijzendoorn, 1992), contributing indirectly to the transmission of individualist values to their grandchildren.

### **The role of parents' gender**

Although several studies suggest that the maternal influence on children's values is stronger than the paternal influence regardless of children's sex (e.g., Boehnke, 2001; Barni et al, 2011; Knafo & Schwartz, 2003), the results do not support our hypothesis based on intergenerational investment patterns (Euler et al, 2009), revealing no association between mothers and children. It is possible that mothers, as family gatekeepers (Geary, 1998), kin keepers (Euler et al, 2009) or guardians, are more flexible than fathers with regard to the transmission of values to their adolescent children, allowing them more autonomy to accept or reject the mother's values (Barni et, 2011) in an attempt to maintain proximity and family harmony and to better support

their identity construction process (Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005). In this sense, mothers may be more comprehensive and less prescriptive, which may be reflected in a lower association between their values and those of their children. It is also possible that because mothers are more involved in children's education (in comparison to fathers, who usually have a less central role or presence), the former may need to adopt different educational practices embedded in similar aims and values (equifinality) or similar educational practices embedded in different aims and values (multifinality). This may be perceived by children as lower consistency in mothers' messages about values (Knafo & Schwartz, 2003) and, consequently, may diminish the power and clarity of the messages and the acceptance of their mothers' values.

Therefore, our results suggest that fathers may have a central role in children's values, calling into question parental gender-role differences, particularly the instrumental and more peripheral role commonly attributed to fathers. Nevertheless, it is possible that, compared with mothers, fathers are more prescriptive and less comprehensive, allowing children less autonomy in accepting or rejecting their values (Barni et al, 2011), directing them more clearly, increasing the accuracy of children's perceptions of their message, influencing them more than mothers, thereby favoring the internalization of fathers' values (Grusec & Goodnow, 1994).

On the other hand, this result can also be interpreted by an evolutionary perspective (e.g., Euler et al, 2009; Euler & Weitzel, 1996). Fathers, comparing to mothers, need and rely more on child resemblance for investment (Porter, 1987). Children can prioritize fathers' values as strategy to gain more investment and attention from fathers though behavioral resemblance.

### **The role of grandparents' gender and family lineage**

Given that we have found indirect associations between paternal grandfathers' and grandchildren's value dimensions, it seems that paternal family lineage is more influential to G3 in indirect associations than maternal family lineage. These results do not support our hypothesis based on the discriminative grandparent investment.

Regarding paternal grandparents' sex, grandfathers seem to be more influential. The results revealed more direct associations with mothers and fathers and indirect associations with grandchildren (e.g., individualist values) compared with grandmothers. These results do not support previous studies that found a greater influence of grandmothers (Silverstein & Marengo, 2001) and of maternal family lineage on grandchildren (Euler & Weitzel, 1996; Uhlenberg & Hammill, 1998).

We also found that when considering the influences of G1 on G2, there are more associations between maternal grandparents and mothers for collectivist values. This result can be explained by gender differences in the socialization process: women are more motivated to pay attention and be responsive to others' needs (Zentner & Renaud, 2007) and are encouraged to give more importance to relational values (Barni et al., 2011).

### **Limitations**

Although the present study contributes to knowledge on cross-generational trends in values and intergenerational transmission through the analysis of family similarities in values, it has several limitations that must be underlined: (1) the sampling was selected through a non-probabilistic sampling strategy, which means that the results cannot be generalized to the Portuguese population; (2) because some questionnaire packets were mailed and were not completed in the presence of the researchers, we could not ensure that these family members did not discuss their answers, which could lead to an inflation of similarity in scores; (3) only one measure

was used to assess values as guiding principles of life, and it was a self-reported measure; therefore, it is unclear whether the findings can be generalized to other measures; (4) the values of G2 and G3 were collected based on self-perceptions, whereas G1's values were indirectly collected through G2's perceptions of their parents' values, so several factors as characteristics of G1 (e.g., Schönplflug, 2001), of G2 (Knafo & Schwartz, 2003), and of the social context (Boehnke, 2001) may affect the accuracy in perception' values process; (5) although the measure used (SVS) included explicit explanations for each item-value, the measure requires a high level of abstract reasoning, which could be less appropriate for younger adolescents; (6) although regression analyses are widely used to demonstrate value transmission patterns within the family in cross-sectional empirical studies (e.g., Boehnke, 2001; Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005; Schönplflug, 2001), cross-sectional studies do not allow the inference of causal associations between the variables.

### **Implications for practice and research**

Our results support the idea of the new generation's greater adoption of individualist values. These results may support the balance between perspectives of social and family decline and solidarity (Bengtson et al, 2002) through a paradox: in families with adolescent children, the maintenance of family capacity to influence following generation and to reinforce cohesion and cooperation is based on the transmission of individualist values. With respect to practice, family clinicians, social workers, educators, and forensic technicians should think broadly about intergenerational influences and their consequences and about how to harness family's capacities to strengthen family relationships and the social context, thus promoting individual, familial, and social wellbeing. Future research with a more complex methodological design – particularly longitudinal studies with a mixed methodological

approach – may be necessary to deeply examine the findings of the present study and to understand cross-generational trends in values when adolescents become adults and when they become parents.

Our findings evidenced a clear expansion of the “restricted” role often attributed to fathers with regard to childcare, which has clear implications in terms of preventive and therapeutic interventions. These findings also lead to another question that deserves research attention: if fathers have a fundamental role in value transmission, who assumes this role and how is it “compensated” in families with structural configurations in which fathers are absent or do not exist?

This work also suggests that although G2 parents are “sandwiched” between support for their own parents (G1) and support for the different developmental needs of their adolescent children (G3), they may have a “bridge role” between the previous generation (grandparents) and the following generation (children). This situation may be very important for the maintenance of collective memory, social functioning, and well-being, anchoring the family identity and assuring its continuity in time and space (Halbwachs, 1968). In this work, we only consider the role of grandparents’ and parents’ sex. In future studies, for a better understanding of patterns of intergenerational similarities of values, the role of children’s sex should also be studied.

As we have mentioned above, our results should be examined in future work with larger samples and more complex methodological designs and data analysis procedures, particularly longitudinal studies, mixed methodologies, and diversified measures. Because of the scarcity of research using male samples, future studies should also consider and address this gap to obtain specific knowledge about the role of grandfathers and fathers in the intergenerational transmission of values.

It may be necessary to expand the main focus of the present study on family patterns of intergenerational (dis)similarities of values across three generations (i.e., intra-family sources and channels of influence) to a focus on the processes of transmission—the resources and strategies in each previous generation that influence the following one (e.g., parental practices and styles, parental attachment, family relation climate) as well as, from a circular perspective, the resources and strategies of a generation that influence and change the values of the previous one.

Finally, our study raises an important question: if parents only influence the hedonistic values of their children, from what sources are collective values absorbed by children? Future research should address this question.

## References

- Axinn, W. G., & Thornton, A. (1993). Mothers, children, and cohabitation: The intergenerational effects of attitudes and behavior. *American Sociological Review*, 58, 233-246.
- Barni, D., Ranieri, S., Scabini, E., & Rosnati, R. (2011). Value transmission in the family: Do adolescents accept the values their parents want to transmit? *Journal of Moral Education*, 40, 105-121.
- Bengtson, V. L. (2001). Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. *Journal of Marriage and the Family*, 63, 1-13.
- Bengtson, V., Biblarz, T., & Roberts, R. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. Cambridge: University Press.
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (2002). *Cross-cultural psychology: Research and applications* (Vol. 2). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511974274
- Boehnke, K. (2001). Parent-offspring value transmission in a societal context. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 241-255.
- Bond, M. H., & Chi, V. M. Y. (1997). Values and moral behavior in mainland China. *Psychologia: An International Journal of Psychology in the Orient*, 40, 251-261.
- Brofenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Caprara, G. V., Schwartz, S., Capanna, C., Vecchione, M., & Barbaranelli, C. (2006). Personality and politics: Values, traits, and political choice. *Political Psychology*, 27, 1-29. doi:10.1111/j.1467-9221.2006.00447.x

- Cavalli-Sforza, L. L. (1993). How are values transmitted? In M. Hechter, L. Nadel, & R. E. Michod (Eds.), *The origin of values* (pp. 205-317). New York: Aldine de Gruyter.
- Cavalli-Sforza, L. L., & Feldman, M. W. (1981). *Cultural transmission and evolution: A quantitative approach*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Cavalli-Sforza, L.L., Feldman, M. W., Chen, K. H., Dornbusch, S. M. (1982). Theory and observation in cultural transmission. *Science*, 218, 19-27.  
doi:10.1126/science.7123211
- Cigoli, V., & Scabini, E. (2006). *Family identity: Ties, symbols, and transitions*. Lawrence Erlbaum Associates. Mahwah, NJ.
- Constanzo, P. R., & Hoy, M. B. (2007). Intergenerational relations: Themes, prospects, and possibilities. *Journal of Social Issues*, 63, 885-902.
- Copen, C. & Silverstein, M. (2008). Transmission of religious beliefs across generations: Do grandparents matter?. *Journal of Comparative Family Studies*, 38, 497-510.
- Estramiana, J. L., Pereira, C., Monter, M. R., & Zlobina, A. (2013). Valores Sociais [Social Values]. In Camino, L., Torres, A. R., Lima, M. E. O., Pereira, M. E. (Eds.), *Psicologia Social: temas e teorias (2ª Ed.)* (pp. 311-355). Brasília: TechnoPolitik.
- Euler, H. A., Hoier, S., & Rodhde, P. A. (2009). Relationship-specific intergenerational family ties: An evolutionary approach to the structure of cultural transmission. In U. Schönplflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp. 74-94). New York: Cambridge University Press.  
doi:10.1017/CBO9780511804670



- Euler, H. A., & Weitzel, B. (1996). Discriminative grandparental solicitude as reproductive strategy. *Human Nature*, 7, 39-59.
- Flor, D. L., & Knapp, N. F. (2001). Transmission and transaction: Predicting adolescents' internalization of parental religious values. *Journal of Family Psychology*, 15, 627-645. doi:<http://dx.doi.org/10.1037//0893-3200.15.4.627>
- Friedlmeier, M., & Friedlmeier, W. (2012). Relative contribution of mothers and fathers to adolescents' values in Romanian families. *Cognition, Brain, Behavior: an interdisciplinary Journal*, XVI, 239-264.
- Friedlmeier, M., & Trommsdorff, G. (2011). Are mother-child similarities in value orientations related to mothers' parenting? A comparative study of American and Romanian mothers and their adolescent children. *European Journal of Developmental Psychology*, 8, 661-680.
- Garnier, H. E., & Stein, J. A. (1998). Values and the family: Risk and protective factors for adolescent problem behaviors. *Youth & Society*, 30, 89-120. doi:[10.1177/0044118X98030001004](https://doi.org/10.1177/0044118X98030001004)
- Geary, D. C. (1998). *Male, female: The evolution of human sex differences*. Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:[10.1037/10370-000](https://doi.org/10.1037/10370-000)
- Ghazarian, S. R., Supple, A. J., & Plunkett, S. W. (2008). Familism as a predictor of parent-adolescent relationships and developmental outcomes for adolescents in Armenian American immigrant families. *Journal of Child and Family Studies*, 17, 599-613. doi:[10.1007/s10826-007-9177-7](https://doi.org/10.1007/s10826-007-9177-7)
- Goodwin, R., Realo, A., Kwiatkowska, A., Kozlova, A., Nguyen, L. A., & Nizharadze, G. (2002). Values and sexual behaviour in Central and Eastern Europe. *Journal of Health Psychology*, 7, 1-12. doi:[10.1177/1359105302007001651](https://doi.org/10.1177/1359105302007001651)

- Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Development Psychology*, 30, 4-19. doi:10.1037//0012-1649.30.1.4
- Halbwachs, M. (1968). *La Mémoire Collective*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Harris, J. R. (1998). *The nurture assumption: Why children turn out the way they do*. New York: The Free Press.
- Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Beverly Hills: Sage.
- Hosley, C. A., & Montemayor, R. (1997). Fathers and adolescents. In M. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development*. New York: Wiley.
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution*. Princeton: Princeton University Press.
- Kalish, R. A., & Johnson, A. I. (1972). Value similarities and differences in three generations of women. *Journal of Marriage and the Family*, 34, 49-54. doi:10.2307/349629
- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2003). Parenting and adolescents' accuracy in perceiving parental values. *Child Development*, 74, 595-611. doi:10.1111/1467-8624.7402018
- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2009). Accounting for parent-child value congruence: theoretical considerations and empirical evidence. In U. Schönplflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp. 240-268). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511804670
- Linares, J. L. (1996). *Identidad y narrativa – La terapia familiar en la práctica clínica*. Barcelona: Paidós Terapia Familiar.

- Menezes, J. & Campos, B. P. (1991). Estrutura dos valores: Estudo transversal [The structure of values: cross-sectional study]. *Psychologica*, 6, 129-147.
- Parke, R. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 27-73). Lawrence Erlbaum Associates.
- Pereira, C., Camino, L., & Costa, J. B. (2005). Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores [A study on the integration levels of analysis of value systems]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 16-25.
- Phalet, K., & Schönplflug, U. (2001). Intergenerational transmission in Turkish immigrant families: Parent collectivism, achievement values and gender differences. *Journal of Comparative Family Studies*, 32, 489-504.
- Pinquart, M. & Silbereisen, R. K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of value content and authoritative parenting. *Adolescent*, 153, 83-100.
- Porter, R. (1987). Kin recognition: Functions and mediating mechanisms. In C. B. Crawford, M. S. Smith, & D. Krebs (Eds.), *Sociobiology and psychology: Ideas, issues and applications* (pp. 175–203). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Pratt, M. W., & Fiese, B. H. (Eds.) (2004). *Family stories and the life course: across time and generations*. Mahwah, N. J.: Erlbaum.
- Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M. (2012). Questionário de Valores Pessoais Readaptado: Processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação [Personal Values Questionnaire readapted: development process and initial contributions to validation]. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluation Psicológica*, 34, 175-199.

- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., & Pereira, C. R. (in press). Family relationships and parenting practices: A pathway to adolescents' collectivist and individualist values? *Journal of Family and Child Studies*.
- Ramos, A. (2006). Social values dynamics and socio-economic development. *Portuguese Journal of Social Science*, 5, 35-64. doi:10.1386/pjss.5.1.35/1
- Ranieri, D., & Barni, S. (2010). Promuovere valori nei figli adolescenti: Uno studio intergenerazionale sulla transmission dei valori in famiglia. *Psicologia dell'educazione*, 4, 157-176.
- Roest, A. M., Dubas, J. S., & Gerris, J. R. (2009). Value transmission between fathers, mothers, and adolescent and emerging adult children: The role of the family climate. *Journal of Family Psychology*, 23, 146-155. doi:10.1037/a0015075
- Roest, A. M., Dubas, J. S., Gerris, J. R., Engels, R. C. (2009). Value similarities among fathers, mothers and adolescents and the role of a cultural stereotype: Different measurement strategies reconsidered. *Journal of Research on Adolescence*, 19, 812-833.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Rosen, B. C. (1964). Family structure and value transmission. *Merrill-Palmer Quarterly*, 10, 59-76.
- Rothbaum, F., Pott, M., Azuma, H., Miyake, K., & Weisz, J. (2000). The development of close relationships in Japan and the United States: Paths of symbiotic harmony and generative tension. *Child Development*, 71, 1121-1142.
- Sabatier, C. & Lannegrand-Willems, L. (2005). Transmission of family values and attachment: A French three-generation study. *Applied Psychology: A International Review*, 54, 378-395.

- Schönpflug, U. (2001). Intergenerational transmission of values: The role of transmission belts. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 174-185. doi:10.1177/0022022101032002005
- Schönpflug, U. (2009). Theory and research in cultural transmission: A short history. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp. 9-33). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511804670
- Schönpflug, U., & Bilz, L. (2009). The transmission process: Mechanisms and contexts. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp. 212-240). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511804670
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. P. Zanna. (Ed.), *Advances in experimental social psychology, Vol. 25* (pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. H. & Bardi, A. (2001). Values hierarchies across cultures: Taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 268-268. doi:10.1177/0022022101032003002
- Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beieilein, C., Ramos, A., Verkasalo, M., Lönnqvist, J., Demirutku, K., Dirilen-Gumus, O., & Konty, M. (2012). Redefining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103, 663– 688. doi:10.1037/a0029393
- Schwartz, S. H., & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: Cross-cultural and multi-method studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 1010–1028. doi:10.1037/0022-3514.89.6.1010

- Silverstein, M., Giarrusso, R., & Bengtson, V. L. (2003). Intergenerational solidarity and the grandparent role. In M. Szinovacz (ed.), *Handbook on grandparenthood* (pp.144-158). Westport, Conn: Greenwood Press.
- Silverstein, M., & Marengo, A. (2001). How Americans enact the grandparent role across the family life course. *Journal of Family Issues*, 22, 493-522.  
doi:10.1177/019251301022004006
- Trommsdorff, G. (2009). Intergenerational relations and cultural transmissions. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp.126-160). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511804670
- Trommsdorff, G. (2012). Cultural perspectives on values and religion in adolescent development: A conceptual overview and synthesis. In G. Trommsdorff & X. Chen (Eds.), *Values, religion, and culture in adolescent Development* (pp-3-45). New York: Cambridge University.
- Trommsdorff, G. & Nauck, B. (2006). Demographic changes and parent-child relationships. *Parenting: Science and Practice*, 6, 343-360.  
doi:10.1207/s15327922par0604\_4
- Uhlenberg, P. (2005). Historical forces shaping grandparent-grandchild relationships: Demography and beyond. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, 24, 77-97.
- Uhlenberg, P., & Hammill, B. G. (1998). Frequency of grandparents contact with grandchild sets: Six factors that make a difference. *Gerontologist*, 38, 276-285.  
doi:10.1093/geront/38.3.276

- van Ijzendoorn, M. H. (1992). Intergenerational transmission of parenting: A review of studies on nonclinical populations. *Development Review*, 12, 76-99. doi:10.1016/0273-2297(92)90004-L
- Vollebergh, W. A. M., Iedema, J., & Raaijmakers, Q. A. (2001). Intergenerational transmission and the formation of cultural orientations in adolescence and young adulthood. *Journal of Marriage and Family*, 63, 1185-1198. doi:10.1111/j.1741-3737.2001.01185.x
- Zal, H. M. (1992). *A geração sanduíche [The sandwich generation]*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Zentner, M., & Renaud, O. (2007). Origins of adolescents' ideal self: An intergenerational perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92, 357-375.





## Diálogos entre capítulos II

*“Those who cannot remember the past are doomed to repeat it”* (Santayana, 1905)

O olhar em *zoom out* para os diálogos geracionais entre representações verticais que emergem das aquisições repetidas (transmissões absorvidas) e das quebras (transmissões rejeitadas) permitiu-nos aprofundar e experimentar vários níveis de análise e de conceptualização do sistema familiar “em-processo-de-transmissão”. Através das representações, mapeámos a família G1-G2-G3 “em-processo-de-transmissão”, focando os níveis de continuidade nas linhas materna e paterna (da continuidade total à ausência de continuidade), a concordância (poderá este ser um precursor da (des)continuidade futura?) e a semelhança entre pais e filhos.

Reiterámos, nos dois próximos estudos, o uso da “voz instrumental” em olhares em *zoom in* sobre a transmissão de valores. Focamos agora, incisivamente, a influência das práticas parentais e das relações familiares nos valores. Estes artigos, ao introduzirem o tempo na história da família G1-G2-G3, permitem perspectivar a influência destas variáveis: de forma retrospectiva, i.e., a influência da percepção das práticas parentais e das relações familiares da família de origem da G2 nos valores actuais dos pais da G2; e de forma prospectiva, i.e., a influência da percepção das práticas parentais e das relações familiares da família nuclear da G3, nos valores actuais dos adolescentes da G3.



## Capítulo III

---

### Passado e presente: Impacto das representações familiares e parentais nos valores<sup>21,22</sup>

---

<sup>21</sup> Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., Pereira, C.. Adults' values: The role played by parenting and relationships quality in family-of-origin. Submitted.

Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., Pereira, C.. Family relations and parenting practices: A pathway to adolescents' collective and hedonist values? Accepted with minor revisions, Journal of Child and Family Studies

<sup>22</sup> Apêndice C: Pedido de colaboração das escolas; Apêndice D: Pedido de colaboração a Encarregados de Educação e consentimento informado



## **Adults' values: The role played by parenting and relationships quality in family-of-origin**

### **Abstract**

Family-of-origin is an important system in individual's lives, and its influence is extensive over the life cycle. The aim of this study was to investigate, in a sample of adult participants, whether their retrospective perceptions of parenting and relationship qualities within their families-of-origin during adolescence predicted their current collectivist and individualist values. Participants included 110 Portuguese adults with a mean age of 46.86 years. The results of structural equation modeling supported that retrospective perceptions of parenting and relationship qualities in the family-of-origin predicted the adults' collectivist values but not their individualist values. This study highlights the importance of retrospective perceptions of supporting and non-rejecting parenting for value acquisition. The results also suggest that values that preserve and protect family connections and collaborations are more likely to be socialized by families. Implications for the literatures on parenting, values, family-of-origin influences and family intergenerational transmission are discussed.

*Keywords:* collectivist values, individualist values, relational climate, family-of-origin.

## **Introduction**

Values represent a set of structuring principles of a person's life and social organization (Rohan, 2000); values have essential roles in the lives of individuals and groups (Roest, Dubas, & Gerris, 2006; Rokeach, 1973; Schwartz 1994). Personal values are influenced by the interrelations of macro (e.g., social, political, educational and economic contexts), micro (e.g., family-of-origin, nuclear family) and chronosystemic variables (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002; Brofenbrenner, 1986). Family-of-origin is a particularly influential system in individuals' lives that mediates its effects through genetic, affective, cultural and mythological inheritances (Hall, 1981). However, individuals also have agentic roles in determining their value orientations as they face several challenges, demands and changes throughout their life spans (e.g., becoming a member of a new family, transitions to work and career development and parenthood) (Roest, Dubas, & Gerris, 2009). Thus, past and current contexts act as a continuum that shapes an individual's values.

Research on family transmission of values has mainly focused on similarities between children's, parents' and grandparents' values and on the process of the transmission of these values (e.g., Grusec & Goodnow, 1994; Rohan & Zanna, 1996). Moreover, this research has highlights the roles of familial and parental variables on this process (Bengtson et al., 2002; Grusec, 2002; Pinquart & Silbereisen, 2004; Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2014b; Roest et al., 2009; Yi, Chang, & Chang, 2004). However, the specific role played by the relationship qualities in the family-of-origin in adults' personal values has been poorly explored in the literature (Roest et al, 2009). Therefore, we sought explore the roles of retrospective perceptions of parenting and relationship qualities with the family-of-origin in the collectivist and individualist values of adults with the aim of contributing to knowledge about the transmission of

values within the family-of-origin and to the underlying literature on values and family influences (e.g., Bengtson et al, 2002; Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000; Rudy & Grusec, 2001; Taris, Semin & Bok, 1998).

Exploration of the roles of retrospective perceptions on adults' actual values seems to be highly relevant because the narratives that are built about the past can be more influential than the actual reality of the past (Watzlawick, Weakland, & Fisch, 1975). Indeed, the majority of previous studies that have employed adolescent samples had highlighted the following relationships: a) the influences of variables such as parental emotional support and parental rejection on the (in)effectiveness of value acquisition (e.g., Grusec & Goodnow, 1994; Grusec et al., 2000; Pinquart & Silbereisen, 2004; Taris, 2000; Taris et al., 1998) regardless of the types of values (Prioste et al., in press) and (b) the role of family relationship quality as a mechanism that filters socialized values and selects and reinforces collectivist values via relationship pattern modeling (Prioste et al., 2014b). Thus, it is possible that the effects of parenting and family relations on adolescent collectivist values are similar to those in adulthood because the motivational principles that collectivist values represent involve the maintenance and promotion of family practices (Schwartz, 1994). Indeed, more positive perceptions of parental practices and family relationships lead to an elevated likelihood that those perceptions will constitute a source of an individual's values. Accordingly, we expect that positive retrospective perceptions of parenting and relationship quality within the family-of-origin (i.e., retrospective perceptions of supporting and non-rejecting parenting support and positive family relational climates) will positively predict the collectivist values but not the individualist values of adults. Indeed, individualist values might represent a threat to in-group/family identities by reinforcing individual needs over family cohesion and cooperation (Schönpflug, 2001).

Thus, adults' perceptions of the qualities of parental practices and family relationships can be separated from their adhesion to individualist values because the motivational principles that these values entail imply the pursuit of autonomy and independence of action and thought (Schwartz et al., 2012). The source of these motivational principles may be found in the unique manners in which individuals interact and perceive the world and not in the socialization processes of their families-of-origin.

## **Method**

### **Participants**

This sample of 110 ( $N = 110$ ) adults was comprised of 52 females (47.27%) and 58 males (52.73%) ranging in age between 33 and 58 years ( $M = 46.86$ ;  $DP = 4.81$ ). All participants were involved in intact marriages and had adolescent children (between 15 and 19 years old). Regarding educational levels, 37.3% of the participants had received higher education, 32.7% had received between 10 and 12 years of education and 30% had received between 6 and 9 years of education. The majority had no histories of significant psychological or psychiatric complaints (87.3%) or serious health problems (83.6%) and were non-practicing religious believers (53.6%). The participants lived in the following Portuguese geographic regions: 64.5% in Lisboa and surrounding areas, 16.4% in the North, 16.4% in the Center, and 2.7% in other regions of the country.

### **Procedures**

The participants were selected from a larger sample composed of 238 participants (the larger sample was composed of parents with adolescents ranging in age from 15 to 19 years who were involved in intact, single-parent or divorced families) who were participating in a broader study about intergenerational family (dis)similarities in values and relationship patterns. For inclusion in the present study,



participants were required to be parents who were involved in intact families. The participants were recruited over a 2-year period with a non-probabilistic sampling strategy. Using a snowball process, we collected data on 66.4% of the sample, and with the collaboration of the Portuguese Association of Large Families (APFN), we recollected data on another 33.6% of the sample. The questionnaire packets were delivered personally to the participants or were mailed in cases of large families. All families were informed about the main objectives of the research via a written document. The voluntary nature of their participation was also explained, and confidentiality and anonymity were assured. Informed consent documents had previously been signed by all participants.

## **Measures**

**Value Assessment.** The Personal Values Questionnaire (SVS, Schwartz, 1992; translation and adaptation by Menezes & Campos, 1991 and Prioste, Narciso & Gonçalves, 2012) includes a single list of 63 values that are rated as guiding principles of life on a scale that ranges from (1) "Not important" to (6) "Fundamentally important". The SVS assesses eight types that are organized into two classes of values – Individualist and Collectivist. The Collectivist domain is composed of Relational, Traditionalism, Social Concern and Spirituality types and refers to the importance of interdependent values; i.e., this domain emphasizes values that focus on how one connects with others. The Individualist domain is composed of Social Power, Adventure, Personal Balance and Personal Achievement types, and this domain accesses the importance of values that emphasize one's disconnection from others.

In a previous study (Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2014a) of a sample of 101 Portuguese family triads (mother, father and adolescent children), the Collectivist and Individualist classes showed good internal consistencies ( $\alpha = .88$  and  $\alpha$

= .90 for the Collectivist and Individualist domains, respectively). In the current study, we also found good internal consistencies for the Collectivist ( $\alpha = .88$ ) and Individualist classes ( $\alpha = .88$ ).

**Quality assessment of memories of paternal and maternal rearing practices.**

The participants completed the *Egna Minnen av Barndoms Uppfostran* – My memories (EMBU-M; Perris, Jacobsson, Lidström, von Knorring, & Perris, 1980; adapted for the Portuguese population by M. C. Canavarro, 1996), which examined the participants' retrospective perceptions about their parents' parenting styles. The EMBU-M includes 23 items that are rated by the participants (separately for their mothers and fathers) on a four-point Likert scale (1= "no, never"; 4= "Yes, most of the time") and assesses the following three dimensions of parenting style: Emotional Support, Rejection and Overprotection. In this study, we used only the Emotional Support and Rejection dimensions to evaluate the participants' perceptions of the quality of the practices of their parents, since we found unsatisfactory value of the internal consistency for the Overprotection sub-scale. However, we found satisfactory internal consistency values for Emotional Support (perceptions of Emotional Support by the mother,  $\alpha = .82$  and  $\alpha = .82$  for the father) and Rejection (perceptions of Rejection by the mother,  $\alpha = .85$  and  $\alpha = .76$  for the father).

**Family Relationship Qualities.** The participants completed the Interpersonal Relationships dimension of Family Environment Scale (FES; Moos, R., & Moos, B., 1989; Portuguese adaptation: Matos, P. M., & Fontaine, A. M., 1992), which examines their perceptions about the quality of their family relations. The Interpersonal Relationships dimension includes 27 items that are measured on three sub-scales (Family Cohesion, Family Expressivity and Family Conflict) and rated on a scale that ranges from (1) "Totally disagree" to (6) "Totally agree". In a Portuguese validation

study of the FES with a sample of children and adolescents, Santos and Fontaine (1995) found two factors among the complete scale that had good internal consistencies, Centripetal Families ( $\alpha = .85$ ) and Centrifugal Families ( $\alpha = .70$ ). In the current study, we performed an exploratory factorial analysis on the Interpersonal Relationships dimension of the FES using the principal-axis factor method with obliquin rotation and found two factors – Cohesion, which involved 14 items ( $\alpha = .89$ ), and Conflict, which involved 9 items ( $\alpha = .85$ ) – that explained 45% of the variance.

## **Results**

We tested the proposed model with a set of structural equation models with latent variables. We used a variance-covariance matrix of the items with pairwise deletion of missing data, and all parameters were estimated using the maximum likelihood algorithm with AMOS 19. To address our aims, we specified the following two models: a model with six latent variables in which the adults' Collectivist values were predicted by retrospective perceptions of parenting and relationship qualities in the family-of-origin (see Figure 11) and a model in which we specified the retrospective perceptions of parenting and relationship qualities as predictor variables of the Individualist values of the adults (see Figure 12). In both models, retrospective perceptions of parenting and relationship qualities in the family-of-origin (PQDF) were high-order latent variables measured by the adults' perceptions of parental rejection (PR), the adults' perceptions of parental emotional support (PES) and the adults' perceptions of their family-of-origin relationships (PFR). PR was measured as the fathers' and mothers' rejection. PES was measured as fathers' and mothers' emotional support. PFR was measured as cohesion (C) and conflict (CO). Our dependent variables were specified as second-order latent variables and measured as multi-item parcels of

the four dimensions of the PVQ. Specifically, Collectivist Values (CV) were measured as Relational (R), Traditionalism (T), Social Concern (SC) and Spirituality (S), and Individualist Values (HC) were measured as social power (SP), personal balance (PB), adventure (A) and personal achievement (PA). We used multi-item parcels to specify the latent variables to simplify the model and reduce the number of paths estimated (see Little, Cunningham, Shahar, & Widaman, 2002). To guarantee the statistical identification of the models, the factor loading of one of the indicators of each latent variable was constrained at 1.00.

Regarding the first estimated model (see Figure 8), the results indicated that retrospective perceptions of parenting and relationship quality in the family-of-origin were not a reliable predictor of the collectivist values of the adults ( $\beta = .34, p < .01$ ). Importantly, this model exhibited an acceptable fit to the data ( $\chi^2_{163} = 262.41, p < .001$ , CFI = .90, GFI = .81, AGFI = .76, RMSEA = .07).

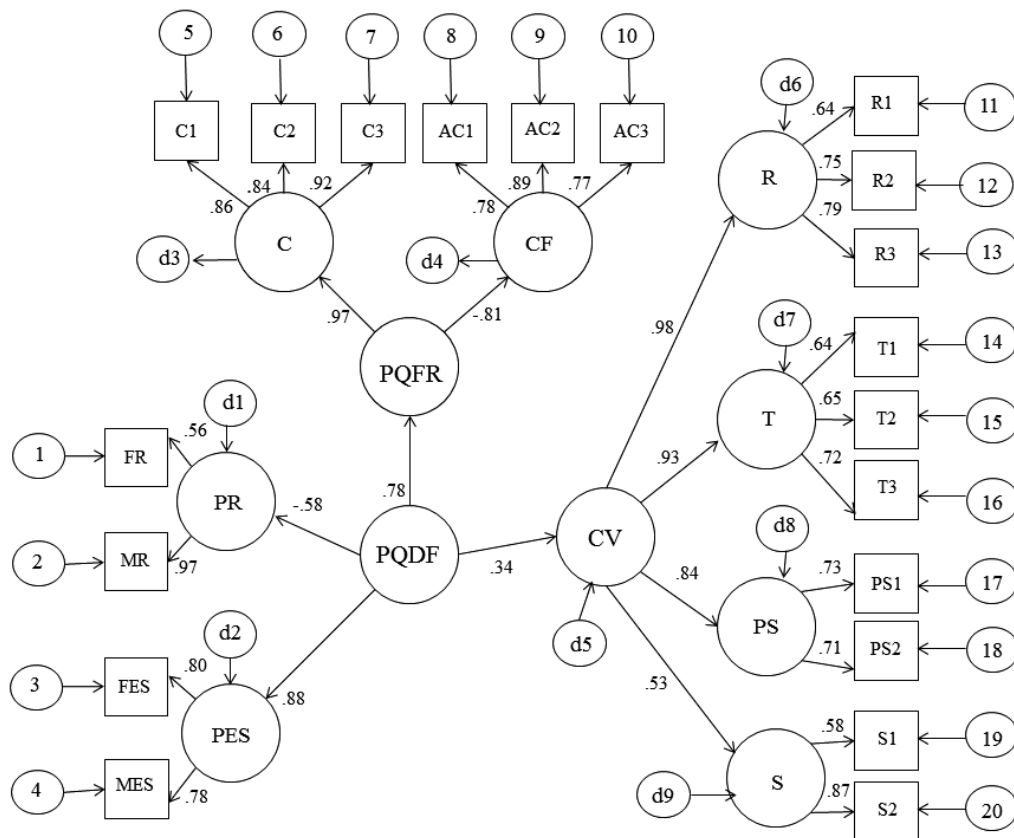
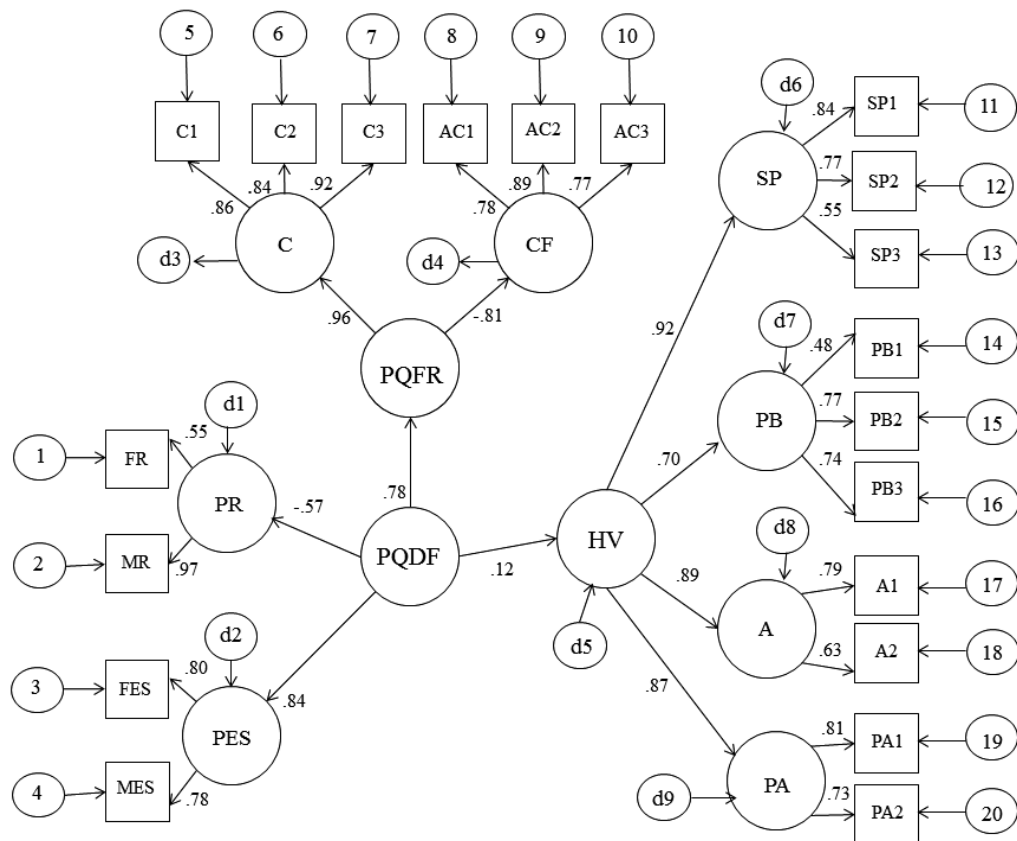


Figure 8. Standardized maximum likelihood coefficients for the structural equation model depicting the relationship between retrospective perception of parenting and relationships quality in family-of-origin and Collectivist values. PQDF = retrospective perception of parenting and relationships quality in family-of-origin; PR = perception of rejection; PES = perception of emotional support; PQFR = perception of family relations quality; C = cohesion; CF = conflict; CV= collectivist values; R = Relational; T = Traditionalism; PS = Social Concern; S = Spirituality.

Regarding the Individualist values, the estimated parameters of model 2 (see Figure 9) revealed that the retrospective perceptions of parenting and relationship quality in the family-of-origin ( $\beta = .12$ , ns.) were not a predictor of the individualist values of the adults, despite this model exhibiting an having an acceptable fit to the data ( $\chi^2_{163} = 261.01$ ,  $p < .001$ , CFI = .90, GFI = .81, AGFI = .76, RMSEA = .07).



*Figure 9.* Standardized maximum likelihood coefficients for the structural equation model depicting the relationship between retrospective perception of parenting and relationships quality in family-of-origin and Individualist values. PQDF = retrospective perception of parenting and relationships quality in family-of-origin; PR = perception of rejection; PES = perception of emotional support; PQFR = perception of family relations quality; C = cohesion; CF = conflict; HV= individualist values; SP = social power; PB = personal balance; A = adventure; PA = personal achievement.

## Discussion

Our findings support our hypothesis: positive perceptions of parenting and relationship quality in the family-of-origin predict values but not individualist values. These results are consistent with studies that have emphasized the importance of supportive and non-rejecting parenting to value acquisition (Grusec & Goodnow, 1994;

Grusec et al., 2000; Pinquart & Silbereisen, 2004; Taris, 2000; Taris et al., 1998). The data also support the perspective of family and social solidarity (Bengtson et al., 2002) and the results of previous studies (e.g., Prioste et al., 2014b). Together, these findings suggest that values that preserve and protect family connections and collaboration are more likely to be socialized by families. Values, as a component of family myths (Palazzoli, Boscolo, Cecchin & Prata, 1980) or mythology (Linares, 2010), also contribute to the process of identification with the family that help to guarantee the continuity of the family identity (Cigoli & Scabini, 2006). Thus, collectivist values serve as representations of the need to maintain the status quo (Pereira, Camino, & Costa, 2005; Schwartz, 1994) and can be stimulated by the family (Prioste et al., 2014b) or perceptions of the family, contrarily to individualist values. Individualist values might represent a threat to in-group/family cohesion and adaptive dynamics; thus, self-needs tend to be stimulated by other social systems (Prioste et al., 2014b). The data support the theory of value organization (Schwartz, 1994) in that different motivations, such as self- and social-interests, cannot be stimulated by the same source of values.

Our study has several limitations. The exploratory nature of our study, the small sample size and the selection of the sample via a non-probabilistic sampling strategy limit the rigor of the analyses and preclude generalization of the results to the Portuguese population. Replications with larger samples are necessary to increase confidence in current findings. Additionally, only a single measure was used to assess values as guiding principles of life, and this measure was self-reported; thus, it is unclear whether these findings can be generalized to other measures. Finally, this study was a cross-sectional, and thus we cannot infer causal associations between the variables analyzed here. Our results should be examined in future work involving more

complex methodological designs and data analysis procedures; specifically, longitudinal studies and mixed methodologies should be used in future work.

Despite these limitations, the results of the current study contribute to the field of intergenerational transmission by acknowledging the influence of the family-of-origin. Despite the changes in social context and personal roles that occur over the life cycle, representations of the family-of-origin still influence values in adulthood, which highlights the continuity and importance of the role of family in the socialization of children (Bengtson et al., 2012). Moreover, these results also have implications for the literature on parenting, given the emphasis of this literature on the extent of the influence of rearing practices into adulthood. Specifically, our findings show that supporting and non-rejecting parenting is important to collectivist value maintenance over the life cycle. Our results also suggest that, in adults, memories of the quality of parental rearing practices are perceived in terms of general dimensions; i.e., maternal and paternal roles are perceived as wholes.

In sum, this work highlights the importance of perceptions of family relations on values and shows that retrospective perceptions of the family-of-origin alone can be a source of collectivist values. Thus, our findings provide support for the existence of different sources of values that vary with the type of value and its underlying motivations.



## References

- Bengtson, V., Biblarz, T., & Roberts, R. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. Cambridge: University Press.
- Brofenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Canavarro, M. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos [Parental practices evaluation through EMBU: psychometric studies]. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Cigoli, V., & Scabini, E. (2006). *Family identity: ties, symbols, and transitions*. Lawrence Erlbaum Associates. Mahwah, NJ.
- Grusec, J. E. (2002). Parenting socialization and children's acquisition of values. In Bornstein, M. H. (Ed.), *Handbook of Parenting: Practical Issues in Parenting* (Vol. 5, pp. 143–167). Erlbaum, Mahwah: NJ.
- Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Development Psychology*, 30, 4-19. doi:10.1037/0012-1649.30.1.4
- Grusec, J., Goodnow, J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analyzes of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71, 205-211.
- Hall, C. M. (1981). *The Bowen Family Theory and Its Uses*. New York: Jason Aronson.
- Linares, J. L. (1996). *Identidad y narrativa – La terapia familiar en la práctica clínica*. Barcelona: Paidós Terapia Familiar.
- Little, T. D., Cunningham, W. A., Shahar, G., & Widaman, K. F. (2002). To parcel or not to parcel: Exploring the question and weighing the merits. *Structural Equation Modeling*, 9, 151-173.

- Matos, P. M., & Fontaine, A. M. (1992). *Family Environment Scale – FES. Adaptação portuguesa. Manuscrito não publicado [Family Environment Scale – FES. Portuguese adaptation. Unpublished manuscript]*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Menezes, J. & Campos, B. P. (1991). Estrutura dos valores: Estudo transversal [Structure of values: Cross-sectional study]. *Psychologica*, 6, 129-147.
- Moos, R. H., & Moos, B. S. (1989). *Family Environment Scale manual*. Journal of Consulting and Clinical Psychologists Press. California: Palo Alto.
- Palazzoli, M. S., Boscolo, L., Cecchin, G. & Prata, G. (1980). *Paradoxe et contre-paradoxe: Un nouveau mode thérapeutique face aux familles a transaction schizophrénique* (3e édition). Paris: Les Éditions ESF.
- Pereira, C., Camino, L., & Costa, J. B. (2005). Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores [A study about the integration of the value systems' levels of analysis]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 16-25.
- Perris, C., Jacobsson, L., Lindström, H., Von Knorring, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61, 265–274.
- Pinquart, M. & Silbereisen, R. K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of value content and authoritative parenting. *Adolescent*, 153, 83-100.
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M. (2012). Questionário de Valores Pessoais Readaptado: Processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação [Personal Values Questionnaire Readapted: Development process and initial contributions to the validation]. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 34, 175-199.

- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., Pereira, C. (2014a). Values family flow: (Dis)similarities between grandfathers, parents and adolescent children. Manuscript submitted for publication.
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., Pereira, C. (2014b). Family relations and parenting practices: A pathway to adolescents' collectivist and individualist values? Manuscript submitted for publication.
- Roest, A. M., Dubas, J. S., & Gerris, J. R. (2006). Disentangling value similarities and transmission in established marriages: a cross-lagged longitudinal study. *Journal of Marriage and Family*, 68, 1132-1146. doi:10.1111/j.1741-3737.2006.00319.x
- Roest, A. M., Dubas, J. S., & Gerris, J. R. (2009). Value transmission between fathers, mothers, and adolescent and emerging adult children: The role of the family climate. *Journal of Family Psychology*, 23, 146-155.
- Rohan, M. J. (2000). A rose by any name? The values construct. *Personality and Social Psychology Review*, 4, 255-277.
- Rohan, M. J., & Zanna, M. P. (1996). Value transmission in families. In C. Seligman, J. M. Olson, & M. P. Zanna (Eds.), *The psychology of values: The Ontario symposium* (Vol. 8, pp. 253–276). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Rudy, D., & Grusec, J. E. (2006). Authoritarian parenting in individualist and collectivist groups: Associations with maternal emotion and cognition and children's self-esteem. *Journal of Family Psychology*, 20, 68-78. doi: 10.1037/0893-3200.20.1.68
- Santos, M., & Fontaine, A. M. (1995). Avaliação do ambiente familiar por crianças e pré-adolescentes: Alguns aspectos da adaptação da FES [Children and adolescents assessment of the family environment: features of the adaptation of the FES]. In

- L. S. Almeida & I. S. Ribeiro (Orgs.). *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 421-430). Braga: APPORT.
- Schönpflug, U. (2001). Intergenerational transmission of values: The role of transmission belts. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 174-185.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theory and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 25, pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the content and structure of values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45.
- Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beierlein, C., Ramos, A., Verkasalo, M., Lönnqvist, J.-E., Demirutku, K., Dirilen-Gumus, O., & Konty, M. (2012). Refining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103, 663-688. doi: 10.1037/a0029393
- Taris, T. W. (2000). Quality of mother-child interaction and the intergenerational transmission of sexual values: A panel study. *Journal of Genetic Psychology*, 161, 169-181.
- Taris, T. W., Semin, G. R., & Bok, I. A. (1998). The effect of quality of family interaction and intergenerational transmission of values on sexual permissiveness. *Journal of Genetic Psychology*, 159, 237-250.
- Watzlawick, P., Weakland, J., & Fisch, R. (1975). *Changements – Paradoxes et Psychotérapie*. Paris: Seuil.
- Yi, C., Chang, C., & Chang, Y. (2004). The intergenerational transmission of family values: A comparison between teenagers and parents in Taiwan. *Journal of Comparative Family Studies*, 35, 523-545.

**Family relations and parenting practices: A pathway to adolescents' collectivist and individualist values?**

**Abstract**

Adolescents' perceptions of parenting and family relationships are important variables for identifying mechanisms involved in how children acquire values and how these values are transmitted through families. In a sample of 515 adolescents, we investigated whether perceptions of the quality of parental practices would predict adolescents' collectivist and individualist values. We hypothesized that perceived quality of family relations would mediate the relationship between the quality of parental practices and collectivist values but not of individualist values. The results of structural equation modeling suggested that perception of the quality of parental practices predicted adolescents' both collectivist and individualist values. The predicted mediation effect was found for collectivist values, but not for individualist values. The results point to different functions of parenting and family relations on value acquisition. Implications for practice, namely, the developing and implementing interventions to work adolescents' values were discussed.

*Keywords:* adolescence; collectivist values; individualist values; parental practices; family relations.

## Introduction

The contribution of family and parental variables to adolescents' value acquisition has been a subject of interest for the scientific community (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002; Friedlmeier, & Friedlmeier, 2012; Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000; Pinquart & Silbereisen, 2004; Schwartz, et al., 2010). A large body of studies points to family relational climate and parenting practices as operative mechanisms in the formation of children's values and the familial transmission of values (Bengtson et al., 2012; Grusec, 2002; Pinquart & Silbereisen, 2004; Roberts, Bengtson, & Biblarz, 1999; Roest, Dubas, & Gerris, 2009; White & Matawie, 2004; Yi, Chang, & Chang, 2004). Positive parenting, which is characterized by parental practices embedded in affect, support and discipline focus, seems to be strongly associated with family relational climate, namely, cohesion, conflict management and expressiveness (Baldwin, 1955; Kitzmann, 2000; Kolak & Volling, 2007; Persson, Stattin, & Kerr, 2004; Stattin, Persson, Burk, & Kerr, 2011). Family relations play an essential role in value transmission, as families select and emphasize the values that better contribute to the maintenance of family identity (Cigoli & Scabini, 2006; Trommsdorff, 2009). Considering that the topic of familial transmission of values has not been sufficiently investigated, the current study was designed to investigate the influence of parental practices on adolescents' both collectivist and individualist values, as well as the mediating role of quality of family relations on this process. We hypothesize that the perceived quality of family relationships is the mechanism by which collectivist values (but not individualist values) are transmitted to children. In this way, the quality of family relationships may serve as a mediating variable between parental practices and the collectivist values that adolescents internalize.

This topic deserves additional investigation for several reasons. First, the familial transmission of values is a relational, bidirectional and continuous process (Pinquart & Silbereisen, 2004; Phalet & Schönplflug, 2001; Roest, Dubas, & Gerris, 2009), and it is important to map out the underlying mechanisms and variables that contribute to this ultimate outcome, i.e., adolescents' values. For example, family psychologists can benefit from mapping out these mechanisms and variables to develop and implement interventions to improve the formation of adolescents' values by enhancing the quality of parenting and family relationships. There currently is a lack of consensus in the literature about how values are transmitted through families, mostly due to different classes of values (individualist versus collectivist) and methodological diversity (e.g., Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011; Boehnke, 2001; Roest, et al, 2009; Rohan & Zanna, 1996). Previous research has highlighted a number of parental and familial variables that can influence or mediate the formation and transmission of values, including the quality of the relationship between parents and children (Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000); parenting styles (Grusec, 2002; Pinquart & Silbereisen, 2004); parental love and emotional support (Roberts, Bengtson, & Biblarz, 1999); communication (Grusec & Goodnow, 1994; White, 2000) and parental consistency in messages about values over time (Knafo & Schwartz, 2003); value similarities between fathers and mothers (Barni et al, 2011; Knafo & Schwartz, 2003); and family cohesion and adaptability (Roest, Dubas, & Gerris, 2009; White & Matawise, 2004; White, 2000).

Second, collectivism and individualism have been investigated extensively in recent cross-cultural research (Oyserman, Coon, & Kemmelmeier, 2002; Tulviste & Gutman, 2003), which has considered different cultures' general values orientation, or the priority or position of the self in relation to others (Singelis, Triandis, Bhawuk, &

Gelfand, 1995; Schwartz et al., 2010; Triandis, 1995). Schwartz' theory of basic individual values proposes the order of the values around the circular motivation continuum (Schwartz, 1992). In a recent study, Schwartz and colleagues (2012) suggested another determinant to order the values: the focus on personal *versus* social outcomes. In the present study, we organized Schwartz Values Survey's (SVS) values through the labels: collectivist values to refer to group-oriented or values focused on social outcomes; and individualist values to mean self-oriented values or values focused on personal outcomes. Research on parenting has also focused on the cultural meanings of different parenting styles in individualist and collectivist cultural groups, and relationships between parenting styles and children's well-being (e.g., Rudy & Grusec, 2006). To our knowledge, however, no within-culture study has examined both collectivist and individualist values while focusing on parental and family influences that may contribute to these values.

Social tendencies regarding collectivist and individualist values might be reflected in the socialization of children, through the role of the self in relation to others (Bronfenbrenner, 1986; Trommendorff, 2012; Tulviste & Gutman, 2003). At a macrosystemic level, then, we must consider that broad cultural values shape parental practices through parenting goals and beliefs (Darling & Steinberg, 1993), which influence children's acquisition of values (Rudy & Grusec, 2006; Rudy, Grusec, Wolfe, 1999).

At a microsystemic level, the Value Acquisition Model (Grusec & Goodnow, 1994) suggests that a child's successful value internalization - that is, accurate perception of the parental message and acceptance or rejection of the perceived message - is a result of effective parenting in which parental practices play a powerful role. Accurate perception will depend on children's attention at the parents' message and on



the clarity and redundancy of the message (Grusec & Goodnow, 1994; Knafo & Schwartz, 2003). Acceptance or rejection seems to be a complex process that depends on several processes: (1) child's motivation for the message; (2) message perception as appropriate and as a facilitator of self-generated feelings; (3) consistency of the message, i.e., the coherence between verbally stated values and parents' behaviors; and (4) a supportive parent-child relationship with high levels of cohesion and low levels of conflict (Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011; Grusec & Goodnow, 1994; Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000; Knafo & Schwartz, 2003; White & Matawie, 2004).

Several studies have converged on the importance of nurturing, protection and parental responsiveness for the process of value acquisition and transmission (Grusec & Goodnow, 1994; Grusec et al., 2000; Taris, Semin, & Bok, 1998; Taris, 2000). Although some studies suggest an association between authoritative parenting and the effectiveness of value internalization (e.g., Pinquart & Silbereisen, 2004), cross-cultural research suggests that this generalization may be culture-specific (Rudy et al., 1999; Tulviste & Gutman, 2003), linking microsystemic and macrosystemic levels. For example, in collectivist cultures it is important that children learn to inhibit the expression of their desires and needs, instead attending primarily to the needs of others (Grusec, Rudy, & Martini, 1997). In these groups, effective parenting may involve the promotion of interdependence and cooperation in children rather than autonomy – an outcome achieved through the use of more authoritarian parenting practices (Grusec et al., 1997; Rudy & Grusec, 2006; Rudy et al., 1999; Tulviste & Gutman, 2003). In individualist social groups, parents tend to endorse authoritative parenting and encourage the fulfillment of their child's own intentions, independence and creative behavior (Rudy et al., 1999; Tulviste & Gutman, 2003).

Previous research has suggested that family emotional quality – a predictor of child behavior in and of itself (e.g., Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009; Schoppe, Mangelsdorf, & Frosch, 2001) – is a mediating variable of the effectiveness of value transmission (Grusec et al., 2000; Rudy & Grusec, 2001). The quality of relationships among family members (parents, couple and siblings) creates a family-level emotional climate or environment that identifies an intimate context within each nuclear family (Moos & Moos, 1989). This literature suggests an association between a positive perception of family relationship quality – characterized by intra-family relationships that promote feelings of safety, acceptance and emotional support among its members (Negy & Snyder, 2006) – and intergenerational continuity of values between parents and children (Bengston et al., 2002; Taris et al., 1998; White, 2000).

Existing models (e.g., Grusec & Goodnow, 1994; White, 2000; White & Matawise, 2004) tend to explain the process of value acquisition on the basis of internalization, regardless of the classes of values (individualist versus collectivist). However, several authors highlight relevant differences in this process, depending on different values (Barni et al., 2011; Boehnke, 2001; Roest, Dubas, Gerris, & Engles, 2009). Therefore, two complementary perspectives regarding value transmission have been suggested. The salience perspective (Pinquart & Silbereisen, 2004) proposes that values that are more salient for family members are more likely to be transmitted, whatever their class. In contrast, the evolutionary perspective (Schönpflug, 2001) asserts that parents would be more likely to transmit collectivist than individualist values because the former serve the in-group, reinforcing family cohesion and cooperation. This perspective has been reinforced by studies in which stronger intergenerational similarities for collectivist values were found between parents and adolescents (e.g., Friedlmeier & Trommsdorff, 2011; Prioste, Narciso, Gonçalves, &

Pereira, 2014; Roest et al, 2009; Schönplflug, 2001). A large body of studies notes that beyond a family system's protective function, collectivist values also have protective functions for individuals, such as promoting self-esteem and well-being (Ghazarian, Supple, & Plunkett, 2008), and protecting against anxiety and depression and distress (Zhang, Norvilitis, & Ingersoll, 2007). Schwartz and colleagues (2010) hypothesized that collectivist values facilitate the development of supportive relationships and a greater connectivity to social systems (e.g., family) and encourage persons to be responsible for their behavior and its consequences on others.

Compared to other age groups, adolescents are more likely to valorize more individualist values (Prioste, Narciso, Gonçalves, Pereira, 2012; Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005), notwithstanding several studies suggesting that parents do not transmit individualist (Prioste et al., 2014; Roest, Dubas, & Gerris, 2009) or individualist (e.g., Social Power and Achievement) values to their children (Barni et al., 2011). Individualist values (e.g., materialism, individual pleasure) might be mostly related to peer and media influences (Flouri, 1999), which also supports the evolutionary perspective (Schönplflug, 2001). Despite individualism's focus on the personal – goals, uniqueness, and control – and de-emphasis of the social (Triandis, 1995), this orientation implies an ambivalent dynamic regarding relationships because individuals need relationships and group memberships to attain self-relevant goals (Oyserman, Coon, & Kemmelmeier, 2002).

Based on the literature reviewed above, in this study, we aim analyze the relationship between adolescents' perceptions of parental practices, including Emotional Support and Rejection, and their collectivist and individualist values. We test the hypothesis that the quality of family relationships (according to children's perceptions) would mediate the relationship between parental practices' quality and adolescents'

collectivist values and but not adolescents' individualist values. Because of several studies (e.g., Grusec & Goodnow, 1994; Grusec et al., 2000; Pinquart & Silbereisen, 2004; Taris et al., 1998; Taris, 2000) suggested the importance of supportive and non-rejecting parenting for the effectiveness of value acquisition, we expected that children's positive perceptions of parental practices would be a positive predictor of adolescents' both collectivist and individualist values. As individualist values might represent a threat to the in-group by reinforcing individual needs over family cohesion and cooperation, and because family relationships can act as a mechanism that selects collectivist values as guidelines for living together (Schönpflug, 2001), we expected that positive perceptions of family relations would mediate the acquisition of adolescents' collectivist values but not of individualist values. In summary, we expected that more positive perceptions of parental practices would lead to increased perceptions of the quality of family relationships, which would in turn lead to increased adherence to collectivist values.

## **Method**

### **Participants**

This sample comprised 515 Portuguese adolescents from intact families, i.e., from two parents' families, between 15 and 19 years of age ( $M = 16.3$ ;  $SD = 1.20$ ). Of the total sample, 271 (52.62%) were females and 244 (47.38%) were males. Most had medium educational level, between 10-12 years of education (86.8%); never had significant psychological or psychiatric complaints (76.3%) or serious physical health problems (84.5%); and followed religious practices (62.9%). Participants lived in several Portuguese geographic regions: 54% in Lisboa and surrounding areas, 26% in the Center region, 17.1% in the North region and 3.9% in other regions of the country.

## Procedures

Participants were selected from a larger sample of 780 participants belonging to intact, single parent or recomposed families who were participating in a broader study about intergenerational family (dis)similarities of values and relationship patterns. For inclusion in the present study, participants were required to be adolescents, between 15 and 19 years of age, who were involved in intact families. Only one adolescent per family was included, so in families with more than one adolescent child, we decided to include the older child. 515 participants met the criteria for this study. Participants were recruited over a 2-year period, through a non-probabilistic sampling strategy. Using a snowball process, we recollected data from 19.4% of the sample through informal contacts, 5.4% through the collaboration of the Portuguese Association of Large Families (APFN), and 75.2% at six schools in the Greater Lisbon region, Central region and North region of Portugal. The questionnaire packets were delivered personally to participants or were mailed in the case of large families. Questionnaires which were delivered personally returned to the researchers in person (e.g., informal contacts and school setting); questionnaires which were mailed (e.g., large families) returned to the researchers by mail. All participants were informed about the main objectives of the research through a written document. The voluntary nature of their participation was also explained, and the participants were assured of confidentiality and anonymity. An informed consent document had previously been signed by all participants. At schools, data collection was conducted according to the guidelines of the national office of "Monitoring of Surveys in Schools", and all school directors formally authorized the study. At schools, the protocol was applied in groups, voluntarily, with informed consent provided by all participants and parents. Adolescents who completed questionnaire packets in groups (e.g., school setting, more

than one adolescent in a family) were advised to complete them independently of each other. In school setting, one researcher, consistent for all participants, was available to assist adolescents in completing the questionnaires if questions arose.

## Measures

**Values Assessment.** Adolescents reported on their own values using the Personal Values Questionnaire (SVS, Schwartz, 1992; translation and adaptation by Menezes & Campos, 1989 and Prioste, Narciso & Gonçalves, 2012). The SVS includes a single list of 63 values as guiding principles of life, rated on a 1-6 Likert scale (Not important to Fundamental importance). The SVS assesses eight dimensions – types of values –, organized on two classes of values – Individualist and Collectivist values. The Collectivist class is composed of Relational, Traditionalism, Social Concern and Spirituality types of values, and refers to the importance of interdependence values, i.e., emphasizing values about one's connectedness with others. Collectivist class includes items as 'Family (importance of family priority in life course)' and 'Generosity (valuation of altruist actions on behalf of others)'. The Individualist class is composed of Social Power, Adventure, Personal Balance and Personal Achievement types of values, and refers to the importance of values that emphasize one's disconnectedness with others. Individualist class includes items as 'Personal Independence (valuation of self-sufficiency and autonomy)' and 'Pleasure (satisfaction of desires)'.

In a previous study with a sample of Portuguese family triads (Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2014), Collectivist and Individualist classes showed good internal consistency ( $\alpha = .88$  for Collectivist and  $\alpha = .90$  for Individualist). In the current study, we also found good internal consistency for Collectivist ( $\alpha = .90$ ) and Individualist classes ( $\alpha = .86$ ).

**Paternal and Maternal Rearing Practices Quality Assessment.** Adolescents completed the *Egna Minnen av Barndoms Uppfostran – My memories (EMBU-M*; Perris, Tacobson, Lidstrom von Knorring, & Perris, 1980; adapted for the Portuguese population by M. C. Canavarro, 1996), which probes adolescents' perceptions of their parents' parenting styles. The EMBU-M includes 23 items which participants rate separately for mother and father on a four-point Likert scale ranging from 1 (No, never) to 4 (Yes, most of the time). This measure assesses three dimensions of parenting styles: Emotional Support, which includes items as 'My parents praise me', Rejection, which contains items as 'My parents criticize me in front of other people', and Overprotection. In this study, we used only mothers' and fathers' Emotional Support and mothers' and fathers' Rejection dimensions for calculated adolescents' perceptions of the quality of mothers' parental practices (PQPPM) and of fathers' parental practices (PQPPF) because we found an unacceptable value of internal consistency for the Overprotection dimension.

Canavarro (1996) found weak values of internal consistency for the total score. In the present study, we found satisfactory values of internal consistency for Emotional Support ( $\alpha = .78$  for adolescents' perceptions about mothers;  $\alpha = .77$  for adolescents' perceptions about fathers) and Rejection ( $\alpha = .77$  for adolescents' perceptions about mothers;  $\alpha = .74$  for adolescents' perceptions about fathers).

**Family Relationship Quality.** Adolescents completed the Relational dimension of the Family Environment Scale (FES; Moos, R., & Moos, B., 1989; Portuguese adaptation: Matos, P. M., & Fontaine, A. M., 1992), which assessed perceptions of the quality of family relationships. The Relational dimension includes 27 items and assesses three dimensions of family relationship quality – Cohesion, Expressivity and Conflict – rated on a scale ranging from 1 (Totally disagree) to 6 (Totally agree).

In the FES Portuguese validation study with a sample of children and adolescents, Santos and Fontaine (1995) found two factors for the complete scale with good internal consistency: Centripetal Families ( $\alpha = .85$ ) and Centrifugal Families ( $\alpha = .70$ ). In the current study, we performed an Exploratory Factor Analysis on the Relational dimension of the FES using the principal-axis factor method with oblique rotation. We found two factors: Cohesion, with 14 items ( $\alpha = .89$ ), and Conflict, with 9 items ( $\alpha = .77$ ), that together explained 37.48 % of the total variance. Cohesion includes items as ‘We have lots of time and attention to each other’. Conflict comprises items as ‘In my family we are angry often’.

### **Data Analyses**

We tested the proposed model with a set of structural equation models with latent variables. We used a variance-covariance matrix of the items with pairwise deletion for missing data, and all parameters were estimated using the maximum likelihood algorithm with AMOS 19. To address our aims, we specified two models. In the first estimated model (see Figure 9), which included eight latent variables, the relationship between adolescents’ perceptions of parental practices’ quality and Collectivist values was mediated by the perceived family relation quality. In the second estimated model (see Figure 10), we specified the perception of family relation quality as a mediating variable between parental practices’ quality and Individualist values. In both models, the quality of parental practices (PQPP) was a second-order latent variable measured by adolescents’ perceptions of the quality of fathers’ parental practices (PQPPF) and of mothers’ parental practices (PQPPM). PQPPF was measured by fathers’ rejection (FR) and fathers’ emotional support (FES), while PQPPM was measured by mothers’ rejection (MR) and mothers’ emotional support (MES).



Similarly, the perceived family relation quality was a second-order latent variable measured by cohesion (C) and absence of conflict (AC). Our dependent variables were also specified as second-order latent variables measured by multi-item parcels of the four dimensions of the QVP. Specifically, Collectivist Values (CV) was measured by Relational (R), Traditionalism (T), Social Concern (SC) and Spirituality (S), and Individualist Values (HV) was measured by Social Power (SP), Personal Balance (PB), Adventure (A) and Personal Achievement (PA). We used multi-item parcels to specify these latent variables to simplify the model and reduce the number of paths estimated (see Little, Cunningham, Shahar, & Widaman, 2002). To guarantee the statistical identification of the models, the factorial loadings for one of the indicators of each latent variable was constrained at 1.00.

## Results

We started by analyzing the perception of parental practices' quality as a predictor of adolescents' Collectivist values. The estimated parameters showed that the perception of parental practices' quality was significantly related to the dependent variable ( $\beta = .18, p < .01$ ), and the fit of the model to the data was very good ( $\chi^2_{71} = 189.27, p < .001$ ; CFI = .960, GFI = .949, AGFI = .925, RMSEA = .057), explaining 7% of the variance in adolescents' Collectivist values. We then analyzed the perception of parental practices' quality as a predictor of adolescents' Individualist values. The estimated parameters showed that it significantly predicted the dependent variable ( $\beta = .27, p < .001$ ), and the fit of the model to the data was good ( $\chi^2_{69} = 226.14, p < .001$ ; CFI = .940, GFI = .941, AGFI = .910, RMSEA = .067), explaining 3% of the variance in adolescents' Individualist Values.

We then tested the effects of the predictors (perceptions of parental practices' quality) on adolescents' Collectivist and Individualist values would be mediated by perceived family relationship quality. We specified a model in which family relationship quality mediated the effects of the perception of parental practices' quality on adolescents' Collectivist values (see Figure 10). The results indicated the presence of a mediating effect, such that increased perceptions of positive parental practices (more Emotional Support and less Rejection) predicted increased perceptions of positive family relationships (more Cohesion and less Conflict), leading to an increase in the importance of Collectivist values as guiding principles of their lives. The mediation effect was reliable according to the Sobel test (Sobel = 5.26,  $p < .001$ ). Importantly, the model showed an adequate fit to the data ( $\chi^2_{161} = 460.42$ ,  $p < .001$ ; CFI = .937, GFI = .915, AGFI = .890, RMSEA = .060), while explaining 14% of the total variance in adolescents' Collectivist values, which was an improvement over the first model.

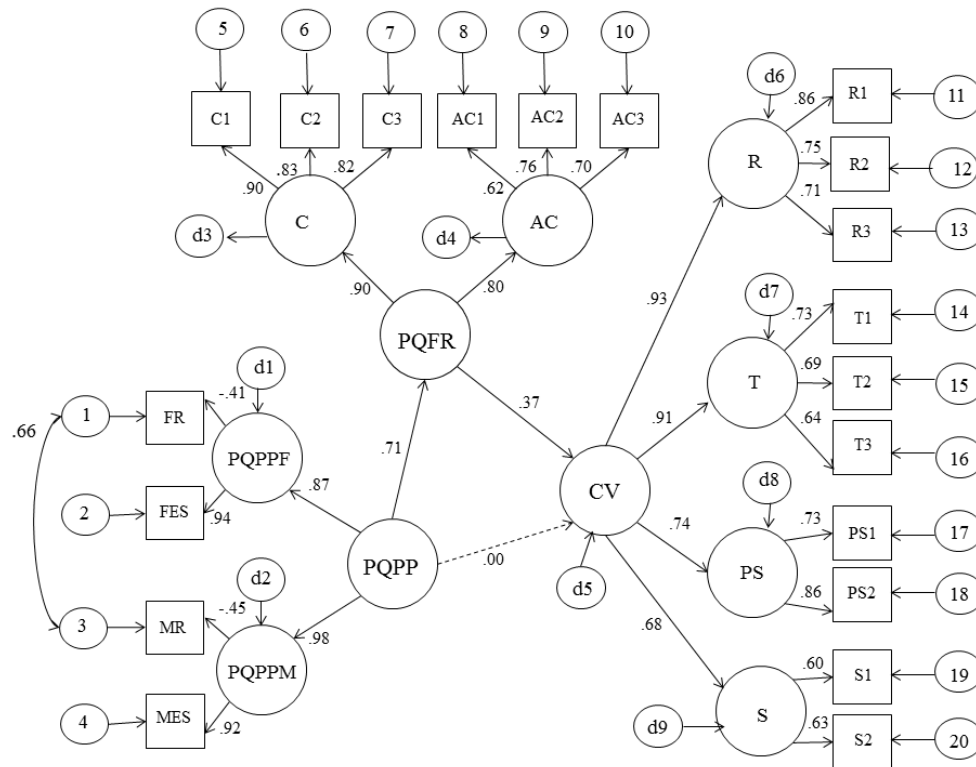
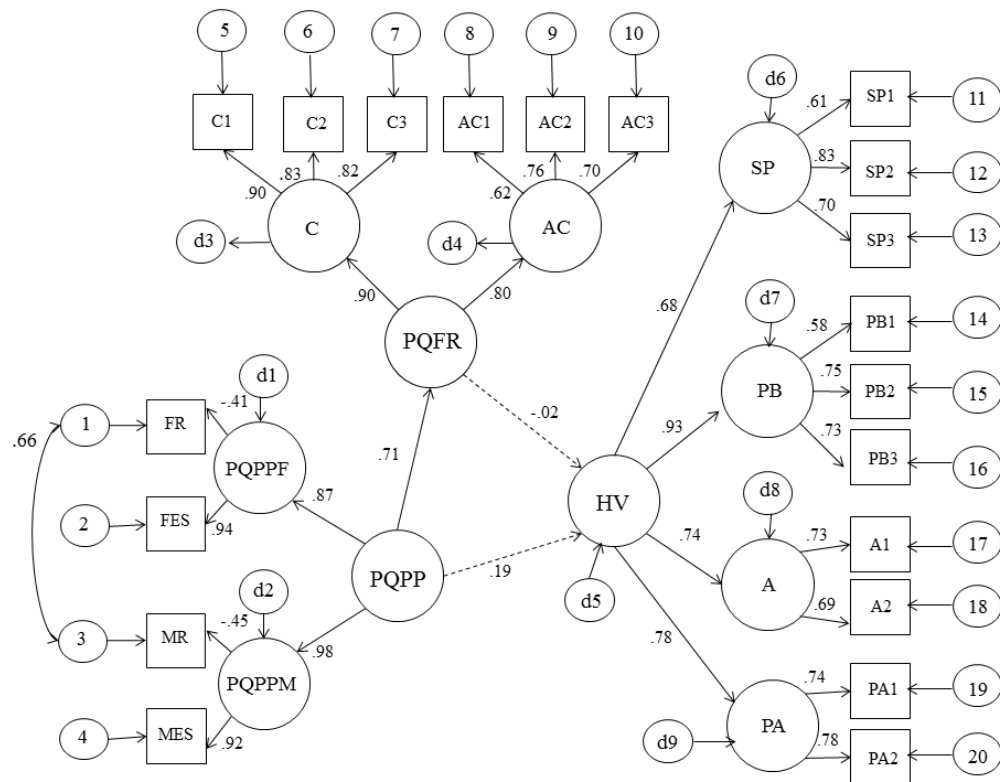


Figure 10. Standardized maximum likelihood coefficients for the structural equation model depicting the relationship between perception of parental practices' quality and collectivist values, mediated by perceived perception of family relationships' quality. MR = mothers' rejection; MES = mothers' emotional support; PQPPM = perception of mother's parental practices quality; FR = fathers' rejection; FES = fathers' emotional support; PQPPF = perception of father's parental practices quality; PQPP = perception of parental practices' quality; PQFR = perception of family relationships' quality; C = cohesion; AC = absence of conflicts; CV= collectivist values; R = Relational; T = traditionalism; PS = social concern; S = spirituality. Solid lines could represent significant coefficients ( $p < .05$ ) and dashed lines could represent non-significant coefficients.

We also specified a model in which family relationship quality mediated the effects of the perception of parental practices' quality on adolescents' Individualist

values (see Figure 11). Results indicated no mediating effect of family relationship quality in the relationship between perceived parental practices and adolescents' Individualist Values according the Sobel test (Sobel = -.05, ns.). Nevertheless, the model showed an adequate fit to the data ( $\chi^2_{159} = 463.44$ ,  $p < .001$ ; CFI = .931, GFI = .916, AGFI = .890, RMSEA = .061), while explaining 3% of the total variance in adolescents' Individualist values. In fact, the more adolescents perceived positive parental practices (more Emotional Support and less Rejection), the more they perceived positive family relationships, and the more they recognized the importance of Individualist values as guiding principles of their lives.



*Figure 11.* Standardized maximum likelihood coefficients for the structural equation model depicting the relationship between perception of parental practices' quality and individualist values, mediated by perception of family relationships' quality. MR = mothers' rejection; MES = mothers' emotional support; PQPPM = perception of mother's parental practices quality; FR = fathers' rejection; FES = fathers' emotional support; PQPPF = perception of father's parental practices quality; PQPP = perception of parental practices' quality; PQFR = perception of family relationships' quality; C = cohesion; AC = absence of conflicts; HV= individualist values; SP = social power; PB = personal balance; A = adventure; PA = personal achievement. Solid lines could represent significant coefficients ( $p < .05$ ) and dashed lines could represent non-significant coefficients.

## **Discussion**

This study investigated whether perceived quality of parental practices would predict Collectivist and Individualist values and whether family relationship quality would mediate the relationship between quality of parental practices and Collectivist and Individualist values. Our findings support our hypothesis: a positive perception of parental practices was a significant predictor of adolescents' Collectivist and Individualist values. These results are consistent with studies and models that emphasize the importance of supporting and non-rejecting parenting for the effectiveness of value acquisition (Grusec & Goodnow, 1994; Grusec et al., 2000; Pinquart & Silbereisen, 2004; Taris et al., 1998; Taris, 2000).

These results could also highlight the role played by macrocontext on parental practices in the facilitation of children's adaptation to social demands (Rudy & Grusec, 2006; Rudy et al., 1999). Although Portugal has been characterized as a collectivist culture (Hofstede, 1980; House, Hanges, Javidan, Dorfman, & Gupta, 2004; Jesuino, 2002), other authors (e.g., Galinha, Oishi, Pereira, Wirtz, & Esteves, 2012) suggested that Portugal should be in between the most and the least individualistic countries. In line with this, some studies with Portuguese samples (e.g., Ramos, 2006) suggested that, within the Portuguese culture, collectivist values could be more relevant as guiding principles; on the other hand, a recent Portuguese study pointed to an increasing of individualist values' indicators though the last 10 years (Carvalho, 2013). Therefore, effective Portuguese parenting could involve the promotion of "interdependence" in children, simultaneously emphasizing collectivist and individualist values. Furthermore, "interdependence" promotion and, consequently, the balance between collectivist and individualist values can be purposes of parenting from parents who are concerned about the children's well-being of children.

During adolescence, furthermore, parenting goals and beliefs may favor both collectivist and individualist values to support children's needs as they grow up – namely, the maintenance of sense of connection with others and the possibility to explore centrifugal pathways from family by searching for autonomy and developing their own identities. Ultimately, it is possible that this result can also exemplify the individualist ambivalence dynamic regarding relations: adolescents need to learn individualist behaviors and their meanings and to attain self-relevant goals (Oyserman et al., 2002).

Our hypothesis of a significant mediating effect of family relationship quality perception was also supported: positive perceptions of family relationship quality mediated the relationship between perception of parental practices' quality and adolescents' collectivist values (but not individualist values). These results support the Schönplugg (2001) perspective, according to which values that emphasize, preserve and protect family connection and collaboration are more likely to be transmitted by families. These results also highlight the different features and functions of parental practices and family relationships on children's education and development. We hypothesize that the family relationships can be a "funnel" that selects which values are transmitted through relationship pattern modeling. This mechanism can indicate that, beyond the representation of basic needs and motivations, collectivist values are anchored in family identity and in the ideological positions derived from this identity (see Pereira and colleagues, 2005).

The current data suggest that within a given culture, different processes may better explain the acquisition of values: the pathway to collectivist values seems to be learned, lived and co-built within family, but the pathway to individualist values can be better understood through extra-familial agents (e.g., peers, media; see Flouri, 1999).

This result can be understood in terms of adolescents' developmental tasks, namely, differentiation from family and identity formation. These results also provide support for the theory of values organization (Schwartz, 1992, 1994): the adhesion to values is motivated by the wish to satisfy different needs (biological, stability of social relationships, and well-being and survival). This theory also states that different motivations such as self-interest and personal achievement cannot be satisfied by the same source of values. The need for stability of social relationships or maintenance of the status quo (Pereira, Camino, & Costa, 2005) can be provided by the family, but the needs focused in self are encouraged by other social systems.

#### Implications for research and practice

This study has implications for the literature on parenting, given its emphasis on the impact of adolescents' perceptions of maternal and paternal rearing practices on the acquisition of values. Our results suggest that adolescents can perceive the complementary roles of mothers' and fathers' parenting in their growth, proposing an expansion of the "restricted" role often attributed to fathers' parenting. Furthermore, the data suggest that perceptions of parenting can be a source of both collectivist and individualist values, which can have implications for the study of values.

Moreover, this work highlights the importance of relationship perceptions on values, showing that family and parents can be sources of values, particularly collectivist values, in adolescence. With regard to the perception of relationships, our findings have implications for the field of family psychology and intergenerational transmission because they underscore the different functions of parenting practices and family relation qualities on adolescents' acquisition of values. Parental practices are perceived as influencing the acquisition of both collectivist and individualist values, allowing adolescents to better adapt to social demands. The family relationship can act



as a “funnel” that protects family identity and cohesion, maintaining the status quo. In this line, our findings can potentially guide family psychologists and therapists in the development and the implementation of specific interventions to work on family mythology and adolescents’ personal values by enhancing the quality of parenting and family relationships.

Thus, with regard to the sources of individualist values, our findings contribute to the field of values by proposing new avenues of research: Where do adolescents search for individualist values? Do specific systems, such as the peer group, have a central role as catalyzers of individualist values? Is the peer group identity dominated only by individualism? Or are individualist values instead potentiated by the relationship between systems (e.g., mesosystem, or the relationship between family and peers)?

Underlying all of these questions or suppositions is evidence that the family cannot be the source of individualist values, delegating to other human systems the power to transmit these values. This evidence and its consequences should be taken into account by social policies in order to simultaneously stimulate and protect the centrifugal pathway of adolescents from family, thus encouraging identity exploration and individual and familial well-being.

### **Implications for research and practice**

This study has implications for the literature on parenting, given its emphasis on the impact of adolescents’ perceptions of maternal and paternal rearing practices on the acquisition of values. Our results suggest that adolescents can perceive the complementary roles of mothers’ and fathers’ parenting in their growth, proposing an expansion of the “restricted” role often attributed to fathers’ parenting. Furthermore, the

data suggest that perceptions of parenting can be a source of both collectivist and individualist values, which can have implications for the study of values.

Moreover, this work highlights the importance of relationship perceptions on values, showing that family and parents can be sources of values, particularly collectivist values, in adolescence. With regard to the perception of relationships, our findings have implications for the field of family psychology and intergenerational transmission because they underscore the different functions of parenting practices and family relation qualities on adolescents' acquisition of values. Parental practices are perceived as influencing the acquisition of both collectivist and individualist values, allowing adolescents to better adapt to social demands. The family relationship can act as a "funnel" that protects family identity and cohesion, maintaining the status quo. In this line, our findings can potentially guide family psychologists and therapists in the development and the implementation of specific interventions to work on family mythology and adolescents' personal values by enhancing the quality of parenting and family relationships.

Thus, with regard to the sources of individualist values, our findings contribute to the field of values by proposing new avenues of research: Where do adolescents search for individualist values? Do specific systems, such as the peer group, have a central role as catalyzers of individualist values? Is the peer group identity dominated only by hedonism? Or are individualist values instead potentiated by the relationship between systems (e.g., mesosystem, or the relationship between family and peers)?

Underlying all of these questions or suppositions is evidence that the family cannot be the source of individualist values, delegating to other human systems the power to transmit these values. This evidence and its consequences should be taken into account by social policies in order to simultaneously stimulate and protect the

centrifugal pathway of adolescents from family, thus encouraging identity exploration and individual and familial well-being.

### **Limitations and future studies**

Although the present study may contribute to the knowledge on intergenerational family transmission, parenting, and values, it has several limitations that must be underlined: (1) the sampling was selected through a non-probabilistic sampling strategy, and results cannot be generalized to the entire Portuguese population; (2) only one self-report measure was used to assess values as guiding principles of life, so it is unclear whether the findings can be generalized to other measures; (3) although the Personal Values Questionnaire included explicit explanations of each value, this measure requires a high level of abstract reasoning that could be less appropriate for younger adolescents (Bilsky, 2009); (4) this was a cross-sectional study, so we cannot infer causal associations between the variables analyzed.

Our results should be carefully examined in future work with more complex methodological designs and data analysis procedures, particularly with longitudinal studies, mixed methodologies and diversified measures. Future studies should address other factors that could be explored and tested in revised models to enhance the models' fit and increase the explained variance in acquisition of collectivist values (e.g., children' sex, family routines and rituals and number and age of siblings). Future studies should also explore the contributions of family-of-origin, nuclear family and parental variables on values across different developmental stages (e.g., adulthood) to better understand the extensiveness of family and parental influences on values.

## References

- Baldwin, A. L. (1955). *Behavior and development in childhood*. New York: Dryden Press.
- Barni, D., Ranieri, S., Scabini, E., & Rosnati, R. (2001). Value transmission in the family: Do adolescents accept the values their parents want to transmit? *Journal of Moral Education*, 40, 105-121. doi:10.1080/03057240.2011.553797
- Bengtson, V., Biblarz, T., & Roberts, R. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. Cambridge: University Press.
- Bilsky, W. (2009). A estrutura de valores: sua estabilidade para além de instrumentos, teorias, idades e culturas [The structure of values: Its stability across instruments, theories, ages, and cultures]. *RAM – Revista de Administração Mackenzie*, 10, 12-33.
- Boehnke, K. (2001). Parent-offspring value transmission in a societal context: Suggestions for a utopian research design-with empirical underpinnings. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 241-255.
- Brofenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Canavarro, M. C. (1996). Avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos Psicométricos [Assessment of educational practices through the EMBU: Psychometric studies]. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Carvalho, L. X. (2013). *Literacia social: Os valores como fundamento de competência*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Católica Portuguesa, Porto (manuscrito não publicado).
- Cigoli, V., & Scabini, E. (2006). *Family identity: ties, symbols, and transitions*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.
- Flouri, E. (1999). An integrated model of consumer materialism: Can economic socialization and maternal values predict materialistic attitudes in adolescents? *Journal of Socio-Economics*, 28, 707-724.
- Friedlmeier, M., & Friedlmeier, W. (2012). Relative contribution of mothers and fathers to adolescents' values in Romanian families. *Cognition, Brain, Behavior: an interdisciplinary Journal*, 16, 239-264.
- Friedlmeier, M., & Trommsdorff, G. (2011). Are mothers-child similarities in value orientations related to mothers' parenting? A comparative study of American and Romanian mothers and their adolescent children. *European Journal of Developmental Psychology*, 8, 661-680. doi:10.1080/17405629.2011.590649
- Galinha, I. C., Oishi, S., Pereira, C., Wirtz, D., & Esteves, F. (2012). The role of personality traits, attachment style, and satisfaction with relationships in the subjective well-being of Americans, Portuguese, and Mozambicans. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 44, 416-437.
- Ghazarian, S. R., Supple, A. J., & Plunkett, S. W. (2008). Familism as a predictor of parent-adolescent relationships and developmental outcomes for adolescents in Armenian American immigrant families. *Journal of Child and Family Studies*, 17, 599-613. doi:10.1007/s10826-007-9177-7
- Grusec, J. E. (2002). Parenting socialization and children's acquisition of values. In Bornstein, M. H. (Ed.), *Handbook of Parenting* (2<sup>nd</sup> ed.), Vol. 5, Practical issues in parenting ( pp. 143–167). Mahwah NJ: Erlbaum Associates.

- Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Development Psychology*, 30, 4-19. doi:10.1037/0012-1649.30.1.4
- Grusec, J., Goodnow, J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analyses of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71, 205-211. doi:0009-3920/2000/7101-0024
- Grusec, J. E., Rudy, D., & Martini, T. (1997). Parenting cognitions and child outcomes: An overview and implications for children's internalization of values. In J. E. Grusec & L. Kuczynski (Eds.), *Parenting and children's internalization of values: A handbook of contemporary theory* (pp. 259–282). New York: Wiley.
- Hofstede, G. (1980). *Culture's Consequences: International differences in work related values*. Beverly Hill, CA: Sage.
- House, R., Javidan, M., Hanges, P. & Dorfman, P. (2002). Understanding cultures and implicit leadership theories across the globe: An introduction to Project GLOBE. *Journal of World Business*, 37, 3-10.
- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2003). Parenting and adolescents' accuracy in perceiving parental values. *Child Development*, 74, 595-611. doi:10.1111/1467-8624.7402018
- Kitzmann, K.M. (2000). Effects of marital conflict on subsequent triadic family interactions and parenting. *Developmental Psychology*, 36, 3-13. doi: JCM037//0012-1649.36.1.3
- Kolak, A.M., & Volling, B.L. (2007). Parental expressiveness as a moderator of coparenting and marital relationship quality. *Family Relations*, 56, 467–478.

- Little, T. D., Cunningham, W. A., Shahar, G., & Widaman, K. F. (2002). To parcel or not to parcel: Exploring the question and weighing the merits. *Structural Equation Modeling*, 9, 151-173.
- Matos, P. M., & Fontaine, A. M. (1992). *Family Environment Scale – FES. Adaptação portuguesa. Manuscrito não publicado [Family Environment Scale – FES. Portuguese adaptation. Unpublished manuscript]*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Menezes, J. & Campos, B. P. (1991). Estrutura dos valores: Estudo transversal [Structure of values: Cross-sectional study]. *Psychologica*, 6, 129-147.
- Moos, R. H., & Moos, B. S. (1989). *Family Environment Scale manual*. Journal of Consulting and Clinical Psychologists Press. California: Palo Alto.
- Negy, C., & Snyder, D. K. (2006). Assessing family-of-origin functioning in Mexican American adults: Retrospective application of the Family Environment Scale. *Assessment*, 13, 396-405. doi:10.1177/1073191106289809
- Oyserman, D., Coon, H. M., & Kemmelmeier, M. (2002). Rethinking individualism and collectivism: Evaluation of theoretical assumptions and meta-analyses. *Psychological Bulletin*, 128, 3-72. doi:10.1037//0033-2909.128.1.3
- Pereira, A. I., Canavarro, C., Cardoso, M. F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among Portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 454-464. doi: 10.1007/s10826-008-9249-3
- Pereira, C., Camino, L., & Costa, J. B. (2005). Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores [A study about the integration of the value systems' levels of analysis]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 16-25. doi:10.1590/S0102-79722005000100004

- Perris, C., Jacobsson, L., Lindström, H., Von Knorring, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61, 265–274.
- Persson, S., Stattin, H., & Kerr, M. (2004). Adolescents' conceptions of family democracy: Does their own behavior play a role? *The European Journal of Developmental Psychology*, 1, 317-330. doi:10.1080/17405620444000238
- Pinquart, M. & Silbereisen, R. K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of value content and authoritative parenting. *Adolescence*, 153, 83-100.
- Phalet, K., & Schönplflug, U. (2001). Intergenerational transmission in Turkish immigrant families: Parent collectivism, achievement values and gender differences. *Journal of Comparative Family Studies*, 32, 489-504.
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M. (2012). Questionário de Valores Pessoais Readaptado: Processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação [Personal Values Questionnaire Readapted: development process and initial contributions to the validation]. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 34, 175-199.
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., Pereira, C. (2014). Values family flow: (Dis)similarities between grandfathers, parents and adolescent children. Manuscript submitted for publication.
- Ramos, A. (2006). Social values dynamics and socio-economic development. *Portuguese Journal of Social Science*, 5, 35-64. doi:10.1386/pjss.5.1.35/1
- Roberts, R. E., Bengtson, V. L., Biblarz, T. J. (1999). The social psychology of values: Effects of individual development, social change, and family transmission over



- the life span. In C. D. Ryff & V. W. Marshall (Eds.), *The self and society in aging processes* (pp.453-482). New York: Springer.
- Roest, A. M., Dubas, J. S., & Gerris, J. R. (2009). Value transmission between fathers, mothers, and adolescent and emerging adult children: The role of the family climate. *Journal of Family Psychology*, 23, 146-155. doi:10.1037/a0015075
- Roest, A. M., Dubas, J. S., Gerris, J. R., Engels, R. C. (2009). Value similarities among fathers, mothers and adolescents and the role of a cultural stereotype: Different measurement strategies reconsidered. *Journal of Research on Adolescence*, 19, 812-833.
- Rohan, M. J., & Zanna, M. P. (1996). Value transmission in families. In C. Seligman, J. M. Olson, & M. P. Zanna (Eds.), *The psychology of values: The Ontario symposium* (Vol. 8, pp. 253–276). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rudy, D., & Grusec, J. E. (2006). Authoritarian parenting in individualist and collectivist groups: Associations with maternal emotion and cognition and children's self-esteem. *Journal of Family Psychology*, 20, 68-78. doi:10.1037/0893-3200.20.1.68
- Rudy, D., Grusec, J. E., Wolfe, J. (1999). Implication of cross-cultural findings for a theory of family socialization. *Journal of Moral Education*, 28, 299-310. doi:10.1080/030572499103098
- Sabatier, C., & Lannegrand-Willems, L. (2005). Transmission of family values and attachment: A French three-generation study. *Applied Psychology: An International Review*, 54, 378-395. doi:10.1111/j.1464-0597.2005.00216.x
- Santos, M., & Fontaine, A. M. (1995). Avaliação do ambiente familiar por crianças e pré-adolescentes: Alguns aspectos da adaptação da FES [Children and adolescents assessment of the family environment: Features of the adaptation of the FES]. In

- L. S. Almeida & I. S. Ribeiro (Orgs.). *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 421-430). Braga: APPORT.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theory and empirical tests in 20 countries. In M. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 25, pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the content and structure of values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45. doi:10.1111/j.1540-4560.1994.tb01196.x
- Schwartz, S. J., Weisskirch, R. S., Hurley, E. A., Zamboanga, B. L., Park, I. J., Su, Y. K., Umaña-Taylor, A., & Castillo, L. G. (2010). Communalism, familism, and filial piety: Are they bird of collectivist feather? *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 16, 548-560. doi:10.1037/a0021370
- Schönpflug, U. (2001). Intergenerational transmission of values: The role of transmission belts. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 174-185.
- Schoppe, S. J., Mangelsdorf, S. C., & Frosch, C. A. (2001). Coparenting, family process, and family structure: Implications for preschoolers' externalizing behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 15, 526-545. doi:10.1037//0893-3200.15.3.526
- Singelis, T. M., Triandis, H. C., Bhawuk, D., & Gelfand, M. J. (1995). Horizontal and vertical dimensions of individualism and collectivism: A theoretical and measurement refinement. *Cross-Cultural Research*, 29, 240-275.
- Stattin, H., Persson, S., Burk, W. J., & Kerr, M. (2011). Adolescents' perceptions of the democratic functioning in their families. *European Psychologist*, 16, 32-42. doi:10.1027/1016-9040/a000039

- Taris, T. W. (2000). Quality of mother-child interaction and the intergenerational transmission of sexual values: A panel study. *Journal of Genetic Psychology, 161*, 169-181.
- Taris, T. W., Semin, G. R., & Bok, I. A. (1998). The effect of quality of family interaction and intergenerational transmission of values on sexual permissiveness. *Journal of Genetic Psychology, 159*, 237-250.
- Triandis, H. C. (1995). *Individualism and Collectivism*. Boulder, CO: Westview.
- Tulviste, T. & Gutman, P. (2003). A comparison of values preferences and attitudes toward collectivism of institution-reared and home reared teenagers. *European Journal of Psychology of Education, XVIII*, 33-42.
- Trommsdorff, G. (2009). Intergenerational relations and cultural transmission. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission: Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp. 126–160). New York: Cambridge University Press.
- White, F. I. (2000). Relationship of family socialization processes to adolescent moral thought. *The Journal of Social Psychology, 140*, 75-91.
- White, F. A., & Matawie, K. M. (2004). Parental morality and family processes as predictors of adolescent morality. *Journal of Child and Family Studies, 13*, 219-233. doi:1062-1024/04/0600-0219/0
- Yi, C., Chang, C., & Chang, Y. (2004). The intergenerational transmission of family values: A comparison between teenagers and parents in Taiwan. *Journal of Comparative Family Studies, 35*, 523-545.
- Zhang, J., Norvilitis, J. M., & Ingersoll, T. S. (2007). Idiocentrism, allocentrism, psychological well-being and suicidal ideation: A cross cultural study. *Journal of Death & Dying, 55*, 131-144. doi:10.2190/OM.55.2.c



---

Discussão integrada e considerações finais



A transmissão intergeracional familiar emerge como temática central deste projecto. Enquanto processo relacional, bidireccional e contínuo (Pinquart & Silbereisen, 2004; Phalet & Schönplflug, 2001; Roest, Dubas, & Gerris, 2009), é impossível dissecar a transmissão intergeracional de valores que ocorre propositada e/ou inadvertidamente na família – enquanto espaço transaccional único –, das transmissões sociais, geográficas, étnicas. Assim, adoptámos como quadro referencial a perspectiva da Complexidade Sistémica (Capra, 1996; Morin, 1994) e a Teoria Geral dos Sistemas (von Bertalanffy, 1968), e como mapa teórico o modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1977).

Este projecto, desenhado para aprofundar o conhecimento sobre os processos familiares e parentais (e as suas funções) envolvidos na transmissão intergeracional de valores e do comportamento parental, foi desenvolvido ao longo de seis estudos com amostras e metodologias diversas. As lentes de *zoom in* e *zoom out* permitiram o desenho de mapas através de diferentes níveis de análise sistémica representativos de graus distintos de complexidade (Capra, 1996). De acordo com Broad (1925), ao longo dos diversos níveis de complexidade, os mapas têm propriedades que não existem nos níveis inferiores – propriedades emergentes. Deste modo, no decurso do projecto, assistimos à emergência de várias propriedades (e possibilidades).

Pretendemos que este capítulo se afigure como um *puzzle* de diálogos que integre as várias peças/partes deste projecto, buscando o sentido e a utilidade de cada peça na sua interacção com outra(s) ou com conjuntos de outras. Assim, procuraremos desenvolver um (possível) diálogo:

(i) integrativo, alicerçado na perspectiva ecossistémica, em torno dos resultados mais centrais do projecto, com dois níveis de análise – intra e inter capítulos. Procuramos, pois, “ligar as partes das partes” e “ligar as partes ao todo”, integrando,

também aqui, as reflexões sobre os resultados inesperados que nos surgiram, em tom de diálogos imprevistos – *Diálogos integrativos*;

(ii) constrangido, focando os limites metodológicos e conceptuais e as limitações das leituras dos resultados que construímos – *Diálogos constrangidos*;

(iii) pragmático, que enfatize os contributos e as implicações deste trabalho para vários contextos (e.g., investigação, clínicos, educativos e sociais), dando vida ao conjunto das partes que não a teriam por si próprias (Bateson, 1996) – *Diálogos pragmáticos*;

(iv) futuro, que aponte áreas relevantes a considerar no aprofundamento da investigação sobre esta temática – *Diálogos futuros*;

(iv) divergente, diferente dos que fomos compondo. Partindo do facto de que “há tipos diferentes de conhecimento e que há conhecimento acerca do conhecimento” (Bateson, 1996) e que a *flecha do tempo* nos permite definir uma diferença entre o antes e o depois (Prigogine & Stengers, 1990), pretendemos finalizar esta dissertação com uma reflexão sobre as “nossas conversas” – *Para uma conclusão divergente*.



## Diálogos integrativos

### Diálogos intra e inter capítulos

De acordo com a definição de contornos proposta na secção introdutória, o Capítulo II, *Flutuações familiares intergeracionais: semelhanças e diferenças de estilos educativos parentais e de valores*, centra-se nos contornos *mesossistémicos* da transmissão intergeracional familiar. Integrados no Capítulo II, os estudos 2 e 3 foram desenhados para aceder às semelhanças entre gerações e linhas familiares, permitindo inferir ou hipotetizar a relação entre as transmissões das duas famílias de origem (linhas materna e paterna) e a família nuclear. Apesar dos estudos se focarem em variáveis distintas (e.g., valores e estilos educativos parentais) e utilizarem metodologias de análise de dados diferentes, a integração dos resultados obtidos permitem-nos esboçar, convergentemente, um processo de transmissão intergeracional familiar através de um padrão de características comuns às linhas e aos elementos familiares que o dinamizam. Reflectiremos, seguidamente, sobre as diferenças entre os padrões tendenciais associados às linhas paterna e materna.

A forte influência dos modelos parentais experienciados e dos valores parentais percebidos da G1<sup>23</sup> no comportamento do pai (G2) é evidenciada em ambos os estudos através: (a) da tendência para uma maior continuidade total e parcial<sup>24</sup> dos estilos educativos parentais; e (b) da relação positiva entre a percepção da adesão do avô

---

<sup>23</sup> Relembramos que: G1 se refere à geração dos avós; G2 à geração dos pais; G3 à geração do filho adolescente.

<sup>24</sup> Recordamos que, no caso da linha paterna, a *Continuidade total* corresponde a EEP avó paterna = EEP avô paterno = EEP pai; a *Continuidade parcial à avó* refere-se a EEP avó paterna ≠ EEP avô paterno e EEP da avó paterna = EEP do pai; e a *Continuidade parcial ao avô* corresponde a EEP avó paterna ≠ EEP avô paterno e EEP do avô paterno = EEP do pai.

paterno aos valores colectivistas e individualistas e a adesão do pai a esses valores. Os resultados apontam, assim, para um *processo (tendencial) de absorção* dos modelos da família de origem paterna. Este *processo (tendencial) de absorção*, enquanto fim, pode ter por base: a forte identificação (“fazer igual”, do latim *Identicus+Facere*) – *fazer mais do mesmo* – do pai aos seus próprios pais (Belsky, 1984) com ou sem elaboração/crítica; e/ou a indisponibilidade ou incapacidade de reformulação dos modelos parentais experienciados, de acordo com Snarey (1993).

Pelos resultados obtidos, a linha materna parece descrever um *processo de transmissão (tendencialmente mais) bifurcado*, oscilando entre a rejeição e a absorção dos modelos da família de origem: (a) propensão geral para a ausência de continuidade<sup>25</sup> dos EEP; (b) relação positiva entre a percepção da adesão dos avós (G1) aos valores individualistas e a adesão da mãe a esses valores; (c) e relação positiva entre a percepção da adesão do avô (G1) aos valores colectivistas e a adesão da mãe a esses valores. Tendo como base a literatura, vários processos poderão concorrer, concomitante e circularmente, para esta “bifurcação”: tentativa de mudança dos esquemas transgeracionais parentais aprendidos/experienciados (Byng-Hall, 1990, 2008); capacidade de elaboração individual (Corigliano, 1999); e desenvolvimento de uma perspectiva mais crítica em relação à educação dos filhos, atendendo aos desafios actuais da parentalidade (Marin, Martins, Freitas, Silva, Lopes, & Piccinini, 2013). Adicionalmente, a abertura das mães da G2 a sistemas e modelos extra-familiares, pode permitir-lhes uma maior crítica e possibilidade de diferenciação e de mudança em relação às suas famílias de origem (Byng-Hall, 1990, 2008; Capaldi, Pears, Patterson, & Owen, 2003; Marin et al., 2013), amplificando a criatividade.

---

<sup>25</sup> Ausência de continuidade: EEP avó materna ≠ EEP avô materno ≠ EEP da mãe; e EEP avó paterna ≠ EEP avô paterno ≠ EEP do pai.

Para além das hipóteses explicativas mencionadas, os resultados dos estudos 2 e 3 levaram-nos a ponderar a influência de variáveis relativas a contornos macro-cronossistémicos (e.g., mudanças sociais, aumento da escolaridade, papéis de género associados à parentalidade) e individuais (e.g., experiências vividas na família de origem; reformulação dos modelos parentais experienciados) nos processos de transmissão que descritos. Deste modo, o estudo qualitativo que está em curso<sup>26</sup> centrar-se-á na análise dos processos tendenciais de absorção da linha paterna e de bifurcação da linha materna através das atribuições crono-macrossistémicas e individuais emergentes, incidindo especialmente nas singularidades associadas ao ser mãe e mulher e ao ser pai e homem.

O Capítulo III, *Passado e presente: impacto das representações familiares e parentais nos valores*, circunscreve-se aos contornos *microssistémicos* e *cronossistémicos* da transmissão intergeracional familiar, tal como foram anteriormente definidos. Os estudos 4 e 5, englobados no Capítulo III, foram desenvolvidos de forma a estudar a influência da qualidade percebida das práticas parentais e do clima familiar nos valores pessoais. Em ambos os estudos, partimos de uma estratégia semelhante de análise de dados (recorrendo a modelos de equações estruturais), mas as variáveis foram avaliadas de formas distintas – retrospectiva (foco nos pais e nas suas famílias de origem – Estudo 4) e prospectivamente (foco no adolescente e na família actual – Estudo 5). A avaliação das percepções da qualidade das práticas parentais e do clima familiar em referenciais cronossistémicos diferentes terá contribuído para que a forma como se organizam, nos modelos construídos, seja distinta (vide Figuras 8, 9, 10 e 11).

---

<sup>26</sup> Tal como já mencionámos anteriormente, um recorte da análise preliminar deste estudo está apresentado no Apêndice A. Uma análise mais completa dos resultados obtidos deverá ser, futuramente, alvo de publicação.

No estudo 5, as percepções da qualidade das práticas educativas parentais (rejeição e suporte emocional do pai e da mãe) e da qualidade do clima familiar (coesão e conflito) surgem como variáveis distintas. Já no estudo 4, as percepções da qualidade das práticas educativas parentais (rejeição e suporte emocional do pai e da mãe) e da qualidade do clima familiar (coesão e conflito) englobam-se numa outra variável: percepção da qualidade da dinâmica da família de origem. Contudo, apesar da organização díspar das variáveis nos modelos, os resultados dos estudos parecem traçar um caminho confluyente – um *metapadrão*: através da modelagem de padrões relacionais, a percepção positiva das relações familiares (quer da família de origem, quer da família nuclear) poderá funcionar como um funil que selecciona os valores que são socializados e que pais e filhos integram e co-constroem. Ambos os estudos, ao sugerirem que a família tende a socializar mais os valores que preservam e protegem a sua coesão e colaboração, apoiam a perspectiva evolucionária (Schönpflug, 2001). Tendo também em conta a primazia da relação defendida por Bateson (1987) e Pina Prata (1991), os resultados destes estudos são consistentes com a centralidade da relação pais-filhos na ligação entre as gerações familiares e no processo de transmissão (Cowan & Cowan, 2005) e com os mapas utilizados para ver o território.

A integração dos resultados dos estudos 3 e 5 permite-nos desenvolver uma outra hipótese explicativa: os valores individualistas tendem a ser transmitidos por um elemento socializador, pela relação entre o transmissor e o receptor (neste caso, pai-filho), e por práticas parentais que facilitem o processo de socialização (e.g., elevado suporte emocional e baixa rejeição). Por outro lado, os valores colectivistas, por estarem focados nas relações e nos outros, tendem a ser transmitidos mais eficazmente através de interacções e de relações entre vários elementos (e.g., pai-mãe-filhos) e os sub-sistemas que integram (e.g., conjugal-paternal-filial-fraternal), tal como sugerem os

resultados dos estudos 4 e 5. Nestes estudos (4 e 5), as relações familiares, enquanto todo, surgem como fonte de valores colectivistas, estimulando a necessidade de estabilidade das relações sociais e da manutenção do *status quo* (Pereira, Camino, & Costa, 2005). Os estudos 4 e 5 apoiam, também, a existência de diferentes processos de aquisição de valores, consoante o tipo de valores, as fontes e as motivações e necessidades subjacentes (Schwartz, 1992; Pereira et al., 2005). Para além disso, e em consonância com a literatura (e com resultados preliminares do estudo qualitativo em curso), os resultados destes estudos apontam para a importância, na transmissão de valores, de práticas parentais apoiantes e não rejeitantes (e.g., Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2001; Campbell & Gilmore, 2007; Grusec & Goodnow, 1994; Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000; Knafo & Schwartz, 2003; Pinquart & Silbereisen, 2004; White & Matawie, 2004), relevando também a importância da *nutrição emocional* (Linares, 1996).

### **Diálogos inesperados**

As divergências entre os resultados dos estudos quantitativos e a literatura levaram-nos a reflectir de outra forma, procurando explicações que pudessem dar-lhes um sentido articulado. Apesar de os resultados relativos à concordância intergeracional dos estilos educativos parentais não terem sido analisados de forma mais fina no Estudo 2, o contraste entre as auto-percepções da mãe em relação ao seu estilo educativo parental e as percepções dos filhos em relação ao estilo educativo parental da mãe foi inesperado para nós. A percentagem de concordância intergeracional mãe-filhos e a “natureza das discordâncias” não eram expectáveis. As características associadas à maternidade, largamente identificadas na literatura (e.g., Hallers-Haalboom et al., 2014; Hall & Matsumoto, 2004; Leaper, 2002; Lovas, 2005; Power, 1985; Volling, McElwain, Notaro, & Herrera, 2002), levaram-nos a esperar que a percentagem de concordância

entre a mãe e os filhos fosse superior à percentagem encontrada e à percentagem de concordância entre o pai e os filhos. Este resultado levou-nos a hipotetizar que a concordância entre as percepções de pais e filhos poderá ser explicada através da relação entre a estabilidade ou mudança dos objectivos educativos e o papel parental assumido por cada progenitor. Deste modo, o pai, ao assumir um papel educativo mais periférico do que a mãe (Dempsey, 2000; Ozgun & Honig, 2005), poderá manifestar práticas parentais mais estáveis, com objectivos educativos mais claros, ao longo do tempo. A mãe, pelo maior envolvimento na educação dos filhos (Leaper, 2002), poderá recorrer a práticas com objectivos educativos diferentes, consoante o contexto, o que poderá promover uma divergência na interpretação das suas práticas parentais.

Em relação à “natureza das discordâncias” intergeracionais mãe-filho, verificamos que a maioria das mães se percepcionou como autoritativa, o que corrobora a literatura; contudo, a mãe só foi percebida como autoritativa por uma minoria dos filhos – o que é inconsistente com a literatura –, pelo que apenas uma percentagem reduzida de mães e de filhos concordaram na autoritatividade atribuída à mãe. Assim, a interpretação, pelos filhos, da autoritatividade da mãe: (a) como permissividade, pode dever-se ao facto de associarem os princípios democráticos à complacência e à tolerância maternas (Campbell & Gillmore, 2007); e (b) como autoritarismo, pode estar relacionada com a confusão entre o “ter autoridade” e o “ser autoritária”. Por outro lado, o papel materno está mais associado ao cuidado e ao suporte emocional e as mães estão mais tempo com os filhos (Hallers-Haalboom et al., 2014; Leaper, 2002), as práticas maternas de controlo poderão ser sobrevalorizadas ou sentidas como mais hostis, rejeitantes e afectivamente negativas, pelo que os filhos poderão percepcionar a mãe como mais autoritária. Estes resultados também poderão levantar algumas questões

concernentes à sub-escala Tentativa de Controlo, nomeadamente, a sua precisão e fiabilidade.

De acordo com a literatura, os padrões de investimento intergeracional (Euler, Hoier, & Rodhde, 2009) reflectem-se nas semelhanças familiares. Todavia, os resultados do nosso projecto não corroboram esta perspectiva<sup>27</sup>, sugerindo que o pai seja o principal agente socializador dos filhos da G3 (estudo 3). O *fluxo* de transmissão de valores individualistas pela linha paterna (avô paterno-pai-filhos) verificado no estudo 3 levou-nos a levantar três hipóteses explicativas: (1) os filhos valorizam mais os valores do pai para que, através da semelhança comportamental pai-filhos, se sintam mais investidos e cuidados pelo pai (Euler et al, 2009; Euler & Weitzel, 1996; Porter, 1987); (2) em famílias com filhos adolescentes, a coesão familiar pode ser mantida através da transmissão de valores individualistas, dada a importância que estes valores têm para os adolescentes; (3) tendo em conta as diferenças nos papéis de género, as mães, enquanto figuras guardiãs, e com uma proximidade com os filhos mais permanente, serão mais “discursivo-lógico-rationais” na transmissão de valores, enquanto os pais, mais periféricos, e mais investidos em funções lúdicas, poderão transmitir valores de um modo mais “analógico”.

No estudo 3, o facto de a mãe não surgir como uma figura central na transmissão de valores à G3, principalmente de valores colectivistas, não era expectável e é inconsistente com a literatura (e.g., Boehnke, 2001; Knafo & Schwartz, 2003). Contudo, de acordo com Trommsdorff (2009), a multiplicidade de agentes socializadores extra-familiares a transmitirem valores colectivistas aos adolescentes (principalmente, o grupo de pares [Brown, 2004], o que remete para os contornos *exossistémicos* do processo de

---

<sup>27</sup> Note-se, contudo, que nos resultados preliminares do estudo qualitativo em curso, a influência materna emerge como dominante na transmissão de valores aos filhos, independentemente do tipo de valor.

transmissão), poderá reduzir o impacto da mãe nestes valores. Para além disso, este resultado pode ser interpretado tendo em conta as características maternas (e.g., maior envolvimento e investimento, maior sensibilidade, maior aceitação e preocupação com os filhos) que poderão estar na base da adopção de práticas parentais suportadas por objectivos e valores diferentes, consoante o contexto, o que poderá contribuir para que as mensagens maternas sejam percebidas com uma menor precisão e, consequentemente, sejam menos aceites pelos filhos (Knafo & Schwartz, 2003). Assim, apesar deste resultado não ser consonante com as nossas expectativas, poderíamos considerá-lo “mais provável ou mais possível”, já que sugere uma interpretação consonante com a que propusemos para compreender a baixa percentagem de concordância intergeracional dos estilos educativos parentais mãe-filhos, sendo esta interpretação também coerente com a literatura. Este conjunto inesperado de resultados em relação às mães leva-nos a questionar: o facto de as mães serem mais relacionais, sensíveis, críticas e criativas e perspectivarem mais as coisas-em-relação, torna-as mais difíceis de “ler”? As mães por serem compreensivas e flexíveis não se fazem entender?

Tendo em conta a integração dos resultados dos estudos 2 e 3<sup>28</sup>, a mãe surge como a guardiã da família (Geary, 1998). Por um lado, a sua flexibilidade permite e incentiva a autonomia dos filhos no caminho centrífugo em relação à família e o processo de construção identitária, através da escolha de valores pessoais (Barni et al, 2011; Sabatier & Lannegrand-Willems, 2005).

Igualmente inesperado e não corroborado pela literatura (e.g., Euler & Weitzel, 1996; Uhlenberg & Hammill, 1998) foi a ausência de relação entre os valores da G1 e

---

<sup>28</sup> Para além dos resultados dos estudos 2 e 3, realça-se o facto de que os resultados preliminares do estudo qualitativo também apoiarem o papel das mães enquanto guardiãs da família. Neste estudo, ainda em curso, a importância da sintonia parental, para as mães, parece emergir como uma forma de suportar a identidade, a proximidade e a harmonia familiares.



os valores dos filhos da G3. A dimensão reduzida da amostra deste estudo, o facto de a G1 não ter sido questionada directamente poderão explicar este resultado. A etapa desenvolvimental dos filhos e as mudanças sociais, enquanto contornos *cronomacrossistémicos* do processo de transmissão poderão também explicar esta ausência de relação.

### **Diálogos constrangidos**

As limitações<sup>29</sup> que restringem a validade deste trabalho e os diálogos sobre os dados são, sobretudo, de natureza metodológica. Relativamente às amostras dos estudos, salientamos que, apesar da amostra de filhos adolescentes (não emparelhados) ter sido recolhida em várias escolas da zona Centro e das áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto e de a amostra das tríades familiares emparelhadas (pai, mãe e filho adolescente) ter sido recolhida em várias zonas geográficas de Portugal, como são amostras de conveniência e, portanto, não probabilísticas, não é possível generalizar os resultados obtidos à população portuguesa, pelo que a leitura dos resultados está constrangida.

Evidenciamos limitações ao nível do processo e procedimentos de recolha de dados, nomeadamente, a avaliação retrospectiva da G1, os instrumentos de medida utilizados, triangulação metodológica e método de recolha de dados. O facto de os valores da G1 serem avaliados através da percepção dos pais da G2 constitui, provavelmente, uma das principais limitações do estudo. O método retrospectivo – utilizado para avaliar as práticas parentais da G1, através do EMBU-M – levanta

---

<sup>29</sup> De relevar que, em cada um dos artigos relativos aos vários estudos, foi efectuada uma análise mais detalhada dos limites.

questões em relação à fiabilidade e acuidade das memórias passadas (e.g., Canavarro, 1999; Halverson, 1988).

Em relação aos instrumentos utilizados, apontamos como limitações: o uso exclusivo de instrumentos de auto-relato nos estudos em que acedemos aos mapas próprios e aos mapas em relação a outros (G1); o facto de termos usado uma medida única para avaliar os valores enquanto princípios orientadores da vida levanta também questões em relação à generalização dos resultados a outras medidas de valores. Especificamente em relação aos instrumentos utilizados para avaliar as práticas educativas parentais (EMBU-M e EMBU-P), realçamos que estes instrumentos estão orientados para a avaliação de práticas educativas parentais explícitas (e.g., “Os meus pais criticavam-me à frente dos outros”), pelo que não captam as práticas parentais implícitas. A não orientação dos instrumentos para a avaliação das práticas expressas não verbalmente, negligenciando comportamentos ocultos de controlo, rejeição e medo da hostilidade parental, frequentemente expressos por olhares ou contacto corporal, parece-nos ser uma grande lacuna destes instrumentos, que se repercutirá nos dados obtidos.

Apontamos limitações concernentes ao desenho do estudo, nomeadamente o facto de o estudo não ser longitudinal, impedindo-nos de aceder ao processo de transmissão ao longo do tempo e às suas especificidades no decorrer das várias etapas do ciclo de vida da família (Trommsdorff, 2009). O facto de não ser um estudo misto, não nos permite dar voz qualitativa aos padrões e aos processos quantitativos encontrados, nem explorar as significações que lhes estão inerentes (Daly, 2007), o que se reflecte, necessariamente, numa menor riqueza e interpretação dos dados.

Por último, mencionamos limites relativos à selecção das variáveis em estudo. A literatura aponta para a relevância de outras variáveis que poderiam ter sido incluídas

nesta investigação, nomeadamente, sexo dos filhos (Axinn & Thornton, 1993; Copen & Silverstein, 2008; Flor & Knapp, 2001; Phaet & Schönpflug, 2001; Vollebergh et al., 2001), processo de formação da identidade (Berzonsky, 2004; Marcia, 2001, 2002), conjugais (Aluja, Barrio, & García, 2007; Cowan & Cowan, 2005; Olsen, Martin, & Halverson, 1999; Schönpflug & Bilz, 2009; Topham, Larson, & Holman, 2005; Wample, et al., 2003; Olsen, Martin, & Halverson, 1999) e estatuto socioeconómico (Rosen, 1964). Como só é possível conhecer ou aceder a pequenos arcos de interacção do todo (Relvas, 2009), as variáveis utilizadas neste projecto, por terem contornos essencialmente mais micro, meso e cronossistémicos, restringem a compreensão da complexidade da família G1-G2-G3 em “processo-de-transmissão”.

### **Diálogos pragmáticos**

Apesar dos constrangimentos mencionados que limitam a aplicabilidade dos nossos diálogos (e, muito provavelmente outros que não identificámos), consideramos que este conjunto de estudos poderá contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico sobre transmissão intergeracional da parentalidade e de valores, e, em particular, no contexto português. Relevamos como alicerces centrais deste contributo: (1) a adaptação do QVP (SVS, S. H. Schwartz, 1992) ao contexto português na pretensão de que possa ser um instrumento com alguma utilidade futura quer para a investigação, quer para o mapeamento dos valores de elementos familiares em contextos clínicos/terapêuticos; (2) análise da relevância de variáveis familiares e parentais da “família G1-G2-G3 em processo-de-transmissão; e (3) a importância das representações da família ao longo do ciclo de vida, i.e., na idade adulta e na adolescência, nos valores pessoais, como princípios orientadores na vida.

O projecto pode assumir algum valor pragmático em áreas distintas. Nomeamos como implicações para a investigação e literatura na área: (1) o estudo dos processos de

continuidade intergeracional familiar através de um *continuum* que integre vários níveis de análise entre a continuidade total e a ausência de continuidade –, respeitando a multifinalidade (von Bertalanffy, 1968) da influência da geração anterior na seguinte (Belsky, Hancox, Sligo, & Poulton, 2012; Belsky, Jaffee, Sligo, Woodward, & Silva., 2005; van Ijzendoorn, 1992) e a multifactorialidade; (2) as singularidades associadas do ser homem, filho e pai, e do ser mulher, filha e mãe no processo intergeracional de transmissão e de recepção, pelo que o estudo das transmissões deve ter em consideração as idiossincrasias de cada género e linha familiar; (3) as funções distintas que as práticas parentais familiares e o ambiente familiar assumem no processo de transmissão de valores e na transmissão de conteúdos específicos; (4) o impacto da percepção das práticas parentais da mãe e do pai nos valores colectivistas e individualistas dos adolescentes; (5) o impacto da percepção da dinâmica da família-de-origem nos valores colectivistas de pais com filhos adolescentes/adultos.

Em termos de implicações para as políticas sociais, realçamos novamente que, apesar de o pai ser uma fonte de valores individualistas, a família, enquanto todo, não assume esse papel, pelo que a transmissão deste tipo de valores é delegada noutros sistemas. Deste modo, o caminho centrífugo que o adolescente percorre em relação à família deve ser protegido, no sentido de favorecer a exploração identitária e o bem-estar individual e familiar.

Algumas das implicações clínicas deste projecto partem da seguinte teia de pressupostos: (a) a família, enquanto sistema socializador, tem um papel central no desenvolvimento individual, através dos espaços emocional (sentimentos e emoções partilhadas), cognitivo (valores, crenças, percepções e ideias) e pragmático (rituais e comportamentos individuais); (b) os valores funcionam como alicerces para a construção da identidade e da narrativa pessoal (nível individual) e construção da

organização e da mitologia – nível familiar (Linares, 1996); (b) a identidade é o núcleo da experiência relacional acumulada individualmente. É nela que o indivíduo se reconhece e está (quase) fechada a negociações. Contudo, como a experiência relacional é organizada através de narrativas, estas têm o poder de manter a identidade *aberta* às transações com o contexto (Linares, 1996; Linares & Campos, 2000). (c) As várias narrativas dos membros de uma família articulam-se na estrutura mítica familiar. Deste modo, o nosso estudo poderá fundamentar o trabalho clínico individual e familiar em torno dos valores: “herdados”; que sustentam os mitos familiares; que estão subjacentes às narrativas individuais; que podem ser co-construídos; individuais, que mudam ao longo do tempo (história dos valores ao longo do tempo). Os valores e, no limite, as questões associadas às narrativas e identidade e à mitologia e organização familiares, podem ser trabalhados de diferentes formas, consoante os *settings*: foco da devolução no final das sessões individuais e familiares, através de reenquadramentos a partir das significações e hierarquias individuais e do significado partilhado; cartas terapêuticas aos adolescentes e às famílias (White & Epstein, 1990; Linares, 1996); “prescrições de valores”; “genogramas de valores” – que elementos da família transmitiram determinado valor e que narrativas estão associadas; construção de “muros ou outras formas” de valores familiares através da junção dos valores de cada elemento, utilizando, por exemplo, peças de Legos (em que cada peça de lego tem um valor inscrito). Este tipo de técnicas ou instrumentos poderão ser utilizados em contexto clínico para: manter ou quebrar os ciclos intergeracionais, consoante a função que o ciclo tem no sistema e as consequências no bem-estar individual e familiar; desmontar processos de delegação familiar (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973/2008; Miermont, 1994).

Destacamos, ainda, as implicações que os resultados do projecto poderão ter no trabalho clínico centrado nas práticas familiares alienadoras (Linares, 2012). O trabalho focado nas concordâncias e discordâncias dos mapas dos pais e dos filhos permitem-nos aceder à “geografia familiar”. A “geografia familiar” enfatiza a importância de interpretar a família como um caleidoscópio (Minuchin, 1986). A compreensão dos diferentes mapas de cada elemento familiar, partindo do pressuposto de que não são o território (Watzlawick, 1975), poderá aumentar a eficácia das intervenções familiares.

Por último, realçamos que as implicações para a prática clínica estendem-se, necessariamente, para a formação de terapeutas (Framo, 1990; Vega, 1997). Na história das escolas sistémicas, não há unanimidade quanto ao treino de terapeutas, havendo uma dicotomia entre o treino de técnicas e o treino de competências internas ou crescimento pessoal. Por um lado, algumas escolas (e.g. estrutural e estratégica) consideram que no contexto de formação só devem ser trabalhadas questões técnicas, defendendo o treino do terapeuta para assumir um papel de técnico perito em disfunções familiares (Haley, 1976), que depois se esquece das técnicas (Minuchin & Fishman, 1990). Por outro lado, alguns terapeutas focaram o lugar e o peso da pessoa-terapeuta nos processos terapêuticos (e.g. Bowen, Satir, Whitaker), defendendo a importância do trabalho do sistema familiar do terapeuta, das competências internas e do crescimento pessoal. Enquadrando-nos mais nesta última linha de pensamento, este projecto poderá trazer alguma relevância à formação de terapeutas centrada nos modelos familiares transmitidos, na mitologia familiar e nas narrativas alicerçadas nos valores (O que herdei da minha família? Que heranças absorvi? Que heranças rejeitei? Para quê? Que valores se passa em terapia? Quais os valores das famílias que colidem com os valores do terapeuta – que consequências para o processo terapêutico?).

### **Diálogos futuros**

Para além de, em estudos futuros se ultrapassarem os limites metodológicos acima referidos, seria particularmente relevante considerar o aprofundamento da investigação deste tema em relação com outras áreas. Atendendo aos dados recentes do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2013), a taxa de natalidade decresceu consideravelmente em relação à última década, e, no ano de 2013, verificou-se um decréscimo ainda mais acentuado. Que relação existe entre os valores e o decréscimo da taxa de natalidade? Que valores dominantes e mudanças nas hierarquias de valores poderão estar subjacentes a estas mudanças?

Considerando que a relação conjugal é o sistema central da transmissão trigeracional (Cowan & Cowan, 2005), e tendo em conta os índices de divórcios e de rupturas conjugais em Portugal (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2013), levantamos diversas questões que poderão ser respondidas em estudos futuros: que relação entre os valores individualistas e colectivistas e os divórcios ou rupturas conjugais? Qual o papel da divergência de valores nos divórcios? E, por outro lado, qual o impacto do divórcio na hierarquia de valores individuais? Em famílias com filhos, que consequências tem o divórcio na transmissão de valores aos filhos G3? E que consequências para os padrões educativos que a G3 terá com a G4?

Dada a função “filtradora” que a qualidade do ambiente familiar assume na transmissão de valores, seria importante uma análise da família-em-processo-de-transmissão ao longo do ciclo vital que permitisse aceder às relações de causalidade entre as variáveis. Deste modo, os estudos futuros deveriam ter desenhos longitudinais, incluir metodologias mistas e outros instrumentos de avaliação mais ecossistémicos (e.g. observação da dinâmica do sistema familiar através de tarefas familiares, que incluam dilemas baseados na hierarquia de valores).

Considerando o modelo de desenvolvimentista da identidade (Kroger, 2000; Marcia, 2001, 2002a, 2002b) e o modelo de identidade sociocognitivo (Berzonsky, 2004), seria importante estudar a relação entre os níveis de semelhança entre os valores de pais e filhos adolescentes e os estádios (e.g., realizado, difuso, moratória e fechado) (Kroger, 2000; Arseth, Kroger, Martinussen, & Marcia, 2009) e os estilos identitários (e.g., normativo, informativo e difuso-evitante) (Berzonsky, 2004).

No futuro, os estudos centrados nas (des)continuidades dos EEP e nas (dis)semelhanças de valores nas linhas materna e paterna poderiam ser realizados à luz da teoria dialógica do *Self* (Hermans, 2001; Ribeiro & Gonçalves, 2011), tendo em conta a dominância e a inovação das várias vozes nas narrativas pessoais dos pais e das mães. A voz Eu-Filho será dominante na narrativa pessoal do Pai? As vozes inovativas predominam nas narrativas da Mãe?

Consideramos igualmente pertinente que estudos futuros explorem, em contextos clínicos (e.g., terapia multissistémica, terapia familiar): a relação entre os contornos *micro e exossistémicos* da transmissão, nomeadamente, o papel das experiências relacionais intra-familiares e extra-familiares na quebra e na perpetuação dos padrões experimentados na família de origem; e os contornos *mesossistémicos* da transmissão, p.e., o impacto dos processos tendenciais de absorção e de bifurcação dos modelos da família de origem na formação do sistema da família nuclear.



### Para uma conclusão divergente

*“A minha amiga Beatriz disse-me que as [heranças] boas que esquecemos guardamos no coração e a Ana Miguel disse que as [heranças] más devemos guardar debaixo dos pés, para as irmos calcando até elas desaparecerem e assim as esquecermos. Mas as boas, mesmo quando as esquecemos estão no coração e ouvem-se a fazer pum-puum, pum-puum se encostarmos o ouvido ao peito. A Beatriz diz que as [heranças] boas que batem lá dentro, de um lado para o outro, é que fazem aquele barulho.”*

(Machado & Gonçalves, 2008)

Como, até aqui, centrámos o diálogo em factos e em hipóteses explicativas, para findar este trabalho, propomo-nos agora a fantasiar, revisitando dois contos infantis com temáticas tangentes ou subjacentes à família em “processo-de-transmissão”. Com a introdução da fantasia, pretendemos reflectir sobre histórias que servem de mote à internalização das heranças e transmissões familiares.

A transmissão cultural, enquanto estratégia educativa, envolve a persistência e a mudança culturais (Parlevliet, 2012). A selecção dos conteúdos a serem transmitidos é determinada por vários factores do processo (e pela sua relação): tipos de transmissão (vertical, horizontal e oblíqua), agentes socializadores e receptores, contexto (Schönpflug, 2009; Trommsdorff, 2009) e objectivos educativos (Parlevliet, 2012). A transmissão oral de contos infantis é uma das estratégias utilizadas para iniciar a socialização das crianças por pais e educadores (Baker-Sperry, 2007; Parlevliet, 2012), pois primeiro vem a fantasia, depois os factos (Moxnes, 2006). Os contos infantis são narrativas que “todos devem saber” porque, ao reflectirem construções sociais (e.g., papéis de género), pertencem à herança cultural das famílias e da sociedade (Parlevliet,

2012; Reese, 2012). A literatura infantil tem sido largamente referida como um veículo de transmissão e de internalização da tradição e de valores (Baker-Sperry, 2007; Henderson & Malone, 2012; Moxnes, 2006), servindo também de base para a construção identitária (Parlevliet, 2012) e para o desenvolvimento cognitivo das crianças (Reese, 2012). Para além disso, os contos infantis estimulam e clarificam as emoções (Moxnes, 2006), a criatividade e a elaboração de significados (Henderson & Malone, 2012).

Começa assim o Gato das Botas: *“Era uma vez um moleiro que tinha três filhos. Quando morreu deixou-lhes apenas um moinho, um burro e um Gato. (...) O filho mais velho ficou com o moinho e o do meio ficou com o burro. Para o filho mais novo só sobrou o Gato. O rapaz ficou muito desapontado por receber uma herança tão pequena.*

*– Meus irmãos – disse ele – conseguiríamos viver honestamente se juntássemos os nossos haveres, mas, pela parte que me toca, assim que comer o Gato e fizer um casaco com a sua pele, ficarei sem nada.*

*O Gato entendeu perfeitamente estas palavras, mas fingiu não perceber e disse com um ar muito sério:*

*– Não fiques preocupado, Senhor. Só tens que me dar um saco e um par de botas para poder andar na floresta. Verás que a tua parte da herança não é assim tão miserável. O rapaz não acreditou no Gato. No entanto, como já o tinha visto usar truques para caçar ratos, ficou com esperança de que ele o pudesse ajudar.”*

O gato tornou o rapaz no Marquês da Carabás e o Marquês casou-se com a princesa. Por ser confabulada, Poisson (1999) apelida esta herança de impossível. Nós, seguindo a linha de Prigogine (1996), chamar-lhe-íamos herança *dissipativa* porque o momento do legado, que inicialmente parecia ser injusto, constitui-se como uma

oportunidade de transformar a vida, através da *descoberta do tesouro que o pai lhe deixara*. É a flecha do tempo e os processos irreversíveis que desencadeia que permitem ver as heranças e os valores em acção, para além do óbvio. É o tempo que dá contornos. Que heranças dos avós e dos pais reconhecerão em si os adolescentes das nossas amostras quando forem adultos?

A história do Patinho Feio termina assim: *“Mas o que é que viu ele reflectido em baixo? Observou-se bem — já não era uma desajeitada ave feia e cinzenta. Era igual às orgulhosas aves brancas ali ao pé: era um cisne!*

*Não interessa nascer num terreiro de patos quando se sai de um ovo de cisne.*

*Sentiu-se feliz por ter sofrido tantas dificuldades, porque agora dava valor à sua boa sorte e ao lar que finalmente tinha encontrado. Os majestosos cisnes nadaram à sua volta e acariciaram-no com admiração com os bicos. Umas criancinhas apareceram no jardim e atiraram pão para a água e a mais pequenina gritou alegremente:*

*— Há mais um!*

*E as outras disseram, encantadas:*

*— É verdade, apareceu mais um cisne!*

*Bateram palmas e dançaram de contentamento; depois foram a correr contar aos pais. Deitaram mais pão e bolo para a água e todos disseram:*

*— O novo é o mais bonito de todos. Olhem que belo que é, aquele novo!*

*E os cisnes mais velhos curvaram as cabeças diante dele.*

*Ele sentia-se muito envergonhado e escondeu a cabeça debaixo de uma asa; não sabia o que fazer. Estava quase feliz de mais, porque um bom coração nunca é orgulhoso nem vaidoso. Lembrava-se dos tempos em que tinha sido perseguido e desprezado, e agora ouvia toda a gente dizer que era a mais bela de todas aquelas*

*maravilhosas aves brancas. Os lilases curvaram os ramos até à água para o saudarem; o Sol enviou o seu calor amigo, e a jovem ave, com o coração cheio de alegria, agitou as penas, ergueu o pescoço esguio e exclamou:*

*— Nunca pensei que alguma vez pudesse sentir tamanha felicidade quando era o patinho feio!”.*

A história do patinho feio realça a importância das semelhanças no jogo das transmissões e das dinâmicas familiares. Através das semelhanças físicas transmitem-se identificações, delegações e lealdades invisíveis, transmissões conscientes e inconscientes (Camdessus, 1999). Como vimos, através dos nossos resultados, o ser semelhante a um dos pais pode significar a procura de um maior investimento por parte dele na relação dos dois (Euler et al, 2009; Euler & Weitzel, 1996; Porter, 1987). Quando o valor da igualdade, da conformidade entre todos os membros familiares é transmitido rigidamente, sob pena da rejeição, a herança familiar pode ser perigosa. Se ficar preso nas teias de semelhança da família significar uma impossibilidade ou uma limitação dos movimentos de criatividade e de descoberta de si (para além da voz Eu-Filho), o processo de individuação e de diferenciação dos adolescentes está em risco. O saber-se único e ser reconhecido pelos outros como tal (no caso do patinho, o ser feio) ajuda o processo de autonomização, pelo desenvolvimento da resiliência e pela procura de outros grupos de referência. É a flecha do tempo que permite as mudanças e o reconhecimento das diferenças que fazem a diferença. É o tempo que dá contornos.

Enquanto pessoas, técnicos – clínicos e/ou investigadores – parte do nosso papel consiste em reorganizar as competências herdadas e as transmitidas, porque o conhecimento não pressupõe apenas uma ligação entre o que conhece e o que é conhecido, exige que essa ligação crie uma diferença entre o passado e o futuro (Prigogine, 1996). O segredo da transmissão de uma história poderá, essencialmente, ser

contá-la com espaço para que possa ser continuada, recriada e reciclada no futuro, como em “Para onde vão as ideias que esquecemos?” (Machado & Gonçalves, 2008). A imaginação dá contornos ao tempo.

## Referências

- Aluja, A., Barrio, V., & García, L. F. (2007). Personality, social values, and marital satisfaction as predictors of parents' rearing styles. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(3), 725-737.
- Arseth, A. K., Kroger, J., Martinussen, M., Marcia, J.E. (2009). Meta-analytic studies of identity status and the relational issues of attachment and intimacy. *Identity: an International Journal of Theory and Research*, 9, 1-32.
- Axinn, W. G., & Thornton, A. (1993). Mothers, children, and cohabitation: The intergenerational effects of attitudes and behavior. *American Sociological Review*, 58(2), 233-246.
- Barni, D., Ranieri, S., Scabini, E., & Rosnati, R. (2011). Value transmission in the family: Do adolescents accept the values their parents want to transmit? *Journal of Moral Education*, 40, 105-121. doi:10.1080/03057240.2011.553797
- Baker-Sperry, L. (2007). The production of meaning through peer interaction children and Walt Disney's Cinderella. *Sex Roles*, 56, 717-727. doi:10.1007/s11199-007-9236-y
- Bateson, G. (1996). *Metadiálogos* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96. doi:10.2307/1129836
- Belsky, J., Hancox, R. J., Sligo, J., & Poulton, R. (2012). Does being an older parent attenuate the intergenerational transmission of parenting? *Developmental Psychology*, 48, 1570-1574. doi:10.1037/a0027599
- Belsky, J., Jaffee, S., Sligo, J., Woodward, L., & Silva, P. (2005). Intergenerational transmission of warm-sensitive stimulating parenting: A prospective study of

- mothers and fathers of 3-years-old. *Child Development*, 76, 384-396.  
doi: 10.1111/j.1467-8624.2005.00852.x
- von Bertalanffy, L. (1968). *Teoria geral dos sistemas*. S. Paulo: Vozes.
- Berzonsky, M. D. (2004). Identity processing style, self-construction and personal epistemic assumptions: A social-cognitive perspective. *European Journal of Developmental Psychology*, 1, 303-315. doi:10.1080/17405620444000120
- Boehnke, K. (2001). Parent-offspring value transmission in a societal context: Suggestions for a utopian research design—with empirical underpinnings. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 241-255. doi:10.1177/0022022101032002010
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. M. (2008). *Lealtades invisibles: Reciprocidad en terapia familiar intergeracional*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Broad, C. D. (1925). *The mind and its place in nature*. London: Routledge & Kegan.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531. doi:10.1037/0003-066X.32.7.513
- Byng-Hall, J. (1990). Attachment theory and family therapy: A clinical view. *Infant Mental Health Journal*, 11(3), 228-336.
- Byng-Hall, J. (2008). The crucial roles of attachment in family therapy. *Journal of Family Therapy*, 30, 129–146. doi:10.1111/j.1467-6427.2008.00422.x
- Camdessus, B. (1999). O trágico jogo das semelhanças. In B. Prieur (Ed.). *As heranças familiares* (pp. 107-118). Lisboa: Climepsi.
- Campbell, J., & Gilmore, L. (2007). Intergenerational continuities and discontinuities in parenting styles. *Australian Journal of Psychology*, 59, 140-150.  
doi:10.1080/00049530701449471
- Canavarro, M. (1999). *Relações Afetivas e Saúde Mental*. Coimbra: Quarteto Editora.

- Capaldi, D., Pears, K., Patterson, G., & Owen, D. (2003). Continuity of parenting practices across generations in an at-risk sample: A prospective comparison of direct and mediated associations. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31(2), 127-142.
- Capra, F. (1996). *A teia da vida*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Copen, C., & Silverstein, M. (2007). Transmission of religious beliefs across generations: Do grandparents matter? *Journal of Comparative Family Studies*, 38(4), 497-510.
- Cowan, C. P. & Cowan, P. A. (2005). Two central roles for couple relationships: Breaking negative intergenerational patterns and enhancing children's adaptation. *Sexual and Relationship Therapy*, 20, 275-288. doi:10.1080/14681990500140859
- Corigliano, A. M. (1999). A dimensão transgeracional entre o mito e o segredo. In B. Prieur (Ed.). *As heranças familiares* (pp. 75-86). Lisboa: Climepsi.
- Dempsey, K. C. (2000). Men's share of child care: A rural and urban comparison. *Journal of Family Studies*, 6, 245-266. doi:10.5172/jfs.6.2.245
- Euler, H. A., & Weitzel, B. (1996). Discriminative grandparental solicitude as reproductive strategy. *Human Nature*, 7(1), 39-59.
- Euler, H. A., Hoier, S., & Rodhde, P. A. (2009). Relationship-specific intergenerational family ties: An evolutionary approach to the structure of cultural transmission. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp. 74-94). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511804670
- Flor, D. L., & Knapp, N. F. (2001). Transmission and transaction: Predicting adolescents' internalization of parental religious values. *Journal of Family Psychology*, 15, 627-645. doi:10.1037/0893-3200.15.4.627



- Framo, J. (1990). *Mis familias, mi familia. Exploraciones en terapia familiar y matrimonial*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer.
- Geary, D. C. (1998). *Male, female: The evolution of human sex differences*. Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:10.1037/10370-000
- Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Development Psychology*, 30, 4-19. doi:10.1037//0012-1649.30.1.4
- Grusec, J., Goodnow, J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analyses of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71(1), 205-211.
- Hall, J. A., & Matsumoto, D. (2004). Gender differences in judgments of multiple emotions from facial expressions. *Emotion*, 4, 201-206. doi:10.1037/1528-3542.4.2.201
- Hallers-Haalboom, E. T., Mesman, J., Groeneveld, M. G., Endendijk, J. J., van Berkel, S. R., van der Pol, L. D., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2014). Mothers, fathers, sons and daughters: parental sensitivity in families with two children. *Journal of Family Psychology*, 28, 138–147. doi:10.1037/a0036004
- Haley, J. (1976). *Problem-solving therapy: New strategies for effective family therapy*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Halverson, C. F. (1988). Remembering your parents: Reflections on the retrospective method. *Journal of Personality*, 56, 435-443. doi:10.1111/1467-6494.ep8970989
- Henderson, K. L., & Malone, S. L. (2012). Ethical fairy tales: Using fairy tales as illustrative ethical dilemmas with counseling students. *Journal of Creativity in Mental Health*, 7, 65-82. doi:10.1080/15401383.2012.660128

- Hermans, H. J. M. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7(3), 243-281.
- van Ijzendoorn, M. H. (1992). Intergenerational transmission of parenting: A review of studies on nonclinical populations. *Development Review*, 12, 76-99. doi:10.1016/0273-2297(92)90004-L
- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2003). Parenting and adolescents' accuracy in perceiving parental values. *Child Development*, 74, 595-611. doi:10.1111/14678624.7402018
- Kroger, J. (2000). Ego identity status research in the new millenium. *Identity: an International Journal of Theory and Research*, 24, 145-148.
- Leaper, C. (2002). Parenting girls and boys. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (2<sup>a</sup> ed., pp. 189–225). Mahwah, New Jersey: Erlbaum.
- Linares, J. L. (1996). *Identidad y narrativa – La terapia familiar en la práctica clínica*. Barcelona: Paidós Terapia Familiar.
- Linares, J. L. & Campo, C. (2000). *Tras la honorable fachada. Los trastornos depresivos desde una perspectiva relacional*. Barcelona: Paidós Terapia Familiar.
- Lovas, G. S. (2005). Gender and patterns of emotional availability in mother-toddler and father-toddler dyads. *Infant Mental Health Journal*, 26, 327–353. doi:10.1002/imhj.20056
- Machado, C., & Gonçalves, M. (2008). *Para onde vão as ideias que esquecemos? E outras histórias*. Braga: Psiquilíbrios.
- Marcia, J. E. (2001). A Commentary on Seth Schwartz's review of identity theory and research. *Identity: an International Journal of Theory and Research*, 1, 59-65.
- Marcia, J. E. (2002). Identity and psychosocial development in adulthood. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 2, 7-28.

Marin, A. H., Martins, G. D., Freitas, A. P., Silva, I. M., Lopes, R. C., & Piccinini, C.

A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: Evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29, 123-132. doi:10.1590/S0102-37722013000200001

Miermont, J. (1994). *Dicionário de terapias familiares: Teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Minuchin, S. (1986). *Caleidoscópio familiar*. Barcelona: Edição Paidós.

Minuchin, S., & Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Morin, E. (1994). *Ciência com consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Moxnes, P. (2006). Learning group psychology leaderships and anxiety coping by use fairy tales as an educational guide. *Nordic Psychology*, 58, 5-21. doi:10.1027/1901-2276.58.1.5

Narciso, I. (2002). Janela com vista para a intimidade. *Psychologica*, 31, 49-62.

Olsen, S. F., Martin, P., & Halverson, C. F. (1999). Personality, marital relationships, and parenting in two generations of mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 23, 457-476. doi:10.1080/016502599383919

Ozgun, O., & Honig, A. S. (2005). Parental involvement and spousal satisfaction with division of early childcare in Turkish families with normal children and children with special needs. *Early Child Development and Care*, 175(3), 259-270.

Parlevliet, S. (2012). Foxing the child: The cultural transmission of pedagogical norms and values in Dutch rewritings of literacy classics for children 1850-1950. *Paedagogica Historica*, 48(4), 549-570.

Pereira, C., Camino, L., & Costa, J. B. (2005). Um estudo sobre a integração dos níveis

- de análise dos sistemas de valores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 16-25.  
doi:10.1590/S0102-79722005000100004
- Pinquart, M., & Silbereisen, R. K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of value content and authoritative parenting. *Adolescence*, 39(153), 83-100.
- Phalet, K., & Schönplflug, U. (2001). Intergenerational transmission in Turkish immigrant families: Parental collectivism, achievement values and gender differences. *Journal of Comparative Family Studies*, 32(4), 489-504.
- Prigogine, I. (1996). *O fim das certezas*. Lisboa: Gradiva.
- Prigogine, I., & Stengers, I. (1990). *Entre o tempo e a eternidade*. Lisboa: Gradiva.
- Poisson, P. (1999). A herança impossível. In B. Prieur (Ed.). *As heranças familiares* (pp. 72-74). Lisboa: Climepsi.
- Power, T. G. (1985). Mother- and father-infant play: A developmental analysis. *Child Development*, 56, 1514-1524. doi:10.2307/1130470
- Ribeiro, A. P., & Gonçalves, M. M. (2011). Maintenance and transformation of problematic self-narratives: A semiotic-dialogical approach. *Integrative Psychological & Behavioral Science*, 45, 281-303. doi:10.1007/s12124-010-9149-0
- Reese, L. (2012). Storytelling in Mexican homes: Connections between oral and literacy practices. *Bilingual Research Journal*, 35, 277-293.  
doi:10.1080/15235882.2012.734006
- Relvas, A. P. (2009). Prefácio. In I. Narciso & M. T. Ribeiro, *Olhares sobre a conjugalidade* (pp. 13-16). Lisboa: Coisas de Ler.

- Roest, A. M., Dubas, J., & Gerris, J. R. (2009). Value transmissions between fathers, mothers, and adolescent and emerging adult children: The role of the family climate. *Journal of Family Psychology*, 23, 146-155. doi:10.1037/a0015075
- Rosen, B. C. (1964). Family structure and value transmission. *Merrill-Palmer Quarterly*, 10(1), 59-76.
- Sabatier, C. & Lannegrand-Willems, L. (2005). Transmission of family values and Attachment: A French three-generation study. *Applied Psychology: A International Review*, 54, 378-395. doi:10.1111/j.1464-0597.2005.00216.x
- Schönpflug, U. (2001). Intergenerational transmission of values: The role of transmission belts. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 174-185. doi:10.1177/0022022101032002005
- Schönpflug, U. (2009). Theory and research in cultural transmission: A short history. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp. 9-33). New York: Cambridge University Press. doi:http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511804670
- Schönpflug, U., & Bilz, L. (2009). The transmission process: Mechanisms and contexts. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp. 212-240). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511804670
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 25, pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Snarey, J. (1993). *How fathers care for the next generation: a four decade study*. Cambridge, MA: Harvard University Press. doi:10.4159/harvard.9780674365995

- Topham, G. L., Larson, J. H., & Holman, T. B. (2005). Family-of-origin predictors of hostile conflict in early marriage. *Contemporary Family Therapy*, 27, 101-121. doi:10.1007/s10591-004-1973-2
- Trommsdorff, G. (2009). Intergenerational relations and cultural transmissions. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp.126-160). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511804670
- Uhlenberg, P., & Hammill, B. G. (1998). Frequency of grandparents contact with grandchild sets: Six factors that make a difference. *Gerontologist*, 38, 276-285. doi:10.1093/geront/38.3.276
- Vega, S. (1997). Instrumentos de trabajo. In M. Coletti & J. Linares (Eds.), *Intervención sistémica en los servicios sociales* (pp.45-82). Paidós: Barcelona.
- Vollebergh, W. A. M., Iedema, J., & Raaijmakers, Q. A. W. (2001). Intergenerational transmission and the formation of cultural orientations in adolescence and young adulthood. *Journal of Marriage and the Family*, 63, 1185-1198. doi:10.1111/j.1741-3737.2001.01185.x
- Volling, B. L., McElwain, N. L., Notaro, P. C., & Herrera, C. (2002). Parents' emotional availability and infant emotional competence: Predictors of parent-infant attachment and emerging self-regulation. *Journal of Family Psychology*, 16, 447-465. doi:10.1037/0893-3200.16.4.447
- Watzlawick, P. (1991). *A realidade é real?*. Lisboa: Relógio D'água.
- White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. New York: Norton & Company.

White, F. A., & Matawie, K. M. (2004). Parental morality and family processes as predictors of adolescent morality. *Journal of Child and Family Studies*, 13, 219-233. doi:1062-1024/04/0600-0219/0





---

## Apêndices



## Apêndice A

Working paper



## **Working paper**

### **Value transmission processes in mothers and fathers: The tip of the iceberg?**

The purpose of this study was to understand the values intergenerational transmission process through parents' views and through the singularity of mothers' and fathers' views. We investigated (1) the values that guide the value transmission; (2) the values that they value and want to transmit; (3) the influence of mothers and fathers on adolescents' values; and (4) the factors that they perceived as facilitators and inhibitors of values transmission.

## **Methodology**

Using a snowball sampling technique, we obtained a convenience sample composed of 24 parents (12 fathers and 12 mothers from different families) of intact families, aged between 41 and 58 years. All participants were involved in intact marriages and had adolescent children (between 15 and 19 years old). Participants were excluded for the presence of any psychological/psychiatric diagnosis. The participants lived in the following Portuguese geographic regions:  $n = 17$  in Lisboa and surrounding areas, 16.4% in the North,  $n = 5$  in the Center, and  $n = 2$  in the north region of the country. The sample was organized though an age criterion: six mothers and six fathers were aged up to 45 years and six mothers and six fathers were aged from 46 years.

One researcher conducted the interviews at the Faculty of Psychology of the University of Lisbon or at participants' houses, depending on their choice. Each interview lasted approximately 20 minutes. Interviews were audio recorded and subsequently transcribed by the same researcher who did the interviews. Participants were informed of the nature of the research, the aims of the study and the details of

participation and all gave informed consent. They were given the opportunity to ask further questions about both the nature of the project and the use of the interview data.

The discussion about transmission of values (purposes, concerns and influential factors) was generated by a structured interview script with open-ended questions. Moreover, the first author presented to participants a set of written cards. Participants were asked to choose the card, and justify their answers, they thought best portrayed their family reality and the reality they know (e.g., 'Adolescents' values are more influenced by mothers'; 'Adolescents' values are more influenced by fathers'); from a set of cards about parenting styles, to choose and justify the card which illustrated the situation considered most effective or successful in transmitting values (e.g., 'Affection and rules are the principal basis of education'; 'The most important thing in education is authority by applying rules and limits. Affection is secondary'; 'In education, it is important that children feel that we love them. They will learn about rules and limits through their own life'; 'Families with cohesion are better able to convey the values you want'); and from a set of cards about family environment, to choose and justify the card which illustrated the situation considered most effective or successful in transmitting values (e.g., 'Conflictual families have more difficulty in transmitting the values they want'). At the end of the interview, a questionnaire on socio-demographic information was completed by participants.

Qualitative content analysis was performed by two researchers and a third researcher was consulted whenever doubts persisted, to strengthen the validity of the findings (Richards 2009). We used the qualitative data analysis software NVIVO 10. The content analysis was coded in three phases: descriptive coding (who are the participants?, i.e., focus participants' attributes), thematic coding (what are the participants talking about?, i.e., the key themes were identified mainly based on the

interview questions: sources of influence, degrees of influence, purposes, values and influent factors – context, family, parental and individual), and analytic coding from a bottom-up perspective and with constant comparisons among codes and transcriptions. These methods allowed to the development of a reflective analysis ('What does this mean? Which ideas and themes are emerging? How are these ideas and themes aggregated or related?', i.e., reflexion and interpretation process about meanings and relations between concepts or ideas).

The findings relevance was analysed through the number of participants that referred the specific themes, ideas or concepts. When a category was cited by less than  $\frac{1}{4}$  of participants ( $n = 6$ ), we consider that it had a little relevance; when a category was reported by more than  $\frac{1}{4}$  of participants and less than  $\frac{1}{2}$  of participants ( $6 < n < 11$ ), we consider that it was relevant; when a category was cited by more than  $\frac{1}{2}$  and less than  $\frac{3}{4}$  of participants ( $12 < n < 17$ ), we consider that it was very relevant; and when a category was reported by more than  $\frac{3}{4}$  of participants ( $n > 18$  participants), we consider that it was highly relevant.

## Findings

### *Which is the main context of values transmission?*

According to a half of participants ( $n = 12$ ) – which is considered very relevant, following our criteria – family is the main context of values transmission, i.e., it is a family responsibility, which reinforces the successful process of socialization-individuation as a basic family function (Trommsdorff, 2009) – “(...) *Education must be given at home, i.e., the values must be transmitted at home. (...) I have to take my children to school to give them knowledge, not education, not the values that guide their lives. That is what parents are for (...)*” (Mother, 45 years).

### *Which purposes guide the transmission?*

Through the data analysis a main interactive purposes emerged as being relevant both for mothers and fathers: values continuity (or similarity) across generations ( $n = 8$ ) – *“I would like to perceive that my children have the same values that my parents had transmitted to me and I try to transmit to them”* (Father, 42 years). Values continuity (or similarity) across generations was related with the protection of family identity, cohesion and inheritance – *“Build or continue. Moreover, building ... We never build anything without an inheritance, without a cultural and family heritage. And it is the image that I have of an iceberg: I can see only a part of an iceberg; and beneath the sea, the water, (...) there is a very large inheritance”* (Father, 51 years). Consistent with this, some authors suggested that values transmission process allows identification with social group and loyalty to members and synchronization among behavioural self-regulation and social expectations (e.g., Schwartz & Bardi, 2001; Trommsdorff, 2009).

In consonance with research which associates values to family and individual wellbeing (Ghazarian, Supple, & Plunkett, 2008), children’s wellbeing emerged as a very relevant purpose ( $n = 18$ ) – *“I transmit what I think that could be more effective for him, more important for him, for his autonomy, for his capacity of being in relation with others because he cannot live alone”* (Father, 51 years). Our data revealed that more mothers than fathers referred to this as a main purpose of values transmission. This finding is consonant with literature that suggests females as higher on concern for the welfare of other people (Conrade & Ho, 2001), higher on sensitivity (Hallers-Haalboom et al, 2014) and more focused on relationships and in affections (Perrin et al, 2011).

### *What parents value? Which values they want to transmit?*



In our qualitative analysis, we have considered two main theoretical categories – collectivist values, referring to group-oriented or values focused on social outcomes; and individualist values, referring to self-oriented values or values focused on personal outcomes (Prioste, Narciso, Gonçalves, Pereira, 2014; Schwartz et al, 2012). Mothers and fathers showed a similar focus on collectivist and individualist values.

Furthermore, *collectivist* values had the following emergent sub-categories also sustained by literature (Prioste et al, 2014; Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2012): *relational*, that express the appreciation, respect and concern for the welfare of others, and included values as family, truth, love, friendship, education, honesty, humility, loyalty, integrity, respect, responsibility, solidarity; *traditionalism*, referring to respect and acceptance of customs and ideologies that culture provides, and included values as work and obedience; spirituality, which is related to transcendence; and *justice*, that express environmental and pro-social concerns (Prioste et al, 2012). Values included in relational and spirituality sub-categories were valued differently by mothers and fathers. Within *relational values* sub-category, more mothers than fathers referenced the importance of *family* – “*The most important value is Family: family is our nest*” (Mother, 52 years); *solidarity* – “*solidarity values: (...) cooperation on tasks, sharing activities and responsibilities with others*” (Mother, 48 years); and *respect values* – “*Respect: respect for other people, for the pain of other people. Willingness to help, to give himself to other people. So, these are the most relevant values*” (Mother, 45 years). Even within relational values sub-category, more fathers than mothers were concerned with *education* – “*I wish he will be an educated person (...), polite, (...) who treats well other people. (...) We always want to have a well-educated child, a child who does what parents say him to do*” (Father, 48 years); with *responsibility* – “*my perspective is to instil values of responsibility, autonomy and self-regulation, but with some supervision*”

(Father, 44 years) and honesty. Concerning *spirituality* values, more fathers than mothers referenced the importance of spirituality values as “*fundamental [values] that cross family generations*” (Father, 58 years).

Literature (e.g., Prioste et al, 2012; Prioste et al, 2014) points that individualist values integrates the *social power*, that is related to the need to dominate others or resources and integrates values as authority, competition, materialism; personal balance, pertaining to personal harmony and the need for independence of action and includes values as autonomy, coherence, positivity, happiness and straightforwardness; *personal achievement*, represents the achievement of personal success and social recognition, which includes values success, proactivity and organization; and adventure, which represents the search of novelty and pleasure and includes values as, pleasure, curiosity, exciting life. In our data only the *social power*, *personal balance* and *personal achievement* sub-categories had be identified. Within these three sub-categories, only one value included in *personal balance* sub-category was valued differently by mothers and fathers. Comparing with fathers, mothers were more concerned with the transmission of happiness value – “*transmitting happiness, searching happiness, searching for wellbeing*” (Mother, 45years).

Adventure values as pleasure were not referenced by parents. What does the omission of individualist values as pleasure and adventure, mean? In the words of one father: ‘*It’s not because I’m a mother or I’m a father that I will transmit certain values that I appreciate. I will transmit the values that are more effective for her, (...) for her autonomy*’ (Father, 50 years). This could mean that adventure values are not perceived as important for children’s wellbeing, social integration and autonomy by parents? This result can also be viewed according value acquisition model, proposed by Grusec and Goodnow (1994), and the filter model (Schönpflug & Bilz, 2009), as both models

underline parents' choices and motivation about which values they intend to transmit and the selectivity of the transmission process regarding the contents of transmission.

*Are adolescents' values more influenced by mothers or by fathers?*

More than  $\frac{3}{4}$  of participants ( $n = 21$ ) considered that mothers have a preponderant influence on adolescents' values, which is consonant with intergenerational investment patterns (Euler, Hoier, & Rodhde, 2009; Geary, 1998; Parke, 2002) by the attribution to females a higher expressivity and affective concern for the children's welfare (Conrade & Ho, 2001) – *“Mothers influence more adolescents' values than fathers. Why do I think this? I'm the one who takes care of my children, I'm more available ... Because of the proximity between mothers and children, we [mothers] ask more things, we live their life, we talk more with them, we have more sensibility to them.”* (Mother, 47 years); *“I don't know if it is because of the “nine months”, but it can be. (...) the maternal function is predominant in this (...)”* (Father, 51 years). In fact, our data are consistent with literature that proposes mothers as preferential transmitters on vertical transmissions of values (e.g., Boehnke, 2001; Knafo & Schwartz, 2003).

The preponderant influence of mothers is explained mainly by parental factors, namely, maternal availability and maternal relationship quality – *“Being a mother is more emotional, (...) there's always that concern if everything is all right. (...) There are signs that we mothers could easily see the children, fathers sometimes do not fall so much, and we sometimes are able to see through children's eyes (...). The mother has more sensitivity to this. (...) And then, as we are those who are more sensitive, we are able to talk more with them”* (Mother, 45 years). This is consistent with literature that attributes more sensitive behaviours and more competences in decoding emotional

nonverbal information to women than to men (Hallers-Haalboom et al., 2014; Hall & Matsumoto, 2004; Lovas, 2005; Power, 1985; Volling, McElwain, Notaro, & Herrera, 2002).

Notwithstanding the preponderant influence of mothers, over half ( $n = 13$ ) of participants (though less than  $\frac{3}{4}$ ) considered that the greater influence of mothers or of fathers depends on the kind of values transmitted, i.e., it is variant – *“I was thinking on issues related to work (...) related to what they can do as adults: they may be more influenced by father, regardless of children’s gender. (...) When it relates more to issues of relationships, friendships, relationships with extended family, I think mothers are more influent”* (Mother, 48 years). In this line, previous studies (e.g., Hosley & Montemayor, 1997) have suggested that fathers can serve as primary role models of values associated with agency, accomplishment, and work and they have a greater impact on their children’s education in this area. On the other hand, research on values suggests that relational values are more relevant in female samples (Schwartz & Rubel, 2005).

We must remark that more than  $\frac{1}{4}$  of participants ( $n = 7$ ) considered that mothers and fathers equally influence children’s values – *“We talk together with them and when we have meals we try to talk about values and other things that we think are important they have in mind in their lives, about the influences of peers (...) on these things we talked together”* (Mother, 45 years).

*Which factors were perceived as facilitators and inhibitors of values transmission?*

The data analysis revealed that participants consider the influence of a variety of socializing agents dynamically connected on different systemic levels: individual, micro level (e.g., family as whole, parental sub-system), and macro level

(e.g., media, political, educational or economical contexts) which is consonant with an eco-systemic perspective (Bronfenbrenner, 1979) of values transmission. Participants recognized that the transmission process and its outcomes are affected by (and affect) the socializing agents (and their relationships) and the cultural context in which transmission takes place (Bronfenbrenner, 1979; Schönplugg, 2009; Trommsdorff, 2009).

#### *Sociocultural and context factors*

In what concerns to sociocultural and context factors, at the macro-systemic level, three sub-categories emerged through the data analysis: constraints (e.g., time constraints); sociogenerational differences (e.g., devaluation of family sense, actual importance of individualism, focus of parental practices, mothers' participation in the labour market, social danger); and geography issues (e.g., residence area). Literature also highlights the impact of social and context changes on values similarity across generations and on intergenerational relationships (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002; Constanzo & Hoy, 2007; Trommsdorff, 2009).

According to our results, contextual factors seems to be very relevant on values transmission (n = 16), specially the actual importance of individualism (n = 11) – “(...) *in our society, we have more and more factors that close up on ourselves and make us selfish, individualists (...) people' schedules increasingly have less time for family, for transmitting and applying these values (...)*” (Father, 45 years). Our data point to differences between fathers and mothers on the relevance of the actual importance of individualism, as more fathers than mothers cited this inhibitor factor on values transmission.

#### *Family factors*

Family factors, which included family environment, opening to the outside influences and family configurations, were considered to be highly relevant (n = 24) on

values transmission. Within family factors, only family environment, which includes the sub-categories of affection, cohesion and unity, communication and conflict, was considered highly relevant ( $n = 24$ ) on values transmission.

Affection, family cohesion and unity were seen as powerful facilitators of values transmission – *“when there is family unity, there is a sharing of things, there is no disagreement, we are all facing the same side and it's easier that grow”* (Mother, 45 years); *“we share love that is the basis of all... affection, something that you will not found anywhere else. When we are a unity, in harmony with constant sharing of affection, there is nothing that inhibits us to transmit (...) because there are no divisions, separations, omissions. (...) It is, undoubtedly, much easier. If all is ok, everything flows smoothly. (...) It's like, it's like, I'm remembering a brook... (...) we are going down a brook, hand in hand with our children. (...) We are all in the brook, sharing the same landscape, the same ripple, almost there is no need to talk because everyone see what is to pass. We are seeing the same and we are going smoothly”* (Mother, 45 years). Affection was almost always referenced by mothers, which reinforces the aforementioned female focus on affections (Perrin et al., 2011). Again, the relevance of relational values to mothers (Perrin et al., 2011; Schwartz & Rubel, 2005) could reinforce the view of affection through a relational lens, involving family, its sub-systems (e.g., parental, filial) and its relationships as an integrated whole.

As it was previously suggested by literature (e.g., Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011; Grusec & Goodnow, 1994; Grusec et al, 2000; Knafo & Schwartz, 2003; Trommsdorff, 2009; White & Matawie, 2004), family conflict was seen as an highly relevant ( $n = 22$ ) inhibitor of values transmission, particularly by mothers ( $n = 12$ ). Participants associated conflicts with communication – *“when there is conflict, there is no dialogue, there are only conflicts. And in a place where there are only conflicts,*

*there are no values*” (Mother, 44 years); parental unavailability - *“people no longer have availability and tranquility to be with their children”* (Mother, 47 years); and absence of a model and of sense of coherence - *“in conflict families, we are passing a value to the child which is not really lived. So, it could create some (...) ambivalence, confusion«So, but what is correct? You tell me to do this, but you do otherwise» (...) the most important is what you do and not what you say”* (Mother, 44 years).

Communication - which included the sub-categories clarity, dialogue, nonverbal and paradox -, was also considered very relevant (n = 16) for values transmission. Parents associated family communication to family cohesion and conflict and, consequently, to the effectiveness and ineffectiveness of values transmission, which is consistent with literature (Knafo & Schwartz, 2003; Trommsdorff, 2009). In line with some authors (e.g., Cavalli-Sforza & Feldman, 1981; Schönpflug & Bilz, 2009), the result of intergenerational transmission of values is similarity between parents’ and offspring’ values, which has been described in terms of internalization. The value acquisition model (Grusec & Goodnow, 1994) suggests that a child’s successful value internalization – i.e., accurate perception of the parental message and acceptance or rejection of the perceived message – is a result of effective parenting in which parental practices play a powerful role. Accurate perception depends on children’s attention at the parents’ message and on the clarity and redundancy of the message (Grusec & Goodnow, 1994; Knafo & Schwartz, 2003). Acceptance or rejection depends on several processes, namely, child’s motivation for the message, message perception as appropriate and as a facilitator of self-generated feelings, consistency of the message, and a supportive parent-child relationship with high levels of cohesion and low levels of conflict (Barni et al, 2011; Grusec & Goodnow, 1994; Grusec et al, 2000; Knafo & Schwartz, 2003; White & Matawie, 2004). Trommsdorff (2009) proposed that the

higher mothers' involvement with children and the quality of mother-child relationship can enhance communication between adolescents and their mothers and increases the accurate perception and the acceptance of maternal values – “*the absence of dialog or the noise of dialog creates obstacles that preclude receptivity to criticism because it is seen as destructive rather than as an opportunity for reflection, an opportunity to be together. (...) I will say that, within family, it is possible to integrate, (...) saving spaces for dialogue*” (Father, 44 year). On the other hand, conflicts between adolescents and their mothers increase the communication about values (Knafo & Schwartz, 2003), but at the same time can reduce the accuracy of perception and the acceptance of them (Trommsdorff, 2009).

Values transmission was also related to family routines and rituals (n = 9) by fathers and mothers - “*we build the daily dynamics: the importance of mealtime in family, the importance of developing tasks together, the importance of keeping time to have fun together*” (Father, 44 years), suggesting a consensus about its influence on transmission of family mythology (Linares, 1996) and on the maintenance of group cohesion and identity (Fiese et al., 2002), and organization (Reiss, 1989). Routines and rituals, meaning that “this is what we are” and “this is what must to be done” (Fiese et al., 2002), reinforce the sense of belonging and could be a pathway to transmit not only the value *family* but also the family values.

### *Parental factors*

Parental factors - which included the sub-categories parental balance, styles of parenting, educative principles, parental availability, model and sense of coherence and maternal relationship quality -, were considered to be highly relevant (n = 24) on values transmission. *Parental balance*, which includes parental complementary, syntonetic



parenting and inter-parental concealments<sup>30</sup>, also emerged as an highly relevant parental factor for values transmission. Mothers and fathers differed on relevance attributed to parental complementary, as more fathers than mothers cited parental complementary as a facilitator factor on values transmission - *“sometimes fathers are more concerned with some things and mothers are concerned with other things. (...) It can be a way for children to learn from the examples of both parents and not from the example of only one parent (...)”* (Father, 45 years). We could suggest that fathers underline the possibility of complementarity between mothers’ and fathers’ differences as a pathway to transmit multiple and distinct values to children, reinforcing the importance of experimenting and integrating diverse influences.

Mothers and fathers also differed on relevance attributed to (the absence of) syntonik parenting as an inhibitor factor on values transmission, as more mothers than fathers cited parental divergence and disharmony - *“in families with conflict, one parent thinks (...) that is important to transmit one specific value, the other parent doesn’t agree with that value and adolescent keeps confused. I think there must be unanimity in the transmission, regardless of whether values mothers’ and fathers’ valued”* (Mother, 51 year). So, unlike fathers, mothers valued more the equality and parental complicity on parenting, perhaps to avoid family conflict, confusion and difficulties on children’s integration of different parental messages. The latter findings could be interpreted through the equifinality propriety of systems (von Bertalanffy, 1968). Parental complementarity and syntonik parenting could be perceived differently by mothers and fathers as mechanisms to attain the same aim: transmitting values while supporting children’s growth.

---

<sup>30</sup> I.e., when parents hide things from each other.

*Styles of parenting* - authoritative, authoritarian and permissive (Baumrind, 1978; Darling & Steinberg, 1993; Mandara & Murray, 2002) - were another parental factor recognized as highly relevant ( $n = 24$ ). Authoritative parenting style was identified as a highly relevant ( $n = 23$ ) facilitator of values transmission - *“when we talk with him, we have to say: «This is the rule and there is a punishment». And we always emphasize: «We love you very much and this love will never end». I know he feels the love. (...) I think kids need boundaries”* (45 years). *“This is the most effective because (...) without emotions and affection, there is no internalization; there may be a reproduction, imitation, obedience, but not internalization and accepting values. But without some rules it is also difficult to understand the application of these values; and (...) there will be a greater permeability to values coming from outside”* (Mother, 48 years). Mothers and fathers were consensual in their view of this parenting style as facilitator of values transmission. This finding is consistent with literature on values and parenting (e.g., Grusec & Goodnow, 1994; Pinquart & Silbereisen, 2004) which suggests that a combination of high levels of affection, inductive discipline, maturity demands, self-regulation and a set of firm and well-defined rules (Barni et al, 2011; Campbell & Gilmore, 2007; Grusec & Goodnow, 1994; Grusec et al, 2000; Knafo & Schwartz, 2003; White & Matawie, 2004) is an effective way to transmit values.

Authoritarian parenting style is characterized by high levels of parental control and reduced levels of support, involvement and communication, and it was reported by fathers and mothers as ineffective on values transmission values ( $n = 23$ ). In fact, authoritarian parents tend to model, control and evaluate children's behaviour according to a predefined pattern of conduct, which may restrict the child's autonomy (Baumrind, 1978; Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg, & Ritter, 1997) - *“I think you shouldn't be too authoritarian. Neither too much nor too less. When we are too authoritarian, we*

*don't give space for children to growing up and developing themselves as persons. (...) My role as a mother is to guide her and help her, so I have to respect her. To enforce rules, give prohibitions and punishments does not let her grow up, does not let her be herself. And when we will not be there – because one day we will not be there - she is lost” (44 years).*

The permissive parenting style combines low levels of demand and high levels of responsiveness and may lead parents to accept the child's impulses, wills and actions due to a near total absence of rules (Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009). In the context of values transmission, participants (n = 7) considered that permissive parenting is ineffective – *“I think that parents who do not give them the rules and limits and let them learn by themselves do not get good results”* (Mother, 44 years). However, more fathers than mothers considered that permissive parenting style is a facilitator factor of values transmission - *“I am a more permissive father; the mother is more rigorous, she prefers to impose the rules (...), to define the rules. I prefer that they take the responsibility. (...) I trust until they proven me that I should not trust. I tend to be a permissive parent until happens a situation which I disagree; then I intervene. (...) Thus, my point of view is transmitting values of responsibility, autonomy and self-regulation”* (Father, 44 years). On one hand, as some authors pointed, fathers tend to be more permissive comparing with mothers (Russell, Aloa, Feder, Glover, Miller, & Palmer, 1998). On the other hand, males tend to prioritize values focused in personal outcomes as independence of action and autonomy. So the effectiveness' perception of permissive parenting style can be related with the fathers' objectives in the values transmission, i.e., fathers use the permissive parenting style to stimulate children to build their own values, once there is no rigid parental guidelines or orientations.

*Educative principles* as parenting styles foundations were considered also highly relevant (n = 24) for fathers and mothers. Discipline, affection and values as core educative principles were identified as sub-categories - *“Sometimes, we have to say “No!”, even if it is hard for us. (...) Limits are important, because if we want to transmit the idea that there is a society in which they live and have to be good citizens, they have to learn the rules and the limits. The affection is important, it is important they know we are available, we love them regardless their faults (...)”* (Father, 44 years).

*Parental availability* was a very relevant (n = 14) facilitator factor and appeared linked to a parental figure, particularly to mothers, which is consistent with previous studies that recognize the highest involvement of mothers in children education, attributing to them the role of main caretakers of children (Leaper, 2002) - *“mothers spend more time with children. My wife study with them, spend more time with them and even when they want something, they always ask her”* (Father, 42 years).

Parents highlighted the importance of being *coherent* (n = 12) and being a *model* (n = 13) - *“Values must go hand in hand with what we say and what we do”* (Mother, 45 years); *“the values that we are transmitting, are really experienced by us, by their grandparents. (...) This authority, (...) this model, (...) organizes them, give security to them”* (Father, 44 years). This is in accordance with the value acquisition model (Grusec & Goodnow, 1994) defending that the consistency of the message favors the acceptance of parents' values by children. Mothers and fathers differed on relevance attributed to model and sense of coherence, as more mothers than fathers cited it as facilitator factors on values transmission. This finding is consistent with the importance attributed to syntonik parenting as a mechanism to support children's wellbeing, avoiding family conflict and confusion. Perhaps mothers have a preference for “the

same”: sense of coherence, i.e., “acting and saying the same”; syntonic parenting, i.e., mothers and fathers with the “same parenting behaviours” which could be a pathway to protect family identity and cohesion, in coherence with mothers’ role of family gatekeepers (Geary, 1998), kin keepers (Euler et al, 2009) or family guardians (Prioste et al, 2014).

Maternal relationship quality emerged as a relevant factor for participants (n = 11). This category included three sub-categories: emotional closeness, sensitivity, care and curiosity. Concerning the sensitivity sub-category, in the words of fathers, mothers have that “*feminine «somewhat» (...): my wife realizes immediately when our children are not ok. Realize it by looking of their expression, to their eyes, to their behaviour. She realizes it more easily. And these things escape to men more easily. (...) Because of this, (...) they are more close to mothers*” (Father, 58 years). Furthermore, as literature sustained (e.g., Euler et al, 2009; Hallers-Haalboom et al, 2014; Leaper, 2002) mothers’ Emotional closeness sub-category is related with mothers’ availability: “*I always arrive home late. Mother picks them up from school, makes the homework with them. Everything is with the mother, with her mother, with her mother. So, they confide more with mother, talk more with her*” (Father, 42 years). Mothers and fathers differed on relevance attributed to Emotional closeness sub-category, as more mothers than fathers cited this sub-category as facilitator factor on values transmission.

### *Individual factors*

Gender (n = 9), parental life history (n = 11), age (n = 12) and personality (n = 11) emerged as relevant individual factors on values transmission. Gender, age and personality sub-categories were similarly referenced by mothers and fathers, suggesting a consensus about their influence on values transmission. In concordance with previous

studies (e.g., Axinn & Thornton, 1993; Copen & Silverstein, 2008; Flor & Knapp, 2001; Phalet & Schönpflug, 2001; Vollebergh et al., 2001), parents and children's gender were considered relevant factors - *"Girls are more close to fathers and boys are more close to mothers"* (43 years).

Parents reported the influence of their life histories on the process of values transmission, especially the experiences lived within the family-of-origin. Research supports this findings suggesting that educational reality experienced within the family-of-origin shapes individual's parenting behaviour later in life (Belsky, Hancox, Sligo, Poulton, 2012; Campbell & Gilmore, 2007) – through transgenerational schemes (Byng-Hall, 2008) – and, consequently, the values that are transmitted.

Participants considered the relevance of age on value transmission, in line with literature on values which defends its importance (Schönpflug, 2009), namely, as a facilitator of acceptance of parents' values (Barni et al, 2011; Grusec & Goodnow, 1994; Grusec et al, 2000; Knafo & Schwartz, 2003; White & Matawie, 2004).

Parents have also considered children's personality a relevant ( $n = 9$ ) individual factor, which is consistent with previous research suggesting the significant and systematic association of the values with personality variables (Caprara, Schwartz, Capanna, Vecchione, & Barbaranelli, 2006). Parents still mentioned the need to adjust values transmission according to children's personality - *"I have four children and they are all different. (...) The values I transmit are the same, but I do not expect that they accept them in the same way (...) it's necessary an attitude of acceptance because they are all different"* (Mother, 47 years).

Final reflections, Implications and Limitations

The aim of this study was to explore, through parents' views as a whole and through the singularity of mothers' and fathers' views: the main contexts of values transmission; the purposes that guide the value transmission; the values that they value and want to transmit, the influence of mothers and fathers on adolescents values; and the factors that they perceived as facilitators and inhibitors of values transmission.

Parents' views on the main themes were, in general, consistent with literature. Our data suggested that family is the main context of values transmission and mothers have a preponderant influence on children's values. Seeing parents' views as a whole, specific sociocultural and context, family, parental and individual factors were identified as facilitators or inhibitors on values transmission and the influence of individual factors on values transmission was more consensual for mothers and fathers. The relevance of values continuity (or similarity) across generations as a purpose that guide parents on the transmission process was also consensual.

Considering the themes of our analysis and the singularity of mothers' and fathers' views, our results revealed that more mothers talked about: (1) children's wellbeing, as a purposes that guide value transmission; (2) affectivity and affection expression as a family facilitator factors and family conflict as a family inhibitor factor; (3) model and sense of coherence as a parental facilitator factors and the absence of syntonic parenting as a parental inhibitor factor; (4) family, solidarity, respect and happiness as values that they value and want to transmit; and more fathers talked about: (1) the actual importance of hedonism as a sociocultural and context factor influent factor; (2) clarity of communication as a family facilitator factor; (3) parental complementarity and permissive parenting styles as parental facilitator factors; (4) education, responsibility, honesty and spirituality that they value and want to transmit that they value and want to transmit. Parental factors influences on values transmission

generated more differences between mothers' and fathers' views, accounting for the majority of singularities emerged. Fathers were "more 'silent', i.e. less talkative, about the main themes, which can be linked with the less investment on children education, with the sense of lower expertise in these themes and a metaphor of their less influence on adolescents' values transmission.

The analysis' intersection of the mothers' and fathers' cultural constructed family roles and responsibilities (Jordan, 2009; Lamb & Lewis, 2010) with the main themes which leads us to the formulation of in-depth explanations. Thus, this study has implications for literature on parenting, given its emphasis on the impact of parental factors – e.g., parenting styles, parental availability, complementarity and tuning – on the values transmission process. Our results suggest that parental complementarity and syntonetic parenting could be perceived differently by mothers and fathers as mechanisms to attain the same aim: transmitting values while supporting children's growth. On one hand, fathers reinforce the importance of experimenting and integrating diverse influences; on the other hand, parental complicity on parenting, can avoid family conflict, confusion and difficulties on the integration of different parental messages. Furthermore, the data suggest that mothers as family gatekeepers, kin keepers or family guardians tend to protect family identity and cohesion by valuing more the sense of coherence and the syntonetic parenting, comparing to fathers, which can also have implications for the study of family and the practice with families.

With regard to the purpose of the transmission and family factors identified, our findings have implications for the field of family psychology and family intergenerational transmission because they underscore the relevance of values continuity (or similarity) across generations and the family environment (cohesion, routines and rituals, affectivity, communication, and conflict) on values transmission.



Values continuity (or similarity) across generations could protect and reinforce family identity, cohesion and inheritance. Given the powerful influence of family factors on values transmission, our findings can potentially guide family psychologists and therapists in the development and the implementation of specific interventions to work on family relationships by prescribing or reformulating family routines and rituals and enhancing the quality of communication.

Moreover, this work highlights parents' different views about values that are important to transmit, reinforcing their different roles and educative perspectives, and supporting value acquisition model (Grusec & Goodnow, 1994), and the filter model (Schönpflug & Bilz, 2009). According to our data, parents and family cannot be a source of Adventure values, so the transmission of these values is delegated to other groups or systems. So, our findings contribute to the field of values by raising some questions: Where do adolescents search for adventure values? Do peer group has a preponderant influence on the transmission of adventure values? How parents cope and manage it within family?

This study can contribute to a better understanding of family transmission of values and the roles of motherhood and fatherhood on this process by highlighting the factors that parents consider to be nodal to increase efficiency in values transmission (and consequently in children's wellbeing) and the differences in meanings and views according to parents' sex.

There were a several limitation in this study: the exclusive focus on parents' view leaves out adolescent children's voices; the methods of analysis did not allow direct causality to be established; the snowball recruitment sampling technique and the number of participants restrict the generalization; and the subjectivity inherent to the process of qualitative data analysis. Future studies should be developed to strengthen

the validity of the findings and to explore deeply the explanations proposed.  
Furthermore, the limitations pointed should be considered in future studies.

## References

- Barni, D., Ranieri, S., Scabini, E., & Rosnati, R. (2011). Value transmission in the family: Do adolescents accept the values their parents want to transmit? *Journal of Moral Education*, 40, 105-121. doi:10.1080/03057240.2011.553797
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9, 239-276.
- Belsky, J., Hancox, R. J., Sligo, J., & Poulton, R. (2012). Does being an older parent attenuate the intergenerational transmission of parenting? *Developmental Psychology*, 48, 1570-1574. doi:10.1037/a0027599
- Bengtson, V., Biblarz, T., & Roberts, R. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. Cambridge: University Press.
- Boehnke, K. (2001). Parent-offspring value transmission in a societal context. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 241-255.
- Brofenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Byng-Hall, J. (1990). Attachment theory and family therapy: A clinical view. *Infant Mental Health Journal*, 11(3), 228-336.
- Byng-Hall, J. (2008). The crucial roles of attachment in family therapy. *Journal of Family Therapy*, 30, 129-146. doi:10.1111/j.1467-6427.2008.00422.x
- Campbell, J., & Gilmore, L. (2007). Intergenerational continuities and discontinuities in parenting styles. *Australian Journal of Psychology*, 59, 140-150. doi:10.1080/00049530701449471
- Cavalli-Sforza, L. L., & Feldman, M. W. (1981). *Cultural transmission and evolution: A quantitative approach*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

- Conrade, G., & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers: Differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53(1), 29-35. doi:10.1080/00049530108255119
- Constanzo, P. R., & Hoy, M. B. (2007). Intergenerational relations: themes, prospects, and possibilities. *Journal of Social Issues*, 63, 885-902. doi:10.1111/j.15404560.2007.00542.x
- Darling, N. & Steinberg, I. (1993). Parenting style as a context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496. doi:10.1037//0033-2909.113.3.487
- Euler, H. A., Hoier, S., & Rodhde, P. A. (2009). Relationship-specific intergenerational family ties: An evolutionary approach to the structure of cultural transmission. In U. Schönplflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp. 74-94). New York: Cambridge University Press. doi:http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511804670
- Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration? *Journal of Family Psychology*, 16, 381-390. doi:10.1037//0893-3200.16.4.381
- Ghazarian, S. R., Supple, A. J., & Plunkett, S. W. (2008). Familism as a predictor of parent-adolescent relationships and developmental outcomes for adolescents in Armenian American immigrant families. *Journal of Child and Family Studies*, 17, 599-613. doi:10.1007/s10826-007-9177-7
- Glasgow, K., Dornbusch, S., Troyer, L., Steinberg, L. & Ritter, P. (1997). Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68, 507-529. doi:10.2307/1131675

- Geary, D. C. (1998). *Male, female: The evolution of human sex differences*. Washington, DC, US: American Psychological Association.  
doi:<http://dx.doi.org/10.1037/10370-000>
- Grusec, J. E. (2002). Parenting socialization and children's acquisition of values. In Bornstein, M. H. (Ed.), *Handbook of Parenting* (2<sup>nd</sup> ed.), Vol. 5, Practical issues in parenting ( pp. 143–167). Mahwah NJ: Erlbaum Associates.
- Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Development Psychology*, 30, 4-19. doi:[10.1037//0012-1649.30.1.4](https://doi.org/10.1037//0012-1649.30.1.4)
- Grusec, J., Goodnow, J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analyses of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*, 71(1), 205-211.
- Hall, J. A., & Matsumoto, D. (2004). Gender differences in judgments of multiple emotions from facial expressions. *Emotion*, 4, 201-206.
- Hallers-Haalboom, E. T., Mesman, J., Groeneveld, M. G., Endendijk, J. J., van Berkel, S. R., van der Pol, L. D., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2014). Mothers, fathers, sons and daughters: parental sensitivity in families with two children. *Journal of Family Psychology*, 28, 138–147. doi:[10.1037/a0036004](https://doi.org/10.1037/a0036004)
- Hosley, C. A., & Montemayor, R. (1997). Fathers and Adolescents. In M. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development*. New York: Wiley.
- Jordan, A. (2009). 'Dads aren't demons. Mums aren't Madonnas.' Constructions of fatherhood and masculinities in the (real) Fathers 4 Justice campaign. *Journal of Social Welfare & Family Law*, 31, 419–433.
- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2003). Parenting and adolescents' accuracy in perceiving parental values. *Child Development*, 74, 595-611. doi:[10.1111/14678624.7402018](https://doi.org/10.1111/14678624.7402018)

- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2010). The development of significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 94–153). Hoboken, New Jersey: Wiley.
- Leaper, C. (2002). Parenting girls and boys. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting* (2nd Ed., pp. 189–225). Mahwah, New Jersey: Erlbaum.
- Lovas, G. S. (2005). Gender and patterns of emotional availability in mother-toddler and father-toddler dyads. *Infant Mental Health Journal*, 26, 327–353. doi:10.1002/imhj.20056
- Mandara, J., & Murray, C. B. (2002). Development of an empirical typology of African American family functioning. *Journal of Family Psychology*, 16, 318-337. doi:10.1037//0893-3200.16.3.318
- Parke, R. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 27-73). Lawrence Erlbaum Associates.
- Pereira, A. I., Canavarro, C., Cardoso, M. F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among Portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 454-464. doi:10.1007/s10826-008-9249-3
- Pinquart, M. & Silbereisen, R. K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: the role of value content and authoritative parenting. *Adolescent*, 153, 83-100.
- Power, T. G. (1985). Mother- and father-infant play: A developmental analysis. *Child Development*, 56, 1514–1524. doi:10.2307/1130470
- Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M. (2012). Questionário de Valores Pessoais Readaptado: Processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação

[Personal Values Questionnaire readapted: development process and initial contributions to validation]. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 34, 175-199.

Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., & Pereira, C. R. (in press). Family relationships and parenting practices: A pathway to adolescents' collectivist and individualist values? *Journal of Family and Child Studies*.

Russell, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A., Miller, H., & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian Journal of Psychology*, 50, 89-99.

Schwartz, S. H. & Bardi, A. (2001). Values hierarchies across cultures: Taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 268-268. doi:10.1177/0022022101032003002

Schwartz, S. H., Cieciuch, J., Vecchione, M., Davidov, E., Fischer, R., Beieilein, C., Ramos, A., Verkasalo, M., Lönnqvist, J., Demirutku, K., Dirilen-Gumus, O., & Konty, M. (2012). Redefining the theory of basic individual values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103, 663– 688. doi:10.1037/a0029393

Schwartz, S. H., & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: Cross-cultural and multi-method studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 1010–1028. doi:10.1037/0022-3514.89.6.1010

Schönpflug, U. (2001). Intergenerational transmission of values: the role of transmission belts. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 174-185. doi:10.1177/0022022101032002005

Schönpflug, U. (2009). Theory and research in cultural transmission: a short history. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social,*

*and methodological aspects* (pp. 9-33). New York: Cambridge University Press.  
doi:10.1017/CBO9780511804670

Schönpflug, U., & Bilz, L. (2009). The transmission process: mechanisms and contexts. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp. 212-240). New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511804670

Trommsdorff, G. (2009). Intergenerational relations and cultural transmissions. In U. Schönpflug (Ed.), *Cultural transmission. Psychological, developmental, social, and methodological aspects* (pp.126-160). New York: Cambridge University Press. doi:http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511804670

Volling, B. L., McElwain, N. L., Notaro, P. C., & Herrera, C. (2002). Parents' emotional availability and infant emotional competence: Predictors of parent-infant attachment and emerging self-regulation. *Journal of Family Psychology*, 16, 447–465. doi:10.1037/0893-3200.16.4.447

White, F. A., & Matawie, K. M. (2004). Parental morality and family processes as predictors of adolescent morality. *Journal of Child and Family Studies*, 13, 219-233. doi:1062-1024/04/0600-0219/0



## Apêndice B

Protocolos de investigação

*Versão Adolescentes*

*Versão Pais com Filhos Adolescentes*



Doutoramento Inter-Universitário em Psicologia Clínica, Psicologia da Família e Intervenções Familiares

Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Coimbra

## **Protocolo de Investigação**

### ***Versão ADOLESCENTES***

O protocolo é composto por vários questionários, em frente e verso.

Por favor, leia atentamente e responda de forma genuína às afirmações e questões. Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta exactos, responda com dados aproximados.

No fim de cada página, confira que respondeu a todas as questões.

Muito Obrigada!

## **Consentimento Informado**

Este estudo insere-se numa investigação mais alargada para um doutoramento em Psicologia Clínica da Família que está a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Este projecto está a ser co-financiado pela Fundação da Ciência e Tecnologia e está sob a supervisão e orientação da Professora Doutora Isabel Narciso Davide da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e do Professor Doutor Miguel Gonçalves da Escola de Psicologia da Universidade do Minho. O objectivo desta investigação é compreender, em famílias com filhos adolescentes, a transmissão de padrões relacionais e valores entre as diferentes gerações familiares, bem como o seu contributo para o bem-estar dos pais e filhos. Todos os dados recolhidos são confidenciais e serão tratados anonimamente. Os participantes poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação quando estes forem publicados.

As actividades de investigação na área da Psicologia ajudam-nos a conhecer melhor determinadas populações e grupos para podermos estruturar intervenções mais eficazes, quer na prevenção, quer na posvenção. Assim, realçamos a extrema importância da sua colaboração neste estudo, como um contributo único para o conhecimento científico nacional e internacional e uma oportunidade de demonstração de valores de cidadania e altruísmo.

Muito obrigada pela sua participação!

A Investigadora,

Ana de Nazaré Prioste

A Orientadora,

Prof. Dr<sup>a</sup>. Isabel Narciso Davide

O Co-orientador,

Prof. Dr. Miguel Gonçalves

Declaro que tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar. Fui esclarecido/a sobre todos os aspectos importantes. Concordo que os dados sejam trabalhados anonimamente pelos investigadores envolvidos no estudo. Concordo em não restringir o uso dos resultados para os quais o estudo se dirige. Aceito participar voluntariamente na investigação.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

Rubrica

DADOS PESSOAIS

*Responda às próximas questões com os seus dados pessoais, por favor.*

**1. Sexo** ☐ Masculino ☐ Feminino

**2. Idade** \_\_\_\_\_ anos

**3. Profissão** (indique a actividade que exerce) \_\_\_\_\_

**4. Situação relacional**

- ☐ Casamento Desde há \_\_\_\_ anos ☐ Separação
- ☐ Divórcio ☐ União de Facto / Coabitação Desde há \_\_\_\_ anos
- ☐ Viuvez ☐ Namoro Desde há \_\_\_\_ anos
- ☐ Não tem relação/Não se aplica

**5. Nível de escolaridade**

- ☐ 0-4 anos de escolaridade ☐ 4-6 anos de escolaridade
- ☐ 6-9 anos de escolaridade ☐ 10-12 anos de escolaridade
- ☐ Frequência universitária ☐ Ensino Superior

**6. Zona de Residência Habitual**

- ☐ Norte ☐ Algarve ☐ Centro
- ☐ Alentejo ☐ Grande Lisboa ☐ Açores
- ☐ Madeira ☐ Outra \_\_\_\_\_
- ☐ Rural ☐ Semi-urbana ☐ Urbana

**7. Acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico**

- ☐ Nunca teve ☐ Teve no passado ☐ Tem actualmente
- Motivo: \_\_\_\_\_ Motivo: \_\_\_\_\_

**8. Tem problemas/doenças de saúde física?**

- ☐ Sim ☐ Não

Qual/Quais? \_\_\_\_\_

**9. Religiosidade**

- ☐ Crente ☐ Crente não ☐ Não
- praticante praticante crente

**10. Actualmente, com quem habita?** \_\_\_\_\_ (ex:  
*Pais, Filhos, Marido/Esposa, Avós, Irmãos, Amigas, Companheiro*)

**11. Com quem viveu durante a infância?** \_\_\_\_\_

**12. Com quem viveu entre os seus 15 e 19 anos?** \_\_\_\_\_

**13. Como considera ser o seu ambiente familiar actual?**

- ☐ Muito Mal<sub>1</sub>
- ☐ Mal<sub>2</sub>
- ☐ Nem mal, nem bem<sub>3</sub>
- ☐ Bem<sub>4</sub>
- ☐ Muito bem<sub>5</sub>

**DADOS FAMILIARES**

Responda às próximas questões com os dados da sua família, por favor.

**14. Quantos irmãos**    ☐ Um    ☐ Dois    ☐ Três    ☐ Quatro    ☐ Cinco    ☐ Seis  
**tem?**

**15. Quantos irmãos gostaria de ter?** \_\_\_\_\_ (indique o número)

**16. Situação relacional dos seus pais**

**Pai**

- ☐ Casamento *Desde há \_\_\_\_ anos*
- ☐ Separação *Desde há \_\_\_\_ anos*
- ☐ Divórcio *Desde há \_\_\_\_ anos*
- ☐ União de Facto/Coabitação  
*Desde há \_\_\_\_ anos*
- ☐ Viuvez
- ☐ Namoro
- ☐ Não tem relação/Não se aplica
- ☐ Falecido

**Mãe**

- ☐ Casamento *Desde há \_\_\_\_ anos*
- ☐ Separação
- ☐ Divórcio *Desde há \_\_\_\_ anos*
- ☐ União de Facto/Coabitação  
*Desde há \_\_\_\_ anos*
- ☐ Viuvez
- ☐ Namoro
- ☐ Não tem relação/Não se aplica
- ☐ Falecida

### 17. Idade dos seus pais

(se já faleceram, não responda)

Pai: \_\_\_\_\_ anos

Mãe: \_\_\_\_\_ anos

### 18. Profissão dos seus pais

(caso já sejam reformados ou já tenham falecido, diga a actividade que exerciam antes)

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

### 19. Nível escolaridade dos seus pais

#### Pai

- ☐ 0-4 anos de escolaridade
- ☐ 4-6 anos de escolaridade
- ☐ 6-9 anos de escolaridade
- ☐ 10-12 anos de escolaridade
- ☐ Frequência universitária
- ☐ Ensino Superior
- ☐ Não sei

#### Mãe

- ☐ 0-4 anos de escolaridade
- ☐ 4-6 anos de escolaridade
- ☐ 6-9 anos de escolaridade
- ☐ 10-12 anos de escolaridade
- ☐ Frequência universitária
- ☐ Ensino Superior
- ☐ Não sei

### 20. Religiosidade dos seus pais

#### Pai

- ☐ Crente praticante
- ☐ Crente não praticante
- ☐ Não crente
- ☐ Não sei

#### Mãe

- ☐ Crente praticante
- ☐ Crente não praticante
- ☐ Não crente
- ☐ Não sei

### 21. Acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico dos seus pais

#### Pai

- ☐ Nunca teve
- ☐ Teve no passado
- ☐ Tem actualmente
- ☐ Não sei

#### Mãe

- ☐ Nunca teve
- ☐ Teve no passado
- ☐ Tem actualmente
- ☐ Não sei



## QUESTIONÁRIO SOBRE OS VALORES PESSOAIS

Shalom H. Schwartz; Tradução e Adaptação: Menezes & Campos, 1989

Recriação: Prioste, Narciso, & Gonçalves (2010)

Neste questionário deve perguntar-se a si próprio: "**Que valores são importantes como princípios que orientam a MINHA vida, e que valores são menos importantes para mim?**". Após alguns valores que enunciamos, dentro do parêntesis, há uma explicação que poderá ajudá-lo(a) a compreender o seu significado. A sua tarefa é avaliar quão importante é para si cada valor **como um princípio orientador da sua vida**. Use a seguinte escala de avaliação:

**1 - Sem importância**

**2 - Pouquíssimo importante**

**3 - Pouco importante**

**4 - Importante**

**5 - Muito importante**

**6 - Importância Fundamental**

Quanto mais elevado é o número que atribuir (1, 2, 3, 4, 5, 6), mais importante é o valor como princípio que orienta a sua vida.

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>1. Igualdade</b> (oportunidades iguais para todos)	1	2	3	4	5	6
<b>2. Harmonia Interior</b> (em paz consigo próprio)	1	2	3	4	5	6
<b>3. Poder Social</b> (controlo sobre os outros, domínio)	1	2	3	4	5	6
<b>4. Prazer</b> (satisfação de desejos)	1	2	3	4	5	6
<b>5. Liberdade</b> (liberdade de acção e pensamento)	1	2	3	4	5	6

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
<b>Nada</b>	<b>Pouquíssimo</b>	<b>Pouco</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito</b>	<b>Importância</b>
<b>Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Importante</b>		<b>Importante</b>	<b>Fundamental</b>

<b>6. Espiritualidade</b> (ênfase em aspectos espirituais e não materiais)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>7. Ordem Social</b> (valorização da regulação social)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>8. Família</b> (valorização da prioridade da família no percurso de vida)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>9. Vida Excitante</b> (experiências estimulantes, desafiadoras)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>10. Sentido de Vida</b> (finalidades e acções que dêem sentido à vida, que promovam a auto-realização)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>11. Polidez</b> (cortesia, boas maneiras)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>12. Trabalho</b> (valorizar a importância do trabalho no percurso de vida)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>13. Evolução</b> (valorizar a evolução científica e tecnológica)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>14. Fortuna</b> (posses materiais, dinheiro)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>15. Segurança Nacional</b> (protecção da nação contra os inimigos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>16. Respeito Próprio</b> (crença no seu valor pessoal)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>17. Reciprocidade de Favores</b> (evitar ser devedor a alguém)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

**COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:**

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>Nada Importante</b>	<b>Pouquíssimo Importante</b>	<b>Pouco Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito Importante</b>	<b>Importância Fundamental</b>

<b>18. Criatividade</b> (valorização do ser único, com imaginação)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>19. Mundo em Paz</b> (livre de guerra e de conflito)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>20. Tradição</b> (preservação dos costumes estabelecidos há longo tempo)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>21. Amor</b> (profunda intimidade emocional e espiritual)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>22. Auto-Disciplina</b> (auto-controlo)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>23. Privacidade</b> (ter direito a uma esfera privada)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>24. Segurança Familiar</b> (valorizar e proporcionar segurança aos familiares)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>25. Beleza Física</b> (valorização da imagem física)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>26. Positividade</b> (perspectiva positiva face a si, aos outros e os acontecimentos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>27. Verdade</b> (ser genuíno e verdadeiro)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>28. Reconhecimento Social</b> (respeito, aprovação dos outros)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>29. União com a Natureza</b> (integração com a natureza)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>30. Generosidade</b> (valorização de acções gratuitas em prol dos outros)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

**COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:**

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>Nada Importante</b>	<b>Pouquíssimo Importante</b>	<b>Pouco Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito Importante</b>	<b>Importância Fundamental</b>

<b>31. Vida Variada</b> (cheia de mudanças e novidades)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>32. Sabedoria</b> (compreensão madura da vida)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>33. Autoridade</b> (valorização do direito de liderar ou mandar)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>34. Amizade</b> (valorização de amigos íntimos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>35. Mundo de Beleza</b> (valorização da beleza da natureza e das artes)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>36. Justiça Social</b> (preocupação com a correcção de injustiças, com a ajuda aos mais fracos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>37. Independência Pessoal</b> (valorização da auto-suficiência, da autonomia)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>38. Moderação</b> (evitar os extremos nos sentimentos e acções)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>39. Higiene</b> (ser asseado, arrumado)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>40. Auto-Condescendência</b> (transigente face aos próprios erros e limitações)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>41. Sucesso</b> (atingir objectivos importantes)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>42. Inteligência</b> (capacidade intelectual)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>43. Lealdade</b> (fiel aos amigos, aos grupos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

**COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:**

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>Nada</b>	<b>Pouquíssimo</b>	<b>Pouco</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito</b>	<b>Importância</b>
<b>Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Importante</b>		<b>Importante</b>	<b>Fundamental</b>

<b>44. Ambição</b> (valorização do trabalho árduo, com aspirações)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>45. Humildade</b> (valorização da modéstia e da simplicidade)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>46. Audácia</b> (valorização da aventura, do risco)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>47. Educação</b> (valorização da transmissão de saberes nas diversas áreas da vida)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>48. Protecção do Ambiente</b> (valorização da preservação e respeito pela natureza)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>49. Influência Social</b> (impacto nas pessoas e nos acontecimentos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>50. Respeito pelos Mais Velhos</b> (aceitar a importância dos mais velhos e agir em conformidade)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>51. Escolha de Objectivos de Vida</b> (seleccionar objectivos e metas)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>52. Responsabilidade</b> (fidedigno, de confiança)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>53. Curiosidade</b> (interesse por tudo, explorador)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>54. Disponibilidade para os Outros</b> (ser prestável e dedicado, preocupar-se com o bem-estar dos outros)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>55. Religiosidade</b> (dedicado à fé religiosa)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

**COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:**

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>Nada Importante</b>	<b>Pouquíssimo Importante</b>	<b>Pouco Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito Importante</b>	<b>Importância Fundamental</b>

<b>56. Saúde</b> (procurar bem-estar físico e mental)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>57. Competência</b> (competente, eficaz, eficiente)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>58. Aceitação da Vida</b> (submissão às circunstâncias da vida)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>59. Honestidade</b> (sincero, autêntico)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>60. Preservação da Imagem</b> (proteger a reputação)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>61. Esperança</b> (ter fé, acreditar no futuro)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>62. Obediência</b> (cumprir deveres e obrigações)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>63. Perdão</b> (desculpar os outros)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

## FES

Rudolf H. Moos & Bernice S. Moos, 1986

*Adaptação Portuguesa: P. Mena Matos & A. M. Fontaine, 1992*

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações **sobre a sua família actual**. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) a resposta que melhor exprime as **suas relações familiares com as pessoas com quem vive actualmente**, tendo em conta as seis alternativas de resposta.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

1. Na minha família ajudamo-nos uns aos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
2. Habitualmente não contamos o que sentimos uns aos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
3. Na minha família zangamo-nos muitas vezes.	①	②	③	④	⑤	⑥
4. Na minha família não costumamos fazer as coisas por nós próprios.	①	②	③	④	⑤	⑥
5. Nós achamos que é importante sermos os melhores em tudo o que fazemos.	①	②	③	④	⑤	⑥
6. Costumamos conversar sobre questões sociais e políticas.	①	②	③	④	⑤	⑥
7. Passamos a maioria dos fins-de-semana e das noites em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
8. Costumamos ir à missa regularmente.	①	②	③	④	⑤	⑥
9. Na minha família planeamos as coisas com muito cuidado.	①	②	③	④	⑤	⑥
10. As pessoas da minha família raramente são obrigadas a seguir ordens.	①	②	③	④	⑤	⑥
11. Normalmente quando estamos juntos parece que só estamos a passar tempo.	①	②	③	④	⑤	⑥
12. Podemos falar de tudo o que queremos.	①	②	③	④	⑤	⑥
13. As pessoas da minha família mostram poucas vezes que estão zangadas.	①	②	③	④	⑤	⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

14. Na minha família somos incentivados a ser independentes.	①	②	③	④	⑤	⑥
15. Ter sucesso é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
16. Costumamos ir assistir a conferências, peças de teatro ou concertos.	①	②	③	④	⑤	⑥
17. Na minha família costumamos receber amigos e conhecidos em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
18. Na minha família costumamos rezar.	①	②	③	④	⑤	⑥
19. Somos normalmente muito limpos e organizados.	①	②	③	④	⑤	⑥
20. Existem poucas regras que temos que seguir na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
21. Empenhamo-nos bastante a fazer coisas em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
22. Quando descarregamos os nossos problemas, há sempre alguém que fica preocupado.	①	②	③	④	⑤	⑥
23. As pessoas da minha família às vezes ficam tão nervosas que atiram coisas pelo ar.	①	②	③	④	⑤	⑥
24. Na minha família cada um pensa por si.	①	②	③	④	⑤	⑥
25. Não é muito importante para nós quanto dinheiro cada um consegue ganhar.	①	②	③	④	⑤	⑥
26. Aprender coisas novas e diferentes é muito importante para a minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
27. Na minha família ninguém pratica um desporto regularmente.	①	②	③	④	⑤	⑥
28. Conversamos várias vezes sobre o que significa o Natal, a Páscoa ou outras festas religiosas.	①	②	③	④	⑤	⑥
29. Em minha casa é difícil encontrarmos as coisas quando precisamos delas.	①	②	③	④	⑤	⑥
30. Existe uma pessoa na minha família que decide quase todas as coisas.	①	②	③	④	⑤	⑥



Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

31. Sentimo-nos muito unidos na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
32. Conversamos sobre os nossos problemas pessoais.	①	②	③	④	⑤	⑥
33. Quase nunca as pessoas da minha família perdem a cabeça.	①	②	③	④	⑤	⑥
34. Na minha família não temos horas de entrada e de saída.	①	②	③	④	⑤	⑥
35. Acreditamos que os melhores devem vencer na vida.	①	②	③	④	⑤	⑥
36. Na minha família não costumamos ir visitar museus e exposições.	①	②	③	④	⑤	⑥
37. Vamos com frequência ao cinema, a acontecimentos desportivos, ao campismo, etc.	①	②	③	④	⑤	⑥
38. Acreditamos no céu e no inferno.	①	②	③	④	⑤	⑥
39. Ser pontual é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
40. Em minha casa há regras para se fazerem certas coisas.	①	②	③	④	⑤	⑥
41. Normalmente ninguém se oferece para fazer alguma coisa que tem de ser feita em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
42. Se nos apetece fazer qualquer coisa em cima da hora então fazêmo-lo.	①	②	③	④	⑤	⑥
43. As pessoas da minha família criticam-se muitas vezes umas às outras.	①	②	③	④	⑤	⑥
44. Na minha família há pouca privacidade e as pessoas mexem nas coisas uns dos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
45. Procuramos sempre fazer as coisas melhor da próxima vez.	①	②	③	④	⑤	⑥
46. Não costumamos conversar sobre arte e literatura.	①	②	③	④	⑤	⑥
47. Na minha família todos têm um ou dois <i>hobbys</i> .	①	②	③	④	⑤	⑥
48. As pessoas da minha família sabem muito bem o que é certo e o que é errado.	①	②	③	④	⑤	⑥
49. Em minha casa é difícil saber com o que contar porque se muda muitas vezes de opinião.	①	②	③	④	⑤	⑥
50. Obedecer às ordens é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

51. Podemos realmente contar uns com os outros na minha família.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
52. Há sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixa.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
53. As pessoas da minha família às vezes agredem-se fisicamente.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
54. Quando alguém tem um problema, geralmente resolve-o sozinho.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
55. Na minha família não nos preocupamos em subir no trabalho e em ter boas notas na escola.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
56. Existe pelo menos uma pessoa na minha família que toca um instrumento musical.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
57. As pessoas da minha família não estão envolvidas em actividades recreativas fora da escola ou do trabalho.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
58. Na minha família acreditamos que existem acontecimentos que só têm a ver com a fé.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
59. As pessoas da minha família procuram manter os seus quartos arrumados.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
60. Cada um de nós tem uma palavra a dizer nas decisões familiares.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
61. Na minha família sentimo-nos pouco unidos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
62. As questões de dinheiro e de pagamento de contas são faladas abertamente.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
63. Se existe alguma zanga na minha família tentamos esconder o problema e manter a paz.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
64. Em minha casa achamos que cada um deve defender os seus direitos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
65. Na minha família não nos preocupamos assim tanto em subir na vida.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
66. As pessoas da minha família costumam ler muito.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

67. As pessoas da minha família gostam de aprender coisas nos tempos livres.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
68. Na minha família cada um tem ideias diferentes sobre o que é certo e errado.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
69. Em minha casa todos sabem o que cada um tem que fazer.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
70. Na minha família podemos fazer o que nos der na cabeça.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
71. Nós damos-nos mesmo bem uns com os outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
72. Geralmente temos cuidado com o que dizemos uns aos outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
73. Na minha família cada um quer ser melhor que o outro.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
74. Na minha família é difícil sermos nós próprios sem que alguém fique triste ou magoado.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
76. Em minha casa vemos mais televisão do que lemos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
77. As pessoas da minha família costumam sair e passear.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
78. A Bíblia é um livro muito importante para a minha família.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
79. Na minha casa não temos muito cuidado com o modo como gastamos o dinheiro.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
80. Na minha casa as ordens são para se cumprir.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
81. Temos muito tempo e atenção uns para os outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
82. Na minha família começamos muitas vezes a conversar sobre várias coisas.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
83. Na minha família achamos que não serve de nada estar a gritar.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
84. Na minha família não é bem visto dizermos aquilo que pensamos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
85. As pessoas da minha família são muitas vezes comparadas com os colegas da escola e do trabalho.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
86. Em minha casa gostamos muito de música, arte e literatura.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Discordo totalmente	<b>Discordo</b>	<b>Discordo</b> moderadamente	<b>Concordo</b> moderadamente	<b>Concordo</b>	<b>Concordo</b> totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

87. A principal maneira de passarmos o tempo é a ver televisão ou a ouvir rádio.	①	②	③	④	⑤	⑥
88. Acreditamos que se pecarmos seremos castigados.	①	②	③	④	⑤	⑥
89. Geralmente arruma-se a cozinha logo a seguir às refeições.	①	②	③	④	⑤	⑥
90. As asneiras não passam despercebidas na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥

**EMBU** (C. Perris, L. Jacobsson; H. Lindstrom; L.Von Knorring & H.Perris; 1984)

Umea University (Department of Psychiatry & WHO Collaborating Centre for Research and Training in Mental Health); Groningen University (Department of Psychology; Universidade Técnica de Lisboa (Departamento da Educação Especial e Reabilitação); Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia (Departamento de Terapêutica do Comportamento).


**INSTRUÇÕES:** Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões relativas à sua adolescência.


Leia cada questão cuidadosamente e considere qual a resposta que melhor se aplica ao seu caso. Responda separadamente, em relação ao comportamento da sua mãe e do seu pai, colocando, para cada questão, uma X num dos quadrados em frente a **Pai**, para avaliar o comportamento do seu pai e outra num dos quadrados em frente a **Mãe**, para avaliar o comportamento da sua mãe.


Por exemplo:


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
1. Os meus pais são amáveis comigo	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
2. Os meus pais são severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo	
3. Desejava que os meus pais se preocupassem menos com o que eu faço.		Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo	
4. Os meus pais dão-me mais castigos físicos do que eu merecia.		Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo	
5. Quando chego a casa tinha de contar tudo o que tinha feito.		Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo	
6. Os meus pais contribuem para que a adolescência seja uma época de aprendizagens importantes, na minha vida.		Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo	
7. Os meus pais criticam-me à frente dos outros.		Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
8. Os meus pais proibem-me de fazer coisas que a outros adolescentes são permitidas por terem medo que me possa acontecer alguma coisa.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
9. Os meus pais incentivam-me a sobressair em tudo o que eu fazia.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
10. Através do seu comportamento, parecendo tristes, por exemplo, os meus pais fazem-me sentir culpado por os tratar mal.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
11. Eu penso que a ansiedade dos meus pais de que alguma coisa me possa acontecer é exagerada.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
12. Se as coisas me correm mal, eu sinto que os meus pais me tentam confortar e encorajar.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
13. Eu sou tratado(a) com a “ovelha ranhosa” ou como o “bode expiatório” da família.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
14. Os meus pais mostram com gestos e palavras que gostam de mim.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
15. Eu sentia que os meus pais gostam mais do(s) meu(s) irmão(s) e ou irmã(s) do que de mim.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
16. Os meus pais fazem-me sentir vergonha de mim mesmo.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
17. Os meus pais não se preocupam muito com as minhas saídas.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
18. Sinto que os meus pais interferem com tudo aquilo que eu faço.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

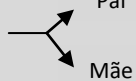
		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
19. Sinto que há ternura, entre mim e os meus pais.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
20. Os meus pais estipulam limites sobre o que me é permitido e sobre o que não me é permitido fazer, que seguem rigorosamente.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
21. Os meus pais castigam-me mesmo por pequenos erros.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
22. Os meus pais é que decidem sobre como eu me devo vestir ou parecer.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

23. Eu sinto que os meus pais ficam orgulhosos quando eu sou bem sucedido(a) em qualquer coisa na qual me empenho.



Não, nunca

Sim,  
ocasionalmente

Sim,  
frequentemente

Sim, a maior  
parte do tempo

☐☐☐☐☐☐☐☐

## BSI

L.R. Derogatis, 1993 (*Versão Portuguesa: M.C. Canavarro, 1995*)

A seguir, encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que, por vezes, as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma, marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

<b>Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:</b>	<b>Nunca</b>	<b>Poucas vezes</b>	<b>Algumas vezes</b>	<b>Muitas vezes</b>	<b>Muitíssimas vezes</b>
1. Nervosismo ou tensão interior.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Desmaios ou tonturas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Dores sobre o coração ou no peito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Medo na rua ou praças públicas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Pensamentos de acabar com a vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Perder o apetite.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Ter um medo súbito sem razão para isso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Ter impulsos que não se podem controlar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Sentir-se sozinho mesmo quando está com mais pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
16. Sentir-se sozinho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Sentir-se triste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não ter interesse por nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentir-se atemorizado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Sentir-se inferior aos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Vontade de vomitar ou mal estar do estômago.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Dificuldade em adormecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Dificuldade em tomar decisões.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Sensação de que lhe falta o ar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Calafrios ou afrontamentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou actividades por lhe causarem medo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Sensação de vazio na cabeça.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Ter a ideia que deveria ser castigado pelos seus pecados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Ter dificuldade em se concentrar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Falta de forças em partes do corpo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Grande dificuldade em sentir-se “próximo” de outra pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Ter ataques de terror ou pânico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
46. Entrar facilmente em discussão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47. Sentir-se nervoso quando tem que ficar sozinho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
49. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
50. Sentir que não tem valor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
51. A impressão de que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
52. Ter sentimentos de culpa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
53. Ter a impressão de que alguma coisa não regula bem na sua cabeça.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Doutoramento Inter-Universitário em Psicologia Clínica, Psicologia da Família e Intervenções Familiares

Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Coimbra

**Protocolo de Investigação**  
***Versão PAIS COM FILHOS ADOLESCENTES***

O protocolo é composto por vários questionários, em frente e verso.

Por favor, leia atentamente e responda de forma genuína às afirmações e questões. Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta exactos, responda com dados aproximados.

No fim de cada página, confira que respondeu a todas as questões.

Muito Obrigada!

## **Consentimento Informado**

Este estudo insere-se numa investigação mais alargada para um doutoramento em Psicologia Clínica da Família que está a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Este projecto está a ser co-financiado pela Fundação da Ciência e Tecnologia e está sob a supervisão e orientação da Professora Doutora Isabel Narciso Davide da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e do Professor Doutor Miguel Gonçalves da Escola de Psicologia da Universidade do Minho. O objectivo desta investigação é compreender, em famílias com filhos adolescentes, a transmissão de padrões relacionais e valores entre as diferentes gerações familiares, bem como o seu contributo para o bem-estar dos pais e filhos. Todos os dados recolhidos são confidenciais e serão tratados anonimamente. Os participantes poderão ter acesso aos resultados gerais da investigação quando estes forem publicados.

As actividades de investigação na área da Psicologia ajudam-nos a conhecer melhor determinadas populações e grupos para podermos estruturar intervenções mais eficazes, quer na prevenção, quer na posvenção. Assim, realçamos a extrema importância da sua colaboração neste estudo, como um contributo único para o conhecimento científico nacional e internacional e uma oportunidade de demonstração de valores de cidadania e altruísmo.

Muito obrigada pela sua participação!

A Investigadora,

Ana de Nazaré Prioste

A Orientadora,

Prof. Dr<sup>a</sup>. Isabel Narciso Davide

O Co-orientador,

Prof. Dr. Miguel Gonçalves



Declaro que tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar. Fui esclarecido/a sobre todos os aspectos importantes. Concordo que os dados sejam trabalhados anonimamente pelos investigadores envolvidos no estudo. Concordo em não restringir o uso dos resultados para os quais o estudo se dirige. Aceito participar voluntariamente na investigação.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

Rubrica

DADOS PESSOAIS

*Responda às próximas questões com os seus dados pessoais, por favor.*

**1. Sexo** ☐ Masculino ☐ Feminino

**2. Idade** \_\_\_\_\_ anos

**3. Profissão** (indique a actividade que exerce) \_\_\_\_\_

**4. Situação relacional**

- ☐ Casamento Desde há \_\_\_\_ anos ☐ Separação
- ☐ Divórcio ☐ União de Facto / Coabitação Desde há \_\_\_\_ anos
- ☐ Viuvez ☐ Namoro Desde há \_\_\_\_ anos
- ☐ Não tem relação/Não se aplica

**5. Nível de escolaridade**

- ☐ 0-4 anos de escolaridade ☐ 4-6 anos de escolaridade
- ☐ 6-9 anos de escolaridade ☐ 10-12 anos de escolaridade
- ☐ Frequência universitária ☐ Ensino Superior

**6. Zona de Residência Habitual**

- ☐ Norte ☐ Algarve ☐ Centro
- ☐ Alentejo ☐ Grande Lisboa ☐ Açores
- ☐ Madeira ☐ Outra \_\_\_\_\_
- ☐ Rural ☐ Semi-urbana ☐ Urbana

**7. Acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico**

- ☐ Nunca teve ☐ Teve no passado ☐ Tem actualmente
- Motivo: \_\_\_\_\_ Motivo: \_\_\_\_\_

**8. Tem problemas/doenças de saúde física?**

- ☐ Sim ☐ Não

Qual/Quais? \_\_\_\_\_

**9. Religiosidade**

- ☐ Crente ☐ Crente não ☐ Não
- praticante praticante crente

**10. Actualmente, com quem habita?** \_\_\_\_\_ (ex:

*Pais, Filhos, Marido/Esposa, Avós, Irmãos, Amigas, Companheiro)*

**11. Com quem viveu durante a infância?** \_\_\_\_\_

**12. Com quem viveu entre os seus 15 e 19 anos?** \_\_\_\_\_

**13. Como considera ser o seu ambiente familiar actual?**

☐ Muito Mal<sub>1</sub>

☐ Mal<sub>2</sub>

☐ Nem mal, nem bem<sub>3</sub>

☐ Bem<sub>4</sub>

☐ Muito bem<sub>5</sub>

#### **DADOS FAMILIARES**

Responda às próximas questões com os dados da sua família, por favor.

#### **14. Situação relacional dos seus pais**

##### **Pai**

☐ Casamento *Desde há*\_\_\_\_ *anos*

☐ Separação *Desde há*\_\_\_\_ *anos*

☐ Divórcio *Desde há*\_\_\_\_ *anos*

☐ União de Facto/Coabitação

*Desde há*\_\_\_\_ *anos*

☐ Viuvez

☐ Namoro

☐ Não tem relação/Não se aplica

☐ Falecido

##### **Mãe**

☐ Casamento *Desde há*\_\_ *anos*

☐ Separação

☐ Divórcio *Desde há* \_\_\_\_ *anos*

☐ União de Facto/Coabitação

*Desde há*\_\_\_\_ *anos*

☐ Viuvez

☐ Namoro

☐ Não tem relação/Não se aplica

☐ Falecida

#### **15. Idade dos seus pais**

(se já faleceram, não responda)

Pai: \_\_\_\_\_ anos

Mãe: \_\_\_\_\_ anos

## 16. Profissão dos seus pais

(caso já sejam reformados ou já tenham falecido, diga a actividade que exerciam antes)

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

## 17. Nível escolaridade dos seus pais

### Pai

- ☐ 0-4 anos de escolaridade
- ☐ 4-6 anos de escolaridade
- ☐ 6-9 anos de escolaridade
- ☐ 10-12 anos de escolaridade
- ☐ Frequência universitária
- ☐ Ensino Superior
- ☐ Não sei

### Mãe

- ☐ 0-4 anos de escolaridade
- ☐ 4-6 anos de escolaridade
- ☐ 6-9 anos de escolaridade
- ☐ 10-12 anos de escolaridade
- ☐ Frequência universitária
- ☐ Ensino Superior
- ☐ Não sei

## 18. Religiosidade dos seus pais

### Pai

- ☐ Crente praticante
- ☐ Crente não praticante
- ☐ Não crente
- ☐ Não sei

### Mãe

- ☐ Crente praticante
- ☐ Crente não praticante
- ☐ Não crente
- ☐ Não sei

## 19. Acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico dos seus pais

### Pai

- ☐ Nunca teve
- ☐ Teve no passado
- ☐ Tem actualmente
- ☐ Não sei

### Mãe

- ☐ Nunca teve
- ☐ Teve no passado
- ☐ Tem actualmente
- ☐ Não sei

## QUESTIONÁRIO SOBRE OS VALORES PESSOAIS

Shalom H. Schwartz; Tradução e Adaptação: Menezes & Campos, 1989

Recriação: Prioste, Narciso, & Gonçalves (2010)

Neste questionário deve perguntar-se a si próprio: "**Que valores são importantes como princípios que orientam a MINHA vida, e que valores são menos importantes para mim?**". Após alguns valores que enunciamos, dentro do parêntesis, há uma explicação que poderá ajudá-lo(a) a compreender o seu significado. A sua tarefa é avaliar quão importante é para si cada valor **como um princípio orientador da sua vida**. Use a seguinte escala de avaliação:

**1 - Sem importância**

**2 - Pouquíssimo importante**

**3 - Pouco importante**

**4 - Importante**

**5 - Muito importante**

**6 - Importância Fundamental**

Quanto mais elevado é o número que atribuir (1, 2, 3, 4, 5, 6), mais importante é o valor como princípio que orienta a sua vida.

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>1. Igualdade</b> (oportunidades iguais para todos)	1	2	3	4	5	6
<b>2. Harmonia Interior</b> (em paz consigo próprio)	1	2	3	4	5	6
<b>3. Poder Social</b> (controlo sobre os outros, domínio)	1	2	3	4	5	6
<b>4. Prazer</b> (satisfação de desejos)	1	2	3	4	5	6
<b>5. Liberdade</b> (liberdade de acção e pensamento)	1	2	3	4	5	6

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
<b>Nada</b>	<b>Pouquíssimo</b>	<b>Pouco</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito</b>	<b>Importância</b>
<b>Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Importante</b>		<b>Importante</b>	<b>Fundamental</b>

<b>6. Espiritualidade</b> (ênfase em aspectos espirituais e não materiais)	1	2	3	4	5	6
<b>7. Ordem Social</b> (valorização da regulação social)	1	2	3	4	5	6
<b>8. Família</b> (valorização da prioridade da família no percurso de vida)	1	2	3	4	5	6
<b>9. Vida Excitante</b> (experiências estimulantes, desafiadoras)	1	2	3	4	5	6
<b>10. Sentido de Vida</b> (finalidades e acções que dêem sentido à vida, que promovam a auto-realização)	1	2	3	4	5	6
<b>11. Polidez</b> (cortesia, boas maneiras)	1	2	3	4	5	6
<b>12. Trabalho</b> (valorizar a importância do trabalho no percurso de vida)	1	2	3	4	5	6
<b>13. Evolução</b> (valorizar a evolução científica e tecnológica)	1	2	3	4	5	6
<b>14. Fortuna</b> (posses materiais, dinheiro)	1	2	3	4	5	6
<b>15. Segurança Nacional</b> (protecção da nação contra os inimigos)	1	2	3	4	5	6
<b>16. Respeito Próprio</b> (crença no seu valor pessoal)	1	2	3	4	5	6
<b>17. Reciprocidade de Favores</b> (evitar ser devedor a alguém)	1	2	3	4	5	6

**COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:**

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>Nada Importante</b>	<b>Pouquíssimo Importante</b>	<b>Pouco Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito Importante</b>	<b>Importância Fundamental</b>

<b>18. Criatividade</b> (valorização do ser único, com imaginação)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>19. Mundo em Paz</b> (livre de guerra e de conflito)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>20. Tradição</b> (preservação dos costumes estabelecidos há longo tempo)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>21. Amor</b> (profunda intimidade emocional e espiritual)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>22. Auto-Disciplina</b> (auto-controlo)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>23. Privacidade</b> (ter direito a uma esfera privada)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>24. Segurança Familiar</b> (valorizar e proporcionar segurança aos familiares)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>25. Beleza Física</b> (valorização da imagem física)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>26. Positividade</b> (perspectiva positiva face a si, aos outros e os acontecimentos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>27. Verdade</b> (ser genuíno e verdadeiro)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>28. Reconhecimento Social</b> (respeito, aprovação dos outros)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>29. União com a Natureza</b> (integração com a natureza)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>30. Generosidade</b> (valorização de acções gratuitas em prol dos outros)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

**COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:**

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>Nada Importante</b>	<b>Pouquíssimo Importante</b>	<b>Pouco Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito Importante</b>	<b>Importância Fundamental</b>

<b>31. Vida Variada</b> (cheia de mudanças e novidades)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>32. Sabedoria</b> (compreensão madura da vida)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>33. Autoridade</b> (valorização do direito de liderar ou mandar)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>34. Amizade</b> (valorização de amigos íntimos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>35. Mundo de Beleza</b> (valorização da beleza da natureza e das artes)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>36. Justiça Social</b> (preocupação com a correcção de injustiças, com a ajuda aos mais fracos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>37. Independência Pessoal</b> (valorização da auto-suficiência, da autonomia)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>38. Moderação</b> (evitar os extremos nos sentimentos e acções)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>39. Higiene</b> (ser asseado, arrumado)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>40. Auto-Condescendência</b> (transigente face aos próprios erros e limitações)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>41. Sucesso</b> (atingir objectivos importantes)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>42. Inteligência</b> (capacidade intelectual)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>43. Lealdade</b> (fiel aos amigos, aos grupos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>



**COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:**

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>Nada</b>	<b>Pouquíssimo</b>	<b>Pouco</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito</b>	<b>Importância</b>
<b>Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Importante</b>		<b>Importante</b>	<b>Fundamental</b>

<b>44. Ambição</b> (valorização do trabalho árduo, com aspirações)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>45. Humildade</b> (valorização da modéstia e da simplicidade)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>46. Audácia</b> (valorização da aventura, do risco)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>47. Educação</b> (valorização da transmissão de saberes nas diversas áreas da vida)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>48. Protecção do Ambiente</b> (valorização da preservação e respeito pela natureza)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>49. Influência Social</b> (impacto nas pessoas e nos acontecimentos)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>50. Respeito pelos Mais Velhos</b> (aceitar a importância dos mais velhos e agir em conformidade)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>51. Escolha de Objectivos de Vida</b> (seleccionar objectivos e metas)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>52. Responsabilidade</b> (fidedigno, de confiança)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>53. Curiosidade</b> (interesse por tudo, explorador)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>54. Disponibilidade para os Outros</b> (ser prestável e dedicado, preocupar-se com o bem-estar dos outros)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>55. Religiosidade</b> (dedicado à fé religiosa)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

**COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:**

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>Nada Importante</b>	<b>Pouquíssimo Importante</b>	<b>Pouco Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito Importante</b>	<b>Importância Fundamental</b>

<b>56. Saúde</b> (procurar bem-estar físico e mental)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>57. Competência</b> (competente, eficaz, eficiente)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>58. Aceitação da Vida</b> (submissão às circunstâncias da vida)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>59. Honestidade</b> (sincero, autêntico)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>60. Preservação da Imagem</b> (proteger a reputação)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>61. Esperança</b> (ter fé, acreditar no futuro)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>62. Obediência</b> (cumprir deveres e obrigações)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
<b>63. Perdão</b> (desculpar os outros)	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

## FES

Rudolf H. Moos & Bernice S. Moos, 1986

*Adaptação Portuguesa: P. Mena Matos & A. M. Fontaine, 1992*

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações **sobre a sua família actual**. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) a resposta que melhor exprime as **suas relações familiares com as pessoas com quem vive actualmente**, tendo em conta as seis alternativas de resposta.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

1. Na minha família ajudamo-nos uns aos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
2. Habitualmente não contamos o que sentimos uns aos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
3. Na minha família zangamo-nos muitas vezes.	①	②	③	④	⑤	⑥
4. Na minha família não costumamos fazer as coisas por nós próprios.	①	②	③	④	⑤	⑥
5. Nós achamos que é importante sermos os melhores em tudo o que fazemos.	①	②	③	④	⑤	⑥
6. Costumamos conversar sobre questões sociais e políticas.	①	②	③	④	⑤	⑥
7. Passamos a maioria dos fins-de-semana e das noites em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
8. Costumamos ir à missa regularmente.	①	②	③	④	⑤	⑥
9. Na minha família planeamos as coisas com muito cuidado.	①	②	③	④	⑤	⑥
10. As pessoas da minha família raramente são obrigadas a seguir ordens.	①	②	③	④	⑤	⑥
11. Normalmente quando estamos juntos parece que só estamos a passar tempo.	①	②	③	④	⑤	⑥
12. Podemos falar de tudo o que queremos.	①	②	③	④	⑤	⑥
13. As pessoas da minha família mostram poucas vezes que estão zangadas.	①	②	③	④	⑤	⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

14. Na minha família somos incentivados a ser independentes.	①	②	③	④	⑤	⑥
15. Ter sucesso é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
16. Costumamos ir assistir a conferências, peças de teatro ou concertos.	①	②	③	④	⑤	⑥
17. Na minha família costumamos receber amigos e conhecidos em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
18. Na minha família costumamos rezar.	①	②	③	④	⑤	⑥
19. Somos normalmente muito limpos e organizados.	①	②	③	④	⑤	⑥
20. Existem poucas regras que temos que seguir na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
21. Empenhamo-nos bastante a fazer coisas em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
22. Quando descarregamos os nossos problemas, há sempre alguém que fica preocupado.	①	②	③	④	⑤	⑥
23. As pessoas da minha família às vezes ficam tão nervosas que atiram coisas pelo ar.	①	②	③	④	⑤	⑥
24. Na minha família cada um pensa por si.	①	②	③	④	⑤	⑥
25. Não é muito importante para nós quanto dinheiro cada um consegue ganhar.	①	②	③	④	⑤	⑥
26. Aprender coisas novas e diferentes é muito importante para a minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
27. Na minha família ninguém pratica um desporto regularmente.	①	②	③	④	⑤	⑥
28. Conversamos várias vezes sobre o que significa o Natal, a Páscoa ou outras festas religiosas.	①	②	③	④	⑤	⑥
29. Em minha casa é difícil encontrarmos as coisas quando precisamos delas.	①	②	③	④	⑤	⑥
30. Existe uma pessoa na minha família que decide quase todas as coisas.	①	②	③	④	⑤	⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

31. Sentimo-nos muito unidos na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
32. Conversamos sobre os nossos problemas pessoais.	①	②	③	④	⑤	⑥
33. Quase nunca as pessoas da minha família perdem a cabeça.	①	②	③	④	⑤	⑥
34. Na minha família não temos horas de entrada e de saída.	①	②	③	④	⑤	⑥
35. Acreditamos que os melhores devem vencer na vida.	①	②	③	④	⑤	⑥
36. Na minha família não costumamos ir visitar museus e exposições.	①	②	③	④	⑤	⑥
37. Vamos com frequência ao cinema, a acontecimentos desportivos, ao campismo, etc.	①	②	③	④	⑤	⑥
38. Acreditamos no céu e no inferno.	①	②	③	④	⑤	⑥
39. Ser pontual é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
40. Em minha casa há regras para se fazerem certas coisas.	①	②	③	④	⑤	⑥
41. Normalmente ninguém se oferece para fazer alguma coisa que tem de ser feita em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
42. Se nos apetece fazer qualquer coisa em cima da hora então fazêmo-lo.	①	②	③	④	⑤	⑥
43. As pessoas da minha família criticam-se muitas vezes umas às outras.	①	②	③	④	⑤	⑥
44. Na minha família há pouca privacidade e as pessoas mexem nas coisas uns dos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
45. Procuramos sempre fazer as coisas melhor da próxima vez.	①	②	③	④	⑤	⑥
46. Não costumamos conversar sobre arte e literatura.	①	②	③	④	⑤	⑥
47. Na minha família todos têm um ou dois <i>hobbys</i> .	①	②	③	④	⑤	⑥
48. As pessoas da minha família sabem muito bem o que é certo e o que é errado.	①	②	③	④	⑤	⑥
49. Em minha casa é difícil saber com o que contar porque se muda muitas vezes de opinião.	①	②	③	④	⑤	⑥
50. Obedecer às ordens é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

51. Podemos realmente contar uns com os outros na minha família.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
52. Há sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixa.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
53. As pessoas da minha família às vezes agredem-se fisicamente.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
54. Quando alguém tem um problema, geralmente resolve-o sozinho.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
55. Na minha família não nos preocupamos em subir no trabalho e em ter boas notas na escola.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
56. Existe pelo menos uma pessoa na minha família que toca um instrumento musical.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
57. As pessoas da minha família não estão envolvidas em actividades recreativas fora da escola ou do trabalho.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
58. Na minha família acreditamos que existem acontecimentos que só têm a ver com a fé.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
59. As pessoas da minha família procuram manter os seus quartos arrumados.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
60. Cada um de nós tem uma palavra a dizer nas decisões familiares.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
61. Na minha família sentimo-nos pouco unidos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
62. As questões de dinheiro e de pagamento de contas são faladas abertamente.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
63. Se existe alguma zanga na minha família tentamos esconder o problema e manter a paz.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
64. Em minha casa achamos que cada um deve defender os seus direitos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
65. Na minha família não nos preocupamos assim tanto em subir na vida.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
66. As pessoas da minha família costumam ler muito.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

67. As pessoas da minha família gostam de aprender coisas nos tempos livres.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
68. Na minha família cada um tem ideias diferentes sobre o que é certo e errado.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
69. Em minha casa todos sabem o que cada um tem que fazer.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
70. Na minha família podemos fazer o que nos der na cabeça.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
71. Nós damos-nos mesmo bem uns com os outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
72. Geralmente temos cuidado com o que dizemos uns aos outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
73. Na minha família cada um quer ser melhor que o outro.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
74. Na minha família é difícil sermos nós próprios sem que alguém fique triste ou magoado.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
76. Em minha casa vemos mais televisão do que lemos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
77. As pessoas da minha família costumam sair e passear.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
78. A Bíblia é um livro muito importante para a minha família.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
79. Na minha casa não temos muito cuidado com o modo como gastamos o dinheiro.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
80. Na minha casa as ordens são para se cumprir.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
81. Temos muito tempo e atenção uns para os outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
82. Na minha família começamos muitas vezes a conversar sobre várias coisas.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
83. Na minha família achamos que não serve de nada estar a gritar.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
84. Na minha família não é bem visto dizermos aquilo que pensamos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
85. As pessoas da minha família são muitas vezes comparadas com os colegas da escola e do trabalho.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
86. Em minha casa gostamos muito de música, arte e literatura.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Discordo totalmente	<b>Discordo</b>	<b>Discordo</b> moderadamente	<b>Concordo</b> moderadamente	<b>Concordo</b>	<b>Concordo</b> totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

87. A principal maneira de passarmos o tempo é a ver televisão ou a ouvir rádio.	①	②	③	④	⑤	⑥
88. Acreditamos que se pecarmos seremos castigados.	①	②	③	④	⑤	⑥
89. Geralmente arruma-se a cozinha logo a seguir às refeições.	①	②	③	④	⑤	⑥
90. As asneiras não passam despercebidas na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥



# QUESTIONÁRIO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS VALORES DA FAMÍLIA DE ORIGEM

(Shalom H. Schwartz; Tradução e Adaptação: Menezes & Campos, 1989;  
Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2010)

Neste questionário deve perguntar-se a si próprio: **"Que valores são/eram importantes como princípios que orientam/orientaram a vida dos MEUS PAIS, e que valores são menos importantes para eles?"**. Após alguns valores que enunciamos, dentro do parêntesis, há uma explicação que poderá ajudá-lo(a) a compreender o seu significado. A sua tarefa é avaliar quão importante é/foi para os seus pais cada valor **como um princípio orientador das suas vidas**. Use a seguinte escala de avaliação:

**1 - Sem importância**

**2 - Pouquíssimo importante**

**3 - Pouco importante**

**4 - Importante**



**5 - Muito importante**

**6 - Importância Fundamental**

Quanto mais elevado é o número que atribuir (1, 2, 3, 4, 5, 6), mais importante é o valor como princípio que orienta a sua vida.









COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA VIDA DOS MEUS PAIS, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>1. Igualdade</b> (oportunidades iguais para todos)		Mãe	1	2	3	4	5	6
		Pai	1	2	3	4	5	6
<b>2. Harmonia Interior</b> (em paz consigo próprio)		Mãe	1	2	3	4	5	6
		Pai	1	2	3	4	5	6









COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA VIDA DOS MEUS PAIS, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>3. Igualdade</b> (oportunidades iguais para todos)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>4. Harmonia Interior</b> (em paz consigo próprio)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>5. Poder Social</b> (controlo sobre os outros, domínio)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>6. Prazer</b> (satisfação de desejos)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>7. Ordem Social</b> (valorização da regulação social)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>8. Família</b> (valorização da prioridade da família no percurso de vida)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>9. Vida Excitante</b> (experiências estimulantes, desafiadoras)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>10. Sentido de Vida</b> (finalidades e acções que dêem sentido à vida, que promovam a auto-realização)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6









COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA VIDA DOS MEUS PAIS, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>11. Polidez</b> (cortesia, boas maneiras)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>12. Trabalho</b> (valorizar a importância do trabalho no percurso de vida)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>13. Evolução</b> (valorizar a evolução científica e tecnológica)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>14. Fortuna</b> (posses materiais, dinheiro)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>15. Segurança Nacional</b> (protecção da nação contra os inimigos)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>16. Respeito Próprio</b> (crença no seu valor pessoal)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>17. Reciprocidade de Favores</b> (evitar ser devedor a alguém)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>18. Criatividade</b> (valorização do ser único, com imaginação)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6









COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA VIDA DOS MEUS PAIS, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>19. Mundo em Paz</b> (livre de guerra e de conflito)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>20. Tradição</b> (preservação dos costumes estabelecidos há longo tempo)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>21. Amor</b> (profunda intimidade emocional e espiritual)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>22. Auto-Disciplina</b> (auto-controlo)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>23. Privacidade</b> (ter direito a uma esfera privada)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>24. Segurança Familiar</b> (valorizar e proporcionar segurança aos familiares)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>25. Beleza Física</b> (valorização da imagem física)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>26. Positividade</b> (perspectiva positiva face a si, aos outros e os acontecimentos)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6









COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA VIDA DOS MEUS PAIS, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>27. Verdade</b> (ser genuíno e verdadeiro)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>28. Reconhecimento Social</b> (respeito, aprovação dos outros)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>29. União com a Natureza</b> (integração com a natureza)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>30. Generosidade</b> (valorização de acções gratuitas em prol dos outros)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>31. Vida Variada</b> (cheia de mudanças e novidades)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>32. Sabedoria</b> (compreensão madura da vida)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>33. Autoridade</b> (valorização do direito de liderar ou mandar)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>34. Amizade</b> (valorização de amigos íntimos)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>









COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA VIDA DOS MEUS PAIS, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>35. Mundo de Beleza</b> (valorização da beleza da natureza e das artes)	 <div>Mãe</div> <div>Pai</div>	1	2	3	4	5	6
<b>36. Justiça Social</b> (preocupação com a correcção de injustiças, com a ajuda aos mais fracos)	 <div>Mãe</div> <div>Pai</div>	1	2	3	4	5	6
<b>37. Independência Pessoal</b> (valorização da auto-suficiência, da autonomia)	 <div>Mãe</div> <div>Pai</div>	1	2	3	4	5	6
<b>38. Moderação</b> (evitar os extremos nos sentimentos e acções)	 <div>Mãe</div> <div>Pai</div>	1	2	3	4	5	6
<b>39. Higiene</b> (ser asseado, arrumado)	 <div>Mãe</div> <div>Pai</div>	1	2	3	4	5	6
<b>40. Auto-Condescendência</b> (transigente face aos próprios erros e limitações)	 <div>Mãe</div> <div>Pai</div>	1	2	3	4	5	6
<b>41. Sucesso</b> (atingir objectivos importantes)	 <div>Mãe</div> <div>Pai</div>	1	2	3	4	5	6
<b>42. Inteligência</b> (capacidade intelectual)	 <div>Mãe</div> <div>Pai</div>	1	2	3	4	5	6









COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA VIDA DOS MEUS PAIS, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>43. Lealdade</b> (fiel aos amigos, aos grupos)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>44. Ambição</b> (valorização do trabalho árduo, com aspirações)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>45. Humildade</b> (valorização da modéstia e da simplicidade)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>46. Audácia</b> (valorização da aventura, do risco)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>47. Educação</b> (valorização da transmissão de saberes nas diversas áreas da vida)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>48. Protecção do Ambiente</b> (valorização da preservação e respeito pela natureza)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>49. Influência Social</b> (impacto nas pessoas e nos acontecimentos)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6
<b>50. Respeito pelos Mais Velhos</b> (aceitar a importância dos mais velhos e agir em conformidade)	 Mãe 1 2 3 4 5 6 Pai 1 2 3 4 5 6

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA VIDA DOS MEUS PAIS, considero este valor:






1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>51. Escolha de Objectivos de Vida</b> (seleccionar objectivos e metas)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>52. Responsabilidade</b> (fidedigno, de confiança)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>53. Curiosidade</b> (interesse por tudo, explorador)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>54. Disponibilidade para os Outros</b> (ser prestável e dedicado, preocupar-se com o bem-estar dos outros)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>55. Religiosidade</b> (dedicado à fé religiosa)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>56. Saúde</b> (procurar bem-estar físico e mental)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>57. Competência</b> (competente, eficaz, eficiente)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>
<b>58. Aceitação da Vida</b> (submissão às circunstâncias da vida)	 <div>                         Mãe    1    2    3    4    5    6                          Pai    1    2    3    4    5    6                     </div>



COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA VIDA DOS MEUS PAIS, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

<b>59. Honestidade</b> (sincero, autêntico)	 Mãe    1    2    3    4    5    6 Pai    1    2    3    4    5    6
<b>60. Preservação da Imagem</b> (proteger a reputação)	 Mãe    1    2    3    4    5    6 Pai    1    2    3    4    5    6
<b>61. Esperança</b> (ter fé, acreditar no futuro)	 Mãe    1    2    3    4    5    6 Pai    1    2    3    4    5    6
<b>62. Obediência</b> (cumprir deveres e obrigações)	 Mãe    1    2    3    4    5    6 Pai    1    2    3    4    5    6
<b>63. Perdão</b> (desculpar os outros)	 Mãe    1    2    3    4    5    6 Pai    1    2    3    4    5    6

## EMBU-PAIS

(versão original de J. Castro, 1993; Versão de M. C. Canavarro, A. I. Pereira, J. M. P. Canavarro, 2005)

Mesmo que seja difícil explicar, com exactidão, como se relaciona ou como se relacionou com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamentos que tem tido em relação ao seu filho.

Como verá, cada pergunta pode ser respondida de várias maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflecta o comportamento que tem ou teve para com o seu filho.

**Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada para o seu caso, deverá rodeá-la com um círculo.**

Antes de seleccionar a resposta que julga ser a mais adequada, leia atentamente cada uma das alternativas possíveis. Lembre-se que só pode escolher uma opção por pergunta. Não deixe nenhuma questão por responder. Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se só tem um filho; neste caso, deixe a resposta em branco.

Seguidamente, apresentamos um exemplo de como se devem responder às perguntas deste questionário:

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
<i>Costuma bater no seu filho?</i>	1	(2)	3	4
<i>É carinhoso(a) com ele?</i>	1	2	(3)	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
1. Demonstra ao seu filho, com palavras e gestos, que gosta dele?	1	2	3	4
2. Castiga o seu filho mesmo no caso de pequenas faltas?	1	2	3	4
3. Tenta influenciar o seu filho para que ele venha a ser uma pessoa bem colocada na vida?	1	2	3	4
4. Deseja que o seu filho seja diferente em algum aspecto?	1	2	3	4
5. Acha que é demasiado severo (a) com o seu filho?	1	2	3	4
6. Decide como o seu filho deve vestir-se ou que aspecto deve ter?	1	2	3	4

		Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente
7. Proíbe o seu filho de fazer coisas que outros da idade dele fazem, por medo que lhe aconteça algo de mal?	1	2	3	4
8. Bate ou repreende o seu filho em frente de outras pessoas?	1	2	3	4
9. Preocupou-se em saber o que faz o seu filho na sua ausência?	1	2	3	4
10. Quando as coisas correm mal ao seu filho, tenta compreendê-lo e animá-lo?	1	2	3	4
11. Impõe ao seu filho mais castigos corporais do que ele merece?	1	2	3	4
12. Aborrece-se com o seu filho porque ele não o (a) ajuda nas tarefas de casa como gostaria?	1	2	3	4
13. Quando acha que o seu filho faz algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?	1	2	3	4
14. Conta a outras pessoas o que o seu filho faz ou diz, envergonhando-o com isso?	1	2	3	4
15. Mostra interesse em que o seu filho tire boas notas?	1	2	3	4
16. Ajuda o seu filho quando ele enfrenta uma tarefa difícil?	1	2	3	4
17. Diz ao seu filho frases como estas: “Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma”?	1	2	3	4
18. Fica triste por culpa do seu filho?	1	2	3	4
19. Tenta estimular o seu filho para que ele seja o melhor?	1	2	3	4
20. Demonstra ao seu filho que está satisfeito com ele?	1	2	3	4
21. Confia no seu filho de tal forma que o deixa actuar sob a sua própria responsabilidade?	1	2	3	4
22. Respeita as opiniões do seu filho?	1	2	3	4
23. Se o seu filho tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?	1	2	3	4
24. Quer estar ao lado do seu filho?	1	2	3	4
25. Acha que é, de alguma forma, “forreta” e “duro (a)” para com o seu filho?	1	2	3	4
26. Quando regressa a casa, o seu filho tem que dar-lhe explicações sobre o que fez?	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
27. Tenta que a infância do seu filho seja estimulante, interessante e atractiva (por exemplo; dando-lhe bons livros, encorajando-o a participar em passeios e excursões, etc.)	1	2	3	4
28. Elogia o comportamento do seu filho?	1	2	3	4
29. Diz ao seu filho frases como estas: “É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrificios que temos feito para o teu bem”?	1	2	3	4
30. Quando o seu filho está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?	1	2	3	4
31. Diz ao seu filho que não está de acordo com a forma de ele se comportar em casa?	1	2	3	4
32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do seu filho?	1	2	3	4
33. É brusco e pouco amável com o seu filho?	1	2	3	4
34. Castiga o seu filho com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?	1	2	3	4
35. Acha que o seu filho deseja que se preocupe menos com as actividades dele?	1	2	3	4
36. Participa activamente nos passatempos e diversões do seu filho?	1	2	3	4
37. Bate ao seu filho?	1	2	3	4
38. Coloca limitações estritas ao que o seu filho pode ou não fazer, obrigando-o a respeitá-las rigorosamente?	1	2	3	4
39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao seu filho?	1	2	3	4
40. Acha que há carinho e ternura entre si e o seu filho?	1	2	3	4
41. Fica orgulhoso(a) do seu filho quando ele consegue atingir um objectivo a que se tinha proposto?	1	2	3	4
42. Manifesta ao seu filho que está satisfeito com ele através de expressões físicas carinhosas como dar-lhe palmadas nas costas, abraçá-lo, etc.?	1	2	3	4

Umea University (Department of Psychiatry & WHO Collaborating Centre for Research and Training in Mental Health); Groningen University (Department of Psychology; Universidade Técnica de Lisboa (Departamento da Educação Especial e Reabilitação); Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia (Departamento de Terapêutica do Comportamento).


INSTRUÇÕES: Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões relativas à sua adolescência.


Leia cada questão cuidadosamente e considere qual a resposta que melhor se aplica ao seu caso. Responda separadamente, em relação ao comportamento da sua mãe e do seu pai, colocando, para cada questão, uma X num dos quadrados em frente a **Pai**, para avaliar o comportamento do seu pai e outra num dos quadrados em frente a **Mãe**, para avaliar o comportamento da sua mãe.


Por exemplo:


	Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
1. Os meus pais eram amáveis comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
2. Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo	
3. Desejava que os meus pais se preocupassem menos com o que eu fazia.		Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo	
4. Os meus pais davam-me mais castigos físicos do que eu merecia.		Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo	
5. Quando chegava a casa tinha de contar tudo o que tinha feito.		Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo	
6. Os meus pais contribuíram para que a adolescência fosse uma época de aprendizagens importantes, na minha vida.		Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo	
7. Os meus pais criticavam-me à frente dos outros.		Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
8. Os meus pais proibiam-me de fazer coisas que a outros adolescentes eram permitidas por terem medo que me pudesse acontecer alguma coisa.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
9. Os meus pais incentivavam-me a sobressair em tudo o que eu fazia.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
10. Através do seu comportamento, parecendo tristes, por exemplo, os meus pais faziam-me sentir culpado por os tratar mal.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
11. Eu penso que a ansiedade dos meus pais de que alguma coisa me pudesse acontecer era exagerada.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
12. Se as coisas me corressem mal, eu sentia que os meus pais me tentavam confortar e encorajar.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
13. Eu era tratado(a) com a “ovelha ranhosa” ou como o “bode expiatório” da família.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
14. Os meus pais mostravam com gestos e palavras que gostavam de mim.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
15. Eu sentia que os meus pais gostavam mais do(s) meu(s) irmão(s) e ou irmã(s) do que de mim.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
16. Os meus pais faziam-me sentir vergonha de mim mesmo.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
17. Os meus pais não se preocupavam muito com as minhas saídas.	 Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
18. Sentia que os meus pais interferiam com tudo aquilo que eu fazia.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
19. Sentia que havia ternura, entre mim e os meus pais.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
20. Os meus pais estipulavam limites sobre o que me era permitido e sobre o que não me era permitido fazer, que seguem rigorosamente.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
21. Os meus pais castigavam-me mesmo por pequenos erros.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
22. Os meus pais é que decidiam sobre como eu me devia vestir ou parecer.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
23. Eu sentia que os meus pais ficavam orgulhosos quando eu sou bem sucedido(a) em qualquer coisa na qual me empenho.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**FES** (Rudolf H. Moos & Bernice S. Moos, 1986; *Adaptação Portuguesa: P. Mena Matos & A. M. Fontaine, 1992*)

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações **sobre a sua família de origem**. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) a resposta que melhor exprime as **suas relações familiares com as pessoas com quem vivia na adolescência (entre os 15 e os 19 anos)**, tendo em conta as seis alternativas de resposta:

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

1. Na minha família ajudávamo-nos uns aos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
2. Quase sempre na minha família não contávamos o que sentíamos uns aos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
3. Na minha família nós zangávamo-nos muitas vezes.	①	②	③	④	⑤	⑥
4. Normalmente quando estávamos em casa parece que só estávamos a passar o tempo.	①	②	③	④	⑤	⑥
5. Em casa podíamos falar de tudo o que queríamos.	①	②	③	④	⑤	⑥
6. As pessoas da minha família mostravam poucas vezes que estavam zangadas.	①	②	③	④	⑤	⑥
7. Gostávamos bastante de fazer coisas em família.	①	②	③	④	⑤	⑥
8. Quando descarregávamos os nossos problemas, havia sempre alguém que ficava preocupado.	①	②	③	④	⑤	⑥
9. As pessoas da minha família às vezes ficavam tão nervosas que atiravam coisas pelo ar.	①	②	③	④	⑤	⑥
10. Sentíamo-nos muito unidos na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
11. Contávamos uns aos outros os nossos problemas pessoais.	①	②	③	④	⑤	⑥
12. Quase nunca as pessoas da minha família perdiam a cabeça.	①	②	③	④	⑤	⑥
13. Normalmente ninguém se oferecia para fazer alguma coisa que tivesse que ser feita em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
14. Se nos apetecesse fazer qualquer coisa em cima da hora, então fazíamos-lo.	①	②	③	④	⑤	⑥
15. As pessoas da minha família criticavam-se muitas vezes umas às outras.	①	②	③	④	⑤	⑥
16. Podíamos realmente contar uns com os outros na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
17. Em minha casa havia sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixava.	①	②	③	④	⑤	⑥
18. As pessoas da minha família às vezes agrediam-se fisicamente.	①	②	③	④	⑤	⑥
19. Na minha família sentíamo-nos pouco unidos.	①	②	③	④	⑤	⑥
20. As questões de dinheiro e de pagamento de contas eram faladas abertamente em minha casa.	①	②	③	④	⑤	⑥

21. Se existe alguma zanga na minha família tentávamos esconder o problema e manter a paz.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
22. Nós dávamo-nos mesmo bem uns com os outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
23. Geralmente tínhamos cuidado com o que dizíamos uns aos outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
24. Na minha família cada um queria ser melhor que o outro.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
25. Tínhamos muito tempo e atenção uns para os outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
26. Na minha família começávamos muitas vezes a conversar sobre várias coisas.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
27. Na minha casa achávamos que não servia de nada estar a gritar.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

## BSI

L.R. Derogatis, 1993 (*Versão Portuguesa: M.C. Canavarro, 1995*)

A seguir, encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que, por vezes, as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma, marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

<b>Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:</b>	<b>Nunca</b>	<b>Poucas vezes</b>	<b>Algumas vezes</b>	<b>Muitas vezes</b>	<b>Muitíssimas vezes</b>
1. Nervosismo ou tensão interior.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Desmaios ou tonturas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Dores sobre o coração ou no peito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Medo na rua ou praças públicas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Pensamentos de acabar com a vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Perder o apetite.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Ter um medo súbito sem razão para isso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Ter impulsos que não se podem controlar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Sentir-se sozinho mesmo quando está com mais pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
16. Sentir-se sozinho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Sentir-se triste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não ter interesse por nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentir-se atemorizado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Sentir-se inferior aos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Vontade de vomitar ou mal estar do estômago.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Dificuldade em adormecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Dificuldade em tomar decisões.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Sensação de que lhe falta o ar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Calafrios ou afrontamentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou actividades por lhe causarem medo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Sensação de vazio na cabeça.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Ter a ideia que deveria ser castigado pelos seus pecados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Ter dificuldade em se concentrar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Falta de forças em partes do corpo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Grande dificuldade em sentir-se “próximo” de outra pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Ter ataques de terror ou pânico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
46. Entrar facilmente em discussão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47. Sentir-se nervoso quando tem que ficar sozinho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
49. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
50. Sentir que não tem valor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
51. A impressão de que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
52. Ter sentimentos de culpa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
53. Ter a impressão de que alguma coisa não regula bem na sua cabeça.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>





## Apêndice C

Pedido de Colaboração aos Conselhos Executivos de Escolas



Ex.mo(a) Sr(a). Presidente do Conselho

Executivo da Escola

Lisboa, de 2010

A Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa vem por este meio solicitar a colaboração da Escola \_\_\_\_\_ na recolha de dados para efeitos de elaboração da tese de Doutoramento em Psicologia da Família (co-financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, SFRH/BD/27472/2010) de Ana de Nazaré Prioste, sob a Supervisão da Professora Doutora Isabel Narciso, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, e do Professor Doutor Miguel Gonçalves, do Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Este projecto foi já devidamente avaliado e autorizado pela Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) – Ministério da Educação, e consiste no preenchimento de um questionário pelos alunos, anónimo e confidencial. Com este trabalho, pretende-se compreender melhor o contributo da transmissão de padrões relacionais e valores familiares no bem-estar dos adolescentes (entre os 15 e os 19 anos) e dos pais. Para a realização do projecto descrito, solicitamos a colaboração da Escola, especificamente, para a mobilização de 3 turmas de alunos das faixas etárias pretendidas, às quais seja possível aplicar o protocolo de investigação (em Apêndice). Este deverá ser aplicado em grupo, na presença da investigadora responsável, sendo para tal necessário cerca de 50 minutos. Todos os dados recolhidos são confidenciais e serão tratados anonimamente. As escolas participantes poderão ter acesso aos resultados desta investigação quando estes forem publicados.

Estamos conscientes da disponibilidade que este pedido envolve, mas a investigação exige uma colaboração altruísta por parte da sociedade que virá, mais tarde, usufruir dela. Por outro lado, a colaboração voluntária por parte dos estudantes constitui uma oportunidade de formação de valores de cidadania e de atitudes favoráveis à investigação e ao conhecimento científico. Pela nossa parte, apenas poderemos garantir um reconhecimento público, referenciando o nome do V/ Escola nas publicações de trabalhos relativos a esta investigação.

A participação em actividades de investigação na área da Psicologia ajuda-nos a conhecer melhor as populações para as podermos ajudar quando surgem dificuldades ou quando as queremos prevenir.

Enviamos também (em anexo) documento com vista à autorização da realização deste Projecto.

Muito agradecemos a boa receptividade de V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> e estamos ao dispor para prestar todos os esclarecimentos necessários (por mail, [anaprioste@gmail.com](mailto:anaprioste@gmail.com), ou pelo telefone 968927033).

A investigadora,

(Ana Prioste)

Os orientadores de Doutoramento

---

(Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Narciso)

---

(Prof. Doutor Miguel Gonçalves)

### **Autorização de aplicação Protocolo de Investigação**

Eu, \_\_\_\_\_, detentor(a) das funções de \_\_\_\_\_ na Escola \_\_\_\_\_, após informado(a) dos objectivos deste projecto e tendo analisado o protocolo de investigação em questão, declaro que autorizo a realização da investigação no âmbito da tese de Doutoramento em Psicologia da Família, de Ana de Nazaré Prioste, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010

\_\_\_\_\_

(assinatura)



## Apêndice D

Pedido de Colaboração a Encarregados de Educação e  
Declaração de Consentimento Informado





Ex.mo Sr. Encarregado de Educação,

A Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (FPCE-UL) está a realizar um estudo (integrado na dissertação de Doutoramento em Psicologia da Família de Ana de Nazaré Prioste, licenciada pela FPCE-UL) que visa compreender melhor o contributo da transmissão de padrões relacionais e de valores familiares no bem-estar dos adolescentes (entre os 15 e os 19 anos).

Este projecto está a ser desenvolvido sob a supervisão e orientação da Professora Doutora Isabel Narciso, da FPCEUL, e do Professor Doutor Miguel Gonçalves, do Instituto de Educação da Universidade do Minho. A participação em actividades de investigação na área da Psicologia ajuda-nos a conhecer melhor as populações para as podermos ajudar quando surgem dificuldades ou quando as queremos prevenir e exige uma colaboração altruísta por parte da sociedade que virá, mais tarde, usufruir dela. Por outro lado, a colaboração por parte do seu educando constitui uma oportunidade de formação de valores de cidadania e de atitudes favoráveis à investigação e ao conhecimento científico.

Este projecto foi já devidamente avaliado e autorizado pela Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) – Ministério da Educação, e consiste no preenchimento de um questionário pelos alunos, anónimo e confidencial. Os resultados obtidos serão devolvidos à escola, de modo a que estas informações possam ser utilizadas em favor dos alunos.

Caso o Encarregado de Educação não concorde com a participação do seu educando, solicito que devolva esta carta assinada declarando a não-autorização, no prazo máximo de 1 semana. Caso concorde com a participação não necessita de a devolver.

☐ Declaro que **não autorizo** o meu educando \_\_\_\_\_ a responder ao questionário.

Muito obrigada pela colaboração.

(A investigadora – Ana Prioste)

Para qualquer esclarecimento, contactar [anaprioste@gmail.com](mailto:anaprioste@gmail.com).